CHELSEA CAIN

CORAÇÃO MALIGNO

Da autora de
Coração Ferido
e *Coração Apaixonado*



SUMA de letras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

CHELSEA CAIN

CORAÇÃO MALIGNO

Tradução
Angela Pessoa

SUMA de letras

Copyright © 2009 by Verite, Inc.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Evil at Heart

Capa
Adaptação de Pronto Design sobre capa inglesa

Revisão
Ana Julia Cury
Héllen Dutra
Tamara Sender

Conversão para e-book
Abreu's System

PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
C136c
Cain, Chelsea
Coração maligno [recurso eletrônico] / Chelsea Cain ; tradução Angela Pessoa. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2012.
recurso digital (Gretchen Lowell, 3)
Tradução de: *Evil at heart*
Formato: e-Pub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Sequência de: *Coração apaixonado*
277p. ISBN 978-85-8105-056-0 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Pessoa, Angela. II. Título. III. Série
11-8271. CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Para Eliza Fantastic Mohan,
que continua a fazer jus ao nome

1

A parada de beira de estrada na I-84, na margem do rio Columbia que fica no estado do Oregon, era infame até pelos padrões de paradas de estrada. Pichações cobriam as paredes brancas; não havia toalhas de papel nem papel higiênico nos recipientes adequados, mas sim espalhados pelo chão de concreto. Duas das portas de metal das cabines haviam sido arrancadas da dobradiça superior e pendiam em ângulos estranhos. O local cheirava a escada de estacionamento, aquele casamento peculiar de urina com cimento.

A 29 quilômetros do banheiro mais próximo, e eles tinham ido dar em uma parada destruída por vândalos. Mas não havia escolha. Amy colocou as mãos nos quadris e encarou a filha de 11 anos.

— Vem, Dakota — disse.

Os olhos azuis de Dakota se arregalaram.

— Eu não vou entrar aí — disse ela.

A viagem inteira tinha sido assim. Eles saíam de Bakersfield todo verão, desde que Dakota era bebê, e pegavam a estrada para visitar a família de Erik em Hood River. Ela sempre adorara. Este ano havia passado toda a viagem enviando mensagens de texto para as amigas e ouvindo o iPod. Talvez Amy tivesse sido mais compreensiva se Dakota não tivesse se comportado como uma pentelha nos últimos dois dias.

— Se agacha em cima do vaso e pronto — disse Amy

Dakota mordeu o lábio, deixando uma marca de gloss no dente da frente.

— É nojento — disse.

— Quer que eu veja se o banheiro masculino está melhor? — perguntou Amy.

Dakota ficou vermelha.

— De jeito nenhum — respondeu.

— Você disse que precisava ir ao banheiro — disse Amy. Na verdade, pouco depois de não ter ido ao banheiro no restaurante em que haviam parado para jantar, Dakota já começara a insistir que sua bexiga ia estourar e que se isso acontecesse, ela

usaria o fato para exigir o status de menor emancipada pelas leis da Califórnia. Amy nem sabia o que essa porra queria dizer, mas parecia sério. Portanto, ali estavam eles, na parada de beira de estrada no meio do nada.

Alguém bateu na porta.

— O que vocês duas estão fazendo aí dentro? — gritou Erik. Eles estavam a vinte minutos da casa da irmã dele. Se não chegassem logo, Amy sabia que Erik iria acabar se estressando. Nos últimos 15 quilômetros, ele vinha agarrando o volante com tanta força que as articulações de seus dedos estavam brancas. Mas ela queria enganar quem? Era ela que iria se estressar.

— Ela não quer usar nenhum dos banheiros — gritou Amy para o marido.

— Então vem aqui fora e vai atrás de uma árvore — gritou Erik em resposta.

— Pai! — disse Dakota.

Amy escancarou a porta do último reservado. Estava mais limpo do que os outros, ou, melhor dizendo, menos imundo. Papel higiênico no lugar certo. Nenhum excremento humano à vista. Era um começo.

— Que tal esse? — perguntou Amy à filha.

Amy avançou alguns passos vacilantes atrás dela e deu uma olhada no interior do vaso sanitário.

— Tem alguma coisa lá dentro — disse, apontando timidamente para a água cor-de-rosa no vaso.

Amy não tinha tempo para explicar à filha o efeito da beterraba na urina.

— Dá descarga — disse Amy. Ela mesma apertou o botão e foi esperar perto da fileira de pias brancas. Ouviu a descarga e sentiu uma pequena parte da tensão fluir de seus ombros. Logo estariam na estrada. A irmã de Erik teria um vinho de prontidão para esperá-los. A irmã de Erik sempre tinha um vinho de prontidão.

— Mãe? — Amy ouviu a filha chamar.

O que foi agora?

Amy virou-se e viu a filha de pé na cabine, a porta de metal oscilando aberta. O rosto de Dakota estava branco, vago, os punhos cerrados. O vaso estava transbordando, a água escorria sobre a tampa para o chão, formando um charco que quase parecia ser uma correnteza. Só que havia alguma coisa na água. O redemoinho tinha veios vermelhos. Parecia quase menstrual. E por um segundo Amy pensou: *Será que Dakota ficou menstruada?*

A água ensanguentada escorria pelo exterior do vaso sanitário branco, pelo chão, sob os tênis de Dakota, e na direção do local onde Amy estava paralisada. Havia alguma coisa no vaso, alguma coisa que subira até a superfície e agora se encontrava na altura da borda. Um pedaço de alguma coisa crua. Carne. Como se algum

maníaco tivesse removido a pele e afogado um rato. Aquilo ficou na borda do vaso por um instante e daí resvalou para o chão e deslizou para a frente, roçando o tênis de Dakota e desaparecendo embaixo do reservado ao lado.

Dakota gritou e se jogou para fora da cabine e nos braços de Amy, sem sequer olhar para trás quando o iPod deslizou de suas mãos e caiu ao pé do vaso sanitário com um chapinhar amortecido.

Amy forçou-se a engolir a saliva quente que subiu por sua garganta, juntando forças para não vomitar. Não era um rato. Definitivamente, não era um rato.

— Mãe? — chamou Dakota.

— O que é? — sussurrou Amy. O iPod continuava tocando. Amy ouvia uma canção pop bobinha pelos fones de ouvido brancos parcialmente submersos. Então, de repente, o aparelho parou.

— Eu não preciso mais ir ao banheiro — disse Dakota.

2

O detetive Henry Sobol tirou o saco de provas que estava na pia do banheiro da parada. O conteúdo, quatro punhados de carne cortada, três dos quais retirados do vaso, cintilava sob o plástico transparente. O saco era mais pesado do que parecia — escuro, quase roxo —, e os grossos medalhões de carne estavam esfiapados, como se tivessem sido cortados com lâmina serrilhada. Sangue e água da privada formavam um triângulo de caldo cor-de-rosa na ponta do saco. Aquilo não tinha o aspecto higiênico da carne limpa, suculenta e rosada, embalada em papel filme, do supermercado; alguma coisa havia sido morta. Ou alguém havia tentado fazer picadinho de algum animal morto na estrada.

— Conte outra vez onde você encontrou isso — pediu Henry.

O guarda estadual que o havia chamado estava ao lado de Henry, com seu chapéu de campanha nas mãos. As luzes fluorescentes do banheiro davam à sua pele um brilho verde desmaiado.

— No banheiro — disse o guarda, inclinando a cabeça na direção do reservado. — Recebemos uma chamada de emergência. Uma família informou que havia sangue no banheiro. Eu atendi ao chamado. Desentupi a privada. Apareceu isso.

Talvez não fosse a iluminação, pensou Henry. Talvez o policial estivesse verde por estar nauseado. O policial engoliu com dificuldade.

— O legista acha que é um baço.

O médico-legista do condado de Hood River encarou Henry, concordando discretamente com um movimento de cabeça. Ele usava camiseta esportiva e bermuda e tinha a pele envelhecida que todos em Hood River pareciam ter, grossa em função do *snowboard*, do windsurfe e de que diabo mais eles gostassem de fazer por lá.

Henry esfregou com a mão o topo de sua cabeça raspada.

— Pra mim não parece um baço — disse Henry.

Claire Masland apareceu ao seu lado, o distintivo dourado pendurado em um cordão ao redor do pescoço. Duas horas antes eles estavam no apartamento dele, e

ela estava com bem menos roupas.

O legista levou as mãos aos quadris.

— Desculpe — disse ele. — Deixa eu esclarecer. — Com uma das mãos, ele fez o movimento de quem está cortando alguma coisa. — É um baço que foi cortado em pedaços. E enfiado no vaso sanitário.

Henry tornou a colocar a embalagem sanguinolenta dentro da pia.

Vinha sendo assim havia dois meses, desde que a Beleza Mortal, Gretchen Lowell, escapara. A Força-Tarefa Beleza Mortal trabalhava 24 horas por dia, correndo atrás de pistas. Eles haviam levado dez anos para capturá-la da primeira vez. Dessa vez, sabiam como ela era. A força-tarefa havia duplicado. E ainda assim Henry não estava certo se algum dia a pegariam. Eles perdiam tempo demais seguindo pistas falsas. Um suicídio no rio. Disparos de um carro na zona norte de Portland. Não importava o que fosse, as pessoas achavam que Gretchen Lowell estava metida.

Henry sabia que era histeria. As vítimas de Gretchen não tinham um perfil típico. Ela afirmava ter matado duzentas pessoas. Fora condenada por 26 mortes, lista acrescida de outras vinte quando ela já estava presa. Homens, mulheres, brancos, negros, não importava. Gretchen era uma serial killer sem preconceito. Mas também era megalomaníaca, e sempre deixava uma assinatura.

Claire se afastou. Henry pigarreou. Já estava querendo voltar para casa. Às onze, tinha *Co-ed Confidential* no Cinemax, e Claire dissera que assistiria com ele.

— Alguns garotos provavelmente compraram um órgão no açougue — disse. — Acharam que iam matar alguém de susto.

— Pode ser — disse o legista. — Não posso afirmar até levar isso para o laboratório. Mas é do tamanho certo para um ser humano.

O guarda estadual agarrou o chapéu com um pouco mais de força.

— Nós achamos que devíamos ligar pra vocês — disse.

Gretchen removera o baço de algumas das vítimas. Tanto antes quanto após a morte. Mas ela deixava corpos em seu rastro, não órgãos.

— Não foi Gretchen Lowell — disse Henry. Não parecia ter a ver. Nenhum corpo. Nenhuma assinatura. — Não é o estilo dela.

— Henry — disse Claire. — Olha isso.

Henry virou-se na direção de Claire, que olhava para a parede oposta, longe dos reservados. O local onde o vaso transbordara sobre o chão de concreto estava alagado, e Henry precisou dar a volta, a atenção dividida entre suas novas botas de caubói pretas e o reflexo de sua ampla silhueta na poça de água. Quando alcançou Claire, ergueu os olhos.

A pichação era recente. Grossas e elegantes linhas vermelhas que cobriam as pichações anteriores, feitas a lápis ou meramente riscadas. A mesma figura, desenhada repetidas vezes. Os pelos na nuca de Henry se eriçaram, seus ombros se retesaram.

— Merda — disse ele.

— Precisamos contar pro Archie — Claire disse baixinho.

— Archie Sheridan? — perguntou o guarda estadual. Ele deu um passo à frente, as botas pretas chapinhando na poça.

Archie comandara a força-tarefa que perseguira Gretchen. Aquilo o tornara o policial mais famoso do estado. Para o bem ou para o mal.

— Eu soube que ele estava hospitalizado, em tratamento — disse o legista perto da pia.

Hospitalizado, em tratamento, pensou Henry. Eufemismo interessante.

— Oficialmente, até receber alta psicológica, ele é um civil — disse Henry.

— Você precisa ligar pra ele — insistiu Claire.

Henry olhou de novo para a parede. Centenas de minúsculos corações, executados à perfeição com o que parecia ser um marcador vermelho. Eles cobriam tudo, apagavam todo o resto. O coração era a assinatura de Gretchen. Ela o gravava em todas as suas vítimas. Gravara-o em Archie.

E agora, ela estava de volta.

3

O horário de visitas na ala psiquiátrica do Centro Médico Providence terminara fazia horas. Henry subiu pelo elevador dos fundos até uma pequena sala de espera com porta trancada: um telefone, duas cadeiras, uma mesa com uma folha de registro e uma pilha de folhetos do A.A. Henry não assinou a folha de registro. Ninguém nunca assinava.

Ele ergueu o fone do aparelho, que se conectou automaticamente com o posto de enfermagem além da porta, e, um instante depois, uma voz feminina atendeu.

— Em que posso ajudar? — perguntou a voz, que não parecia disposta a isso.

— Eu preciso ver Archie Sheridan — disse Henry. Ele não reconheceu a voz da mulher. Não conhecia as enfermeiras do turno da noite. — Meu nome é Henry Sobol. É assunto de polícia.

Houve uma pausa prolongada.

— Espere um instante — disse a voz.

Poucos minutos depois, a porta zumbiu e se abriu com um estalido, revelando uma mulher de aparência cansada vestindo jaleco e um cardigã peruano.

— Só estou deixando você entrar porque ele disse que tudo bem — disse ela com um sorriso de lábios cerrados.

— Eu sei o caminho — disse Henry. — Venho aqui três vezes por semana.

— Vou acompanhar o senhor de qualquer maneira — disse a enfermeira.

Não havia tevê nos quartos, mas Henry ouviu o som do Animal Planet retumbando na sala de descanso. A tevê da sala de descanso sempre estava sintonizada no Animal Planet, e Henry não sabia por quê.

De início, o lugar era chocante. Luzes fluorescentes, chão recoberto por placas de linóleo, pacientes vestindo aventais verdes. Para onde quer que se olhasse, havia o espectro do suicídio — os pacientes andavam de meias para não se enforcarem com os cordões dos sapatos; os sacos de lixo eram feitos de papel para que eles não enfiassem sacos plásticos na cabeça; as ferramentas eram de plástico para que ninguém cortasse a jugular; os espelhos nos quartos eram lâminas de metal para que

não houvesse cacos que pudessem ser usados para cortar pulsos; não havia tomadas nos quartos que pudessem ser usadas para eletrocutar alguém, nem fios passíveis de produzir laços.

Archie agora já cruzara duas vezes o caminho de Gretchen Lowell, e de cada uma delas saíra quase morto. Ele era viciado em analgésicos. Ela fizera uma bagunça na sua psique. Henry, mais do que ninguém, sabia que ele precisava de reabilitação, sabia que ele precisava de montes de análise. Mas o que Henry não esperava era que Archie, uma vez tendo entrado, não fosse querer sair.

A enfermeira do turno da noite entrou com Henry no quarto de Archie.

O companheiro de quarto de Archie dormia, roncando alto, aquela apneia úmida e asfixiante bem característica de quem estava acima do peso e fortemente sedado. Era o tipo de coisa que levaria uma pessoa à loucura, se ela já não estivesse louca mesmo.

A luminária gradeada sobre a cama de Archie estava acesa e ele, sentado em cima dos lençóis brancos, o travesseiro da espessura de um *wafer* dobrado atrás de seus cabelos castanhos cacheados, uma grossa biografia aberta no colo. Archie passara da fase dos aventais no mês anterior, e agora tinha permissão para usar as próprias roupas: um casaco de moletom e calças de veludo, chinelos em vez de meias. Havia perdido peso e, de longe, parecia o homem que Henry conhecera 15 anos antes, de boa aparência, saudável. Inteiro.

De perto, as rugas na testa de Archie e as linhas de preocupação ao redor dos olhos contavam uma história diferente.

Os olhos negros de Archie fixaram-se em Henry, que sentiu um estranho desconforto. A postura de Archie mudara. Henry não sabia se eram os medicamentos que ele estava tomando ou o fato de que, nos últimos dois anos, ele estivera sempre dopado com analgésicos e agora não. Era como se ele tivesse ficado mais velho, mais imóvel. Às vezes, Henry não conseguia acreditar que ele tinha só 40 anos.

— O que foi que aconteceu? — perguntou Archie.

Henry lançou um olhar para a câmera no canto superior do quarto. Aquilo ainda o fazia sentir-se estranho, ser monitorado como um prisioneiro. Ele puxou a cadeira de visitantes — de plástico leve, para não machucar ninguém caso fosse lançada — e sentou.

— Você pode me dar um minuto? — perguntou Henry à enfermeira.

— Não acorde o Frank — disse ela, e saiu do quarto. Henry olhou para Frank. Um brilho de saliva se acumulava no canto da boca dele.

Henry se voltou novamente para Archie.

— Houve um crime — disse ele, enfiando a mão no bolso dianteiro do jeans preto e retirando um pacote de chicletes. — Um baço foi encontrado numa parada de beira de estrada a leste, na 84. Tem corações desenhados na parede. Eu preciso que você vá dar uma olhada.

Archie não teve absolutamente nenhuma reação; só ficou sentado, olhando para Henry, sem se mexer, sem piscar, sem nada dizer. A garganta de Frank fez barulho, como se fosse uma galinha moribunda. Uma luzinha vermelha piscou na câmera de vigilância. Henry tirou um chiclete da embalagem, desembrulhou-o e enfiou na boca. Era de alcaçuz, e estava quente e macio por estar em seu bolso. Ele estendeu a embalagem para Archie.

Archie disse:

— Não é ela.

Henry pegou o chiclete de volta e o pôs no bolso de novo. Jamais entenderia a influência de Gretchen sobre Archie. Ele sabia o que era a síndrome de Estocolmo. Lera meia dúzia de livros a respeito desde o cativeiro de Archie. Entendia a obsessão do amigo. Eles a haviam perseguido por uma década, vivendo-a, respirando-a, investigando as cenas de seus crimes, para descobrir que ela estava bem debaixo de seus narizes, fazendo-se passar por psiquiatra, assessorando o caso. Fora difícil para todos. Mais difícil para Archie.

— E se for? — perguntou Henry.

— Ela disse que ia parar de matar — disse Archie. O canto de sua boca se contorceu. — Ela me prometeu.

— Talvez ela tenha cruzado os dedos — disse Henry.

Os olhos de Archie tornaram a cair sobre o livro, até que ele o fechou devagar e pousou-o sobre a mesa ao lado da cama, erguendo o queixo.

— Você ainda tá aí? — perguntou em voz alta.

Houve uma pausa de uma fração de segundo, e a enfermeira surgiu no vão da porta.

— Elas nunca se afastam — disse Archie a Henry com um débil sorriso. Seus olhos se voltaram para a enfermeira. — Vou precisar de um dia de licença — disse ele. E então, quase como uma reflexão tardia: — E de sapatos.

— Precisamos dele numa cena de crime — explicou Henry.

— Você não precisa convecê-la — disse Archie. — Eu estou aqui há dois meses. Eles me querem fora daqui. O problema é que não podem me forçar a deixar a ala até que eu diga a eles que não vou me matar. E eu tenho um excelente plano de saúde.

— Não deve ser problema conseguir uma licença, sr. Sheridan — disse a

enfermeira.

— *Detetive* Sheridan — disse Henry. A enfermeira olhou para ele, a sobrancelha erguida. — É "detetive" — disse Henry. — Não "senhor".

4

Archie já havia estado naquela parada antes. Lembrava das mesas de piquenique marrons na frente, onde ele e Debbie haviam se sentado, se encharcando aos poucos sob a garoa enquanto as crianças corriam em círculos na grama. Eles estavam a caminho de Timberline Lodge, levando as crianças para ver neve. A 84 não era o trajeto mais rápido, mas era o que tinha a paisagem mais bonita. Eles já estavam em Hood River quando Archie recebeu um chamado sobre outra vítima. Um negro de 62 anos fora encontrado em um estacionamento do Target, retalhado do esterno até a pélvis, o intestino delgado enfiado na boca aberta. Era como se Gretchen soubesse que Archie iria viajar e quisesse lhe dar uma lição.

— Bom — dissera Debbie, enquanto eles davam meia-volta. — Foi um belo passeio.

Havia lindas paradas ao longo do desfiladeiro do rio Columbia, que pareciam chalés de pedra arrancados de uma floresta encantada. Aquela não era uma delas. Aquela era um retângulo de concreto pintado com o marrom do Serviço Florestal, entrada para homens de um lado e para mulheres do outro. Nada de café de graça. Havia dois carros patrulha na frente, mas com as luzes apagadas. A entrada do banheiro feminino tinha sido interditada, mas o masculino ainda estava aberto. Archie contou mais quatro carros no estacionamento. Um sujeito de boné de beisebol entrava no banheiro masculino. Uma mulher atirava uma bola para seu cachorro. Uma segunda mulher, loura, entrava em um Ford Explorer escuro. Archie sentiu seu corpo enrijecer. Teve o cuidado de não olhar para trás, para não deixar Henry perceber sua reação.

Às vezes uma loura era só uma loura.

Para além de onde alcançava a luz amarela e difusa dos refletores da parada, o breu era total: nada de nuvens e nada de luz vinda da cidade. O céu do desfiladeiro estava cheio de estrelas. Uma brisa impiedosa e seca soprava entre as árvores, e a grama marrom estalava sob os pés de Archie. Nunca era preciso cortar a grama em agosto em Portland, a não ser que ela fosse regada. Dois meses antes, a grama ainda

estava verde.

— Está tudo morto — disse Archie. Henry, vestindo jeans, camiseta e jaqueta de couro preta e botas de caubói, estava mais à frente e não ouviu. Archie se agachou sob a fita e entrou atrás dele no banheiro da parada.

Um flash disparou. Archie piscou, sentindo-se momentaneamente cego. Quando seus olhos tornaram a entrar em foco, ele viu um guarda estadual com uma grande câmera digital. O policial devia ter quase 30 anos, avaliou Archie, o cabelo escuro prematuramente recuado acima de cada uma das têmporas, o rosto um pouco flácido. Mas tinha traços harmônicos, dentes alinhados, corpo de atleta, e o distintivo prateado de cinco pontas, preso ao peito, fora polido ao máximo. O uniforme dos guardas estaduais era ridículo — o chapelão, os galões, as calças azuis com listras azul-claras na lateral; pareciam guardas florestais que haviam perdido uma briga com uma amora. Mas naquele cara o uniforme caía bem. Quase parecia um policial de verdade. O guarda levantou a vista e ergueu as grossas sobrancelhas na direção de Archie.

— Ih! — disse. — Ih, é você!

Archie tentou forçar um sorriso amistoso. Era assim desde que Gretchen o fizera prisioneiro, uma espécie de celebridade mórbida. Saíra um best-seller sobre seu sequestro, *A Última Vítima*, e também um telefilme. A fuga de Gretchen da prisão e o segundo embate entre os dois só pioraram as coisas.

— Deixa ele dar uma olhada — pediu Henry ao policial.

Um sujeito de pele grossa, vestido para uma caminhada, estava ao lado da pia.

— Posso ir agora? — ele perguntou a Henry.

— Espera só mais um instante — disse Henry.

Archie enfiou a mão no bolso à procura da lata de comprimidos repleta de Vicodin que normalmente carregava. Era puro reflexo. Ele sabia que não estava lá. Fora confiscada no hospital, juntamente com seu celular e o cinto que Debbie lhe dera no último Natal que passaram juntos. Ele não sabia o que fazer com as mãos desde então. Decidiu enfiar as duas nos bolsos da calça e concentrou-se em entender a cena. O banheiro era familiar. O espelho de chapa metálica arranhado. As paredes brancas claras demais. As luzes fluorescentes. Não muito diferente do seu quarto na ala psiquiátrica, mas com ao menos uma diferença visível: o banheiro fora destruído. "Conduta maliciosa" era o nome que davam; Archie sempre gostara do termo. Dos vasos dos seis reservados, cinco haviam sido deliberadamente entupidos com papel higiênico e fezes, uma miscelânea de lama marrom e papel em decomposição. As portas de metal das cabines pendiam das dobradiças. Alguém havia urinado no chão. O concreto poroso absorvera a maior parte da urina, mas ainda havia algumas

poças, que refletiam a luz fluorescente branca e oscilante sobre elas. O som do encanamento ecoava no local, distorcendo todos os sons mais altos, o de água corrente e o de passos. Archie debruçou-se sobre a poça para dar uma olhada no último reservado, no qual o órgão havia sido encontrado. Era o mais limpo, ainda com o assento do vaso, as dobradiças intactas. Queriam que alguém usasse aquele reservado, que desse descarga, que encontrasse a maldita surpresa. Queriam o drama todo.

Um iPod com uma capa amarelo-gelatina jazia virado para baixo no chão, aos pés de Archie.

Outro flash disparou. Archie virou-se e viu o guarda estadual baixar a câmera.

— Desculpe — disse o guarda.

Claire Masland entrou. Archie não a via fazia dois meses, mas ela não deixou transparecer o fato. Abriu um rápido sorriso, correu a mão pelos cabelos escuros curtos e cumprimentou:

— Oi, Archie.

Estava vestindo jeans, uma camiseta com a foto de um urso e botas pretas de motociclista. Archie deu um passo em sua direção e tirou um pelo de gato de sua camiseta. Henry tinha gatos.

— Oi, Claire — disse Archie.

Claire rompeu o lacre da garrafa de água que tinha na mão e tomou um gole.

— Você viu a parede? — perguntou.

— Me mostra — pediu Archie.

Os corações pareciam ter sido desenhados pela mesma pessoa. O mesmo formato, duas corcovas rechonchudas, uma ponta afiada. A espessura da linha do marcador era consistente. Quem quer que tivesse feito aquilo devia ter levado algum tempo, pois havia centenas de corações. Um trabalho cuidadoso, metódico. Não era a mesma pessoa que havia destruído o banheiro. Era outra pessoa.

Mais um flash.

Se Gretchen tinha feito aquilo, haveria mais. Aquela mulher arrancara o intestino delgado de uma vítima com uma agulha de crochê. Sua intenção não era transtornar. Sua intenção era aterrorizar. Um baço em um banheiro público destruído era nojento. Mas não estava à altura de Gretchen.

— Alguém checou atrás do vaso? — perguntou Archie.

Os outros se entreolharam. O guarda estadual deu de ombros.

Archie voltou ao reservado, passou por cima do iPod e pisou no chão empoçado rumo ao vaso sanitário. Na maioria dos banheiros públicos atuais havia reservatórios embutidos na parede, vasos de aço e lasers que detectavam o afastamento do usuário

do vaso para acionar a descarga automática.

A grande revolução dos banheiros públicos ainda não havia chegado àquela parada. Esse banheiro tinha um reservatório de água atrás do vaso. Archie ergueu a pesada tampa de porcelana e a fez deslizar, apoiando-a na vertical atrás do tanque.

O que ele viu dentro d'água fez seu estômago revirar.

Henry, Claire, o legista e o guarda estadual amontoaram-se dentro do reservado, o mais perto que podiam chegar sem molhar os pés.

— E aí? — perguntou Claire.

— Me passa um recipiente — pediu Archie. Sua voz estava calma. Ele ficou satisfeito de ainda conseguir fazer aquilo. Ver uma coisa terrível e não demonstrar. Aprendera, muito tempo antes, que quanto mais perigosa fosse uma situação, mais crucial era manter o controle.

O legista saiu por um instante e voltou com um recipiente de plástico transparente de 15 cm, o tipo de coisa que uma delicatéssen usaria para embalar uma salada de batatas. Archie estendeu o braço para trás para pegar o recipiente, em seguida o abaixou até o fundo do reservatório e recolheu boa quantidade do conteúdo.

Ergueu o recipiente para que os demais vissem.

O guarda estadual levou as mãos ao rosto, arrastou-se até o reservatório do lado e vomitou.

— Meu Deus — disse Claire.

Parecia uma sopa de globos oculares. Archie conseguiu colher quatro e viu pelo menos mais dois ainda no reservatório. Haviam sido removidos das órbitas com cuidado — esferas brancas inteiras, roliças e iridescentes, pontilhadas de tecido vermelho, as íris azul-claras desprovidas de pupila. Umas flutuavam. Outras pareciam suspensas na água como cebolinhas em um pote.

O recipiente de plástico tinha um símbolo de reciclagem. Archie se perguntou se o legista iria lavá-lo e reutilizá-lo quando tivessem terminado.

Ele entregou o recipiente ao legista.

— Fica de olho nisso? — pediu Archie.

O guarda voltou, limpando o queixo com uma toalha de papel que devia ter apanhado no chão.

Archie voltou à parede dos corações. Nada de pulsação acelerada, sua respiração estava normal. Devia ser por causa da medicação ansiolítica.

Gretchen estava lá fora. Estava matando de novo. E ele não tinha medo.

Archie riu.

Dois meses antes, em uma cama de hospital, com a garganta cortada, quase

morto, ele e Gretchen haviam feito um acordo. Ele tentara se sacrificar para capturá-la. Mais uma vez, ela conseguira trazê-lo de volta. Gretchen o queria vivo. Então ele concordou em não estourar os miolos, e ela havia concordado em não matar mais ninguém.

Agora o acordo estava encerrado.

Archie sentiu a mão de Henry em seu ombro.

Ninguém se moveu. O único ruído era o zumbido constante de uma das descargas.

— Eu não devia ter trazido você até aqui — disse Henry.

O legista ergueu o recipiente de plástico na direção da luz vacilante. Os globos oculares balançaram e giraram.

— Então o que nós fazemos agora? — perguntou enfim o policial.

— Fechem o acesso a este lugar — respondeu Archie. — Peçam ajuda da força-tarefa. — Archie percorreu o banheiro com o olhar. — Vejam se descobrem mais pedaços.

O rosto do guarda brilhou.

— Foi ela — disse ele. — A porra da Gretchen Lowell. — Ele balançou a cabeça lentamente e tentou esconder o sorriso torto.

Archie já vira isso antes. A euforia patente que jovens policiais sentiam na cena de um crime da Beleza Mortal. Como se estivessem envolvidos em algo especial. Como se pudessem ser eles a capturá-la.

— Eu não quis... — balbuciou o guarda, o rosto corando. Só achei emocionante. — Ele baixou os olhos para as botas e tornou a erguê-los na direção de Archie. — Ela fez isso no seu pescoço?

— Fez — disse Archie, sem se mexer. — Ela fez isso no meu pescoço.

Os olhos do guarda se desviaram de novo, para algum lugar acima do ombro de Archie.

— Sinto muito — disse.

— Não sinta — disse Archie. — Eu estava inconsciente.

As mãos do patrulheiro ultrapassaram o nó da gravata azul, indo até a gola da camisa social, e Archie percebeu um anel da escola secundária.

— Você tem sorte — disse o guarda. E então, depois de uma curta pausa, ele esclareceu: — De estar vivo.

Sorte. O guarda não queria capturar Gretchen. Queria apenas conhecê-la.

— Pode fazer perguntas se quiser — disse Archie.

— Archie, sem essa — disse Henry.

— Não — disse Archie, e gesticulou com uma das mãos. — Vai em frente.

Pergunte.

Alguém deu descarga no banheiro masculino do outro lado da parede, e o som metálico de água corrente encheu o lugar. Na periferia de seu campo de visão, Archie percebeu Claire lançar um olhar para Henry. Henry não se mexeu.

O rosto do policial estava escarlate a essa altura. Ele baixou de novo os olhos e então os ergueu. Seus olhos brilhavam. Devia ser um típico garoto de time de futebol de escola secundária, pensou Archie. Um zagueiro. Para ingressar na polícia estadual não era necessário ter formação universitária.

— Como ela é? — perguntou o guarda.

Archie deu um passo à frente, tomou a mão livre do policial e levou-a até o próprio pescoço.

— Sente isso — disse Archie gentilmente, guiando a ponta dos dedos do policial sobre a grossa cicatriz em seu pescoço. O policial não afastou a mão, não se encolheu. Em vez disso, se inclinou para a frente, os olhos seguindo a linha da cicatriz de Archie, ainda esfolada e fibrosa, ainda sensível ao toque. Archie viu a pulsação no pescoço do policial se acelerar. Archie deslocou-lhe a mão alguns centímetros. — A jugular está aqui — disse, pressionando os dedos dele contra seu pescoço, para que o rapaz sentisse o cordão arterial pulsando sob a carne. — A Gretchen sabe onde cortar — disse Archie. — Eu não tive sorte. Se ela me quisesse morto, eu estaria morto. — Archie soltou a mão do policial, e ele a removeu lentamente. — Como ela é? — Archie repetiu baixinho. Ele pôs a mão no ombro do policial e se inclinou para a frente, fazendo com que seu rosto ficasse a centímetros do dele. Gretchen era uma vaca bonita, sensual, carismática e manipuladora, o objeto da obsessão sexual de Archie, sua torturadora, e a pessoa que melhor o conhecia no mundo. — Ela é uma serial killer — disse Archie. Sorriu e deu um tapinha amigável no ombro do policial. — Se algum dia você se deparar com ela, atire.

Archie virou-se para Henry.

— Estou pronto pra voltar pro depósito de malucos — disse.

5

Susan Ward percorria apressadamente o corredor do hospital. Eram nove da manhã e ela já estava de mau humor. Alguma coisa estava acontecendo no desfiladeiro, e Ian enviara Derek Rogers para fazer a cobertura em vez dela. Já havia ligado 11 vezes para Derek. Essa era a décima segunda.

— O que eles estão querendo dizer com "órgãos do corpo"? — perguntou. Ela estava com problemas para manter o telefone no ouvido, evitar que o copo de café entornasse e vasculhar a bolsa à procura de uma pastilha para disfarçar o gosto do cigarro que fumara no estacionamento do hospital.

— Eles não informaram — respondeu Derek. Ele estivera a maior parte da noite no local e parecia que a agitação estava passando. — Mas metade da Força-Tarefa Beleza Mortal está aqui, e o FBI e voluntários estão vasculhando o bosque.

Seria uma notícia importante se já não tivesse havido tanto bafafá com relação a Gretchen Lowell. O *Herald* publicara matérias de primeira página a seu respeito todos os dias, desde que ela escapara. Ela fora vista na Itália, na Flórida, na Tailândia e em Churchill, Manitoba. O tipo de maluco que costumava alegar ter sido abduzido por alienígenas agora afirmava ter visto a Beleza Mortal. Crimes em todas as partes do mundo estavam sendo atribuídos a ela. A julgar pelos canais de notícias 24 horas, ela teria assassinado uma família na Tailândia e chegado à Inglaterra para matar um vendedor de peixes no mesmo dia.

— Me mantenha informada — pediu Susan. — Eu estou no hospital.

— Quando é que você vai desistir? — perguntou Derek.

Susan prendeu o telefone entre a orelha e o ombro e conseguiu localizar a lata de pastilhas na bolsa lotada de recibos amassados, canetas, embalagens de chiclete vazias e lenços de papel usados.

— Talvez ele me receba esta semana — disse.

— Se o Ian souber que você está escrevendo um livro, vai arrancar o rabo de cavalo — disse Derek.

Susan apertou o botão do elevador para subir até a ala psiquiátrica. Ian passara a

cobertura policial para as mãos de Derek depois que o mentor de Susan, Quentin Parker, fora assassinado. Susan dissera a si mesma que não se importava. Tinha alguns projetos na manga que poderiam tirá-la da profissão de jornalista de uma vez por todas. Do jeito que as coisas iam, quanto mais cedo melhor. Só precisava conseguir conversar com Archie.

— Alô? — disse Derek.

— Você sabia — disse Susan — que desde 1958 mais de quatrocentas pessoas morreram de reação alérgica ao esperma?

Houve uma pausa.

— É... não — respondeu Derek.

A campainha do elevador soou, e as portas prateadas se abriram.

— Preciso ir — disse Susan. Enfiou uma pastilha na boca e jogou a lata de volta na bolsa. — Cheguei.

6

Eles não iriam deixar Susan entrar. Nunca deixavam. O nome dela não constava da lista de visitantes autorizados. Mas Susan tocou a campainha, disse à enfermeira que perguntasse a Archie se ele a receberia e, quando a enfermeira voltou e, como sempre, disse que não, hoje não, mas ele tinha mandado um "oi", Susan sentou-se em uma cadeira na sala de espera da ala psiquiátrica. Se fosse lá várias vezes e aguardasse bastante, tinha esperança de que Archie, por fim, cederia.

E se não cedesse, bem, aquele era um bom lugar para colocar o trabalho em dia.

Havia duas cadeiras, as duas de um plástico modelado cor de xixi, e Susan sempre se sentava na da esquerda. "Sala de espera" era bondade. Estava mais para closet de espera. Sem janelas. Meio metro quadrado, preenchido por duas cadeiras e uma mesa dobrável coberta com pilhas de panfletos sobre saúde mental. Susan estava na metade de seu café e concedera-se um descanso do laptop para ler um panfleto sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade na idade adulta quando as portas do elevador se abriram e dele saiu Henry Sobol.

Henry ergueu as sobrancelhas quando a viu.

— Roxo? — comentou.

— Se chama "Paixão Ameixa" — esclareceu Susan, tocando o cabelo violeta, que já fora turquesa e, antes disso, rosa. Susan olhou de relance para a porta da ala psiquiátrica. Se Henry estava ali para falar com Archie, talvez o negócio lá no desfiladeiro tivesse algo a ver com Gretchen.

— Você está aqui por causa da parada na estrada? — perguntou ela.

— Estou só visitando um amigo — respondeu Henry.

Henry não fazia visitas durante a manhã. Ao menos, nunca aparecera enquanto ela estava lá.

— Pode confiar em mim — disse Susan. Ela sabia que Henry não acreditava nela. E talvez isso sequer fosse verdade. Mas Susan queria que fosse.

Henry começou a estender o braço para apertar o botão do interfone, mas hesitou e voltou-se de novo para ela.

— Você sabe o que é um jornalista? — perguntou.

— O quê? — quis saber Susan.

Henry não vacilou.

— Um repórter morto.

— Ai — gemeu Susan.

— Não é minha — disse Henry.

Susan se inclinou para a frente.

— Conhece aquela da mulher parada por excesso de velocidade? — perguntou. Ela nunca lembrava piadas. Mas ouvira a mãe contar essa tantas vezes que acabara gravando.

— Não conte se não for escrota — pediu Henry.

Susan afastou uma mecha de cabelo roxo dos olhos.

— O policial pergunta qual é a pressa e ela diz que está atrasada pro trabalho. "Você é médica?", e ela responde: "Não, meu trabalho é esticar cu!" — Susan deu uma risadinha, e Henry fechou a cara. Ocorreu a ela então que Henry talvez não gostasse da piada, mas não havia como voltar atrás, e ela prosseguiu: — "E como é isso?", pergunta o policial. "Ah, você começa com um dedo, depois coloca outro, até que a sua mão inteira está lá dentro!" — Susan fez o gesto, como se estivesse recheando um peru. — "Aí você enfia a outra mão, e estica até chegar a 1,80m. E o policial pergunta: "E o que é que você faz com um cuzão de 1,80m?"

— Deixa eu adivinhar — pediu Henry. — Dá um distintivo pra ele.

Susan baixou as mãos.

— Você já conhecia — disse.

Henry apertou o interfone.

— A minha foi melhor — disse.

— Eu posso escrever um belo livro sobre esse caso — disse Susan. — Quem sabe até um trabalho importante. — Ambos sabiam o que aquilo queria dizer. Que não seria como *A Última Vítima*. — A Gretchen é uma celebridade pra certas pessoas. Eu quero explorar isso. Quero entender esse fascínio pela violência.

— Porra, Susan — pediu Henry, levando a mão à nuca. — Deixa o cara tocar a vida dele.

— Você sabe no que eu estou trabalhando agora? — perguntou Susan. — É leitura de banheiro. Mil maneiras estranhas de morrer. Tipo quantas pessoas por ano morrem porque um coco caiu na cabeça delas.

— Quantas? — perguntou Henry.

— Cerca de 150 — disse Susan. — Coco é um perigo. — Ela ergueu o dedo. — A questão é que não dá pra eu escrever um livro sobre a Gretchen sem ele. — Ela

lançou a Henry um olhar suplicante.

Uma voz feminina estalou no interfone.

— Posso ajudar? — perguntou a voz.

— Até que enfim — resmungou Henry. — É Henry Sobol pra ver Archie Sheridan — anunciou ele.

— Só um minuto — disse a voz, de forma nítida.

Susan não iria desistir tão fácil.

— Eu vi a Gretchen cortar a garganta dele — disse. Tanto ela quanto Henry estavam lá na hora. Susan pressionara um pano de prato sobre o pescoço de Archie, sentira seu sangue quente encharcar o tecido. Culpava-se pela fuga de Gretchen. Gostaria de saber se Henry também a culpava. Afinal de contas, no auge do pânico, Susan facilitara o acesso de Gretchen a uma arma.

Henry a olhou de cima a baixo e franziu as sobrancelhas. Susan achou que ele fosse fazer algum comentário sarcástico sobre seu cabelo. Mas, em vez disso, ele apertou os olhos, fitando-a, e perguntou:

— Você se cuida, certo?

— Eu tomo vitaminas — respondeu Susan.

Henry suspirou.

— Estou falando de variar o caminho até o trabalho — disse ele. — Trancar a porta à noite. Esse tipo de coisa.

Os pelos nos braços de Susan se arrepiaram. Henry só lhe perguntaria isso se achasse que havia uma chance de ela estar em perigo.

— Ai, meu Deus — disse ela. — Você está achando que pode mesmo ser ela.

— Só tome precauções — disse Henry. — Você pode fazer isso?

Um nó de ansiedade apertou a garganta de Susan. Tomar precauções? Ela havia voltado a morar com a mãe. Elas nunca tinham trancado a porta da frente na vida, até dois meses atrás. Desde então, Bliss, a mãe de Susan, já havia perdido oito chaves.

— O que aconteceu por lá? — perguntou Susan. — Tem alguma coisa que vocês não estão divulgando?

A porta se abriu e uma enfermeira apareceu.

— Eu não devia ter dito nada — disse Henry a Susan.

— Você acha que eu não penso nela o tempo todo? — perguntou Susan. — Eu vejo o rosto dela aonde quer que eu vá. Está em todos os canais. Eu vi um garoto ontem, no centro da cidade, vendendo camisetas em que estava escrito fuja, gretchen. Vendem por aí uns chaveiros digitais em forma de coração que contam os dias desde que ela fugiu. Em Los Angeles, você pode pintar as unhas em estilo

Gretchen Lowell. Rosa-choque com pontas vermelho-sangue.

A enfermeira encarou Susan, que não se importou.

— Se ela está novamente na área — disse —, as pessoas têm direito de saber. Vocês têm que ir a público.

Henry passou pela porta.

— Eu vou esperar aqui — disse Susan. A porta se fechou. Susan tornou a afundar na cadeira. Se Gretchen estava de volta, iria pegá-los um a um, só por diversão.

Ela ligou para Derek de novo.

Ele não atendeu.

Susan vasculhou a bolsa, pegou as chaves do carro e verificou o mostrador digital no chaveiro. Gretchen estava foragida havia 76 dias, e a contagem continuava a subir.

Se chegasse a cem, um bar no centro da cidade havia prometido servir Bloody Mary grátis às cem primeiras louras que entrassem no recinto.

Se era para as pessoas morrerem assassinadas, que morressem bêbadas.

7

A argila era a última coisa na cabeça de Archie, mas ele a fez girar sob a mão de qualquer jeito, até transformá-la em uma esfera perfeita. A aula matinal de artesanato começara havia dez minutos. Archie estava sentado na mesa diante de Frank, seu companheiro de quarto. Aula de artesanato. Gretchen estava em algum lugar lá fora, matando de novo, e ele, seguro dentro do hospício, estava brincando com argila.

Archie pouco se importava com os projetos de artesanato. Pouco se importava com os roncos de Frank, as sessões de terapia de grupo ou os chinelos. Passara a gostar que lhe dissessem quando comer e quando dormir. Quanto menos responsabilidades tivesse, menores as chances de estragar tudo.

Ele estava preso. E estava livre. Sua equipe, a força-tarefa que liderara por tantos anos, estava lá fora procurando por Gretchen Lowell sem ele. E pela primeira vez em muito tempo, ele pouco se importava. Se o quisesse morto, Gretchen o mataria. Não importava onde estivesse. Ela não seria capturada. A não ser que quisesse ser capturada.

Então Henry entrou. E Archie sentiu, apesar de tudo, o calor da velha obsessão.

Henry arrastou uma cadeira de outra mesa e se sentou com Archie e Frank.

— Baço de cabra — informou. — Olhos humanos.

A maior parte dos outros pacientes estava do lado de fora, fumando na varanda gradeada e, exceto pela tevê sintonizada no Animal Planet aos berros, a sala de estar permanecia silenciosa. Archie olhou para Frank por sobre a mesa. Ele estava concentrado na argila e não ergueu os olhos.

Henry se debruçou para a frente e inclinou a cabeça na direção de Frank.

— Posso falar na frente dele? — perguntou.

— Frank e eu não temos segredos — disse Archie. — Temos, Frank?

— A argila parece um bebê — disse Frank.

Henry limpou a garganta.

— Tudo bem, então — disse. Ele coçou a orelha e olhou para Archie. — O

legista diz que temos três pares de olhos.

— Pares — repetiu Archie. — Isso é bom. — Ele sorriu para Henry. — Caso contrário estaríamos procurando por piratas.

Henry prosseguiu.

— O legista acha que foram conservados em formoaldeído antes de serem atirados no tanque.

Archie continuou a girar a palma da mão sobre a esfera de argila em cima da mesa.

— Isso é compatível com alguma coisa? — perguntou.

Ele manteve o rosto neutro e os olhos pousados nas mãos, tentando se concentrar na argila.

— Nada na base de dados regional. Estamos expandindo o campo de busca. Você acha que vão aparecer os cadáveres correspondentes?

— A Gretchen nunca arrancou os olhos de ninguém.

— A Gretchen nunca tinha feito nada — disse Henry —, até fazer.

Archie esfregou os olhos com a mão. Haviam lhe dado um sedativo quando voltara na noite anterior, e ele ainda se sentia grogue.

— Melhor reforçar a unidade de proteção da Debbie — disse ele, com um suspiro. Archie não achava que Gretchen fosse ir atrás de Debbie e das crianças de novo. Gretchen já o aterrorizara uma vez com esse artifício e ela não gostava de ser repetitiva. Mas a proteção proporcionaria à sua família um pouco de paz de espírito.

— Já tá feito — disse Henry. — Tem um carro da polícia de Vancouver na porta da casa. As crianças são escoltadas até a escola. Tudo o que a gente conversou. — Henry afastou o bigode com o polegar e o indicador. — Quero que você pense na possibilidade de sair da cidade.

— Boca Raton é legal — disse Frank.

— A Gretchen vai me encontrar aonde quer que eu vá — disse Archie, sem qualquer emoção. Era um mero fato.

Henry cruzou seus grandes braços sobre a mesa e se debruçou para a frente.

— Mas a imprensa talvez não — disse. — Você não faz ideia de como estão as coisas lá fora. A Câmara Municipal está pensando na possibilidade de decretar toque de recolher. Tem uma empresa oferecendo umas porras de passeios turísticos temáticos da Gretchen Lowell. — Seu pescoço ficava vermelho à medida que falava. — Eles têm ônibus com o rosto dela pintado na lateral. Por que você acha que a Debbie se mudou pra Vancouver? Por causa do IPTU?

No Animal Planet, um veterinário tentava salvar um gato que havia sido atropelado por um carro. Archie já vira aquele episódio oito vezes. O gato acabava

morrendo.

A matança não pararia até que Gretchen quisesse.

— Eu quero ajudar — disse Archie. — Posso dar consultoria daqui.

Frank curvou-se sobre a mesa diante de Archie, transformando seu pedaço de argila em um cilindro de 60 cm de comprimento, da largura de um polegar.

— Sai da cidade. Eu acho outro hospício pra você, se quiser. Em New Hampshire. Em algum lugar bem longe.

A verdade era que New Hampshire parecia perfeito. Longe era perfeito. Mas ninguém conhecia os arquivos do caso da Beleza Mortal como Archie. Henry precisava de Archie. E Archie sabia disso.

— Me liga se houver algum progresso — disse Archie. — Estou à disposição.

— Da última vez que eu liguei, uma mulher disse que ia chamar você, sumiu e não voltou mais — disse Henry.

Só havia um telefone a que os pacientes tinham acesso. Que só recebia chamadas. Quando tocava, todos se arremessavam sobre o aparelho.

— Eles não deviam deixar gente maluca atender telefone — disse Henry.

Frank ergueu os olhos do rolo de argila e sorriu.

— Aqui só tem gente maluca — disse Archie.

Henry se recostou na cadeira, cruzou os braços e apoiou o queixo no peito.

— Então você vai simplesmente se esconder aqui pelo resto da vida? — perguntou.

Archie não teve resposta.

Henry o observava, o maxilar em movimento, o músculo visível sob a pele. Archie podia quase percebê-lo testando diferentes argumentos.

— Ninguém sabe de nada — disse Henry, por fim. — Você passa por um exame psicológico e pode voltar a trabalhar. Você ainda é um herói da porra lá fora. Um Philip Marlowe do caralho.

Os olhos de Frank se acenderam, alarmados, por trás dos óculos.

— Aqui não pode falar palavrão.

— Sinto muito, Frank — disse Henry, voltando-se para a frente e movendo o maxilar mais um pouco antes de prosseguir: — Não sai dessa ala — pediu a Archie. — Preciso ter certeza de que você tá seguro.

Archie tinha privilégios no hospital. Podia perambular por onde quisesse, desde que voltasse para tomar a medicação noturna. Este era o chamado Nível Quatro. Archie fora Nível Um quando se internara. A duras penas, passara de paciente de alto risco a ligeiramente perturbado.

— Não vou sair — disse Archie. — Quem ficaria com o Frank?

Frank havia começado a dobrar sobre si a cobra de argila que criara, girando-a para a frente e para trás repetidas vezes.

Henry ergueu uma das sobrancelhas e olhou para Frank.

— No que você tá trabalhando aí, parceiro? — perguntou Henry.

Os olhos de Frank se ergueram na direção da tevê, e então ele sorriu para a porção de argila.

— Intestinos de gato — respondeu.

Henry olhou de relance para Archie.

— Legal — disse ele.

A porta da varanda se abriu e as pessoas começaram a voltar para dentro, os olhares inexpressivos momentaneamente estimulados pela nicotina. Uma sessão de terapia de grupo começaria em poucos minutos.

— Você precisa ir — Archie disse a Henry.

Henry se levantou, mas hesitou.

— A Susan Ward está lá fora — informou.

— Eu sei — disse Archie. — Ela gosta de usar a nossa internet sem fio.

— Você não quer vê-la? — perguntou Henry.

A verdade era que Archie chegara perto de deixá-la entrar algumas vezes. Mas sempre se refreara. Envolver Susan em sua vida era a última coisa de que ele precisava.

— Quero terminar meu projeto de artesanato — respondeu Archie.

Henry enfiou as mãos nos bolsos e virou-se para partir.

— Pense no que eu falei — disse a Archie, dirigindo-se à porta. — Ouvi dizer que o outono na Nova Inglaterra é bonito.

— Henry — disse Archie, detendo o amigo. Sua voz soou dura como aço, a argila esmagada sob sua mão. — Você precisa dar ordem de atirar pra matar. A gente não pode deixar ela escapar de novo.

— Essa foi a coisa mais sadia que você disse em meses, meu amigo — disse Henry.

Frank riu. Era a primeira vez que Archie o ouvia rir. Era um som inquietante, como o de uma criança chorando.

8

O roteiro turístico das vítimas da Beleza Mortal parava quatro vezes por dia na mansão Pittock. Randy estacionava o ônibus, os turistas iam todos atrás do guia, compravam o ingresso e eram conduzidos através da casa até o local nos jardins onde Gretchen Lowell havia atirado o corpo estripado do cirurgião-dentista Matthew Fowler. O guia indicava o ponto no gramado onde o haviam encontrado, e os babacas fotografavam o lugar.

Randy esperava no ônibus.

O povo de Portland tirava fotos de casamento na mansão de pedra de 1914 desde que um dos netos de Pittock vendera a casa para o município nos anos 1960.

Randy estava pensando quantas fotos de casamento agora não trariam idiotas com uma camiseta FUJA, GRETCHEN no fundo.

Eram dez horas. A próxima parada seria no motel da zona norte onde Gretchen enfiara o pênis decepado de um pobre otário em uma máquina de fazer gelo. Randy gostava dessa. Gostava de ver a cara dos turistas quando o guia abria a tampa da máquina de gelo e eles viam o consolo de borracha que o dono do motel deixava lá de brincadeira.

Brincadeira.

Ele precisava de outro emprego.

Ele tirou a camiseta com a inscrição BEAUTY KILLER BODY TOURS, virou-a do avesso, vestiu-a de novo e saltou do ônibus para fumar um cigarro. Não era para ele largar o ônibus sem ninguém, mas que se danassem. O que iam fazer? Decepar seu pênis?

Os turistas estavam dentro da mansão, certamente vendo a escadaria de mármore que haviam pagado sete pratas por pessoa para admirar. Randy acendeu o cigarro e caminhou até a frente da casa. Visitar os jardins era de graça. O roteiro poderia levar os turistas direto ao local onde Fowler havia morrido, mas, em vez disso, eles faziam os turistas pagarem para entrar primeiro na mansão. Isso agradava o pessoal de Pittock, e todos ficavam um pouco mais ricos graças à serial killer favorita de

Portland.

A mansão ficava 300 metros acima da cidade. Em dias claros a vista era espetacular. Hoje não se via porra nenhuma. Nem o monte Hood, nem o monte St. Helens, certamente não o monte Adams. Só nuvens cinzentas que pareciam ter 1,5 quilômetro de espessura. Melhor assim. Uma chuva cairia bem. A cidade inteira murchara nos últimos meses.

Randy foi até a borda da encosta coberta de vegetação que se projetava sobre a cidade e atirou o cigarro sobre a cerca preta de arame.

Percebeu na hora o que fizera. O mato na encosta era igual a lenha. Uma acusação de incêndio culposo era a última coisa de que precisava. Ele parou junto à cerca e correu os olhos pela encosta para se certificar de que a ponta do cigarro havia se apagado — e foi quando viu. A princípio, achou que fosse uma bola de basquete velha e vazia. Estava aninhada na vegetação, como se alguém a tivesse lançado exatamente de onde ele estava. Mas quando se debruçou para dar uma olhada melhor, Randy percebeu, com uma súbita e extraordinária clareza, que se tratava de uma cabeça.

Randy perdeu o equilíbrio e teve que lutar, agitando os braços, para não cair. Quando endireitou o corpo, começou a correr o mais rápido possível para a mansão.

Estava apenas vagamente consciente da fumaça que serpenteava encosta acima atrás dele.

9

Susan olhou de relance para a série de sprays de autodefesa dispostos no banco do passageiro de seu carro. Spray de pimenta. Gás lacrimogêneo. Um spray à base de ervas que sua mãe preparara com noz-moscada. Ela os pôs dentro da bolsa, deu partida no carro e deixou o estacionamento do hospital.

Partes do corpo.

Ela olhou para o céu. Não chovia desde o começo de julho, mas hoje não havia nem sinal de céu azul. A parada na beira da estrada no desfiladeiro ficava a 45 minutos. Ela conseguiria chegar lá em trinta — a não ser que começasse a chover.

Susan pôs um CD de Jimi Hendrix no som do carro e estava quase na rua quando o telefone vibrou em seu colo, o que por pouco não a fez bater em um Ford Explorer. Susan apertou os freios, espalhando a maior parte do conteúdo de sua bolsa no chão. A mulher atrás do volante do Explorer tinha cabelo louro. A cabeça estava virada, e Susan não conseguiu ver seu rosto. Mas havia alguma coisa naquele cabelo.

O corpo de Susan gelou.

Gretchen.

Por um instante, Susan não conseguiu se mexer. O carro morreu e ela apertou rápido a buzina, na esperança de fazer a mulher erguer os olhos, mas ela seguiu em frente.

Susan olhou de relance para o outro lado da rua, onde um outdoor com o rosto de Gretchen anunciava uma revista chamada *As Serial Killers Mais Sensuais dos EUA*. Outra loura passou de carro.

Susan balançou a cabeça, ligou de novo o motor do Saab e entrou na rua Glisan.

Aquilo era ridículo.

Gretchen escapara havia muito tempo. E se ainda estivesse por perto, bem, não seria pega nem morta em um Ford Explorer.

O telefone em seu colo vibrou de novo, e Susan se retraiu.

Fechou os olhos. Assim não dava. Nesse ritmo, morreria do coração antes dos

30.

O telefone. Susan o ergueu do colo e atendeu. Mal conseguia distinguir a voz no outro lado da linha com uma guitarra ganindo nas caixas de som do carro.

— O quê? — perguntou ela.

A voz ficou mais alta.

— Alô? — Era uma voz masculina. Ela não reconheceu. Ele pareceu confuso. — Alô? — disse ele novamente.

Susan diminuiu o volume do som do carro.

— Desculpe — disse. — *Are You Experienced.*

— Se eu sou o quê?

— O disco — explicou Susan. — Hendrix. *Are You Experienced.* — Devia ser horário de almoço no hospital porque o trânsito estava se arrastando. — Em que posso ajudar? — perguntou Susan.

— Susan Ward? — perguntou o sujeito.

Nome completo. Susan apertou forte a capa de pele de carneiro do volante. Ela sabia onde aquilo ia dar.

— Eu paguei ontem a parcela do empréstimo — disse. Era mentira. — Juro.

Houve uma pausa.

— O quê? — perguntou o homem.

Naquele trecho da Glisan, só havia floriculturas e bares.

— Não é da Sallie Mae?[1] — perguntou Susan.

— Não — respondeu o homem.

Susan fez um inventário mental das contas empilhadas ao lado da *Vogue* em sua mesinha de centro.

— Visa? — conjeturou Susan.

— Eu não sou um credor — disse o sujeito.

— Ah, bem — disse Susan. O sinal no próximo cruzamento estava vermelho, e Susan parou atrás de uma longa fila de carros. Começou a chover e ela ligou os limpadores de para-brisas, que estavam precisando ser trocados e só pioraram a visibilidade.

— Quero falar com você sobre uma matéria — disse o homem.

Susan apertou o volante de novo. Outro leitor puto. Ótimo. Por que as pessoas sentiam a necessidade de informá-la sempre que ela os irritava?

— Se você não gostou de alguma coisa que eu escrevi, a melhor coisa a fazer é escrever uma carta pro editor — disse ela.

— Você escreveu pra mim no meu site — disse ele. — Disse que estava interessada em escrever sobre o nosso grupo.

Susan escrevera para centenas de sites de fãs de Gretchen Lowell nas últimas semanas, pedindo entrevistas e informações.

— Quem é você? — perguntou. — De qual site?

— Tem um corpo na rua North Fargo, 397 — disse o homem.

Sem graça.

— Quem tá falando? — perguntou Susan.

— Alguém que aprecia a beleza — disse ele.

Algo na voz do sujeito o fazia soar muito sério, e deu a ela um súbito calafrio.

— Você tá falando sério? — perguntou Susan.

Alguém atrás dela buzinou, ela ergueu os olhos e viu que o sinal estava aberto.

Virou-se e viu um sujeito em uma van preta fazendo um gesto obsceno para ela. Pisou no acelerador.

— Alô? — disse ela ao telefone. Olhou para a tela de LCD do aparelho. Desligado.

A essa altura o coração de Susan estava disparado. Ela parou no meio-fio e deixou o sujeito da van passar sem nem lhe lançar um olhar hostil.

— Que porra é essa? — Susan perguntou baixinho. Checou o número da chamada e ligou de volta.

Ninguém atendeu. Não havia caixa postal. O código de área era local. Mas Susan não reconheceu o número.

Se havia um corpo, por que contar para *ela*? Por que não chamar a polícia? Será que ela devia ligar para a polícia? Isso seria idiotice. Incomodá-los com base em uma chamada telefônica estranha. Henry ia achar que era outra piada.

Mas se *fosse* para valer, e o sujeito *pertencesse* a um dos fã-clubes da Beleza Mortal, aí ela teria de fato um livro. Poderia escolher o agente que quisesse. Archie poderia até aceitar dar entrevista. E ela teria um ótimo capítulo de abertura...

Qual era o endereço? Merda. Três alguma coisa. Três-nove-sete? Susan olhou em volta à procura de uma caneta, e achou várias no chão do banco do passageiro. Retirou um papel de bala do buraco em que o havia enfiado na porta do carro e o desdobrou. *Fargo*. Escreveu isso no verso. Era *North Fargo*. *North Fargo*, 397. Tinha quase certeza.

O desfiladeiro ia ter que esperar.

1 A Student Loan Market Association, conhecida como Sallie Mae, é a maior empresa privada de crédito estudantil nos Estados Unidos. (N. da T.)

10

Havia oito sessões de terapia por dia na ala psiquiátrica do Providence. Archie ia a quatro. Dois grupos de saúde mental. Dois grupos de abuso de drogas. Archie não sabia ao certo por que eles se davam o trabalho de separar os grupos. Eram sempre as mesmas pessoas. A maioria ia a todas as sessões. Era uma ocupação entre episódios de *Emergências Veterinárias.*

— Você quer ficar? — perguntou Sarah Rosenberg.

— Não — respondeu Archie. Ele ajudara a empurrar as mesas para as laterais e arrumara as cadeiras em círculo no meio da sala. — Essa é a sessão dos esquizofrênicos e bipolares. A reunião dos depressivos é só às duas.

— Seu senso de humor está voltando — disse ela.

— Isso é bom sinal? — perguntou Archie.

Ele a seguiu através do corredor até uma das salas de aconselhamento individual. Encontrava-se com ela todos os dias por 25 minutos. Por que 25 e não trinta redondos, ele não sabia. Mas achava que tinha algo a ver com o seguro-saúde.

— Como vai a Debbie? — perguntou ela.

Archie sentou-se em uma das duas cadeiras de vinil marrom que ficavam de frente uma para a outra na sala. Uma chuva leve fustigava a janela.

— Provavelmente um pouco tensa — respondeu ele.

Rosenberg sentou-se na cadeira oposta e pousou sua xícara de café sobre o apoio de braço.

— O que aconteceu?

Archie não sabia o quanto Henry havia divulgado.

— Só acho que deve ser cansativo. Viver por aí, sabendo que a Gretchen pode aparecer a qualquer momento.

— Debbie gosta de Vancouver? — perguntou Rosenberg.

— Morar num estado diferente faz ela se sentir mais segura — disse Archie. A verdade era que eles não se falavam muito. Ela trazia as crianças uma vez por semana para visitá-lo, mas não ficava. Começara a sair com um empreendedor do campo de

energia alternativa, seja lá que porra fosse essa. Eles deixavam as crianças e iam comer alguma coisa no centro da cidade. — Eu tento não complicar as coisas pra ela.

Rosenberg inclinou a cabeça e olhou firme para Archie.

— É importante pra você que ela se sinta segura — disse.

Archie apoiou a cabeça nas costas da cadeira e ergueu os olhos. Havia um sprinkler no teto. Para o caso de ele se incendiar.

— É.

Eles permaneceram calados um instante.

Archie ouviu alguém gritar na sala ao lado.

— *Você* se sente seguro? — perguntou Rosenberg.

Archie tornou a baixar a cabeça e balançou o dedo na direção dela.

— Acho que eu sei aonde você quer chegar com isso — disse.

Rosenberg se inclinou para a frente, pousando os cotovelos nas coxas.

— Você se livrou dos analgésicos. A sua saúde se estabilizou. Você precisa sair daqui. Tem um programa excelente pra pacientes externos. Você vai ter muito apoio.

Archie balançou a cabeça. Mesmo que quisesse sair, não tinha para onde ir.

— As minhas provas de função hepática ainda estão dando nível alterado de enzimas — disse.

— Honestamente, com a quantidade de Vicodin que você tomou, fico surpresa que não esteja na lista de transplantes — disse Rosenberg. — Se quer que eu te deixe ficar, você precisa fazer um esforço. Precisa tentar levar uma vida fora desse hospital. Você é Nível Quatro. Sai para dar uma volta.

A chuva estava ficando mais forte. Archie olhou pela janela. O terreno estava seco demais. Iria alagar.

— Ela tá por aí — disse ele. Podia senti-la. Era um pensamento idiota. As pessoas não sentem a presença umas das outras. Ele não era paranormal. Não acreditava em auras, alma ou ligações cósmicas. Ainda assim sabia, tanto quanto sabia de qualquer outra coisa, que Gretchen nunca estava muito longe dele.

Rosenberg pousou a mão sobre a dele e o olhou nos olhos.

— Sempre vai haver serial killers — disse. — Sempre vai haver ursos na floresta. — Ela apertou a mão dele. — Coisas ruins acontecem. As pessoas morrem.

Archie não conseguia se concentrar. Os gritos do outro lado do corredor estavam ficando mais altos. A voz era feminina, mas Archie não conseguia distinguir de quem.

Ele ficou imaginando o que estaria passando no Animal Planet agora.

Rosenberg continuava a encará-lo, atenta. Na ala psiquiátrica era assim, todos te observavam o tempo todo, esperando que você se agitasse, gritasse ou dissesse que estava melhor e que muito obrigado por tudo.

Archie era paciente. Era uma habilidade útil quando se tinha que entrevistar testemunhas. Saber manter um silêncio tranquilo. Quase todos sentiam a necessidade de preencher esse silêncio, só que é nesse momento que os detalhes tendem a vir à tona. As pessoas contam qualquer coisa, só para evitar terem de ficar em silêncio.

Mas Archie ainda não se acostumara a ser a pessoa de quem se espera que fale.

— Faz só as perguntas, tá? — pediu. Depois das perguntas, ele poderia ir. As sessões com Rosenberg sempre terminavam com as mesmas três questões. Alguma coisa mudou desde ontem? Classifique seu humor. Alguma preocupação imediata?

— Se sair daqui — disse Rosenberg —, você ainda pode ter uma vida.

Que vida? Ele havia se afastado da família. Mal tinha emprego. Não tinha lugar para morar. Só o que ele tinha era Gretchen.

Ele teria que sair, claro. Sabia disso. Mas não ainda.

Ele ainda não estava pronto para sair.

Tinha uma carta na manga e decidiu usá-la. Olhou-a nos olhos.

— Eu ainda sou um perigo pra mim mesmo — disse ele. Sabia que, enquanto sustentasse isso, não poderia ser forçado a sair. Mas pela primeira vez em dois meses, era mentira. Ele não queria morrer. O acordo com Gretchen estava cancelado. Ela ameaçara matar de novo se ele se suicidasse, mas agora ela tornara a matar. Ele estava livre para fazer o que quisesse, com apenas o seu próprio sangue nas mãos.

E ele não queria morrer.

Queria matá-la. Queria matar Gretchen. Por isso tinha que continuar ali dentro. Porque, caso se permitisse voltar para o mundo, iria caçá-la e machucá-la.

Rosenberg franziu o cenho, e suas sobrancelhas se uniram.

— Em algum momento, você vai ter que se perdoar.

Perdoar-se. A-hã. Archie esfregou a nuca com uma das mãos e permitiu-se um sorriso irônico.

— Sarah — disse. — Eu tive relações sexuais com uma serial killer.

Rosenberg não perdeu o rebolado.

— Pelo que você mais se odeia? — perguntou.

Ela esperou.

Mas o silêncio não funcionou.

Havia gritos demais no outro lado do corredor.

Archie ergueu os olhos em direção à porta.

— Eles dão conta disso — disse Rosenberg

Um estrondo ecoou pelas paredes. Ambos sabiam o que era. Uma cadeira de plástico acertando o vidro blindado.

Archie se levantou.

Mais gritos.

— Chama a segurança — gritou alguém.

Archie correu para fora da sala, Rosenberg foi atrás dele. Era o instinto de policial falando. Duas enfermeiras vieram em disparada da outra ponta do corredor. Ele entrou no saguão, enquanto três pessoas passavam por ele aos trancos. Sobravam cinco outras na sala. O terapeuta, agachado, sangrando, por trás de uma mesa virada. Duas mulheres petrificadas perto da parede. Frank, ainda sentado em uma cadeira de plástico, os joelhos afastados, um sorriso aturdido no rosto. E, no meio de todos, uma mulher agachada, chorando, segurando um fragmento de algo duro e ensanguentado.

— Ah, pelo amor de Deus — disse Archie.

O nome da mulher era Courtenay Taggart. Havia sido transferida da sala de emergência com os pulsos enfaixados, mas conseguira arrancar um pedaço de fórmica da mesinha de cabeceira embutida de seu quarto e tentara dar cabo da própria vida. Estava sob vigilância intensiva desde então. Haviam retirado tudo de dentro de seu quarto, à exceção de um colchão. Sua porta nunca estava fechada. Alguém da equipe ficava 24 horas por dia em uma cadeira diante de seu quarto. Archie a vira algumas vezes ao cruzar o corredor, deitada na cama como uma criança.

Ela se voltou para ele e levou o fragmento de encontro à carne macia do próprio pescoço. Aparentemente achara outro lugar de onde conseguir fórmica.

— O que você tá fazendo, Courtenay? — perguntou Archie.

Ele achava que ela tivesse cerca de 20 anos. Talvez parecesse mais jovem se estivesse usando roupas normais e não o pijama verde do hospital. Seu cabelo louro tingido estava jogado para trás. O rosto, corado, cor-de-rosa como se fosse queimado de sol. Ela tinha um rosto bonito, bochechas cheias e o tipo de pele que nunca vira uma mancha.

Courtenay abriu a boca para dizer alguma coisa, e foi quando Archie viu seus olhos se deslocarem para um ponto atrás dele. Archie se virou e notou um dos serventes da ala entrando com cuidado. Era um sujeito jovem, anguloso, forte e rijo, cabelos curtos e rosto quadrado. Archie já o vira empurrando um esfregão ou o carrinho de refeições.

— Abaixa isso — disse o servente.

Courtenay olhou para o servente e pressionou o pedaço de fórmica no pescoço.

Uma das mulheres perto da parede ofegou.

— Sai! — gritou Courtenay para o servente, o rosto bonito se contorcendo, expelindo saliva e muco.

— Tá tudo bem — disse o servente. — Meu nome é George. Qual é o seu?

Archie se contraiu. *Não admita que não sabe o nome dela*. A expressão do servente era cuidadosa, as palmas das mãos estendidas no alto, a postura neutra. Devia ter frequentado algum seminário sobre situações envolvendo reféns. Apresente-se. Estabeleça uma ligação. Protele.

— Courtenay — disse Archie, tentando distraí-la do servente. — Quer que eu te ajude em alguma coisa?

Ela balançou a cabeça na direção do servente.

— Não quero ele aqui — disse ela. Uma gota de sangue escorreu por seu pescoço.

— Sai! — disse Archie ao servente, reunindo toda a sua autoridade. Correu os olhos pela sala. — Sai todo mundo! — disse. A mulher que havia ofegado começou a chorar e abraçou a companheira. O terapeuta se encolheu, paralisado, no chão. Frank continuou sentado na cadeira, sorrindo.

Archie precisava esvaziar a sala. Havia gente demais. Precisava fazer com que Courtenay se acalmasse. Gente furiosa e agitada tomava péssimas decisões. Já havia elementos imprevisíveis demais. Controlar reféns já era difícil. Reféns mentalmente instáveis tornavam tudo muito perigoso.

Archie virou-se para o servente.

— Confia em mim — pediu, baixando a voz. — Eu sei como fazer isso. Sai. — O servente olhou de relance para Courtenay, de volta para Archie, fez que sim e saiu. Foi como se um lacre tivesse se rompido. O terapeuta correu para a porta, segurando o braço ensanguentado, e as duas mulheres foram atrás. Frank não se mexeu.

O telefone começou a tocar.

— A segurança vai chegar já, já — gritou uma enfermeira da porta.

Portanto, eram os três: Archie, Courtenay e Frank.

As narinas de Courtenay dilatavam-se a cada respiração, e os nós de seus dedos estavam brancos em torno do pedaço de fórmica.

— Vai ficar tudo bem — disse Archie baixinho. Estendeu a mão devagar. — Por favor, me dá isso.

Courtenay olhou-o nos olhos e empurrou a fórmica mais fundo contra o seu pescoço; o sangue pingou sobre seu peito.

— Você não precisa fazer isso — disse Archie.

Ela afrouxou a mão, que recuperou um pouco da cor. Lágrimas escorriam por seu rosto.

— Eu sou gorda — ela disse.

Ela não era gorda. Não tinha sequer proporções generosas. O pijama, um número maior que o dela, ficava todo largo. Fora por causa disso que ela atacara um terapeuta e estava enfiando o revestimento de uma prateleira no pescoço?

— É o lítio — disse Frank da sua cadeira.

— Você não é gorda — disse Archie. — Portanto, se decidiu se cortar com um pedaço de prateleira por causa disso, é uma idiotice tremenda.

O telefone continuava a tocar.

Atrás dele, Archie ouvia o caos no saguão. Gente gritando. Alguém chorando. Alas psiquiátricas eram como pré-escola — as explosões de raiva eram contagiosas.

Courtenay inclinou a cabeça na direção de Archie.

— Como foi que você fez? — ela perguntou.

Archie pensou se ela, de alguma forma, enxergava os problemas nele, como ele enxergava-lhe as ataduras.

— Comprimidos — respondeu.

— Você tem filhos? — perguntou ela.

— Dois — respondeu Archie. — De 6 e 8 anos.

O telefone continuava a tocar, insistente. Tudo que Archie conseguiu fazer foi não arrancá-lo da parede.

Frank começou a levantar e dirigir-se ao aparelho.

— Frank, senta — disse Archie.

Frank ergueu os olhos, assustado com o tom, e apontou para o telefone.

— É pra mim — disse. — É minha irmã.

— Não tem importância — disse Archie através dos dentes trincados.

Courtenay limpou com o antebraço parte do muco sobre seu lábio.

— Eu cortei os pulsos — disse. — Mas eu fiz errado. Cortei na horizontal. Você tem que cortar na vertical. Sabia disso?

— Sabia — respondeu Archie.

Frank sorriu.

— Lembrem-se, crianças — cantarolou. — É no fim da rua, não é só atravessar.

— Frank — preveniu Archie.

Courtenay balançou a cabeça com ar triste.

— Eu não sabia.

Os nós de seus dedos tornaram a branquear e seu cotovelo se ergueu, e Archie viu

que não tinha mais do que um segundo para impedi-la de se ferir novamente.

— Você não vai conseguir alcançar a carótida com isso — apressou-se a dizer. — Não é afiado o bastante.

Ele deu um passo à frente e afastou a gola da camisa, expondo a cicatriz em seu pescoço.

— Olha — disse, erguendo o queixo e dando outro passo em sua direção, para que ela visse o feio cordão de tecido cicatrizado que Gretchen deixara nele. Courtenay queria ser bonita.

— Você só vai acabar se mutilando — disse Archie.

A boca de Courtenay se abriu quando seus olhos pousaram sobre o pescoço dele. Ela piscou rápido, e então deixou o pedaço de fórmica cair no chão e tocou de leve com os dedos a ferida autoinfligida.

— Eu vou ficar com uma cicatriz? — perguntou, a testa franzida de medo.

Archie aproximou-se dela e segurou-a delicadamente pelos ombros. Foi um gesto tanto de conforto quanto para se assegurar que ela não se jogaria sobre o pedaço de fórmica.

— Acho que você não vai nem precisar de pontos — disse ele.

Três guardas uniformizados da segurança do hospital entraram correndo na sala, com o servente e Rosenberg atrás. Os guardas pegaram Courtenay pelos braços e a conduziram para fora em silêncio.

Archie foi até o telefone, que ainda tocava sobre uma mesinha lateral perto do sofá, e o atendeu.

— Alô? — disse.

Mas do outro lado da linha houve apenas silêncio.

Archie desligou.

— Vou pro meu quarto — disse a Rosenberg. — Preciso de um suéter. — Era verdade. De repente, estava sentindo muito frio. Devia ser a queda da adrenalina. Hospitais sempre eram mantidos seis graus mais frios do que qualquer um acharia confortável. Archie não sabia por quê. Talvez para evitar que pacientes como ele abusassem da hospitalidade.

Ele tinha dois suéteres: um de lã verde e outro de gola olímpica. Estavam na gaveta inferior de sua cômoda, encostada na parede, de frente para o pé da cama. Archie estava abrindo a gaveta quando sentiu a vibração. A princípio pensou que fosse a medicação. Sua dose de Prozac estava sendo ajustada e às vezes ele sentia esse tipo de coisa, sensações elétricas que percorriam seus braços, ou agitavam-lhe o cérebro à noite. Choques cerebrais, era como as enfermeiras chamavam, como se fossem um efeito colateral perfeitamente normal, semelhante a um inchaço.

Mas a vibração não se devia à medicação.

Era um telefone.

Archie gelou. Fazia dois meses que não ouvia um celular vibrar, aquele estranho zumbido de baixa frequência, tão sonoro quanto tátil. Carregara celulares no bolso por 15 anos. E em dois meses, os esquecera.

O aparelho estava na cômoda.

Ele correu os dedos ao longo das gavetas da penteadeira, tateando a vibração delatora. O zumbido parou.

Ele abriu a segunda gaveta.

O telefone estava parcialmente coberto por um par de calças, mas estava lá, claro como o dia. Archie olhou de relance para a câmera no canto do aposento. O aparelho estava fora de seu alcance.

Ele enfiou a mão na gaveta e fingiu estar fascinado por uma mancha imaginária em um par de calças de veludo enquanto apalpava o telefone com a outra mão. Não tirou o aparelho de dentro da gaveta.

Quinhentas e trinta e oito chamadas perdidas. Uma mensagem de texto. Archie clicou sobre ela.

"QUERIDO", dizia. "ESTÁ SE SENTINDO MELHOR?"

O corpo de Archie se enrijeceu. Gretchen.

Ela convencera alguém a colocar o aparelho lá, algum empregado do hospital, que provavelmente achou que o telefone serviria para manter Archie em contato com uma pessoa amada.

Era o segundo telefone que ela encontrara um jeito de fazer chegar até ele. Archie descobrira o primeiro na segunda semana de internação. Preso com fita adesiva sob a pia do banheiro. Atirara-o no lixo do banheiro, enfiando-o debaixo de meio rolo de papel higiênico para que o pessoal da segurança não visse.

Dessa vez Archie tirou o telefone da gaveta e o enfiou no bolso.

Ele era Nível Quatro. Rosenberg dissera que ele devia sair para dar um passeio.

11

O 397 da North Fargo era a casa mais assustadora à vista. O velho bangalô jazia abandonado em um quarteirão vazio, que se transformara em prado urbano fazia tempo. As laterais de amianto haviam sido pintadas com um tom de marrom que, mesmo em seu apogeu, devia envergonhar os vizinhos, e o telhado de asfalto tinha mais limo que telhas. Placas de compensado cobriam as janelas. As palavras MANTENHA DISTÂNCIA haviam sido pintadas com spray no compensado que protegia a porta principal. Se Susan estivesse pesquisando locações para um filme de terror, não precisaria procurar mais.

Aquilo tinha que ser uma brincadeira. Era perfeito demais.

Sentada no carro parado no meio-fio, Susan vasculhava a rua. Era fim da manhã e ninguém estava por perto. Não havia qualquer outra casa no quarteirão e o estacionamento da igreja no outro lado da rua estava vazio. Ela considerou as possibilidades. E se *tivesse* um corpo lá dentro? Era possível. Alguns universitários encachaçados podiam ter se escondido para festejar, ler Longfellow ou coisa parecida, ter encontrado um viciado ou sem-teto morto e não querer informar a polícia para não serem repreendidos por transgredir a lei.

Claro. Fazia total sentido.

Ou talvez fosse uma armadilha. Uma manchete do *Herald* cintilou na mente de Susan: REPÓRTER DESTEMIDA ASSASSINADA APÓS CAIR EM ARMADILHA DA BELEZA MORTAL. *Jornalista*, corrigiu-se Susan, recordando a piada de Henry.

Susan pegou um cigarro, acendeu-o e contemplou um pouco mais a casa.

Aquilo era ridículo. Ela estava sendo dramática. Acaba logo com isso, Nancy Drew.

Ela atirou o cigarro na chuva, agarrou a bolsa cheia de spray de gás lacrimogêneo e saltou do carro.

Dê a impressão de que você tem algo a fazer ali. Quentin Parker ensinara-lhe isso. Dê a impressão de que era mesmo para você estar no local e ninguém vai perguntar que diabos você está fazendo. Ele sempre tinha uma prancheta no carro.

Ninguém questiona um sujeito com uma prancheta, dissera ele.

Susan foi até a mala do carro, onde guardava seu kit jornalístico de emergência, pegou uma lanterna e um bloco, que enfiou na bolsa, e uma prancheta velha. Se houvesse alguém vigiando na igreja do outro lado da rua, ela pareceria estar fazendo lobby político ou talvez conduzindo uma pesquisa. *E quantos cadáveres o senhor tem em casa?*

Ela estava usando jeans pretos, botas pretas com cadarço e camiseta preta sem mangas. Com isso mais o cabelo roxo e o batom vermelho, ela mais parecia estar trabalhando em um estande da MAC do que fazendo pesquisas de porta em porta.

As pessoas ainda usavam pranchetas?

Mostre confiança, fora outra coisa que Parker lhe ensinara. Susan tentou fazer isso, o que era um desafio, já que estava chovendo forte e ela precisou esmagar um monte de ervas daninhas mortas para alcançar o passeio dianteiro coberto de mato.

A casa, de perto, era ainda pior do que vista da rua. A varanda, assim como os degraus que levavam a ela, era ligeiramente inclinada para a direita, ao passo que a casa em si parecia ligeiramente inclinada para a esquerda. Susan contornou a lateral com grama na altura do joelho. Enfiou a prancheta debaixo do braço. Era inútil. Ninguém iria vê-la mesmo. Nos fundos da casa, viu o que procurava: havia um pedaço de compensado no chão, diante de uma janela quebrada no porão. Era impossível manter as pessoas longe das casas abandonadas. Ao menos em um bairro como aquele.

Susan pegou a lanterna na bolsa, acendeu-a e se agachou perto da janela. O vidro quebrado fora removido, e a moldura estava livre de cacos. A luz natural que entrava pela janela iluminava um difuso retângulo de concreto e vidro quebrado embaixo. Ela enfiou a cabeça pela abertura, apoiando-se no batente com uma das mãos, e estendeu a lanterna para dentro o mais que podia. Não conseguiu ver muita coisa. Canos. Tubos. Concreto. O lugar tinha aspecto de... porão.

— Alô? — disse ela no escuro. — Alguém aqui encomendou uma pizza?

O único som que ouviu foi o de um ônibus passando por um cruzamento próximo. Será que se tratava de arrombamento e invasão caso a janela já estivesse quebrada? Ou só invasão? Se ela entrasse e não encontrasse nada, iria direto para o jornal e não diria nada a ninguém. Susan não podia acreditar que estivesse de fato pensando nessa possibilidade. Ao mesmo tempo, sentiu um calafrio de prazer. Seis meses antes, estava fazendo matérias de comportamento sobre animais de zoológico. Aquilo era bem mais excitante.

— Estou entrando — disse ela. Guardou de novo a lanterna na bolsa, passou as pernas pela janela e se deixou cair no chão. Suas botas trituraram o vidro quebrado.

A casa estava em silêncio. Estranhamente em silêncio. Sem ar-condicionado central, aquecedor de água, zumbido de geladeira, qualquer dos ruídos que caracterizam uma casa.

Ela sacou a lanterna novamente e a acendeu. A lanterna iluminou tanta poeira no ar que o feixe de luz pareceu quase sólido. A um canto, o chão do porão achava-se inundado da água subterrânea salobra que se infiltrara pela fundação. Havia latas de cerveja, guimbas de cigarro e garrafas quebradas de bebida alcoólica pelo chão. E um vago odor de urina.

Susan estremeceu. De repente, cobrir a festa de aniversário de um elefante não lhe pareceu tão ruim. Olhou ansiosamente para a janela através da qual acabara de passar. O peitoril estava à altura de seu queixo. Ela era magra, mas não forte. Não conseguiria, de jeito nenhum, escalar o parapeito para sair dali. Estava presa.

Ela deu alguns passos vacilantes e apontou a lanterna para o topo da escada. Muita coisa em uma casa era capaz de matar: radônio, amianto, fungo tóxico, formaldeído, monóxido de carbono, chumbo, espuma de poliuretano, isolamento de fibra de vidro. Aquela casa não era mais perigosa do que qualquer outra.

— Tem alguém em casa? — gritou ela. — Estou colhendo assinaturas — disse. Sua voz soou inexpressiva e ansiosa. — Para legalizar a maconha?

Nada.

Ela viu alguma coisa se mover. Por um instante. Deslocou o feixe de luz da lanterna para a esquerda bem a tempo de ver a traseira de um rato passar correndo por uma lata de cerveja.

Com duas passadas, alcançou a metade da escada. Não que ela tivesse medo de ratos, disse a si mesma, só que de repente estava com muita pressa. A escada levava à cozinha. Com todas as janelas cobertas, o primeiro andar estava ainda mais escuro que o porão. Ela só percebeu que se tratava da cozinha devido ao linóleo rachado e manchado no piso. Havia pegadas no pó sobre o chão, aparentemente dezenas, em padrões aleatórios, como se tivesse ocorrido uma briga ou tivessem dançado quadrilha lá dentro.

Não havia mais utensílios na cozinha, só armários de madeira vazios e adaptadores para os canos de gás saindo da parede, onde antes havia um forno. A pia estava cheia de mais latas de cerveja. Não havia nenhum cadáver.

Susan comprimiu a lanterna sob a axila e retirou da bolsa o bloco e a caneta. Teve de prender a lanterna debaixo do queixo para ver o que estava escrevendo, mas conseguiu tomar algumas notas. *Pegadas. Latas de cerveja Miller. Muito assustador. Rato também.*

Guardou o bloco e a caneta, pegou novamente a lanterna e seguiu o feixe que

apontava para fora da cozinha e para o interior do escuro corredor que conduzia à frente da casa, até dar de cara com um lençol bloqueando a entrada do cômodo seguinte. O lençol fora pregado no teto e pendia até o chão, como uma porta improvisada. Classudo.

Doenças transmitidas por ratos matavam quase 13 mil pessoas por ano.

Susan ouviu o barulho de outro ônibus passando.

Sentia-se estranhamente calma agora. Como se assistisse a si mesma em um filme. Como se fosse uma daquelas garotas que entram na casa assombrada sozinhas enquanto a plateia esconde o rosto e grita para que ela não faça isso. A casa estava vazia. Ela havia conseguido. Rastejara para dentro por uma maldita janela de porão. Enfrentara um rato. Fora praticamente um ato heroico. Essa história iria render por meses.

Só precisava achar a saída.

O feixe de sua lanterna lançou um círculo amarelo sobre o lençol.

— Oi! — disse ela. Ficou atenta, sem expectativa de ouvir nada, e então, lentamente, puxou o lençol para o lado e entrou no quarto.

A primeira coisa que percebeu foi que era limpo. Não uma limpeza normal. Uma limpeza estranha. Uma limpeza louca. O feixe da lanterna iluminou o piso limpo de madeira de lei. As paredes e o teto estavam recém-pintados de branco. O cheiro era diferente. Parecia desinfetante. Parecia um hospital.

O estômago de Susan deu um nó quando ela percorreu o cômodo com a lanterna. Nenhum móvel. Nenhum pó. Nenhuma teia de aranha. Quem quer que tivesse ocupado aquele lugar era um caso sério de TOC. A lanterna girou para além da porta de correr aberta que conduzia a outro aposento e parou. Alguém pendurara uma folha de plástico entre os dois cômodos. A mãe dela conservava uma folha de plástico sobre a pilha de esterco.

Susan esqueceu o que estava fazendo. Esqueceu que estava procurando uma saída. Aproximou-se do plástico, lanterna na mão, mas este era tão espesso que o feixe de luz não penetrava o suficiente para que ela enxergasse o outro lado. Tentou afastá-lo para o lado, mas ele estava mais firmemente preso do que o lençol no corredor, e ela teve de se agachar e espremer para passar por baixo do local onde estava fixado.

Susan virou-se, endireitou o corpo e ergueu a lanterna para examinar o local.

Havia alguma coisa lá dentro.

O nó no estômago de Susan se apertou.

— Alô! — disse ela.

Estava debaixo de um lençol. Talvez fosse algum móvel. As pessoas cobriam a

mobília com lençóis brancos para protegê-la caso fossem se ausentar por certo tempo. Gente rica, com uma segunda casa, nos anos 1920. Não era um móvel. Seriam roupas velhas? Alguma coisa que um invasor havia deixado para trás, esperando voltar para pegar depois?

Não eram roupas velhas.

Quem era o sujeito que havia telefonado para ela? E por quê?

Chama a polícia, uma vozinha sussurrou em seu ouvido.

Mas, em vez disso, ela vasculhou a bolsa à procura do bloco e da caneta.

Seguiu os contornos da forma no chão com a lanterna. Ao redor da figura, como alguma espécie de oferenda, havia oito ou dez lanternas de plástico vermelho grandes, nenhuma delas acesa.

Talvez fosse algum projeto de reforma.

Não era um projeto de reforma.

— OK — disse Susan. Avançou hesitante, o bloco e a caneta apertados em uma das mãos, a lanterna na outra. — Eu vou olhar. — Quando alcançou o objeto, ela se ajoelhou e os joelhos de seus jeans pousaram sobre alguma coisa molhada. Ela se sentou sobre os calcanhares e iluminou as pernas com a lanterna. Sangue.

Susan deu um salto. Havia sangue por toda parte. A figura estava encharcada de sangue. O líquido se acumulara no chão, uma geleia viscosa, brilhante sob o feixe da lanterna. Ela abriu a bolsa, pegou rápido a lata de spray e a estendeu, o dedo indicador no pulverizador.

— Você está bem? — perguntou ela em um fio de voz.

Soou estúpido já no momento em que foi dito. Não havia como alguém sangrar tanto e continuar vivo. *Não olha embaixo do lençol.* Ela não conseguiu evitar. Segurou a lanterna acima da cabeça, um porrete improvisado e, fazendo caretas, usou a lata para afastar lentamente o lençol.

Susan viu o rosto todo de uma só vez — uma mistura de sobrancelhas, cicatrizes de acne, nariz estreito, rosto redondo, queixo suave, todos os detalhes ordenando-se em seu cérebro para formar o rosto de um jovem, um sujeito da idade dela. Por uma fração de segundo, pensou que estivesse tudo bem, que ele começaria a rir, que tudo aquilo era uma piada absurda. Ele estava usando um daqueles bonés hospitalares idiotas, pelo amor de Deus, roxo com caricaturas de elefantes, como se vestisse uma espécie de fantasia. E seus olhos estavam abertos. Ela deixou sua respiração suspensa escapar de uma única arfada. E então o cérebro a alcançou.

Havia alguma coisa errada com os olhos. As pálpebras estavam recuadas demais, o olhar fixo mal era visível sob o verniz branco semelhante a catarata.

Ela saltou para trás e o feixe da lanterna se deslocou momentaneamente para o

alto, abrindo caminho rumo à parede oposta. Por um segundo, Susan achou que estivesse vendo coisas. Tornou a erguer a lanterna, o feixe tremendo por causa de sua mão. O círculo amarelo de luz deslizou pela parede, e Susan quis apagar a lanterna, quis que ficasse escuro porque até mesmo a mais completa e assustadora escuridão era melhor do que aquilo.

A parede havia sido pintada de branco. Mas fora decorada. Alguém cobrira a superfície, quase a cada centímetro, com centenas e centenas de corações vermelhos desenhados a mão.

Sai da casa, gritou a vozinha. Mas Susan não se moveu. Sem chance de ela voltar para aquele maldito porão.

Ela enfiou a mão na bolsa e tateou em busca do telefone.

Ligou primeiro para o jornal; em segundo lugar, para a emergência.

12

Henry estava debaixo de chuva na encosta com o detetive Martin Ngyun, olhando para a cabeça curtida enfiada na lama. As samambaias e o mato ao redor da cabeça estavam carbonizados e toda a área, coberta com o pó da espuma de um extintor de incêndio. Henry avistou um cigarro escurecido de fuligem esmagado fundo na terra.

Ergueu os olhos para o alto da encosta. Toda a força-tarefa respondera ao chamado. Um monte de turistas do ônibus que fazia o circuito da Beleza Mortal estava batendo fotos no topo da colina, atrás da fita que isolava a cena do crime. Não havia jeito de esconder aquilo. Àquela altura, já devia estar até no Twitter.

— Quem apagou o fogo? — Henry perguntou a Ngyun.

Ngyun estava na força-tarefa havia sete anos. Tirara uma única licença quando os Blazers chegaram às finais. Aquilo pegara muito mal.

— Algum docente da casa — disse Ngyun, ajeitando a viseira de seu boné dos Blazers para se proteger da chuva. — Tinha 72 anos. Pulou a cerca e desceu a encosta com um extintor de incêndio.

Henry estendeu uma das mãos, a palma para cima.

— Está chovendo — disse.

— Ainda não tinha começado — disse Ngyun.

A cabeça fora decepada perto da mandíbula. A chuva dissolvia a espuma do extintor de incêndio, e Henry percebeu que o crânio estava transparente em alguns pontos, o cabelo ralo e coberto de terra. O rosto estava virado para baixo, pousado sobre a raiz de uma planta. Henry voltou a erguer os olhos na direção da encosta.

— Meu palpite é o de que alguém atirou a cabeça por cima da cerca — disse, seus olhos seguindo o ângulo da inclinação. — E ela rolou até aqui.

— Foi sorte não ter rolado mais — disse Ngyun. — Nunca teríamos encontrado. — Ele franziu as sobrancelhas na direção do emaranhado de amoreiras silvestres mais abaixo. — Deve ter um monte de cabeças lá embaixo.

— Vou conversar com o prefeito sobre um toque de recolher — disse Henry,

referindo-se ao novo prefeito, que assumira o cargo dois meses antes, depois que o antecessor estourara os miolos na frente de Archie.

— É — disse Ngyun. — Afinal de contas, ninguém é assassinado durante o dia.

— Vai acalmar a população — disse Henry. Ele se agachou, tentando dar uma olhada melhor nas feições da cabeça, mas o ângulo do rosto na lama dificultava. — Cadê o legista?

— Tá vindo — respondeu Ngyun. Ele olhou de relance para o relógio. — São onze horas. Eles disseram 11h15.

Henry hesitou. Sabia que Robbins lhe daria uma bronca infernal por tocar no cadáver. Mas ele que se fodesse. Empurrou o troço com a ponta do sapato, até que o rosto estivesse virado para cima.

Os orifícios onde ficavam o nariz, os olhos e a boca estavam repletos de larvas amarelas se mexendo. Não havia como dizer se os olhos haviam sido arrancados ou se os vermes é que os tinham comido.

Claire gritou seu nome, e Henry ergueu os olhos e viu-a de pé, com as mãos nos quadris, olhando para eles. Ao lado dela, com traje protetor, estava o legista, Lorenzo Robbins.

— Você acabou de chutar a minha cabeça? — perguntou Robbins, incrédulo.

O telefone de Henry tocou. Ele nunca ficara tão feliz com um telefonema na vida. Sorriu na direção de Robbins, ergueu um dedo em um gesto que significava "só um minuto", e atendeu.

Era um sargento da delegacia da zona norte.

— A gente tem uma coisa que talvez interesse à sua força-tarefa — disse o sargento. — Uma repórter do *Herald* achou um corpo que pode ter a ver com a Beleza Mortal.

Uma repórter do *Herald*. Tome precauções, ele dissera. Proteja-se. Não faça nenhuma idiotice.

— Deixa eu adivinhar — disse Henry. — Susan Ward.

13

Archie sentou-se no chão, apoiando-se na parede cor de malva em um banheiro do térreo do hospital.

O telefone estava no seu colo, e ele relia a mensagem. "QUERIDO, ESTÁ SE SENTINDO MELHOR?"

Archie levou as mãos à cabeça. Dois anos haviam se passado e suas costelas ainda doíam onde ela as quebrara. Provavelmente iriam doer para sempre. Ele levou as mãos ao pescoço e tateou a extensão da cicatriz ali, a mais recente, de dois meses antes, ainda sensível ao toque. Em seguida enfiou uma mão por baixo da camisa e tocou as cicatrizes mais antigas: a que subia pelo meio do tórax, as menores do lado, e por fim o lembrete em forma de coração sobre o peito.

Sua mente voltou à carnificina do banheiro na estrada.

Ela não ia parar de matar.

Archie pegou o telefone e o pressionou contra a testa, enterrando-o na pele até seu crânio parecer que ia rachar, e sua cabeça clarear. Ah, foda-se.

Endireitou o corpo e digitou uma mensagem. "ONDE VOCÊ ESTÁ?"

Apertou ENVIAR e esperou.

O vaso sanitário era bege, mas com assento branco. Havia uma barra para deficientes se segurarem ao lado, um gancho para pendurar bolsas e um recipiente para resíduos de produtos de higiene feminina. Archie ergueu os olhos para o teto. Painéis de cortiça brancos. Um detector de fumaça. Um sprinkler. Dois respiradouros brancos continham anos de camadas de pó e sujeira. Ninguém nunca se dava o trabalho de limpá-los.

Ele tornou a olhar para o telefone. Nada.

O chão de azulejo decorado com rosas brilhava, embora o rejunte estivesse marrom. Havia um ralo prateado redondo no meio do piso.

Alguém chacoalhou a maçaneta da porta do banheiro.

Archie ergueu os olhos, assustado.

— Ocupado — gritou ele.

O telefone vibrou. Ele olhou a tela. "ESTÁ COM SAUDADE DE MIM?"

Archie ficou imaginando uma forma de responder. Milhares de opções lhe passaram pela cabeça. Precisava que ela aparecesse em público. Precisava que ela pensasse que ele ainda estava sob seu domínio.

Houve uma batida na porta.

— Só um segundo — disse Archie.

Uma pequena aranha doméstica marrom rastejou para fora do ralo no piso e percorreu às pressas os azulejos rumo à pia.

Archie digitou "QUERO VER VOCÊ" e apertou ENVIAR.

Uma ampulheta girou na tela do telefone e saiu de vista. Mensagem enviada.

Ele ergueu os olhos em direção à porta, ficou de pé, deu descarga, e estendeu as mãos sob o sensor da torneira para abrir a água. O revestimento da bancada era de fórmica pontilhada nas cores pêssego e preto, da mesma cor e do mesmo padrão daquela que Courtenay havia fincado no pescoço. Provavelmente saíra da mesma lâmina.

Archie verificou o telefone. Só o que se via na tela era a hora: 11h23, 11h24, 11h25. Ele enxugou as mãos com uma toalha de papel e atirou-a em uma lata de lixo cinza retangular. Uma caricatura de gambá encarava Archie do purificador de ar.

Alguém tentou abrir a porta de novo.

— Só um segundo — tornou a dizer Archie, mais alto dessa vez.

A maçaneta da porta balançou em vão na fechadura.

Archie ignorou. Aquilo era um hospital. Havia dezenas de banheiros públicos.

Ele pousou o telefone na fórmica pontilhada e fitou a tela, desejando que Gretchen respondesse.

— Vem — disse baixinho, agarrando a borda da bancada. — Vem pra mim.

O telefone zumbiu em sua mão e surgiu uma nova mensagem de texto.

TOC TOC.

Archie estudou as palavras no aparelho, e então, devagar, ergueu os olhos em direção à porta. Ela estava no hospital. Estava observando-o naquele exato momento. Ele tornou a enfiar o telefone no bolso, virou e deu um passo rumo à porta.

— Gretchen? — perguntou.

Não houve resposta. Archie estendeu a mão e girou cuidadosamente a tranca. Então agarrou a maçaneta, respirou fundo e abriu a porta.

Não havia ninguém do outro lado. Ele virou a cabeça, e o corredor estava vazio. Estendeu a mão e tocou a testa. Estava suando. Estava deixando que ela o

perturbasse de novo. Tinha sido um palpite. Gretchen previra que ele ligaria para ela de um lugar fechado. Não era ela à porta. A pessoa que estava esperando só tinha perdido a paciência e ido embora.

Ele já tinha problemas suficientes sem acrescentar a paranoia à sua lista.

Archie avistou uma loja de presentes no final do corredor. Apertou os olhos e reconheceu o livro exposto na vitrine — *A Última Vítima*. Fazia dois meses que Archie não lia um jornal. Se quisesse ter uma chance de achá-la, precisava se inteirar das notícias. Saiu andando. Na metade do corredor, parou e deu um giro de 360 graus. Não havia ninguém que importasse por perto, mas ele não conseguiu livrar-se da inquietante sensação de estar sendo observado.

14

A foto de Gretchen estava na primeira página de todos os jornais que havia para vender na loja de presentes do hospital.

Archie pegou um exemplar do *Herald*. DIA NÚMERO 76, alardeava a manchete abaixo da foto de primeira página. Archie folheou o jornal. Nenhuma matéria a respeito do caso da estrada. Estaria na edição do dia seguinte. Havia quatro matérias sobre Gretchen. Mas nada de novo. Só os mesmos detalhes reorganizados, as mesmas declarações.

Archie fechou o jornal e tornou a olhar para a foto dela na primeira página. Era uma foto da ficha criminal, de dois anos antes. Ela estava usando as mesmas roupas que vestia nas últimas lembranças das torturas. Quando o segurara, acariciara-lhe a cabeça, quando ele achou que afinal estava morrendo e sentiu-se grato por ela permitir que morresse.

O cabelo louro fora escovado e amarrado em um perfeito rabo de cavalo, sem um fio fora do lugar.

Gretchen ficara linda na ficha criminal.

Alguma coisa chamou a atenção de Archie dentro da loja. A imagem dela de novo, multiplicada. Ele abaixou o jornal, entrou, passou pelos balões de Mylar, pelos bichos de pelúcia, os doces e cartões românticos, a mulher grisalha sentada atrás de um balcão cheio de bugigangas, vendo tevê, e parou diante da estante de revistas.

Vinte revistas diferentes estavam expostas em mostruários de plástico na parede. Quase todos os exemplares tinham Gretchen como garota da capa.

A imprensa sempre adorara Gretchen. Ela ganhara manchetes no mundo inteiro. Mas ele nunca vira nada como aquilo.

As revistas de notícias prometiam matérias sobre seus crimes e novidades relativas à perseguição. As revistas de moda prometiam ajudar as mulheres a deixar o cabelo igual ao dela. As revistas de cultura questionavam sua influência. As revistas de entretenimento consideravam o potencial elenco para um futuro filme sobre ela.

A capa da *Portland Monthly* exibia a imagem de um ônibus de turismo com o rosto de Gretchen estampado nas laterais. GRETCHEN LOWELL, dizia a manchete. A PRÓXIMA GRANDE ATRAÇÃO TURÍSTICA DE PORTLAND?

Mas a revista que chamou a atenção dele foi a última edição da *Newsweek*. Não foi a fotografia pintada com aerógrafo do rosto de Gretchen na capa que fez suas entranhas revirarem. Foi a imensa manchete em negrito — uma única palavra:

INOCENTE?

15

O técnico em impressões digitais girou o dedo indicador direito de Susan, da esquerda para a direita, sobre a esponja com tinta roxa. Começara pelo polegar e realizara o serviço até o mindinho. Digitais de eliminação, era como chamavam. Da próxima vez que ela invadisse uma casa, certamente estaria usando luvas.

— É melhor que isso saia — disse Susan.

Ela estava empoleirada na parte de trás de uma van da polícia, as portas duplas da cabine abertas, bloqueando a área de visão da gente esquisita que já se estendia ao longo da fita de isolamento da polícia, erguida havia meia hora. A chuva havia parado, mas não antes que o cabelo de Susan se enrolasse todo. Os rádios da polícia estalavam, as luzes de emergência piscavam. Todos andavam pisando forte. O sangue no jeans de Susan começara a secar, endurecendo o tecido em seus joelhos. Ela estava tentando ignorá-lo.

O técnico em impressões digitais estava sentado ao seu lado, com um cartão de impressões digitais da polícia sobre a cama da van entre eles. Seus olhos parcialmente ocultos não se afastavam do trabalho, a calva debruçada sobre a mão dela, ao lado do corpo.

— Fique parada — ordenou ele.

Henry limpou a garganta e batucou no bloco de anotações com a caneta. Saíra da casa havia dez minutos, a boca decidida, os olhos escondidos por óculos escuros, e vinha interrogando-a desde então.

— Como esse sujeito conseguiu o número do seu celular? — perguntou Henry.

— Todo mundo tem — respondeu Susan. — Está na minha assinatura de e-mail. Eu sou repórter. Preciso ser acessível. — Ela se debruçou, tentando dar uma espiada nas anotações. Era ela quem deveria estar fazendo as perguntas. Para uma repórter, ela passava tempo demais sendo entrevistada. — Então, fiquei sabendo que você encontrou uma cabeça — disse ela.

Henry inclinou o bloco de notas em direção ao peito.

— Eu devia te prender por invasão de domicílio — disse ele. — O que é que deu na porra da sua cabeça?

— Eu arrisquei — respondeu Susan, olhando para suas botas incrustadas de lama. Ela devia ter deixado uma trilha pela casa inteira. — Quem é o morto? — perguntou.

Henry esfregou a nuca como se sentisse dor.

Susan ouviu mais sirenes a distância. O técnico em impressões digitais passou ao dedo seguinte. Ela olhou de relance, apavorada, para a ponta do dedo roxa.

— Falando sério — disse ela —, essa tinta sai, não sai?

— A vítima não tem identidade — informou Henry, e Susan tornou a erguer os olhos. — O legista diz que é homem, com pouco mais de 20 anos. Está morto só de duas a seis horas. — Henry inclinou-se na direção dela. Foi um movimento mínimo, um deslocamento de centímetros, imperceptível para quem estivesse olhando, mas Henry era uma montanha, e Susan tentou não se encolher de medo.

— Me fala da pessoa que telefonou — disse Henry.

— Me fala da cabeça — disse ela.

— Nós encontramos uma cabeça — disse Henry. — Na mansão Pittock. Tivemos que isolar parte do jardim dos fundos, mas ainda dá pra visitar a casa. — Ele coçou uma das sobrancelhas. — Acho que estão cobrando um adicional.

Susan puxou sua camiseta úmida.

— Não parecia ser jovem — disse ela sobre o autor do telefonema. — Não parecia ser velho. Ele disse que fazia parte de um grupo de fãs da Gretchen Lowell. — Ela corrigiu-se. — Quer dizer, não especificamente. Ele disse que eu tinha escrito pra ele no site dele, pra fazer uma matéria sobre o grupo. — Henry apoiou a caneta no bloco de notas, aparentemente ainda esperando que ela dissesse alguma coisa que valesse a pena anotar. Ela enrolou uma mecha de cabelos roxos ao redor de um dos dedos e tentou lembrar-se de outros grupos com os quais pudesse ter feito contato, já que usava a internet o tempo todo, mas pensou só na matéria sobre Gretchen. — Eu ando contatando sites de fãs da Beleza Mortal. — Ela não mencionou o fato de o sujeito não ter reconhecido Jimi Hendrix. Achou que Henry não se interessaria.

Henry anotou alguma coisa. Susan ergueu o queixo para ler. "SW PC." Ele fez um círculo ao redor das letras.

— Que diabo é isso? — perguntou ela.

— Vou precisar do seu HD — disse ele.

Ele só podia estar brincando.

— Não — disse Susan. E sentiu que precisava acrescentar: — E eu tenho um Mac, não um PC.

Henry ajeitou os óculos escuros, firmando-os no lugar. Não havia sol nenhum. Mas Susan não tinha certeza se era a melhor hora de chamar atenção para isso.

— A gente precisa investigar o seu histórico de navegação — disse ele.

Susan balançou a cabeça.

— Pra você saber quanto tempo eu levo pesquisando o meu nome no Google? — disse ela. — Sem chance.

Henry baixou a cabeça e ergueu os olhos para ela por cima dos óculos de aviador, e então ela entendeu por que ele os usava.

— Isso é uma investigação de homicídio — disse Henry. — Você está obstruindo a ação da justiça. — Ele cerrou os dentes. — E me enchendo a paciência.

— Eu sou *jornalista* — disse ela, endireitando o corpo. — Não vou entregar meu computador pra polícia. — Ela dissera aos policiais, assim que chegaram ao local, que não iria mostrar seu histórico de chamadas recebidas. Estava protegendo uma fonte. Era assim que funcionava. Se você entrega uma fonte, pode esquecer a possibilidade de alguém voltar a lhe contar alguma coisa. Parker lhe ensinara isso. Ele fora para a cadeia por proteger uma fonte. — Consegue um mandado e boa sorte — acrescentou ela. O técnico em digitais girou o anular de Susan pela almofada de tinta. Havia sujeira sob a unha. — Você consegue diferenciar a impressão digital de um macaco da de um ser humano? — perguntou ela.

O técnico não ergueu os olhos. Afastou o dedo dela da tinta e pressionou-o no centro de um quadrado no cartão de digitais. Susan admirou a concentração do homem.

— Consigo — respondeu ele.

Henry anotou alguma coisa.

— Você acha que reconheceria a voz da pessoa que ligou? — perguntou.

Susan tentou reproduzir mentalmente a voz do sujeito, mas não conseguiu.

— Talvez — respondeu ela, baixando os olhos na direção de seus jeans ensanguentados. Graças a Deus o brim era preto. Escondia qualquer coisa. — O sujeito que eu encontrei morreu como? — perguntou. Ela continuava a enxergar aquele rosto, aqueles olhos brancos como clara de ovo.

— Acho que dá pra excluir a opção "causas naturais" — disse Henry.

Susan ajoelhara-se a pouco mais de meio metro do corpo e ficara com sangue nas calças. O lençol estava encharcado. O sujeito havia sangrado bastante. Como se tivesse sido cortado. Não, pensou ela, *operado*. Os corações na parede, a assinatura de Gretchen, o site do fã. De repente ela entendeu.

— O baço desapareceu, não foi? — perguntou Susan. Quase não deu para notar,

mas Henry teve um sobressalto.

Alguém havia extraído o baço. Exatamente como Gretchen fizera com suas vítimas, como fizera com Archie. Ela o abrira sem anestesia e lhe arrancara fora o baço, e depois enviara o órgão para Henry pelo correio. A garganta de Susan se apertou, e ela precisou engolir algumas vezes antes de conseguir falar.

— Eu devia estar sob vigilância? — perguntou.

Henry tirou os óculos escuros e olhou para ela. A cabeça raspada ainda brilhava por causa da chuva.

— Sai da cidade — disse ele.

Era uma boa ideia. Passar alguns meses no México. Escrever um pouco. Talvez pudesse ter feito isso alguns meses antes, antes de conhecer Archie.

— Não posso — disse ela. — Sou jornalista. Não posso.

O pulso de Susan estava acelerado. O técnico em impressões digitais deve ter percebido porque ergueu os olhos pela primeira vez desde que chegara.

— Coalas — disse ele. — Você tira a impressão digital de um coala e é quase impossível distinguir de uma digital humana.

— Sério? — perguntou Susan.

Ele pressionou o mindinho sobre o papel cartão.

— Sempre engana a gente — disse ele.

— Você sabia — perguntou Susan — que, nos últimos vinte anos, nove crianças morreram esmagadas por mesas na lanchonete da escola?

O técnico em impressões digitais ergueu os olhos, com ar preocupado.

— Não — respondeu.

Susan relaxou um pouco. Ao fazê-lo, seu cérebro começou a repassar os detalhes. Quem havia telefonado para ela?

— Você acha que ela tem um novo cúmplice? — Susan perguntou a Henry. Ele não respondeu. Então algo lhe ocorreu. — Cúmplices? — perguntou ela, enfatizando o plural. A cena do crime brotou em sua mente. — Havia dez lanternas.

— Uma pessoa pode ter instalado todas as lanternas — disse Henry, tornando a pôr os óculos escuros. — Nós queremos essa história das lanternas fora da mídia, OK?

— Talvez tenham sido nove cúmplices — disse ela. — Feito um time de beisebol de serial killers. Ou talvez esteja testando pessoas. Tipo, ela corta um do grupo depois de cada crime. O último que sobra vivo vira parceiro de assassinatos dela.

Henry não achou graça.

— Me fala desses sites de fãs — pediu.

— As pessoas pintam retratos dela e enviam pra grupos de discussão — disse Susan. — Escrevem poesia pra ela. Existe ficção criada por fãs. Escrevi uma matéria a respeito poucas semanas atrás. — Nenhuma reação. Susan suspirou, exasperada. — Você nem lê o *Herald*, né?

— Eu só leio o *Daily Auto Trader* — respondeu Henry.

O técnico estendeu a Susan um lenço de papel umedecido. Ela esfregou os dedos com ele, e a tinta saiu no mesmo instante. O que quer que houvesse naquele lenço certamente era tóxico.

— Eu preciso ir trabalhar — disse Susan, levantando-se. O técnico estendeu um saco plástico e ela jogou o lenço sujo de tinta dentro dele.

Henry cruzou os braços.

— Será que eu consigo te convencer a manter parte do que viu em segredo? — perguntou. — De forma a, sabe, evitar uma porra de um pandemônio?

— Sem chance — disse Susan. — Além do quê, você encontrou uma cabeça. Não acha que, só com isso, a população já vai pirar?

Henry grunhiu.

— Você tá melhorando como repórter — disse.

— Jornalista — corrigiu ela. Acenou para ele e afastou-se poucos passos da van.

— Espera — chamou Henry, e ela se voltou. Ele a encarou, rilhando os dentes, e deu um passo na direção dela. — Só estou te contando isso porque vai vir à tona — disse. — E pode muito bem ser por seu intermédio. — Henry suspirou. — Tem coisas a respeito da parada na estrada que a gente não divulgou.

16

Archie sentou-se no chão da loja de presentes, cercado de revistas, a *Newsweek* aberta no colo. Gretchen sorria para ele em fotos por todos os lados do carpete. Achara ao todo 27 matérias sobre ela. Havia lido primeiro a da *Newsweek*, toda cheia de justificativas. A culpa não era dela. Era da sociedade. Todos nós éramos responsáveis.

Archie não lembrava que a sociedade tivesse lhe enfiado um bisturi no peito.

Havia fotos dele também. De pé na cena de um crime. Saindo do hospital. O homem que ela tentara matar duas vezes. Fora retratado como uma espécie de herói. As matérias eram melhores que a verdade, pensou. Os detalhes do último embate eram imprecisos. Henry conseguira encobertar os pormenores de como Archie vira-se novamente à mercê de Gretchen. Ele estava se recuperando dos ferimentos. Ela estava foragida.

A realidade era mais nebulosa.

Archie tocou a foto dela na *Newsweek*. Fora tirada do lado de fora do tribunal. Ela estava se afastando, os pulsos algemados, com o uniforme azul da prisão, cabelos soltos, perfil perfeito como uma efígie de moeda. Ele ergueu a mão, deixando sua digital na página.

Virou as mãos e examinou as palmas. Estava suando de novo.

Meu Deus, ele queria um Vicodin.

Enxugou as mãos na frente das calças, sentindo o telefone no bolso. Ele o pegou. Nenhuma nova mensagem.

— Se você tem interesse nela, nós temos o livro — disse a velha atrás do balcão. Archie ergueu os olhos. Ela retirara vários anjos da caixa, alinhara-os à sua frente no balcão e agora espreitava por cima deles.

Foi então que Archie se deu conta, sentado ali, rodeado de revistas abertas em artigos sobre a Beleza Mortal, da impressão que devia estar causando. Tornou a enfiar o telefone no bolso.

A velha inclinou a cabeça em direção à vitrine, onde vários exemplares de *A*

Última Vítima estavam empilhados ao lado de outro tanto de *As Cinco Pessoas que Você Encontra no Céu.*

Archie fechou a *Newsweek*, ficou de pé e recolocou-a na prateleira atrás de si.

— Eu já tenho — disse.

Ele inclinou-se para recolher as revistas do chão e colocá-las novamente nas estantes e, ao fazê-lo, olhou de relance para a velha. A pequena televisão continuava ligada atrás dela e, por um segundo, Archie pensou ter visto o rosto de Gretchen na tela. Ficou ali, paralisado, parcialmente agachado, convencido de estar vendo coisas, ainda grudado na tevê, enquanto elementos gráficos giravam na tela para formar as palavras BELEZA MORTAL FORAGIDA: 76º DIA.

As imagens gráficas irromperam em chamas.

Archie endireitou o corpo.

— Aumenta o volume — pediu.

A velha o olhou com ar incrédulo. Então se virou devagar para olhar para a tela da tevê, depois de novo para ele e para as revistas aos seus pés.

— Aumenta o volume — pediu Archie de novo. Avançou em direção ao balcão e à tevê.

Ela ergueu uma sobrancelha, parou, retirou outro anjo da caixa e pousou-o sobre o balcão, em seguida pegou o controle remoto no bolso de sua veste de poliéster e apertou uma tecla.

Surgiu um locutor vestindo a capa de chuva azul brilhante da emissora KGW, segurando um microfone, com a mansão Pittock ao fundo. Uma cabeça humana havia sido encontrada nos terrenos. A imagem cortou para outro locutor com outra capa de chuva azul brilhante da KGW, diante de uma casa fechada com tábuas. Um corpo havia sido encontrado na casa. A polícia não estava divulgando detalhes.

Em uma tomada ampla, Archie viu de relance Henry entrando na casa.

Archie estendeu a mão para o celular que normalmente ficava preso em seu cinto, os dedos tocando o veludo da calça, sem nada encontrar. Seu celular estava guardado na ala, em lugar seguro.

Mas ele tinha outro.

Enfiou a mão no bolso e tornou a localizar o celular. Mas não o pegou.

A velha prestava atenção à tevê a essa altura, as sobrancelhas contraídas, uma das mãos ainda segurando os pés da estátua de um anjo, ajoelhado em oração, uma auréola de metal fincada no alto da cabeça.

— Posso usar seu telefone? — perguntou Archie.

Ela não tinha razão nenhuma para dizer sim, mas espichou-se, ergueu o receptor de um telefone de mesa bege e o depositou na mão de Archie.

— Disca nove — informou.

Archie discou nove e o número do celular de Henry, que atendeu no terceiro toque.

— O que tá havendo? — perguntou Archie.

— De onde você tá ligando? — perguntou Henry.

— Da loja de presentes do hospital — respondeu Archie. — Eu tava precisando de um balão.

Ele sentiu Henry se conter. Archie estava de licença. Não tinha direito nenhum de tomar conhecimento das investigações da polícia.

— Susan Ward recebeu uma pista e achou um corpo em uma casa abandonada em North Fargo — informou Henry. — E alguém atirou uma cabeça no jardim da mansão Pittock.

Eles haviam encontrado uma das vítimas de Gretchen no jardim da mansão Pittock poucos meses antes de ela ser capturada. Ela nunca se repetira antes. Mas não podia ser coincidência.

— E os olhos? — perguntou Archie.

— A cabeça está podre demais pra saber — disse Henry. — O Robbins tá dando uma olhada agora. O corpo na casa tem olhos. É fresquinho. Foi morto em algum momento de ontem pra hoje.

Archie olhou de relance para a tela da tevê, onde a âncora da KGW, Charlene Wood, estava agora na cena do crime, entrevistando um transeunte.

— Foi a Gretchen? — perguntou Archie.

Henry suspirou.

— Tem corações desenhados na parede perto do corpo — disse. — Igual à parada da estrada. A Susan ligou pro jornal. Eles publicaram na mesma hora. Tem repórteres por toda parte.

Archie sentiu o peito apertar novamente.

— A Susan tá bem? — perguntou.

— Ela é um pé no saco — disse Henry. — Não quer entregar a fonte que deu a dica.

Archie não conseguiu evitar um sorriso.

— O Parker ficaria orgulhoso.

— É, bom, é ótimo que os testículos jornalísticos dela tenham descido, mas isso não me ajuda muito no combate ao crime — disse Henry. — Parece que o baço da vítima sumiu. Isso ainda não foi divulgado — acrescentou ele. — Mas vai ser.

A velha retirou outro anjo da caixa.

— Posso mandar um carro pra te buscar — disse Henry.

Archie virou-se e olhou de relance para trás, na direção do corredor. Pensou em contar a Henry, mas não podia fazê-lo sem entregar a existência do telefone. O que poderia dizer? "Acho que ela tem alguém me espionando dentro do hospital?" "É só um pressentimento."

Ia parecer um maluco.

— Honestamente, não estou a fim — disse Archie. Ele não precisava encontrá-la. Ela o encontraria. Ele tinha certeza.

— Sua família ainda vem hoje à noite? — perguntou Henry.

Debbie levava as crianças todas as quartas-feiras. Era algo por que Archie normalmente ansiava, mas com todo aquele drama, havia perdido a noção do tempo.

— Ainda vem — respondeu Archie, esfregando os olhos.

— Diz que eu mandei um oi — pediu Henry. Ele hesitou, e então, em um tom de voz que fez com que Archie se perguntasse se Henry percebera que havia alguma coisa errada, acrescentou: — Passo por aí mais tarde.

— OK — disse Archie. Recolocou o fone no suporte e ergueu os olhos na direção da tevê. *Perry Mason* havia voltado à tela.

— É você, não é? — A velha tornou a inclinar a cabeça na direção da vitrine na frente da loja.

— Não — respondeu Archie.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Você é aquele detetive.

Ela ergueu um dos anjos e o estendeu a ele. Havia uma placa de metal aos pés do anjo gravada com uma letra bonita. E um pedido.

GUARDA-ME.

Ela o depositou em suas mãos.

17

Uma placa no elevador da ala psiquiátrica dizia:

SE A PORTA DO ELEVADOR NÃO ABRIR, NÃO SE DESESPERE. NÃO HÁ QUASE NENHUM RISCO DE FICAR SEM AR OU DE O ELEVADOR DESPENCAR SEM CONTROLE.

— Isso me deixa mais calmo — disse Archie para a voluntária que subia com ele no elevador.

Os olhos dela se arregalaram.

— É pra maluco — explicou Archie. — A gente entra em pânico fácil.

Ele não a estava deixando mais calma. Decidiu parar de falar. Então percebeu que ela levava nas mãos um envelope com seu nome. O envelope era grande, quadrado, cor-de-rosa e dificilmente passaria despercebido. A voluntária estava abanando o rosto com ele.

— Isso é pra mim — disse Archie.

Ela não era adolescente. Talvez fosse universitária. Lançou um sorriso automático na direção de Archie.

— Eu tenho que entregar na ala — informou. — Antes de ir almoçar.

As portas do elevador se abriram, e ambos saltaram na minúscula sala de espera da ala psiquiátrica. A garota pareceu hesitante.

— Você nunca esteve aqui em cima antes — disse Archie.

— Tem psicopatas? — perguntou ela em um sussurro.

— Um monte — respondeu Archie. Ele apertou o botão do interfone. — É o Archie Sheridan — informou.

— Só um minuto, sr. Sheridan — respondeu a voz de uma enfermeira.

A garota baixou os olhos na direção do nome escrito no envelope.

— Acho que você é você — disse.

— Tenho certeza absoluta de que eu ainda sou eu — disse Archie. Então reparou nas unhas dela. Rosa-choque com pontas vermelho-sangue. As mulheres gostavam de receber elogios. Archie não entendia muito de mulheres, mas sabia disso. —

Gostei das suas unhas — anunciou.

Duas covinhas formaram-se no seu rosto, e ela examinou a mão trêmula.

— O nome é "Beleza Mortal" — disse. — Minha manicure disse que todas as famosas estão usando.

Archie quase engasgou. Esmalte da Beleza Mortal? O mundo tinha ficado louco.

— Você tá bem? — perguntou a garota.

Gritos abafados ecoaram atrás da porta. Archie reconheceu os brados revoltados de seu companheiro de quarto, Frank.

A garota respirou fundo.

— Ele é inofensivo — assegurou Archie.

A garota bateu com o pé no chão e mordeu o lábio inferior.

— Por que estão demorando tanto?

— Eles estão ocupados — disse Archie. Alguns minutos e vários membros da equipe foram necessários para reprimir uma das explosões de raiva de Frank. Archie lançou à garota o que esperava que fosse um sorriso equilibrado. Do interior da ala, Frank berrou alguma coisa a respeito de demônios. A garota enrijeceu. — Por que você só não me entrega o cartão? — sugeriu Archie.

Ela refletiu por uma fração de segundo, então enfiou o envelope na mão de Archie.

— OK — disse ela, apertando o botão do elevador. As portas se abriram imediatamente, e ela saltou para dentro. — Belo anjo — comentou enquanto as portas se fechavam.

Archie pousou o anjo sobre a mesa de panfletos do A.A. e olhou o envelope.

Não havia carimbo postal, o que significava que não chegara pelo correio — alguém o havia entregado no hospital. O endereço do remetente era North Fargo, 397. Sem nome. O corpo fora encontrado na Fargo. O endereço não estava escrito com a letra de Gretchen, mas ela não teria dificuldade para encontrar alguém que o escrevesse. Archie passou o dedo sob a aba, ao longo do fio de cola, e extraiu o cartão.

O cartão era conservador e o papel, amaciado pela idade. Dois corações vermelhos estavam unidos por uma corrente dourada. Abaixo dos corações havia uma faixa branca, ornamentada com as palavras UMA MENSAGEM DE DIA DOS NAMORADOS. Archie abriu o cartão. Impresso no interior, com uma bela letra cursiva, havia um poema: "Que essa corrente/ Seja o doce grilhão/ Que une ao meu/ O seu coração."

Ela podia alcançá-lo onde quer que ele estivesse. Era só questão de tempo.

A gritaria de Frank parou, e uma enfermeira veio abrir a porta. Archie entrou.

Ele deixou o anjo em cima da mesa.

18

Susan sentou-se grudada ao seu computador no *Herald*. Precisava entregar uma matéria às duas. E só faltavam 15 minutos.

Globos oculares no reservatório de água de um vaso sanitário. Susan perguntou-se se Gretchen os arrancara com as pessoas ainda vivas, ou se esperara até depois de tê-las assassinado. Em todo caso, os olhos de Susan doíam só de pensar.

A Cabeça da Mansão Pittock, como todos a estavam chamando, virara notícia nacional. A CNN mencionara uma fonte, no laboratório do legista, que declarara que a cabeça não tinha olhos. Havia uma pesquisa on-line na qual as pessoas podiam dar seu palpite sobre de que cor seriam. Castanho estava ganhando.

O *Herald* estava elétrico. As tevês presas no teto estavam todas sintonizadas em transmissões ao vivo da casa na Fargo, do desfiladeiro e de Pittock. Já se falava em fazer outra edição especial. Susan estava trabalhando em um relato em primeira pessoa da descoberta do corpo; Derek trabalhava na cobertura dos acontecimentos, e Ian enviara dois outros repórteres à mansão. Graças a Henry, Susan havia publicado os detalhes adicionais sobre o caso da estrada no site do *Herald*. Os globos oculares. Os corações na parede. O baço. Esse material seria bastante explorado no dia seguinte: primeira página, acima da dobra. Henry prometera um desenho do morto na casa perto da hora do fechamento, para que publicassem e vissem se alguém reconhecia.

Se a polícia tinha a Força-Tarefa Beleza Mortal, o *Herald* tinha sua versão: Susan e Derek, mais outros dois repórteres, dois editores, dois fotógrafos, um redator e um estagiário. Eles haviam feito perfis das famílias das vítimas. Haviam localizado gente que alegava ter visto Gretchen Lowell desde que ela fugira da prisão. Haviam entrevistado toda e qualquer pessoa que já estivera em contato com ela e sobrevivera. A única coisa que não haviam feito era uma investigação do passado dela. Ninguém sabia de onde Gretchen Lowell vinha. Havia um registro seu por ter sido detida ao passar um cheque sem fundo em Salt Lake City aos 19 anos. Só isso. Nenhum histórico escolar. Nenhuma certidão de nascimento.

Só uma montoeira de corpos e os escassos detalhes biográficos que Gretchen fornecera aos poucos na prisão, muitos dos quais deviam ser mentira. A falta de informação deixara os repórteres que cobriam a caçada com pouca escolha além de reutilizar as mesmas entrevistas e os mesmos especialistas o tempo todo.

A emoção da caçada virara um tédio, e um humor venenoso se instalara. Uma foto de Gretchen Lowell cheia de dardos pendia da parede. Ian distribuíra a todos do grupo canecas com o rosto dela e a frase EU MATO ALGUÉM POR UM CAFÉ.

— O que a Gretchen Lowell deu ao Archie Sheridan no Dia dos Namorados? — perguntou o estagiário. Susan nunca conseguia lembrar o nome dele. Para ela, era simplesmente "o estagiário".

— Não tô a fim de brincadeira — disse Susan, os olhos no monitor.

— O coração dele — disse o estagiário. — Hehe! — Ele usava uma camiseta FUJA, GRETCHEN e óculos de aro de tartaruga que eram incrivelmente modernos ou profundamente cafonas. Um dos dois, mas Susan não havia decidido qual. Ela lançou um olhar furioso para ele, que se voltou para seu computador.

— Vou encaminhar — disse ele.

— É, faz isso — respondeu Susan.

Ela voltou à tentativa de resumir em 75 cm sua experiência de quase morte. Os anúncios estavam apertados e era preciso mais que um cadáver e uma serial killer para justificar espaço para uma matéria que alguém não conseguisse ler, de uma sentada, no banheiro.

Susan voltou a percorrer seu histórico de chamadas e encontrou o número do sujeito que lhe telefonara e fornecera o endereço.

Parker dissera para ela que nos anos de ouro do jornalismo escrito repórteres tinham que usar catálogos telefônicos para descobrir endereços a partir de números de telefone. Eram enormes catálogos encadernados fornecidos pela companhia telefônica e guardados a sete chaves no armário de uma sala de reuniões. Era preciso que um editor destrancasse o armário e então você procurava logo o que queria porque não podia levar o livro para a própria mesa. A companhia telefônica enviava novos catálogos todo ano, mas não havia qualquer garantia de as informações serem atualizadas. Ainda assim, era legal. Era algo a se mostrar aos visitantes da redação. Diz o seu número de telefone que eu digo o seu endereço. Antes do Google parecia mágica.

Agora qualquer um com um número de telefone podia digitar os algarismos em um programa de busca gratuito na internet e conseguir o endereço correspondente num instante. Se digitasse o endereço no Google Earth, teria uma visão externa de 360 graus da casa.

Meio que acabava com a graça.

A pesquisa de Susan no histórico do celular não revelara uma casa. Revelara um telefone público na zona norte da cidade.

Havia 2,1 milhões de telefones públicos nos EUA em 1998. Agora eram menos de 840 mil (provavelmente menos ainda, já que fazia alguns meses que Susan escrevera sua grande matéria sobre o assunto). Nesse ponto, os celulares não tinham colaborado muito com o Super-Homem. Mas o Oregon fora previdente, e quando os telefones públicos começaram a tomar o mesmo rumo que o peixe cantor Big Mouth Billy Bass e os discos laser, o estado já havia aprovado uma legislação para preservar "os orelhões de interesse público" em áreas onde nem todo mundo possuía a última palavra em Blackberries. Lugares como a região norte de Portland.

Susan digitou no Google Earth um endereço nas redondezas e ficou navegando até achar a imagem com o telefone público em segundo plano. Sem cabine — só uma daquelas meias conchas com um catálogo telefônico grande e preto pendurado por um fio prateado.

Então, despreocupada, inseriu o endereço da casa: North Fargo, 397. Ficou surpresa com o que surgiu.

Nada.

Endereço inexistente.

— Cadê minha matéria? — perguntou Ian.

Duas da tarde.

Susan ergueu os olhos e viu seu editor, Ian Harper, apoiar um quadril mirrado na borda de sua mesa. Ele puxou o rabo de cavalo, um hábito que, em outros tempos, Susan achava cativante e agora só a irritava. Havia editores que não incomodavam até a hora do fechamento, e editores que ficavam rondando. Ian era um helicóptero.

Ela tirou as botas e ergueu as pernas, cruzando-as sobre a cadeira.

— Como vai sua mulher? — perguntou.

A boca de Ian se crispou. Ele olhou em volta. Ninguém erguera os olhos. Ninguém estava nem aí. O estagiário estava ocupado twittando a mais recente piada sobre Gretchen Lowell. A maior parte da equipe do *Herald* ouvia iPod no trabalho. O quinto andar, amplo e acarpetado, era um mar de cubículos com pessoas sentadas em silêncio, contemplando monitores resplandecentes.

— Quero meus 75cm em meia hora — disse ele. Ergueu a mão e fez com que uma mecha desgarrada de cabelo castanho regressasse ao rabo de cavalo.

— Tô em cima disso — disse Susan.

Ele começou a ler por sobre o ombro dela. Susan se posicionou entre ele e o

monitor.

— Não enche linguiça — disse Ian, dando um tapinha no ar na direção da tela. — Esse é o seu gancho. Aproveita ao máximo esses 5cm.

Susan sorriu com doçura.

— Assunto de que você entende — disse.

O estagiário riu.

Ian afastou-se da mesa dela e voltou para o seu escritório.

— Quero ver você batendo— disse, sem olhar para trás.

Susan se voltou para o monitor, perguntando-se como pudera trepar com ele em outros tempos.

— O nome, hoje, é "digitar" — corrigiu ela.

Dois centímetros e meio em uma coluna de jornal davam cerca de 35 palavras. E 75cm eram 1.050 palavras. Susan sempre precisava calcular. Tinha uma calculadora solar na escrivaninha só para isso. Quinhentas palavras escritas significava que faltavam outras 550.

Uma pilha de envelopes caiu na sua mesa. Derek. Ele forçou um sorriso na direção dela. Tinha uma cova no queixo. Uma cova mesmo, tipo Kirk Douglas. Susan nunca conhecera ninguém com uma cova de verdade antes de Derek.

Ela o flagrara uma manhã no banheiro limpando a cova com um cotonete.

— Tem correspondência pra você — disse ele.

Ela baixou os olhos para a pilha de envelopes: alguns óbvios releases, alguns envelopes brancos do tamanho de uma pequena bandeja com caligrafia de velhinha e um envelope cor-de-rosa brilhante que parecia ser algum tipo de cartão.

— Você olhou na minha caixa?

— Tava checando a minha — disse ele, dando de ombros. — E elas ficam bem ao lado uma da outra. — Ele parou e a encarou de forma significativa, como se as caixas de correio serem próximas fosse alguma espécie de sinal cósmico.

Susan lançou um olhar para a transbordante caixa de entrada do e-mail.

— Põe em cima da pilha — pediu.

Derek franziu a testa.

— Você tem que responder aos leitores — disse. — Faz parte do marketing.

— Eu ia responder — disse Susan —, mas tô sem papel de carta do Garfield.

Derek alisou uma dobra em sua calça cáqui.

— Você detesta o Garfield — disse.

Susan estendeu as mãos.

— Mas adoro lasanha — disse. — Curioso, né? — Afastou-se da mesa e se recostou na cadeira. — Preciso trabalhar, Derek. Estou em cima do laço.

Os olhos dele recaíram sobre o jeans dela.

— Você está com sangue nas calças — disse ele.

Ela olhou para as próprias pernas. O sangue endurecera e transformara-se em uma mancha uniforme cor de ferrugem. Susan descruzou as pernas e pousou no chão os pés agasalhados com meias.

— Obrigada — disse.

— Tem um pouco de OxiClean na minha mesa — disse Derek.

— Isso é bom pra tirar manchas — disse o estagiário.

Susan virou-se para o estagiário.

— Você não devia estar escrevendo uma materiazinha sobre baços? — perguntou.

— Desculpa — disse o estagiário.

— Conseguiu alguma coisa com o porta-voz da polícia? — Susan perguntou a Derek.

— Nada que você já não tenha conseguido com o Sobol. Eles ainda não identificaram o corpo. Fucei um pouco e descobri que a casa pertence a uma velha que está no asilo há mais de 15 anos. O lugar está vazio desde que ela saiu. Existe um tanque de óleo na propriedade e radônio no porão. Ela não conseguiu vender. — Derek coçou a covinha no queixo. — Pode ser que eu vá lá pra entrevistar a mulher. Matéria de interesse humano. O engraçado é que ela disse que já recebeu duas ofertas pela casa desde que divulgaram a notícia. Acho que as pessoas querem ter a sua própria cena do crime da Beleza Mortal.

— Claro — disse Susan. — Pra abrir uma pousadinha.

Derek deu de ombros.

— Fazer o quê? — disse. Ele se afastou e voltou a sentar-se diante da escrivaninha que tinha herdado de Parker havia poucos meses.

Ele nunca parecia confortável nela. Era grande demais para ele.

19

Haviam limpado o sangue que respingara no chão da sala de descanso. Ainda dava para sentir o cheiro da água sanitária. O que se comentava na ala era que o terapeuta precisara de pontos; Courtenay, não. Ela voltara ao seu quarto, confinada, e cantara a mesma música a tarde toda. *High Hopes*.[2] Dava para ouvir do corredor.

He's got high hopes... high apple pie, in the sky hopes.[3]

Archie esperava que a intenção fosse fazer graça.

— Minha irmã vem me visitar — disse Frank do sofá.

— Legal, Frank — disse Archie.

Archie tomara banho, vestira roupas limpas e escovara os dentes após o jantar. Eles comiam às cinco da tarde, como gente velha. Agora ele estava bebendo café em uma caneca com o desenho das palavras SEGUNDA-FEIRA deitadas no divã de um psiquiatra, se queixando: "Todo mundo me odeia."

Archie tomou um gole de café e olhou de relance para o relógio. Seis e meia. Debbie era sempre pontual. Ele viu os ponteiros se unirem na base do relógio e olhou para a porta da sala de descanso. Lá estava Debbie, encostada no portal, sorrindo para ele. O bronzeado de verão, adquirido com a jardinagem, desaparecera. Não havia jardim no apartamento seguro de Vancouver. Ainda assim, ela estava mais linda do que nunca. Cabelos escuros curtos, traje de praia preto, braços nus cruzados, pulseiras prateadas no pulso. Parecia mais jovem, quase feliz.

Ben e Sara surgiram de repente, um de cada lado, e correram na direção de Archie. À medida que o tempo passava, eles ficavam cada vez mais parecidos com ela. As sardas. O cabelo sedoso e liso. Os membros compridos. Archie ficou satisfeito de ver neles muito pouco de si, como se aquilo os poupasse de algum sofrimento básico. Abraçou os dois, aspirando o doce perfume do xampu nos cabelos escuros, apertando-os um segundo a mais do que desejavam.

Eles iam trocar de colégio no outono. Mas mesmo que não tivesse se mudado,

Debbie nunca permitiria que voltassem para a antiga escola. Não depois do que havia acontecido lá. Fora o primeiro lugar aonde Gretchen tinha ido depois de fugir.

— Deixa a mamãe falar com o papai sozinha um minuto — pediu Debbie. Os meninos olharam para ela; Archie fez que sim, beijou os dois de novo no topo da cabeça e ficou olhando enquanto eles iam se sentar no sofá, diante da televisão.

Sara tirou o tênis, sentou ao lado de Frank e puxou as pernas para baixo do corpo. O jantar havia terminado, e todos, à exceção de Frank e Archie, estavam do lado de fora fumando. Horário livre.

Ainda estava passando *Emergências Veterinárias*. Devia ser uma maratona.

— Esse é aquele que o gato morre? — Sara perguntou a Frank.

— É o do furão — respondeu Frank.

— Legal — disse Sara.

Debbie esperou um minuto até as crianças estarem concentradas no programa e se aproximou de onde Archie estava sentado.

— O que tá acontecendo? — perguntou. Seus braços continuavam cruzados. Ele sentiu seu cheiro. O mesmo xampu das crianças, acrescido de outros odores: um creme almiscarado e um perfume que ele não reconheceu.

Eles haviam se apaixonado na faculdade, fazia vinte anos. Ele ainda achava difícil imaginar a vida sem ela. Mas cuidava para que ela não percebesse. Não desejava tornar as coisas mais difíceis do que já eram.

— O que foi? — perguntou ele, pensando no telefone em seu bolso.

— Ela voltou — disse Debbie.

— Ela é uma serial killer — disse Archie. — Era só uma questão de tempo até que começasse tudo de novo.

— Eu achei que ela fosse fugir — disse Debbie. — Que estivesse longe. — Fez um gesto de impotência com as mãos. — Num banco de gelo em algum lugar.

— Acho que ela ficou de saco cheio de matar esquimós — disse Archie.

A porta da varanda se abriu e duas mulheres entraram e sentaram-se à mesa, perto da tevê. Uma delas estivera no corredor durante a crise de Courtenay.

— Quando isso vai terminar? — perguntou Debbie, fechando os olhos.

— Quando ela estiver morta — disse Archie com simplicidade.

Debbie abriu os olhos e o encarou. Então se virou e olhou para as crianças. Os veterinários na tevê estavam operando um furão que havia engolido um carrinho de polícia da Matchbox. Ben, Sara e Frank estavam sentados lado a lado, fascinados.

— Eu vou dar um jeito nisso — disse Archie baixinho. — Custe o que custar.

Debbie virou-se lentamente na direção de Archie.

— Como você vai dar jeito nisso? — perguntou. — Você está no hospício.

— Gosto de pensar que é mais como uma prisão — disse Archie.

— A imprensa está acampada na frente da minha casa — disse Debbie, sentando-se à mesa de frente para ele, onde Henry estivera de manhã cedo. — Aquela mulher, Charlene Wood, do Canal 8, apareceu e começou a entrar no ar ao vivo da frente do nosso prédio — disse ela. Tornou a olhar de relance para as crianças e baixou a voz. — Tipo transmissão de futebol. Como se a Gretchen fosse aparecer lá nas horas cheias.

— Ela não vai incomodar vocês dessa vez — respondeu Archie.

Debbie se retraiu e, em seguida, contraiu o rosto e estreitou os olhos.

— Esqueci quão bem você conhece ela — disse. *Conhece ela*. As palavras ficaram ali no meio dos dois, desagradáveis. Ele merecia. Merecia todo o veneno que ela quisesse destilar. Sua traição aos votos trocados pelo casal fora épica.

Debbie balançou a cabeça.

— Desculpe — disse.

— O adúltero sou eu — disse Archie. Sabia que só ela deixá-lo ver as crianças já o tornava sortudo. — O que eu quis dizer — explicou ele — é que eu sei como ela pensa.

— Então volta ao trabalho — disse Debbie. — Ela está solta há dois meses. Eles não podem pegá-la sem você. Aparentemente.

Alguém da equipe entrou. Não olhou para Archie. Não olhou para ninguém. Foi até a geladeira, pegou uma quentinha e se sentou a duas mesas de distância. Archie o reconheceu, o terapeuta que Courtenay golpeara.

— Você tá me ouvindo? — perguntou Debbie.

Atrás dela, outra pessoa cruzou a soleira da porta, empurrando um esfregão. Era o servente. George. Debbie se virou para ver o que Archie estava olhando.

— O que foi? — perguntou.

Archie sentiu os cabelos da nuca eriçarem, e lá estava aquela sensação de novo, a de estar sendo observado. Vasculhou a sala com o olhar. Minutos antes, eles estavam sozinhos. Ele tentou se lembrar de outras visitas e se deu conta de que isso sempre ocorria quando as crianças estavam por perto — gente perambulando quase ao alcance do ouvido. Ele era muito idiota. Se Gretchen estivesse de olho nele, não teria apenas alguém no hospital — teria alguém na ala.

Debbie empurrou uma mecha de cabelo para trás da orelha dele e tirou a mão.

— Você precisa cortar o cabelo — disse.

Archie lançou-lhe um sorriso distraído.

— Estou deixando crescer um rabo de cavalo — anunciou.

— Se fizer isso — advertiu ela —, eu mesma te mato.

— Isso só seria homicídio justificável se a gente ainda estivesse casado — respondeu Archie.

Debbie se levantou.

— Estou preparada pra cumprir pena — disse.

Ele ficou observando enquanto ela caminhava até as crianças, beijava-as e se despedia. Examinou os rostos na sala em busca de reações, alguma pista de interesse excessivo.

Archie podia usar isso. Podia usar os filhos como isca, ver quem achava uma desculpa para se aproximar demais, para ficar tempo demais na sala de descanso.

Debbie caminhara até a porta e ficou ali parada, olhando para Archie. O traje de praia preto era fino, e ele viu a sombra de sua coxa através do tecido.

Ela prestou atenção um instante e inclinou o ouvido na direção do corredor, voltado para o quarto de Courtenay.

— Isso é...? — perguntou.

— *High Hopes* — respondeu Archie.

— Esses remédios que eles dão pra vocês são bons — disse Debbie.

Sara gritou. Alguma coisa estava dando errado para o furão na mesa de operações no *Emergências Veterinárias*.

Frank segurou a mão de Sara.

— Espera — Archie pediu a Debbie.

Ele aproximou-se dela, pegou-a pelo braço e encostou seu rosto ao dela, como se fosse beijá-la na bochecha. Em vez disso, levou os lábios aos seus ouvidos.

— Não largue as crianças sozinhas — sussurrou.

Ela estremeceu.

Archie afastou a cabeça com ar indiferente, a mão ainda em seu braço.

Debbie olhou para ele, as sobrancelhas erguidas. Então, devagar, correu os olhos pelos ocupantes da sala.

Qualquer outra pessoa poderia achar que Archie estava desorientado. Mas Debbie sabia do que Gretchen era capaz.

Ela voltou o olhar para ele, que notou um vislumbre de medo nos olhos dela. Bom. Ela o estava levando a sério.

— Faz uma viagem — sussurrou ele.

Debbie fez o menor dos acenos de cabeça e ele soltou seu braço.

— O papai não está se sentindo bem — gritou ela na direção das crianças. — Vocês querem ir ver um filme?

2 *High hopes* (Grandes esperanças), de Sammy Cahn e Jimmy Van Heusen, gravada por Frank Sinatra. (N. da T.)
3 Mas ele tem grandes esperanças... uma excelente torta de maçã, nas esperanças do céu. (N. da T.)

20

— Esta é Gretchen Lowell.

Archie está sentado em seu escritório, ergue os olhos e vê o prefeito Buddy Anderson de pé na soleira da porta com uma loura estonteante. Talvez seja a mulher mais linda que Archie já viu. A fisionomia é perfeita: boca cheia, nariz reto e bem proporcionado, maçãs do rosto amplas e olhos grandes. O vestido lilás de mangas compridas que está usando curva-se ao redor dos seios, mergulha profundamente na cintura e então contorna a linha dos quadris, indo até os joelhos. Enquanto se apoia no portal, ela cruza as pernas esguias na altura dos tornozelos. O rosto tem formato de coração.

— Gretchen — diz Buddy com seu sorriso de lobo —, este é Archie Sheridan.

— Detetive — diz ela, dá um passo à frente e oferece a mão elegante.

Archie se levanta, debruça-se sobre a escrivaninha e a aperta, subitamente consciente da aspereza das palmas de suas mãos.

— Prazer em conhecê-la — diz.

— Ela é psiquiatra — explica Buddy. — Acha que pode ajudar a capturar a Beleza Mortal.

São onze da noite. Buddy telefonara e perguntara se podia fazer uma visita. São onze da noite e Archie ainda está trabalhando. Buddy, claramente, não está.

— Nós já temos uma profissional responsável pelo perfil — responde Archie.

Buddy ri. Seu rosto está vermelho e ele não está usando seu casaco. Os dentes clareados estão manchados de vinho tinto.

— Ela não está atrás do emprego da Anne — diz.

— Eu não traço perfis criminais — explica Gretchen. — Minha especialidade é terapia do trauma.

— Ela quer te ajudar— diz Buddy.

— Obrigado — diz Archie. Ele volta a se sentar e abre um relatório criminal, torcendo para que eles entendam a mensagem. — Mas não preciso de terapia.

Buddy dá uma cotovelada em Gretchen Lowell e pisca.

— Archie Sheridan é um cara sólido como uma rocha. Casou com a namorada de faculdade. Acho que nunca ficou bêbado.

— Eu já fiquei bêbado — diz Archie.

Buddy dá um tapinha repentino no bolso, tira um celular e franze a testa. Ergue um dedo e desliza para fora da sala, passando por Gretchen.

— Oi, amor — diz ao telefone. — Estou com o Archie.

Archie suspira.

Gretchen não se move. Só olha para ele e sorri.

— Como você conheceu o prefeito? — pergunta Archie.

— Eu posso ser útil pra você — diz ela.

Era tudo o que ele precisava: a última conquista do prefeito rondando a força-tarefa, soltando palavras de ordem. Sua equipe nunca mais voltaria a falar com ele. Mas o prefeito determinava a verba para a força-tarefa. Se ela estivesse trepando com Buddy, no fim das contas Archie provavelmente não teria nenhum poder de decisão.

— Vocês estão nisso há o quê, dez anos? — pergunta ela.

— Alguns de nós — diz Archie.

— Eu só ofereço estratégias de sobrevivência. Não é terapia. Só conversa. — Ela se afasta da porta e avança, o salto alto fazendo os quadris balançarem.

Ela se debruça para a frente e vira a fotografia emoldurada sobre a mesa.

— Sua família? — pergunta ela.

— É — responde ele.

Ela vira a foto de volta para encarar Archie.

— Eles são lindos.

— Obrigado — diz Archie.

— Eu não estou trepando com ele — diz Gretchen.

Archie tosse. Olha de relance pela porta do escritório na direção do prefeito, mas ele continua no corredor, ao telefone.

— Não que isso seja da sua conta — acrescenta ela.

Archie balança a cabeça.

— Não, claro que não.

Ela puxa um arquivo aberto sobre a mesa dele e pega uma foto da autópsia da última vítima da Beleza Mortal. Seus olhos se arregalam.

— Quem é esse? — pergunta.

Archie sente-se grato por ter outro assunto sobre o qual conversar.

— O nome dele é Matthew Fowler. Encontramos o corpo na mansão Pittock na semana passada.

— Eu ouvi falar — diz Gretchen. Seu lábio inferior treme ligeiramente enquanto ela examina a imagem colorida da cavidade torácica aberta de Matthew Fowler. Ela própria treme. — O que aconteceu com ele?

Archie pega a foto de volta e a recoloca no arquivo.

— Acho que você não quer saber — diz delicadamente.

Gretchen baixa os olhos na direção de Archie.

— Faz uma tentativa.

Archie se recosta na cadeira e olha para ela. Ela não faz ideia do que ele viu. Ela leu as descrições protocolares dos jornais e viu programas de tevê sobre crimes reais e acha que pode passar algumas semanas trabalhando no caso e ir escrever um artigo para alguma revista acadêmica.

— Ele foi estripado — diz Archie.

Ela leva a mão à boca e desvia o olhar.

— Esse não é o tipo de trabalho pra gente de estômago delicado — diz Archie.

Ela olha de novo para ele e baixa a mão, endireitando ligeiramente o corpo, como que para fortalecer sua decisão.

— Como? — pergunta ela.

Talvez Archie a tenha subestimado. A palavra "estripado" geralmente punha um fim à conversa.

— Pelo ânus — responde Archie. — Com a ajuda de algum aparelho de sucção não identificado.

As pálpebras de Gretchen se agitam. Archie parara de comentar detalhes das cenas de crimes com Debbie anos antes. Imagens assim não saíam da cabeça. Quanto menos delas tivessem rondando suas mentes, melhor. Ele prepara o golpe de misericórdia.

— E depois disso a Beleza Mortal enfiou uma haste de vidro no pênis dele e despedaçou — acrescentou Archie.

Ele ouvia a respiração dela: inalações curtas e rápidas, a apreensão palpável.

— Você está tentando me fazer fugir de medo? — pergunta ela.

— Isso não é um hobby — diz Archie.

— Eu não sou uma principiante.

— O que você é?

Ela se empoleira na borda dianteira da mesa dele, firma a boca com determinação e abre em leque todas as fotografias do arquivo da autópsia.

Seu corpo treme ao analisar as imagens, e sua mão busca a curva suave da garganta. Mas ela continua a olhar. E depois de um minuto, pousa um dedo manicurado sobre uma foto anterior da cabeça de Matthew Fowler.

— O que são essas marcas aqui? — pergunta.

Archie baixa os olhos.

— Parte do escalpo foi cirurgicamente removida — responde ele. — E o crânio embaixo foi raspado.

Os olhos dela estão subitamente imensos e vivos. Ela sorri e dá um tapinha triunfante na fotografia.

— Disponibilidade para o amor — diz ela. — É um conceito da frenologia. O cérebro é o órgão da mente. Certas áreas têm funções específicas, como é refletido pelo osso craniano.

Archie olha para a foto. Sente a vibração do entusiasmo dela. Há meses eles não têm uma boa pista.

— Disponibilidade para o amor? — pergunta.

Ela segura a mão dele, inclina a cabeça para baixo e leva a mão dele à própria cabeça para exemplificar. A emoção dela — a febre da descoberta — flui entre eles como uma corrente. É embriagante.

— Esse lugar aqui atrás — diz ela, deslocando os dedos dele em seus cabelos, entre a orelha e o pescoço, explorando a base do crânio. Ele sente a massa óssea, dura e quente sob a ponta de seus dedos. — É o módulo da disponibilidade para o amor — diz ela. — Está associado à atração sexual.

Archie puxa a mão e limpa a garganta.

Gretchen joga o cabelo para trás e ergue a cabeça.

— Toda essa fúria — diz ela —, e você ainda acha que a Beleza Mortal é homem?

Archie olha para Gretchen Lowell, a meros centímetros dele, e sabe que nunca poderá permitir que ela tome parte na investigação. Terá simplesmente de dizer não a Buddy. É perigoso demais. Mas não no sentido que ele pensara a princípio.

— Oi — diz uma voz à porta.

O coração de Archie dá um salto. Debbie.

Ele se vira e ali, no vão da porta, está sua mulher, carregando uma sacola com uma quentinha.

Ela levanta a sacola e sorri, então ergue uma sobrancelha inquisitiva na direção de Gretchen.

Como explicar aquilo?

— Essa é Gretchen Lowell — diz Archie. — É psiquiatra. Vai nos assessorar. — Ele empurra a cadeira para trás, levanta-se, aproxima-se da mulher e a beija de leve nos lábios. — Minha mulher, Debbie.

21

Fazia 15 minutos que Archie tomara o comprimido.

O horário de dormir, em Bedlam, era às nove. Os sedativos eram distribuídos às oito e meia. Archie não precisava ficar acordado muito tempo. Só precisava ficar acordado por mais tempo que Frank. Esperava que as cinco xícaras de café que havia tomado desde o jantar lhe dessem algum tempo.

Ao contrário da medicação normal, para a qual era preciso entrar numa fila, os sedativos eram entregues direto no quarto pela enfermeira da noite. Ninguém queria que algum paciente tomasse um comprimido para dormir e depois caísse de cara no chão, antes de ser posto na cama. Era a mesma coisa todas as noites. Dessa vez, Archie precisava que fosse diferente. Ele e Frank estavam em suas respectivas camas. A luz de Frank estava apagada; Archie deixara a sua acesa. Ele normalmente lia na cama, mas não podia correr o risco de cochilar. Em vez disso, deitou de lado, ouvindo o som da respiração de Frank.

O comprimido parecia esquentar o sangue. Ele precisava combater a sensação. Concentrar-se em piscar, manter abertas as pálpebras que teimavam em se fechar.

Frank mexeu-se na cama, suspirando e mascando.

Frank, que chegara duas semanas depois de Archie ter se internado, e estava sempre por perto, ao alcance de sua voz.

Os olhos de Archie se fecharam. Ele gostava dos sedativos. Era a sensação mais próxima do Vicodin que lhe permitiam. Gostava de sentir o corpo relaxando, entregando-se.

Frank inspirou longa e ruidosamente e soltou um ronco vagaroso.

Archie abriu os olhos, observou de relance a câmera de segurança no canto do quarto, estendeu a mão e apagou a luz.

Com as luzes apagadas, a câmera era inútil.

Ele esperou, contando os roncos de Frank.

Quando chegou ao décimo, Archie saltou da cama e tateou a parede do quarto até a cômoda embutida de Frank. Abriu as gavetas devagar, com o mínimo ruído

possível, e tateou o interior, passando a mão pelas laterais de cada uma e vasculhando entre as roupas. Não sabia o que estava procurando, mas se Gretchen fizera chegar um telefone a Archie, talvez também tivesse feito chegar algo a Frank.

Mas Archie não achou nada.

Ele se agachou e passou a mão por baixo da cama de Frank, que produziu um ruído incompreensível e virou de lado. Archie parou e esperou. Quando o ressonar de Frank tornou-se constante de novo, Archie se levantou, voltou para a própria cama, sentou, enfiou a mão embaixo do cobertor e tateou até achar o telefone que ele escondera ali.

Gretchen o estava fazendo perseguir a própria sombra.

Archie continuou sentado no escuro por longo tempo. Então baixou os olhos para o telefone, selecionou o único número no histórico e completou a chamada.

Foi atendido no segundo toque.

Ficou prestando atenção por um longo instante. Tentou ouvir a respiração dela, a saliva presa em sua garganta, um suspiro involuntário. Nada. Apenas silêncio. Ele ainda podia desligar.

Ao seu lado, Frank ressonava pacificamente.

— Você está aí? — Archie perguntou baixinho.

Ele a ouviu soltar o ar devagar, como se tivesse prendido a respiração.

— Querido — disse ela. — Andei preocupada com você.

Fazia tanto tempo que ele não ouvia a voz dela que esquecera o quanto era agradável, a articulação perfeita, os tons melodiosos. O efeito do comprimido passou. Archie deitou na cama.

— Nós tínhamos um acordo — disse.

— Eu estava esperando você ligar — disse Gretchen.

— Estou aqui — disse Archie.

— Está se divertindo? — perguntou ela.

Aquilo para ela era um jogo, como atirar uma bola para um cão. Ela o estava exercitando.

— Eu vou te dar a chance de se entregar — disse ele.

Houve uma pausa.

— Ou o quê?

Archie cerrou os dentes e seu punho fechou-se ao redor do telefone.

— Ou eu vou atrás de você.

— Oba! — disse ela.

E desligou. Archie pousou o telefone sobre o peito, debaixo do cobertor.

O quarto estava em silêncio.

Frank não estava roncando.

— Frank? — chamou Archie no escuro. — Tá acordado?

Frank não respondeu. Talvez estivesse tramando um jeito de matar Archie enquanto dormia.

Archie sentiu o calor envolvente do sedativo apoderar-se dele de novo. Dessa vez, rendeu-se. A última coisa de que teve consciência foi do peso do telefone ainda pousado sobre seu peito.

22

Archie sentou-se na cama de um salto ao som de gritos.

Acendeu a luz, inspirou um par de vezes e tentou ordenar os pensamentos. Frank ressonava baixinho na cama. Estava escuro lá fora.

A vida na ala psiquiátrica era basicamente composta de longos períodos de tédio, pontuados por gritos.

Gritos à noite? Não era nada tão incomum.

A não ser pelo fato de que este grito não era mero descontrole. Era o mais autêntico terror.

Archie levantou-se, calçou os chinelos e foi até a porta. Os pacientes não deviam sair dos quartos à noite. Era o tipo de coisa que pegava mal e acarretava a perda de privilégios. Archie ficou ouvindo atrás da porta e percebendo que o tom da conversa no lado de fora aumentava. Escutou a palavra "polícia".

E abriu a porta.

O quarto de Courtenay era a quarta porta à esquerda. Uma enfermeira estava sentada no chão, diante do quarto, sendo confortada pelo servente que tentara ajudar Courtenay na sala de descanso. George.

A porta de Courtenay estava aberta.

Archie caminhou pelo corredor. Outras portas se abriram e os pacientes olhavam para fora, mas nenhum se atreveu a sair. Só Archie. Ainda dando tapinhas na enfermeira desnorteada, George ergueu os olhos na direção de Archie à medida que ele se aproximava. O rosto dela estava corado, da cor de seu avental.

Archie chegou à porta de Courtenay e olhou para dentro. O colchão no chão estava ensopado de sangue. E em cima dele jazia Courtenay. À primeira vista, ela parecia estar dormindo. Estava deitada de costas, os braços ao lado do corpo. Os olhos estavam fechados. Os lábios, ligeiramente entreabertos. Parecia uma princesa de conto de fadas à espera de um beijo.

Um cobertor formava uma pilha ao pé do colchão. Archie imaginou o que acontecera. A enfermeira entra para dar uma checada em Courtenay, quem sabe dar

mais remédios, pensa que ela está dormindo, puxa o cobertor, vê o sangue...

Uma vez que se soubesse, era possível perceber em seu rosto — a cor azulada dos lábios, a pele acinzentada. Archie agachou-se ao lado dela e tocou-lhe o braço. A pele estava fria. Ela estava morta havia algumas horas.

Então Archie reparou em alguma coisa em seu rosto. Não dava para perceber, a menos que a pessoa se aproximasse, mas havia alguma coisa errada no aspecto de seu perfil. Archie estendeu o polegar e ergueu gentilmente uma das pálpebras.

Embaixo havia uma caverna vazia de tecido e sangue.

Archie sentou-se nos calcanhares e correu os olhos pelo quarto. Não demorou muito. Na parede diretamente oposta, havia um único coração que parecia ter sido desenhado com o sangue de Courtenay.

George estava de pé no vão da porta.

— Isola a ala — disse Archie. — Nenhum membro da equipe sai.

George não se moveu.

— Isso foi por sua causa — disse.

— Foi — concordou Archie. Courtenay estava em confinamento. Frank não teria conseguido entrar. Mas um servente, sim.

Archie retesou-se e deu meia-volta.

Isso foi por sua causa. Não era uma pergunta. Era uma afirmação.

Ele enganara-se a respeito de Frank.

— Onde ela está? — perguntou a George.

George sorriu.

— Está se divertindo? — perguntou.

As palavras de Gretchen.

George piscou com ar expressivo.

— Está se divertindo? — repetiu.

Ele tropeçou.

Archie avançou nele.

O sorriso de George alargou-se ainda mais, e ele levou uma das mãos trêmulas à testa. Archie o alcançou no instante em que ele oscilou para trás, e conseguiu agarrá-lo pela camisa enquanto caía no chão. George estava de joelhos, a cabeça para trás, Archie de pé sobre ele, segurando-o pela gola do avental.

— Onde ela está? — insistiu Archie, sacudindo-o. George não respondeu, não teve absolutamente nenhuma reação. Seus olhos já haviam se tornado fendas brilhantes, a respiração, superficial. Archie estava gritando a essa altura. Mas era inútil. Gretchen não deixava rastros. Os ombros de Archie elevaram-se em um choro seco, e sua voz falhou. — Onde ela está?

Alguém o pegou pelos ombros e o afastou de George. Archie afundou contra a parede, pouco depois da porta, a poucos metros de onde jazia Courtenay. O cobertor fora puxado e um dos braços de Courtenay estava exposto. Aquele braço, ainda enfaixado com gaze branca na altura do pulso, era a coisa mais triste que Archie pensava já ter visto. *É no fim da rua, não é só atravessar*.

Archie sentiu-se impotente. Ficou sentado enquanto três enfermeiras deitavam George no chão e trabalhavam para salvar-lhe a vida. Cerca de cinco compressões do peito após o início da ressuscitação cardiopulmonar, uma das enfermeiras parou e olhou para a própria mão.

— Ele está sangrando — disse.

Archie debruçou-se para a frente para ter uma visão melhor. De fato, a enfermeira tinha sangue na palma da mão, e uma mancha vermelha surgira no peito de George, no local em que a enfermeira comprimira. Ela ergueu-lhe a camisa, mas o peito não parecia ferido.

— Verifiquem o bolso dele — disse Archie, recostando na parede.

A enfermeira deslizou a mão dentro do bolso no peito do avental de George.

Archie não viu o que ela estava segurando quando puxou a mão, mas viu sua boca se abrir e a pele de seu rosto se esticar de horror.

— Ah, meu Deus — sussurrou ela.

Aquele tipo de tecido delicado aparentemente se esmagava com facilidade.

— São os olhos dela — disse a enfermeira.

23

Quando acordou, Archie pensou por um segundo que havia sido tudo um sonho. Então viu Henry sentado na cadeira de plástico ao lado de sua cama. O sol ainda não havia surgido, mas o céu era de um belo violeta-claro.

— Você se arrastou até aqui e caiu no sono — disse Henry. — Estava desmaiado.

Archie esfregou o rosto e olhou para a cama de Frank. Ele desaparecera.

— Deve ter sido o sedativo — disse. Nem se lembrava de ter voltado ao quarto.

— George Hay está morto — disse Henry. — Overdose de Vicodin. — Ele olhou de relance para Archie. — Uma bela quantidade, hã?

— Ele deve ter tomado mais que eu — disse Archie.

Henry olhou para Archie sem a menor cara de quem achou graça. Seus óculos de leitura estavam sobre a testa, e ele os baixou para o nariz e deu uma espiada no bloco de notas aberto em seu colo.

— Nós analisamos as fitas de segurança — disse. — Hay entrou no quarto dela às 8h49, saiu às 8h52. — Quatro minutos. Era o bastante para dar fim a uma vida. Henry prosseguiu: — Ela tinha sido sedada às 8h30. Estava deitada de bruços. A câmera de segurança no quarto foi desativada às 8h46. Ele deve ter desativado antes de entrar. Aparentemente, às vezes acontece de a câmera congelar, de forma que as enfermeiras não ficaram preocupadas. — Ele examinou outra página no bloco de notas. — Parece que o primeiro golpe cortou a medula espinhal, razão pela qual ela não gritou. Ele esfaqueou Courtenay várias vezes nas costas, depois deve ter virado o corpo e puxado o cobertor. Ela perdeu sangue muito rápido.

— E aí ele ficou de bobeira por aqui? — perguntou Archie. Courtenay morrera por volta das nove, mas o corpo passou horas sem ser descoberto. Hay tivera tempo de sobra para fugir. Mas, em vez disso, fora uma das primeiras pessoas a reagir quando a enfermeira gritou.

Henry tirou os óculos e pousou-os sobre seu bloco de notas.

— Ele não era nenhum gênio do crime — disse Henry.

Archie pôs os pés no chão e a cabeça nas mãos.

— Como a Gretchen chegou até ele? — disse, tentando lembrar de todos os contatos que tivera com George e pensando quando Gretchen teria chegado até ele.

— Estamos checando o histórico telefônico dele — disse Henry —, entrevistando vizinhos, amigos. Ele se divorciou faz pouco tempo. Não tem filhos. A ex-mulher disse que ele tinha começado a sair com alguém, mas ela não sabe quem e ninguém mais teria visto a mulher.

Ninguém nunca via.

Quantos homens Gretchen já convencera a matar por ela? Ele só vira os corpos, quando ela já os havia descartado. Mas quantos de seus agentes infiltrados ainda estariam por aí, à espreita, dispostos a fazer o que ela dissesse?

— Ela obviamente estava usando o George pra te vigiar — continuou Henry. Ele olhou Archie nos olhos. — Tem alguma coisa que você queira me contar?

Archie deixou cair as mãos e ergueu os olhos. O telefone. Merda. O que fizera com o telefone? Lembrou-se de que estava com ele quando pegou no sono. Devia tê-lo largado quando fora até o quarto de Courtenay. O que fizera com ele ao voltar para a cama? Tentou disfarçar o pânico que certamente transparecia em seu rosto e se concentrar na conversa.

— Quando a ex-mulher acha que o relacionamento começou? — perguntou.

— Dois meses atrás — respondeu Henry.

Eles achavam que ela havia fugido, deixado o país. Mas ela estivera ali o tempo todo. Eles nunca tinham estado seguros.

— Ela nem sequer saiu da cidade — disse Archie.

— Por que matar Courtenay Taggart? — perguntou Henry.

Archie olhou pela janela. Se não tivesse convencido Courtenay a lhe entregar o pedaço de fórmica, ela ainda estaria viva. Ela não ia se machucar, não com aquilo. Havia cortado os pulsos na horizontal, pelo amor de Deus. Só queria que alguém lhe desse atenção. Ele tinha que bancar o herói. E aquilo custara a Courtenay a vida.

— Eu fui gentil com ela — disse Archie baixinho.

— Archie — disse Henry. — Você precisa abrir o jogo agora. A Gretchen fez contato com você?

Archie olhou de relance para o chão, para ver se o telefone havia caído da cama. Não estava lá.

— Não — respondeu.

Henry mordiscou o lábio inferior, recostou-se na cadeira e cruzou os braços. O plástico rangeu sob seu peso.

— A Debbie saiu da cidade ontem à noite — disse, erguendo uma sobrancelha

avaliadora na direção de Archie. — Ela e as crianças. Férias prolongadas. Me telefonou do aeroporto.

— Ela está mesmo precisando — disse Archie.

— Certo — disse Henry. — É muita coincidência ela ter saído às pressas logo depois de vir te ver. — Ele hesitou, então coçou a nuca. — O que eu não entendo é: tudo isso não pode ser por sua causa. — Ele ergueu os olhos para Archie. — O que quer que ela esteja fazendo por aí. Não tem ligação.

É claro. Archie estivera tão concentrado no que estava acontecendo na ala, que perdera de vista o quadro geral. A parada na beira da estrada. A mansão Pittock. A casa abandonada. Globos oculares e corpos antigos. Gretchen não fazia nada sem um plano. Talvez Archie devesse tentar entendê-lo. Talvez fosse esse o jogo.

— Você identificou a cabeça? — perguntou Archie.

— Não — disse Henry. — É homem. Os olhos foram removidos. O teste de DNA vai levar uns dias, mas o tipo sanguíneo bate com o de um dos pares de globos oculares da parada na estrada. O Robbins acha que o cara está morto há alguns anos. Acha que alguém conservou os olhos em formaldeído.

Aquilo não fazia sentido.

— O zé mané que a Susan achou ontem. — Henry fez uma pausa. — O Robbins me falou disso também. Alguém removeu e substituiu os olhos. Aparentemente, os que estavam nas órbitas dele tinham alguns anos de idade.

— Deixa ver se eu adivinho — disse Archie. — Encharcados de formaldeído.

— Ao que tudo indica, a Gretchen tem uma pequena coleção de olhos. Tem gente que coleciona unicórnios, fivelas de cinto... — Ele estendeu as mãos. — Você teve sorte porque tudo que ela tirou foi o seu baço.

— Você tem razão — disse Archie. — Ela podia ter tirado o meu unicórnio.

Henry não riu.

Da cama, Archie agora via o sol, uma lasca laranja sobre a linha do horizonte.

— Eles querem que eu saia, não querem? — perguntou Archie.

Henry pôs-se de pé.

— Eles estão preocupados com a segurança dos pacientes. Com a sua, inclusive. — Ele fechou os óculos, enganchou-os no colarinho e pôs o bloco no bolso da calça. — Você pode ficar lá em casa. Temporariamente. Até a gente pensar em outro jeito.

Uma bela cela acolchoada em New Hampshire, talvez.

Henry parou diante de Archie e baixou os olhos em sua direção, o peito largo expandindo-se com um profundo suspiro.

— Me diz que nós não estamos fazendo justamente o jogo dela — pediu.

Archie sabia o que ele estava pensando: Gretchen manipula George e o faz matar

Courtenay, sabendo que o hospital pediria a Archie para sair.

— Não sou eu quem está correndo perigo — disse Archie.

— Que bom — disse Henry. — Porque eu não tenho como te proteger. — Ele cruzou os braços e lançou um longo e penetrante olhar na direção de Archie antes de prosseguir: — Se você estivesse em contato com a Gretchen, se ela tivesse descoberto um jeito de se comunicar com você, ou você tivesse alguma outra informação que pudesse ser útil à investigação — Henry baixou o queixo e ergueu uma sobrancelha —, isso talvez me permitisse realocar alguns recursos.

Archie fez que sim. Conhecia Henry havia 15 anos. Ele o ajudara a recuperar a saúde, fizera vista grossa ao seu vício em comprimidos e o convencera a voltar ao trabalho. Fora ele que levara Archie para a ala psiquiátrica e ficara com ele enquanto era admitido. Henry aturara muito mais do que devia, e Archie sabia. Ainda assim, nada disse.

Henry deu uma espiada no relógio e olhou pela janela um instante.

— Preciso dar uns telefonemas — disse. — A Rosenberg está vindo atestar a sua redescoberta saúde mental.

Assim, sem mais nem menos. De volta ao mundo.

— O que vocês estão fazendo pra encontrar a Gretchen? — perguntou Archie.

— Quando você quiser superar essa merda toda e ser policial de novo, vai ser um prazer te pôr a par dos fatos — disse Henry. — Até lá, você é civil. E o seu papel é ficar vivo. — Ele fez menção de ir embora, mas pareceu mudar de ideia e voltou. — Eu sei que você tá me escondendo alguma coisa — disse.

Archie não se moveu.

Henry olhou para ele mais um instante, então deu as costas e saiu do quarto.

No segundo em que ele saiu, Archie se ajoelhou no chão e procurou embaixo da cama. Nada de telefone. Levantou-se e passou as mãos pelas cobertas, à procura do volume revelador. Nada.

O aparelho havia desaparecido.

Archie afundou no chão ao pé da cama. Sua única ligação com Gretchen, e ele a perdera.

Ainda estava sentado lá quando Frank entrou arrastando os pés, vindo do corredor, com uma mancha de gema de ovo no pijama.

Ele não olhou para Archie. Não o cumprimentou. Não mencionou o fato de duas pessoas terem morrido na ala poucas horas antes.

Frank.

Archie se levantou e passou pela cama de Frank, entrando no banheiro que dividiam. Não havia nada no banheiro, a não ser um chuveiro, uma pia na parede,

um vaso sanitário e um espelho de metal. Não havia banheira. Debbie teria detestado.

Archie ficou no banheiro um instante com as mãos nos quadris, esperando, o coração batendo forte. Então ergueu os olhos para o espelho de metal e disse para o seu próprio reflexo distorcido:

— Ei, Frank. Vem dar uma olhada nisso.

Frank era um sujeito grande, pesado, mas bobo. No que entrou no banheiro, Archie fechou a porta com um chute, agarrou-o pelos ombros e o atirou contra a parede. Os olhos de Frank se voltaram para a porta do banheiro.

Não havia câmeras de vigilância nos banheiros. Eles dispunham de alguns minutos antes que alguém fosse ver o que estavam fazendo. Talvez mais.

Archie debruçou-se sobre Frank e baixou a voz até que virasse um sussurro.

— Cadê ele? — perguntou.

Gotas de suor já se formavam na testa de Frank. Seu queixo recuou alguns centímetros.

— O quê? — perguntou ele.

— O telefone — disse Archie. — Estava na minha cama. E agora desapareceu. — Ele dobrou o cotovelo e pressionou o antebraço contra a mancha de gema de ovo no peito de Frank. — O que você fez com ele, Frank?

A boca de Frank se abriu e a ponta da sua língua surgiu entre os lábios.

— Eu não estou conseguindo respirar — disse.

Ele estava apavorado de fato, e Archie afrouxou um pouco. Queria intimidar Frank, não fazê-lo ter uma convulsão. Archie aproximou bem a boca do ouvido dele.

— Eu preciso daquele telefone — disse Archie. — É importante.

Frank olhou para Archie com medo.

— Eu só queria ligar pra minha irmã — disse. Apontou na direção da porta do banheiro. — Tá na última gaveta da minha cômoda — informou. — Pode pegar.

Archie deu um passo para trás, e Frank deslizou ao longo da parede para longe dele.

— Desculpe — disse Archie.

Saiu do banheiro, vasculhou a última gaveta da cômoda de Frank e encontrou o telefone sob uma pilha de cuecas impecavelmente dobradas. Olhou de relance para a câmera de segurança. Ele não estava nem aí. Não iriam tirar o telefone dele. Estava de saída mesmo.

Então Archie voltou à porta do banheiro.

Frank estava enroscado no chão.

— Você por acaso tem irmã, Frank? — perguntou Archie.
Frank não respondeu.

24

Sarah Rosenberg vestia calça capri de lycra preta, sandálias de dedo e uma camisa branca de algodão de manga comprida sobre a camiseta cinza.

— Eu não concordo com isso — disse.

Archie estava fazendo as malas. Não ia demorar. Só os livros ocupavam metade de sua pequena mala. Ele guardou os artigos de banheiro no bolsão externo e agora estava esvaziando a cômoda dentro da mala, gaveta por gaveta.

Ela olhou em volta.

— Cadê o Frank? — perguntou.

— Na sessão de grupo matinal — respondeu Archie. Pegou uma braçada de meias e atirou-as na mala. A verdade era que não sabia onde estava Frank.

— Eu quero sair — Archie disse a Rosenberg. Era melhor tornar aquilo oficial.

Rosenberg fechou a porta do quarto.

— Ontem você disse que era um perigo para si mesmo — disse ela.

Archie pensou em Courtenay, sangrando até a morte em sua cama.

— É, mas, no final das contas, eu sou um perigo para os outros — disse.

Rosenberg se sentou na beira da cama, dobrando elegantemente uma perna sobre a outra.

— Se você ainda precisar de ajuda, ninguém vai te mandar embora.

Archie partiu para a gaveta de camisas.

— Eu não preciso ficar aqui — disse. — Estou bem. Larguei os remédios.

— Você está tomando outros — disse Rosenberg.

Archie deixou cair uma pilha de calças dentro da mala.

— Se eu ficar aqui, ela vai achar outro jeito de entrar. E vai matar mais alguém aqui dentro. Eu salvei a Courtenay. Aí ela matou a Courtenay. Você me ajudou, Sarah. Eu gosto de você. A essa altura, a Gretchen com certeza já descobriu isso.

A voz de Rosenberg ficou presa na garganta.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que, se eu ficar aqui, ela vem atrás de você.

Rosenberg ficou pálida.

— Eu tenho filhos.

— Eu sei — disse Archie.

— Tem um programa para pacientes externos — disse Rosenberg. — Você vem para as sessões. Por uma semana, mais ou menos. Você precisa continuar consultando o seu médico-residente e o hepatologista. — Ela balançou a cabeça, como se nem ela acreditasse no que estava fazendo. — Você não pode ter nenhum contato com ela.

— Eu não sei onde ela está — disse Archie.

Rosenberg se inclinou para a frente.

— É fácil não tomar Vicodin quando ele não está disponível — disse ela. — Mas com alguns comprimidos na sua frente, o que você faria? — Ela deixou aquelas palavras no caminho por um instante e se levantou. — Preciso preencher a papelada — disse. Ela hesitou e Archie teve a impressão de ver um pouco de medo sob a atitude profissional. — Todo esse horror... está longe de terminar, não está?

Archie sentou-se na cadeira de plástico ao lado da janela. Sentiu o telefone vibrar em seu bolso.

— Está só começando.

25

Carol Littleton ia ao Portland Rose Garden três manhãs por semana havia quarenta anos. Seu casamento tinha sido lá. Seu marido trabalhava lá. Ela fora Rainha da Rosa em 1939. Eles haviam comprado uma casa de frente para o jardim e, até a morte dele, havia dez anos, passeavam sempre pelo local, circulando entre os muros baixos de pedra, as arcadas de rosas e as longas fileiras de roseiras com flores roliças e pungentes.

Na última década, ela tivera um destino específico no jardim — Neville Chamberlain. Todos os Cultivadores de Rosas Reais eram nomeados de acordo com a variedade de rosa escolhida, a sua rosa de batismo, e a Neville Chamberlain fora a de seu marido.

O Rose Garden tinha regras acerca de espalhar cinzas de entes queridos no jardim. Carol compreendia. Era o tipo de coisa que se acumulava, e quem ia querer ir a um jardim de rosas e ver pedaços carbonizados de gente no solo?

Havia regras.

Mas era possível contorná-las.

Carol vinha ocultando o marido, poucas colheradas por vez, desde 1997.

Nunca havia muita gente no jardim às oito da manhã, de modo que ela surpreendeu-se ao ver o casal sentado no banco que tinha vista para a cidade. Era um banco agradável. O Rose Garden ficava no alto de uma encosta, e o banco proporcionava uma bela vista do centro da cidade e do monte Hood mais à frente. Carol e o marido haviam sentado naquele mesmo banco várias vezes.

Ela caminhou na direção deles, a mão em torno do saco plástico repleto de cinzas em seu bolso. Ainda estava a uns bons 12 metros de distância quando o mau cheiro a alcançou.

Seu olfato já andava prejudicado. Lucky Strikes demais na juventude. Por isso gostava de rosas — eram das poucas flores cujo perfume era forte o bastante para que pudesse apreciá-las.

O cheiro era tão asqueroso que parecia estar gritando com ela. Não entendia

como o casal no banco estava suportando. Era cheiro de alguma coisa morta. Um guaxinim ou um esquilo.

Chegando mais perto, Carol tirou um lenço do bolso e o pôs sobre o nariz.

— Santo Deus! — Dirigiu-se ao casal. — Esse cheiro está infernal, não está?

Ambos vestiam longos casacos e chapéus — quentes demais para serem usados de dia, mas não antes de o sol nascer. No verão, ainda fazia frio à noite em Portland. Mas o sol havia nascido, e Carol via claramente que o casal não precisava de casacos para se manter aquecido.

O jovem casal não era um jovem casal, de forma alguma.

Carol pressionou o lenço com mais força contra o rosto. Por um segundo, um círculo negro lhe enquadrou a vista quando sua pressão arterial caiu, mas ela respirou fundo lentamente três vezes e estabilizou-se. *Não desmaie*, disse a si mesma.

Ela fora enfermeira durante a guerra, em uma base aérea nos arredores de Londres. Vira cadáveres. Vira cadáveres até em pior estado do que aqueles.

Só não desmaie. Se desmaiar, você cai; se cair, quebra o quadril; se quebrar o quadril, desiste da casa, das caminhadas e de Otis.

Os corpos no banco estavam quase totalmente cobertos pelos longos casacos e pelos chapéus, mas dava para enxergar os rostos. Pareciam bonecos de cera deixados muito perto do fogo. As feições pareciam estar derretendo. As bocas estavam abertas, as mandíbulas mais soltas do que seria possível em vida, o interior negro, como se eles tivessem bebido óleo. Os narizes pareciam tortos, como se a pele tivesse deslizado um pouco. Terrível.

Ela olhou em volta e não viu ninguém. O terreno era um labirinto, sebes e arbustos, muros e portões. Talvez tivesse mais gente ali, ela só não via ninguém.

— Olá? — gritou. — Tem alguém aí?

E então, o mais alto que uma mulher velha conseguiria:

— Olá?

Ela estava sozinha. Cobriu com a mão o saco plástico repleto de cinzas em seu bolso e o agarrou firme.

Uma brilhante borboleta amarela passou esvoaçando e pousou no chapéu de um dos cadáveres.

Nada de restos humanos no parque. Era a regra.

Carol Littleton não tinha celular. Mas tinha um colar de alerta médico com um botão de emergência. Coisa idiota. As filhas a haviam obrigado a usar. Devia ter um alcance de 150 metros.

Ela estava a um quarteirão de casa.

Correu os olhos ao seu redor novamente, mas não viu ninguém. Trezentos

metros abaixo, as pessoas, os automóveis e a agitação urbana produziam um zumbido constante. Carol lembrava-se do som, mas não conseguia mais ouvi-lo.

Olhou de relance para o quarteirão, na direção de casa. Cento e cinquenta metros. Talvez fosse próximo o bastante.

Afastou da boca o lenço manchado de batom vermelho como sangue, pegou o pingente de plástico com mão trêmula e apertou o botão.

26

Archie segurava a lata de comprimidos que trouxera no bolso por dois anos, tomando um comprimido atrás do outro. Era a primeira coisa que procurava pela manhã e a última a sair de sua mão à noite. Agora estava vazia. Era só uma relíquia de sua vida passada. Ele olhou para ela mais um instante, deixou-a cair na mala a seus pés e pegou o item seguinte da caixa de artigos pessoais que haviam acabado de lhe devolver no posto de enfermagem. Seu cinto. Um celular desativado. Chaves. Sapatos.

Estava enfiando o cinto pelos passadores da calça quando Henry surgiu, o telefone na mão. Não parecia feliz.

— Acharam um corpo no Rose Garden — anunciou.

— O estádio? — perguntou Archie. Os Blazers jogavam em um estádio chamado "Rose Garden".

— Não — respondeu Henry. — No verdadeiro Rose Garden. O das flores.

Gretchen matara uma mulher e a deixara no Rose Garden em 2003.

— Com isso já são dois locais repetidos — disse Archie. — O Rose Garden e a mansão Pittock. — Archie afivelou o cinto. Prendeu-o num furo mais apertado do que na última vez em que o usara.

— Eu sei — disse Henry.

— Me dá só um segundo — pediu Archie, deixando cair um sapato e deslizando o pé para dentro dele.

— Você é um civil — disse Henry. — Tá lembrado?

Archie ergueu os olhos enquanto amarrava o sapato.

Henry entregou-lhe a chave de sua casa e olhou por cima do ombro de Archie.

— Aí vem a sua carona.

Archie se virou e viu Susan Ward descendo o corredor em sua direção. Vestia jeans vermelhos, camiseta branca, botas pretas amarradas na altura da tíbia, e carregava uma gigantesca bolsa vermelha. Havia tingido o cabelo de roxo.

— Oi — disse ela, tocando o cabelo.

Susan Ward. Archie não a via desde que se internara. Mas sabia de sua presença na sala de espera quase todo dia. Ele recusara-se a vê-la. Mas se era para admitir, a verdade era que gostava de saber que ela estava logo ali, do outro lado da parede.

— Você não devia ter envolvido a Susan — disse a Henry.

Henry estava checando uma mensagem em seu Blackberry.

— Ela já está envolvida — disse.

— Estou fazendo uma matéria sobre a interna assassinada — disse Susan.

— Paciente — corrigiu Archie com um suspiro. — Não interna.

Henry ergueu os olhos do Blackberry.

— Leve o Archie até a minha casa — pediu a Susan. — OK? Entrem. Tranquem as portas. — Ele virou-se na direção de Archie. — Estou mandando uma patrulha para a frente da casa.

Henry disse aquilo de um jeito que Archie ficou sem saber se era para a patrulha impedir Gretchen de entrar ou ele de sair.

— Você recebeu os brownies de maconha que a minha mãe mandou? — Susan perguntou a Archie.

— Eu não ouvi isso — disse Henry, afastando-se.

27

Fazia dois meses que Susan pusera os olhos em Archie Sheridan pela última vez. Ele estava então em uma cama de hospital, com quarenta pontos no pescoço e o estômago cheio de Vicodin. Sua aparência havia melhorado. Mas havia gente em casas de repouso com aparência ainda melhor.

— Então, como vão as coisas? — perguntou Susan, sem convicção.

Eles estavam no Saab dela, deixando o complexo hospitalar. Susan não fazia a menor ideia de onde Henry morava, portanto era Archie quem a estava orientando.

Eles haviam acabado de virar à direita na Glisan, e o trevo da I-84 apresentava uns 800 metros de congestionamento. Archie apertou os olhos sob o sol do final da manhã.

— O que é esse trânsito todo? — perguntou.

Nada de "E aí, como você está? Senti saudade. Desculpa por te deixar na sala de espera todas aquelas manhãs".

— A autoestrada está engarrafada. Gente tentando sair da cidade — disse Susan.

Eles estavam passando por um outdoor que anunciava o próximo episódio de *As Serial Killers Mais Sensuais dos EUA*, apresentando Gretchen Lowell.

Ela notou que o olhar de Archie se deteve sobre o anúncio.

— O que há de errado com todo mundo? — perguntou ele.

Susan olhou de relance para ele.

— Quero escrever um livro sobre isso... sobre nossa obsessão cultural pela Beleza Mortal. Não sei se o Henry mencionou pra você.

Archie inclinou-se e ergueu o envelope rosa que estava debaixo do seu pé.

— O que é isso? — perguntou.

Susan girou os olhos. Jogara todo o lixo da caixa de correio no chão do carro.

— Alguma cafonice de Dia dos Namorados — respondeu ela. — Tava na minha caixa no *Herald*. Acho que é do Derek. Também, quem mais envia um cartão de Dia dos Namorados em agosto? É até romântico, mas caramba!

Archie virou-o e examinou o endereço do remetente. Susan não o reconhecera.

Era uma rua na região sudoeste da cidade. Ele puxou o cartão para fora do envelope.

— Tá lendo a minha correspondência? — perguntou Susan. Na verdade, pouco importava. Ela já tinha aberto o cartão. Não havia nada escrito, era só um cartão em branco, feio, antiquado, com dois corações ligados por uma corrente dourada.

Archie estendeu a mão para o banco de trás, puxou sua maleta para o colo, vasculhou o interior, puxou um cartão e mostrou a Susan.

Era o mesmo cartão.

— Alguém deixou isso pra mim ontem no hospital — disse ele. Apontou para o endereço do remetente em seu cartão. North Fargo, 397.

— Foi lá que eu encontrei o corpo — disse Susan.

Então ele apontou para o endereço no cartão dela. Era a mesma caligrafia.

— Precisamos ir até esse endereço — disse Archie.

Susan balançou a cabeça. Tinha uma matéria a escrever. Não tinha tempo para ser assassinada por Gretchen Lowell.

— Você perdeu a cabeça — disse ela. — Devia ligar pro Henry.

Archie esticou o braço até o chão de novo e pegou o *Herald* daquele dia. Susan precisava mesmo de uma faxina no carro. Ele apontou o desenho na primeira página.

— É onde esse cara mora — disse.

— Como é que você sabe disso? — perguntou Susan.

— Confia em mim — disse Archie.

— E o Henry? — perguntou Susan.

— A gente telefona pra ele depois de investigar — prometeu Archie. — Se formos dizer alguma coisa agora, ele não deixa nenhum de nós ir até lá.

Ótimo. Primeiro o telefonema anônimo. Agora cartas. Partes de corpos por toda a cidade. Era como uma caça ao tesouro para psicopatas. Correr atrás de pistas com um policial meio doido, obcecado por uma serial killer e drogado em recuperação não era uma boa ideia. Ela sabia disso. Por outro lado, quanto mais tempo passasse com ele, mais tempo teria para convencê-lo a cooperar com o livro.

— OK — disse ela.

— No caminho, quero que você me conte tudo que lembrar a respeito do corpo na casa — pediu Archie.

Susan afastou-se do tráfego, entrando em uma rua lateral, para que pudessem dar meia-volta.

— Eu pintei meu cabelo de roxo — disse.

Ela pensou ter visto Archie sorrir.

— Eu percebi — disse ele.

28

Uma multidão se acotovelava junto à barreira policial no Rose Garden. Havia vários microfones e blocos de notas — Henry contara 12 vans da imprensa enquanto subia a encosta —, mas, na maior parte, eram só curiosos.

Portland ultimamente parecia dividida em dois grupos de pessoas: gente que queria ficar o mais longe possível das cenas de crime de Gretchen, e gente que queria se esfregar em seus cadáveres.

Henry estacionou o carro e passou por baixo da fita.

— Whatley — gritou para um patrulheiro ruivo. — Tira essa gente daqui.

Impotente, Whatley correu os olhos pela multidão.

— Muda a fita de lugar — disse Henry. — Usa o spray de pimenta se for preciso.

Claire encontrou-o na entrada do parque e levou-o até a cena do crime. Ela usava uma camiseta com o desenho do estado do Alasca. A terceira mulher de Henry a havia comprado para ele. Eles haviam se vestido às pressas ao receberem a ligação sobre o assassinato na ala psiquiátrica. A camiseta batia quase nos joelhos de Claire. Ela a havia prendido para o alto em um dos lados, a fim de enfiar a arma e um par de Ray-Ban vermelhos na cintura.

— Como ele está? — perguntou ela.

— Ele vai ficar comigo por um tempo — disse Henry.

— Então não posso deixar minha meia-calça pendurada no chuveiro? — perguntou Claire.

— Você não usa meia-calça — disse Henry.

— Eu sei — disse ela. — Mas pareceu engraçado.

Eles cruzaram uma cerca viva, e Henry viu um grupo de policiais reunidos em torno de um casal sentado em um banco.

Henry meteu na boca um tablete de chiclete de alcaçuz e calçou luvas de látex.

— O que nós temos aqui? — perguntou a Claire.

Eles contornaram o banco. Os outros policiais recuaram.

— Estes são o sr. e sra. Zé Ninguém — disse Claire.

Henry assimilou a cena dantesca. Os corpos haviam obviamente sido enterrados. Estavam praticamente mumificados por cera mortuária, um indício de que haviam sido enterrados em local úmido, provavelmente lacrados dentro de alguma coisa que os protegera das bactérias. As feições estavam irreconhecíveis, o sorriso revelando dentes marrons. Aquilo era bom. Tornava possível o reconhecimento através das arcadas dentárias.

— É óbvio que eles não morreram com essas roupas — continuou Claire. — Eu verifiquei as etiquetas e os bolsos. Nada. Mas encontrei isso. — Ela ergueu um saco de provas contendo um minúsculo fio plástico. — É um daqueles troços de plástico que prendem as etiquetas.

— Troços de plástico? — perguntou Henry.

— Esse não deve ser o nome técnico — disse Claire. — Mas eles usam bastante em lojas de artigos de segunda mão pra prender as etiquetas de preço. Eu tô mandando alguns carros pra algumas das principais lojas pra ver se algum desses itens adoráveis parece familiar.

— Ela comprou roupas e vestiu os cadáveres pra que demorasse mais tempo até que fossem notados? — perguntou Henry. Não fazia sentido. O cheiro com certeza rapidamente preveniria alguém.

Claire baixou os olhos na direção do corpo. Ela não estava mascando chiclete. Henry sempre admirara isso. Ela possuía um estômago de aço.

— Você acha que a gente vai identificar eles pela lista das vítimas? — perguntou.

Gretchen confessara vários assassinatos, mas cometera muitos mais. E a força-tarefa conservava uma lista de pessoas que haviam desaparecido durante seus dez anos de matança indiscriminada. Nada daquilo fazia sentido. Por que Gretchen estaria desenterrando suas antigas vítimas? A não ser que não fossem vítimas.

— Tem alguém checando os cemitérios? — perguntou Henry.

— Já estou cuidando disso — respondeu Claire. — Até agora, ninguém denunciou exumações não autorizadas.

O chiclete de alcaçuz estalou na boca de Henry, que se inclinou mais para perto a fim de dar uma olhada nos corpos.

Era impossível saber se eles tinham olhos quando foram enterrados.

Henry ouviu a voz de Lorenzo Robbins às suas costas.

— Calma aí, Quincy[4] — disse ele. — Esse é o meu trabalho.

Henry afastou-se e Robbins se ajoelhou perto dos cadáveres com seu traje branco de polietileno. Robbins prendeu seus *dreadlocks* com um elástico que parecia ter saído de um jornal, calçou um par de luvas de látex roxas e fez uma inspeção visual

dos corpos.

— Eles não morreram ao mesmo tempo — disse Robbins. — Um, talvez há três ou quatro anos, o outro está mais para dois anos.

Henry apertou os olhos na direção dos corpos. Pareciam iguais.

— Como você sabe? — perguntou.

— Porque eu sou legista — respondeu Robbins. — E você não é. — Ele puxou uma pequena lanterna e iluminou as órbitas oculares de cada corpo. — Além disso, alguém arrancou os olhos deles.

Henry inclinou-se para ver o interior das órbitas.

Robbins o enxotou.

— Vai fazer algum serviço de policial — disse.

Henry virou-se para Claire.

— Qual é a nossa margem de tempo?

— O parque abre às sete e meia — respondeu Claire. — Não é difícil entrar antes disso. Só é preciso pular o portão. Os jardineiros estão dizendo que limparam o parque na hora de fechar ontem, nove da noite. Portanto, os corpos foram colocados em algum momento entre as nove e a hora que a velha achou eles, pouco depois das oito da manhã. Ela acionou um cordão de alerta médico. O local foi bem pisoteado. Ela informou o que tinha encontrado e eles acharam que ela tinha tido um derrame. Vieram caminhões do corpo de bombeiros. Paramédicos. Absolutamente tudo.

Henry contemplou a magnífica vista de Portland. A linha do horizonte da cidade. As montanhas. Tirando os helicópteros da imprensa que viu aproximando-se à distância, era digno de se admirar. Henry enumerou, com a mão, as cenas dos crimes.

— O desfiladeiro — disse. — A mansão Pittock. O Rose Garden. O que todas elas têm em comum?

Robbins ergueu os olhos.

— A letra *O*?

Claire olhou de relance para a cidade.

— Todas têm paisagens bonitas — respondeu.

— E nenhum olho pra ver nada — disse Henry.

— Seja como for, eles não podiam ver — disse Robbins. — Eles estão mortos.

— Ah, pelo amor de Deus — disse Henry. — É uma metáfora.

4 Médico-legista, personagem da série americana que foi ao ar de outubro de 1973 a setembro de 1983 na NBC. (N. da T.)

29

O endereço no cartão de Susan ficava do outro lado do rio, na região sudoeste da cidade, em um bairro que não possuía árvores nem calçadas. Eles tiveram de pegar três vias expressas para chegar lá. Susan olhou pelo para-brisa para o prédio atarracado e feio. O para-brisa estava sujo — era possível seguir os arcos formados por pernas do tamanho de cílios e suco amarelo onde os limpadores haviam esmagado insetos mortos. Era isso que a chuva causava no verão — simplesmente emporcalhava tudo.

— Desculpe pelo para-brisa — disse ela.

Archie não respondeu. Olhou para o cartão de Dia dos Namorados na sua mão e ergueu os olhos na direção do prédio.

— É aqui — disse.

— De que lado? — perguntou Susan. O prédio de dois andares e telhado plano dos anos 1980 ficava no final de uma rua sem saída. Não havia nada de harmonioso no lugar. Os tijolos multicoloridos do primeiro andar não combinavam com as laterais de vinil cinza do segundo andar. Havia duas portas de entrada, uma cinza e uma azul, as duas com varandas de concreto. A varanda da porta cinza estava nua; a da porta azul, cheia de plantas em vasos de terracota. Bandeiras de oração budistas agitavam-se no gradil.

— Quatro-A — disse Archie.

A porta azul.

Ele começou a sair do carro.

— Espera — disse Susan. — Você não tem uma arma?

Archie lançou-lhe um sorriso paciente.

— A ala psiquiátrica não é muito fã de armas — disse. — Além disso, entreguei a minha quando entrei de licença.

— Bom, vai comprar uma no Wal-Mart, sei lá — disse Susan.

Archie ergueu as sobrancelhas.

— Tudo bem — disse Susan. — Mas eu vou com você. Alguém precisa evitar

que você acabe sendo morto.

Ele não pareceu disposto a discutir. Susan tinha um jeito especial de vencer as pessoas pela persistência. Saltou do carro e seguiu-o pelo caminho de concreto rumo ao 4A. Não havia ninguém por perto. Um único esquilo atravessou o pátio correndo e seguiu sob a sebe de loureiro perto da rua.

Archie subiu os três degraus até a varanda e tocou a campainha. Susan ouviu o zumbido insistente, como o cronômetro de um forno, vindo do outro lado da porta. Mas ninguém atendeu.

— Você não vai entrar à força, vai? — perguntou Susan. — Porque eu já invadi uma casa essa semana. — Ela abafou um riso nervoso. Archie não invadiria a casa. Ele era bem grandinho. E policial. Ia ligar para Henry. A qualquer momento.

Susan olhou de relance para a rua. Ainda ninguém por perto. Nenhum carro. O esquilo havia sumido.

Archie agachou-se. Susan sentiu um nó no estômago. Ele ia invadir. Ia arrombar a fechadura. Ela imaginou-o pedindo um grampo de cabelo. Era o que sempre faziam no cinema. Sentiu-se mal. Não tinha grampo nenhum. Ele teria de usar um cartão de crédito.

Mas Archie não pediu o grampo de cabelo. Em vez disso, virou o capacho. Era feito de fibra de cânhamo — ela reconheceria em qualquer lugar. Sob o tapete havia um envelope. Susan percebeu que o canto do envelope estava exposto, embora não tivesse reparado.

— O que é isso? — perguntou Susan.

Archie pegou o envelope, segurando-o pelas pontas, e o virou para que ela conseguisse enxergar. Ali, no que parecia ser a mesma caligrafia do cartão de Dia dos Namorados, estava escrito o nome de Archie. Ele ergueu o envelope contra a luz e o examinou. Então sorriu.

— Você tem uma caneta? — perguntou Archie.

Susan enfiou a mão no bolso externo de sua bolsa e retirou uma caneta preta com ponta de feltro. Archie pegou a caneta, deslizou-a por baixo da aba do envelope e passou-a pela linha da cola até a aba se erguer. Ainda segurando o envelope pelas pontas, espiou o interior e o virou de ponta-cabeça. Uma chave caiu sobre a palma de sua outra mão.

Susan sentiu seus ombros se retesarem. Certa vez participara de um jogo desses na faculdade. Uma caça ao tesouro, onde cada localização produzia nova pista. Mas o objetivo na época era encontrar gnomos de jardim escondidos.

Archie deixou cair o envelope no bolso de seu casaco, fechou a mão em torno da chave e bateu na porta azul.

— É a polícia — gritou. — É Archie Sheridan. Tem alguém aí?

Mas ninguém atendeu a porta.

Archie deu de ombros e enfiou a chave na fechadura.

— Fica aqui — disse.

Ocorreu a Susan que Archie era um paciente psiquiátrico recém-liberado, que eles estavam prestes a abrir uma porta para só-Deus-sabia-o-quê, que não dispunham de reforços, nenhuma arma e ninguém que sequer soubesse onde estavam. Ela não costumava ser a voz da razão, mas aquilo não parecia uma boa ideia.

— Você não precisa de um mandado? — perguntou.

— Eu fui convidado — respondeu Archie, tirando os sapatos.

— O que você está fazendo?

Archie ajeitou os sapatos, calcanhares unidos, do modo como alguém possivelmente os deixaria, na extremidade da cama.

— Estou tentando não contaminar uma possível cena de crime.

A garganta de Susan se contraiu.

— Não tenho certeza de que essa seja uma ideia muito boa — disse ela.

Archie ficou ali parado de meias por um segundo, parecendo estar decidindo o que encomendar de um cardápio, então girou a maçaneta e entrou, fechando a porta atrás de si. As bandeiras de oração no gradil moviam-se gentilmente ao sabor da brisa. Susan não sabia o que fazer. Esperar ali, como Archie lhe pedira? Ele estava louco. Tipo, literalmente. Entrar? Aquilo também era loucura. Ela baixou os olhos para os sapatos de Archie, ainda amarrados, lado a lado, próximos aos vasos de terracota que orlavam a varanda. As plantas nos vasos tinham folhas peludas em forma de concha; o interior apresentava um tom rosado repulsivo, como uma coisa carnuda e viva. Ela tornou a erguer os olhos para a porta azul, a boca seca.

— Archie? — chamou com voz rouca.

Todas as plantas, em todos os vasos de terracota, eram Vênus papa-moscas.

30

Fotos de Gretchen cobriam a parede. Haviam sido recortadas de revistas, jornais e livros, e estavam presas à parede branca de gesso com uma série de percevejos de plástico colorido. As fotos haviam sido recortadas com cuidado, de forma cirúrgica; não havia nada rasgado e nada fora feito às pressas. Aquilo fora feito com amor. A colagem estava na sala. Um espaço público. Era visível no instante em que se entrava no apartamento. Archie certa vez pregara uma foto de Gretchen na parede, mas tivera ao menos o bom senso de fazê-lo na parede do fundo do armário do quarto.

Obrigou-se a verificar a segurança do apartamento antes de voltar à colagem. Um quarto. Um futon usado como sofá. A cama desfeita. Uma mesinha de cabeceira com um copo de água pela metade. Uma cômoda branca de compensado. Ninguém escondido no armário.

O banheiro era minúsculo e desprovido de enfeites. Não havia ninguém escondido no boxe. Havia um armário de remédios pendurado sobre a pia e Archie o abriu. Nenhum Vicodin. Valera a tentativa.

Ele voltou para a sala.

A essa altura, ao menos aparentemente seguro de que não surgiria ninguém para atirar nele, Archie passou a procurar pistas. Aquecedores elétricos brancos ocupavam os rodapés, venezianas brancas brilhantes estavam suspensas sobre janelas de correr de vinil. Paredes brancas. Carpete cinza. O interessante eram as tentativas de personalizar o ambiente. Um apanhador de sonhos enfeitado com plumas girava devagar em um anzol sobre a pia. Um pedaço de tecido *batik* roxo decorava o sofá.

O cheiro de menta enchia o aposento. Archie sentiu o sabor nas obturações.

Parado no centro da sala, olhou ao redor. Primeiro viu um livro de anatomia sobre a mesinha de centro, um daqueles livros grandes, de capa dura colorida. Outros livros de medicina enfileiravam-se nas estantes, ao lado dos de autoajuda de Deepak Chopra e Eckhart Tolle. No console sobre a lareira, lado a lado, havia um Buda, um Shiva de gesso e um daqueles modelos anatômicos de plástico com órgãos

removíveis. Nas paredes, em ambos os lados da colagem de Gretchen, havia pôsteres laminados de anjos de aparência anêmica.

O efeito geral era o de uma livraria New Age combinada com o dormitório de um estudante de medicina.

O clima era de desespero.

O clima era familiar.

Ele deixou seu olhar retornar à colagem. Gretchen usara cúmplices, homens que seduzira e convencera a matar por ela. Ele pensou que estivessem todos mortos.

Archie caminhou na direção das fotos. Não havia mobília diante dessa parede. Dava para ir direto até a colagem. O tapete estava achatado, como se alguém tivesse ficado parado no mesmo ponto por horas a fio. Archie fez o mesmo e ergueu a mão, quase tocando o rosto de Gretchen, mas mantendo um milímetro entre eles, a fim de preservar as impressões digitais que a pessoa que fizera a colagem pudesse ter deixado.

Sentiu a serenidade se abater sobre ele.

— Olá, querida — disse.

Ele sorriu. Agora conseguia olhar para a imagem dela sem sentir a queimação no estômago.

— Você está perdendo o jeito — disse.

As fotos eram em preto e branco, coloridas, em papel-jornal ou em papel lustroso de revista, e Gretchen estava encantadora em cada uma. Archie conhecia todas. O rosto de Gretchen na janela de trás de uma radiopatrulha. O registro na delegacia. Gretchen sorrindo para a multidão que havia esperado a noite inteira para dar uma rápida olhada quando ela foi transferida para Salem. Parte do ombro de Henry em uma delas, enquanto a levava para a van de prisioneiros à espera.

O que a pessoa que fizera a colagem via quando olhava para ela?

Então Archie sorriu. Em todas as fotos, ela olhava para a câmera. Para ele.

A pessoa que fizera a colagem gostava disso. Era homem. Só podia ser. Quem quer que tivesse organizado todas aquelas fotos queria Gretchen no controle. Ele se sentia fraco. Era uma fraqueza específica a certo tipo de vivência masculina.

Archie balançou a cabeça.

— Seu pobre coitado — disse.

Atrás dele, Archie ouviu Susan perguntar:

— O que você tá fazendo?

Ela havia entrado no apartamento. Estava tão absorto que não a ouvira abrir a porta. O tipo de desatenção que acabava matando naquela linha de trabalho.

— Estou conversando com a colagem de uma serial killer — respondeu ele.

Susan olhou para ele um instante e depois correu os olhos pelo apartamento.

— Quem mora aqui?

Archie deu de ombros.

— Eu tava tentando falar com você — disse Susan.

— Meu telefone não tá aqui — respondeu Archie. Sua mão foi até o bolso, onde estava o telefone que Gretchen lhe dera, e então percebeu que Susan queria dizer que estava gritando seu nome. Olhou para o chão. — Fecha a porta — disse.

Susan fechou a porta às suas costas com o cotovelo.

— Sabe as plantas na varanda? — perguntou Susan. — São Vênus papa-moscas. Vênus era a deusa romana do amor. Conhecida pela beleza. — Ela estendeu o braço na direção da colagem. — Faz você pensar em alguém?

— Não consigo pensar em ninguém — respondeu Archie.

— Tá maluco? — perguntou Susan. — Tipo, tá maluco de verdade?

Ela começou a dar um passo em direção a Archie.

— Fica parada — disse ele. — Não toca em nada.

— Você tá sentindo esse cheiro? — perguntou Susan, enrugando o nariz. Farejou o ar e sorriu. — Dr. Bronner.

— Eu tô sentindo cheiro de menta — disse Archie.

Susan balançou a cabeça.

— É sabão líquido multiuso de menta Dr. Bronner — disse ela. — A gente usava pra tudo quando eu era criança. Xampu. Detergente de banheiro... O cara era fanático por limpeza. — Ela começou a caminhar em direção ao móvel da tevê.

— Você tá se mexendo — disse Archie. — Eu disse pra ficar parada.

Ela sequer desacelerou o passo.

— Dá uma olhada nisso — disse. Alcançou o móvel e correu o dedo ao longo de um dos incensários de madeira enfileirados na prateleira sobre a televisão.

— E isso é tocar — disse Archie.

Susan ergueu o dedo e o mostrou a Archie. Estava limpo.

— Quem é que limpa um incensário?

Também havia uma foto na prateleira. Archie não via a imagem direito de onde estava, só a moldura. Mas quando Susan a viu, respirou fundo de imediato.

Archie estava ao seu lado em quatro passadas.

— É ele — disse Susan, indicando a foto. — É o cara que eu encontrei na casa. — Ela correu as mãos sobre a pele arrepiada em seus braços. — Ele morava mesmo aqui.

A foto mostrava três rapazes ao ar livre em um bosque, encarando o sol com olhos semifechados. Eram adolescentes de 17, 18 anos, corpos ainda não totalmente

formados, camisetas e bermudas revelando pernas magras e braços frágeis, queimados de sol. Eles haviam posado para a foto, mas não estavam sorrindo. A camiseta do garoto do meio tinha o logotipo da Outward Bound.[5] O garoto à esquerda abaixara tanto a aba do boné de beisebol vermelho que Archie não via seu rosto. Mas Archie reconheceu o menino da direita, magro e despenteado, com um dos braços coberto de tatuagens. Ele olhou para Susan para ver se ela percebera o lampejo de surpresa em seu rosto. Ela não havia percebido. Sua atenção ainda estava na foto.

— Qual deles? — perguntou Archie.

— O do meio — respondeu Susan.

— Bom — disse Archie.

— Bom? — perguntou Susan.

— Bom que a gente tenha identificado ele.

Ela virou-se para olhar para ele.

— Nada de "Você tem certeza que é ele"? — perguntou.

Archie resolveu fazer a vontade dela.

— Você tem certeza que é ele? — perguntou.

— Ele estava mais velho — disse Susan. — Talvez já com 20 e poucos. Mas é o mesmo rosto. — Ela estreitou os olhos. — Você não parece muito surpreso.

— Faz sentido — disse Archie. — A gente ia descobrir quem era. Era essa a ideia.

— Por que não deixar só uma carteira no bolso dele? — murmurou Susan.

— Tem uma história aí — disse Archie. Correu os olhos pelo apartamento novamente. O cheiro de hortelã era forte e recente.

Aquela espécie de limpeza demandava esforço. Era obsessiva. Mas o sujeito não achara tempo para fazer a cama, por que todo o esforço ali dentro? Até mesmo o pó das venezianas fora removido. Os aquecedores elétricos brilhavam. Não havia marcas de xícaras de café nas bancadas da cozinha; nem migalhas sobre a mesinha de centro. A tela da tevê, por outro lado, parecia não ver limpeza havia anos.

Archie deu um passo para o lado, a fim de obter o ângulo certo, e então viu: letras na poeira, desenhadas com um dedo. LIGAR.

— As pessoas precisam contar histórias — disse ele. Espiou atrás da tevê e viu a minúscula câmera digital em um canto do móvel, um fio preto serpenteando até a entrada de vídeo na tevê. — Faz com que a vida delas pareça importante.

O controle remoto da câmera estava em cima da mesinha de centro, perto do controle da tevê. Archie retirou a caneta do bolso e usou-a para pressionar a tecla ON do controle da tevê e o PLAY no da câmera.

Uma imagem torta da sala onde eles estavam surgiu na tela. Uma cadeira havia sido arrastada para a frente da parede da colagem. De repente, um jovem surgiu na imagem. Estava mais velho, o cabelo castanho mais comprido, o corpo um pouco mais cheio, mas Susan estava certa, era o garoto do meio na foto.

O homem ocupou-se da câmera por um instante, até nivelar a imagem, recuou e sentou-se na cadeira. Camiseta cinza. Jeans. Pés descalços. Colar de contas no pescoço.

— Jesus Cristo — disse Susan. Tirou o bloco de notas da bolsa, abriu-o, sentou-se no sofá e cravou os olhos na tela. Archie pensou em pedir para que se levantasse, em repreendê-la devido às provas em cima das quais estava sentada, mas não tinha forças.

O morto olhou para alguém fora de cena.

"Tá gravando?", perguntou. A pessoa deve ter respondido que sim, porque o morto abriu um sorriso tímido para a câmera. "OK", disse ele. Cruzou as pernas na altura dos joelhos, agarrou o joelho de cima com os dedos entrelaçados e se inclinou para a frente. "Se você estiver vendo isso, bom, é que deu tudo errado." Ele inspirou, inflou as bochechas e soltou o ar com um suspiro. "Então acho que é bom explicar", disse. "Quando eu tinha 8 anos, o meu irmão teve mononucleose. Ele tinha 12 anos na época. Nós não sabíamos que ele tinha isso. Ele reclamou de dor de garganta por um mês, mas os meus pais acharam que ele tava gripado. O problema da mono é que ela pode fazer o baço inchar. É por isso que recomendam ao paciente que não faça nada de cansativo por seis semanas. Meu irmão tava na aula de Educação Física quando algum garoto trombou com ele. Foi uma daquelas coisas malucas."

Archie sentou-se no sofá ao lado de Susan.

"É possível viver sem o baço", disse o morto. "É isso o que se faz quando o baço se rompe. Ele só é removido. Eles fazem uma esplenectomia. Meu irmão ficou no hospital uma semana. Todo mundo na turma fez um cartão pra ele. Foi quando comecei a pensar no assunto."

Um canto da boca do morto se ergueu.

"Meu Deus, isso parece loucura, não parece?"

— Você pode dar pausa? — perguntou Susan, rabiscando suas anotações.

— Não — respondeu Archie.

"Eu costumava brincar de hospital. Fingia que tinha feito uma esplenectomia também. Usava atadura e tudo mais. Até que deixou de ser brincadeira. Eu queria que aquilo saísse de dentro de mim. Parecia sujo, um troço estranho enterrado dentro de mim, feito um tumor. Eu fiquei meio obcecado. Olha, eu sei como soa

isso. Fiz todo tipo de terapia."

O homem baixou a mão na direção da caixa torácica e conservou-a sobre o baço, e Archie se deu conta de que fizera o mesmo, a própria mão buscando a cicatriz que Gretchen lhe legara. Archie enfiou a mão entre as coxas e a manteve ali.

"Achei um médico em Tijuana que disse que faria a operação", continuou o morto. "E depois que ele deu pra trás no último minuto, fiquei deprimido de verdade. Então um amigo me colocou em contato com um site e eles disseram que iam me ajudar. Desculpa, mãe, pai, todo mundo. Eu sabia que podia morrer." Ele lambeu os lábios. "Mas se conseguir tirar isso de dentro de mim, vou me sentir melhor."

O vídeo terminou e a tela ficou azul.

Susan continuava a rabiscar. Archie percebeu a pulsação acelerada na garganta.

— Não foi a Gretchen — disse Archie. — Ela não matou o cara.

— Eles são fãs — disse Susan, sem erguer os olhos. — Imitadores. — Ela parou de escrever, apoiou a caneta no bloco de notas e virou-se para Archie. Seu rosto estava pálido. — Eles estão vendendo o peixe deles.

Archie balançou a cabeça.

— E você acha que *eu* é que sou louco.

5 Organização internacional sem fins lucrativos que promove educação ao ar livre. (N. da T.)

31

Os tendões no pescoço de Henry estavam inchados e suas orelhas, rosadas. Susan quase se encolhia enquanto ele, de pé, falava com ela e Archie, ainda sentados no sofá.

— Vocês dois perderam a cabeça? — perguntou Henry. Atrás dele, o morto estava congelado na tela da tevê. Eles haviam assistido ao vídeo mais duas vezes desde que Henry chegara. Nem por isso a gravação parecia menos estranha.

Henry se voltou para Archie e estendeu as mãos com as palmas para cima.

— Arrombamento e invasão?

— Eu tinha uma chave — lembrou Archie.

Henry chegara com Claire e quatro patrulheiros, que agora bisbilhotavam o apartamento, feito meninos que haviam acabado de invadir o quarto de uma garota. Já haviam encontrado o passaporte do morto na gaveta da cômoda. O nome dele era Fintan English.

— Cadê o *seu* mandado? — resmungou Susan.

Henry se voltou para ela.

— Eu estou investigando uma invasão de domicílio — disse. — Tem havido um monte nos últimos dois dias. — Ele colocou as mãos nos quadris e pousou os olhos contrariados em Archie. — Como eu explico isso no tribunal?

Archie deu de ombros.

— Não houve nenhum crime aqui, Henry — disse ele.

Susan apontou um dedo na direção da tevê.

— O morto? — perguntou. Se o nome dela fosse Fintan English, provavelmente também teria surtado.

— Ele era um doente mental — disse Archie. — Queria tirar fora o baço. Achou na internet quem fizesse isso. Dá pra achar gente na internet pra fazer praticamente qualquer coisa. — Ele entortou a boca. — Levar o entulho do quintal. Extrair órgãos. Você devia estar feliz. Esse assassinato não foi a Gretchen quem cometeu. Talvez todo mundo relaxe um pouco.

Henry deu um forte suspiro e coçou a garganta.

— Então ele pesquisou no Google "Pessoas que Consideram Gretchen Lowell o Máximo" e acabou no seu site de fãs dela.

— Não é o *meu* site de fãs — disse Susan, de bate-pronto.

— Escreveu lá a historiazinha triste dele — continuou Henry —, e descobriu uns babacas psicopatas o bastante pra toparem fazer o trabalho. Ele não queria mais o baço dele. Os outros queriam brincar de serial killer. A combinação perfeita de malucos. Usaram a casa abandonada como sala de operações. Mas não tinham a prática da Gretchen. E o garoto morreu.

— Talvez o baço de cabra no desfiladeiro representasse justamente isso — disse Archie. — Treinamento.

— E a cabeça? — perguntou Henry. — Os dois corpos no jardim? A Courtenay Taggart? Você quer dizer que tudo isso é trabalho de algum fã-clube demente? Que a Gretchen está em uma tenda em algum lugar, colocando a leitura em dia?

Susan tornou a erguer os olhos para a tela da tevê. A pausa surpreendera Fintan English de olhos fechados. Vira-o morto na manhã do dia anterior, e agora lá estava ele, prestes a se tornar outra sensação mórbida no YouTube.

— Não sei — respondeu Archie.

Susan olhou para ele. De uma coisa estava certa: Archie Sheridan sabia mais do que estava dizendo.

— Agora você vai nos deixar examinar esse seu histórico de chamadas? — perguntou Henry.

Não havia motivo para não contar.

— É um beco sem saída — disse Susan. — Eu pesquisei. É um telefone público na Martin Luther King, a cerca de um quilômetro e meio de onde eu encontrei o corpo. — Boa sorte quando for colher as digitais lá, pensou ela.

Henry levou a mão fechada à boca por um instante e pressionou-a contra o lábio superior. Então a abaixou.

— Deixa a gente fazer uma cópia do seu HD — pediu.

— Pra você rastrear o meu histórico de navegação? Pode esquecer — disse Susan. A ideia de Henry acessar seu HD e ver o romance que ela estava escrevendo, seus arremedos de poemas e a pesquisa frenética sobre hemorroidas do mês anterior fez seu estômago embrulhar. — Estou fazendo outras matérias, com fontes importantes e material confidencial. — Ela olhou para Archie em busca de apoio. Ele era uma pessoa sensata. Ele entendia. Mas Archie só ficou ali sentado no sofá, olhando além de Henry para a imagem de aparência já fúnebre de Fintan English. — Uma jornalista não pode simplesmente entregar o HD à polícia — disse Susan. —

Existem regras.

— O crime foi não conseguir ajuda psiquiátrica pra ele. Ele tava doente — disse Archie para ninguém em particular, erguendo depois os olhos para Henry. — Ele foi usado — disse.

Henry limpou a garganta, então se debruçou sobre Susan, as mãos nos joelhos:

— Eu te pedi pra levar ele em casa — disse.

— Sinto muito — disse Susan.

— Não sei que porra está acontecendo, mas ele não pode ficar aqui. — Henry dirigiu-se a Susan. — Leva o Archie pra minha casa. Se alguém entrar em contato com qualquer um de vocês com endereços misteriosos, cartões comemorativos obscuros etc., ignorem o instinto natural de vocês de infringir a lei e me liguem.

Archie lançou um sorriso agradável e distraído.

— Com certeza — disse.

— Podem ir — disse Henry.

Susan e Archie levantaram-se e começaram a caminhar em direção à porta.

— Isso vai piorar muito — Archie gritou para Henry enquanto saíam. — Eles estão se divertindo. — A porta estava aberta, e ele a atravessou rumo à luz do sol e à varanda repleta de Vênus papa-moscas. Susan o seguiu.

32

— Ai, meu Deus — disse Susan, assim que entraram no carro.

— Achei que ele ia mesmo nos prender. — Ela deixou a porta aberta, pegou um maço de cigarros novo no porta-luvas, acendeu um e deu uma tragada, sentindo a frequência cardíaca desacelerar de imediato. — Me deixa fumar só metade — pediu ela. O carro não tinha ar-condicionado e estava quente. — Pode baixar a janela se quiser.

Archie passou o cinto de segurança por sobre o colo e o prendeu.

— Preciso que você me leve pra um lugar — disse ele.

Susan olhou para ele. Devia estar brincando.

— O Henry me pediu pra te levar pra casa dele — disse ela.

— Eu conheço um dos garotos da foto — disse Archie baixinho. — A irmã dele foi uma das primeiras vítimas da Gretchen. Quero conversar com a família dele. Ver se ele tá envolvido nisso. Eu devo isso a eles.

O coração de Susan disparou de novo. Ela deu outra tragada no cigarro. Dessa vez, não ajudou em nada.

— Você não contou isso pro Henry — disse ela. — A gente devia voltar lá pra dentro e contar. Agora mesmo.

— Eu quero determinar a extensão do envolvimento do garoto.

— Envolvimento dele no quê? — perguntou Susan. — No assassinato de pessoas?

— Ele é um garoto problemático — disse Archie. — Como o Fintan English. Só que o Fintan ninguém ajudou.

Susan deu mais uma tragada no cigarro, jogou-o na rua, fechou a porta e deu partida no carro. Devia estar entrevistando os vizinhos do servente morto naquele exato momento. Foda-se, ela sabia o que iam dizer. *Ele parecia tão simpático*.

— Esse livro que eu quero escrever sobre o impacto da Gretchen na cultura popular — disse ela. — Você vai cooperar?

Archie suspirou e esfregou os olhos com uma das mãos.

— Por que não?

— OK — disse Susan. Ela deu uma arrancada, saindo da vaga e fazendo com que uma coleção de canetas caísse do porta-luvas aberto sobre o colo de Archie.

Ele as recolheu, tornou a colocá-las no porta-luvas e fechou o compartimento.

— Sabe, duzentas pessoas por ano engasgam com canetas e morrem — informou Susan.

Archie enfiou a mão embaixo da coxa, puxou o maço de cigarros vazio que estava sobre o assento e o jogou no chão.

— Quantas morrem por causa do fumo?

33

Era em Lake Oswego que os ricos moravam.

Archie não informou a Susan o endereço. Só disse que ficava no lago. A cidade fora batizada em homenagem ao lago. Era no lago que viviam os realmente ricos. Por que é que gente rica tinha essa obsessão com água?

Susan ligou para Derek para que o *Herald* desse a história de Fintan English em primeira mão. Ele a escreveria. Ela receberia coautoria. O *Herald* conseguiria o furo. Todos ficavam felizes.

Depois que ela desligou, Archie pediu o telefone emprestado.

— Não devolveram o seu telefone quando você foi solto? — perguntou Susan.

— Liberado — disse Archie, pegando o telefone. — Não "solto". Eu não estava preso. — Discou um número de cabeça. — É Archie Sheridan — disse. — Preciso falar com ele. Ele está aí? — Archie fez uma pausa. — Agora mesmo — disse. Então desligou.

Era tudo muito misterioso.

Eles passaram por First Addition. Essa era a parte antiga de Lake Oswego, onde ainda dava para se viver sem um salário astronômico. Havia árvores e quintais, velhas casas pré-fabricadas e um supermercado onde ainda era possível comprar fiado. O grande mérito da cidade era o fato de Bruce Springsteen ter se casado com Julianne Phillips, uma garota da região que virara modelo, em uma igreja dali. O casamento só durou quatro anos, mas todos ainda falavam naquilo.

— Lake No Negro — disse Susan.

Archie arqueou a sobrancelha.

— Acho que hoje em dia já não chamam mais assim.

— Eu vinha a festas aqui no colégio — disse Susan. — Era onde tinha as melhores drogas.

Eles estavam passando por um shopping center recém-construído no centro da cidade. A fachada imitava um hotel de esqui nos Alpes, como se ali fosse o Pavilhão Suíço no Epcot Center.

— Os ricos ociosos — disse Archie.

Eles seguiram em silêncio por algum tempo, com as janelas abaixadas. Por fim, Susan ficou ansiosa e ligou o rádio na estação de rock alternativo. Ela tivera alguns iPods, mas eles sempre acabavam sendo roubados de seu carro. Portland era assim. Cheia de pacifistas e vegetarianos, mas era só parar o carro na rua, e as chances eram grandes de alguém arrombá-lo e vender seu iPod no Craigslist.

Os dois cruzaram alguns trilhos de trem, passaram pela estrada particular que levava ao Oswego Iate Clube e atravessaram uma pitoresca ponte de pedra. Patos nadavam no lago. O bairro, ali, já era mais reservado e silencioso. As residências pareciam casas flutuantes encalhadas, com cais onde barcos a motor balançavam impacientes. À medida que contornavam o lago, as casas ficavam maiores e o tráfego, mais escasso. Todos por quem passavam sorriam e acenavam. As casas pareciam ter sido encomendadas de um catálogo da Pottery Barns e montadas a partir de kits. Os carros eram todos Land Rovers, Volvos e BMWs. Alguns Civics, mas Susan tinha certeza de que esses eram de universitários da Brown que estavam passando as férias de verão em casa.

Archie fez sinal para que ela passasse uma caixa de correio de plástico amarelo e subisse uma viela particular, que levava a um par de portões de ferro.

— É aqui — disse ele.

Não dava para ver a casa, mas os portões, puta que pariu, enchiam os olhos.

— Quem mora aqui? — perguntou.

— O nome dele é Jack Reynolds — disse Archie.

Susan ergueu as sobrancelhas.

— Ele é rico — disse.

— Ele é muito rico — corrigiu Archie. Havia um interfone em uma barra da largura de um carro diante dos portões de ferro. Dava a impressão de que era possível encomendar um hambúrguer ali.

Archie se livrou do cinto de segurança e debruçou-se sobre Susan. A súbita invasão de seu espaço fez com que o estômago de Susan doesse. Os cabelos escuros dele, com alguns fios brancos, estavam a centímetros de seu rosto.

Quando você fica vermelha, o interior de seu estômago também fica. "A Ciência das Emoções" fora a primeira matéria de Susan a ir para a primeira página da seção de Bem-estar.

Archie apertou a tecla TALK e anunciou:

— Aqui é Archie Sheridan. — Não houve resposta audível, mas a luz vermelha acima do alto-falante ficou verde e os portões se abriram. Archie se acomodou de novo no assento.

— Pode entrar — disse.

Susan tossiu.

— Certo.

Eles cruzaram os portões e uma ponte. Não era uma ponte comprida, cerca de 6 metros apenas, construída com grandes pedras não trabalhadas.

— É uma ilha — disse Susan. — Ele mora na porra de uma ilha.

— Estaciona aqui — disse Archie, indicando a área pavimentada onde já havia quatro carros. Um Volvo prateado, um par de Prius e uma caminhonete com o nome de uma empresa de paisagismo na lateral.

Susan estacionou ao lado da caminhonete.

No Oregon, não havia muitas formas de ficar rico a ponto de se ter a própria ilha. Susan conjeturou que aquele cara saíra do ramo de tecnologia de ponta na hora exata. Ou inventara algum tipo de fibra artificial ou coisa parecida. O que quer que tivesse feito, fizera bem. Ela se perguntou se o *Herald* já fizera um perfil dele.

— Como é que esse cara tá ligado ao garoto que você reconheceu na foto? — perguntou ela.

— Há 12 anos, a Gretchen matou a filha dele — respondeu Archie. — O garoto na foto é o filho dele.

— Você vem muito aqui? — perguntou Susan.

— Eu vinha — disse Archie. — Mas já faz uns dois anos.

Dois anos, raciocinou Susan. Desde que Gretchen o fizera prisioneiro.

Archie abriu a porta e saltou do carro. Susan fez o mesmo e correu os olhos ao seu redor.

— Acho que eu não preciso trancar o carro — disse.

A ilha não era muito grande. Susan calculou que fossem cerca de 4 mil metros quadrados, embora não soubesse ao certo a extensão do metro quadrado. A casa era antiga, ou ao menos parecia antiga, como a versão cinematográfica de uma mansão Tudor. Era de tijolos com detalhes em estuque e madeira, telhado bem inclinado, janelas altas, várias chaminés e entradas sustentadas por pilares. Típicos novos-ricos.

— Ali — disse Archie. Mas ele não estava olhando para a casa. Estava olhando para a esquerda, onde um cais estendia-se para dentro do lago e um sujeito de terno estava acenando.

Ele não parecia velho o bastante para ter um filho de 20 anos.

— É ele? — perguntou Susan.

— Esse é o advogado dele — respondeu Archie.

Ao se aproximarem, Susan viu outro homem, lavando com uma mangueira o convés de um pequeno veleiro. Estava na casa dos 60, era bronzeado e bonito, com

cabelo grisalho um tanto longo e traços simétricos e duros. Vestia short jeans, uma camiseta velha e estava descalço. Avistou Archie e sorriu.

— Oi, Jack — disse Archie, e virou-se para o advogado. — Leo — disse.

Leo estendeu a mão e Archie a apertou.

— Faz tanto tempo — disse Leo. — Nós mandamos flores pro hospital depois que a Gretchen foi capturada.

— Eu lembro — disse Archie. — Foi muita consideração da parte de vocês. — Ele inclinou a cabeça na direção de Susan. — Essa é a Susan Ward — disse Archie. — Ela é repórter do *Herald*.

— Jornalista — corrigiu Susan. — Mas que seja.

Jack Reynolds piscou para ela. Ele parecia uma espécie de George Hamilton de meia-idade.

— Claro — disse ele. — Eu li as suas matérias. Você faz um bom trabalho.

Susan sentiu o estômago ficar vermelho.

Jack saltou do barco com a mangueira, caminhou até a torneira e fechou-a.

— Levei o barco pra dar um giro pelo lago — disse ele. Ergueu os olhos para o céu claro, emoldurado pelos cumes cobertos de sempre-verdes ao redor do lago. — Temos que aproveitar o tempo enquanto é possível.

— Nós precisamos conversar sobre o Jeremy — disse Archie.

Jack enrolou a mangueira em torno de uma haste presa ao gradil do cais.

— Ele está bem? — perguntou.

De repente, Susan sentiu-se sobrando, como se estivesse se metendo em uma conversa particular. Deu um minúsculo passo atrás. E então, sentindo-se constrangida — afinal de contas era uma jornalista — deu um minúsculo passo à frente.

Archie lançou-lhe um olhar e prosseguiu:

— Acho que ele pode estar envolvido com algumas pessoas que têm um interesse perigoso na Gretchen Lowell.

Jack terminou de enrolar a mangueira e virou-se para olhar para Archie. O resto da água na mangueira caía da extremidade em um lento gotejar sobre o cais.

— Tenho certeza que vocês estão acompanhando os noticiários — continuou Archie. E disse sem rodeios: — Nós identificamos o corpo que foi descoberto na casa abandonada na zona norte. Era um rapaz chamado Fintan English. Nós acabamos de sair da casa dele e eu vi uma foto do Jeremy lá. Parece que o English achou algumas pessoas na internet, fãs da Gretchen, pra remover o baço dele, e morreu durante o procedimento.

Jack olhou de relance para seu advogado.

— A gente não vê o Jeremy há meses — disse.

O advogado concordou com um aceno de cabeça.

Archie ergueu uma sobrancelha.

— Suponho que você tenha meios pra encontrá-lo — disse.

— Ele está desaparecido? — perguntou Susan. — Que nem naquele filme do Costa-Gavras? — Eles a ignoraram.

— Como é que o Jeremy está? — perguntou Archie.

O advogado hesitou, olhando para Susan por um instante antes de continuar:

— Ele ainda está obcecado pela Gretchen, se é o que você está querendo saber. Na verdade, piorou — disse. Seu olhar pousou sobre o cais. — Ele gravou um coração no peito. Quando ela fugiu... — o advogado contemplou o lago —, ele comemorou.

Susan percebeu que sua boca se escancarara. Talvez tivesse entendido mal.

— A Gretchen não matou a irmã dele? — perguntou.

Todos olharam para ela um pouco surpresos, como se tivesse baixado as calças.

— Desculpe — disse ela.

Jack fitou o barco. O casco de fibra de vidro golpeava gentilmente o cais.

— O Jeremy tem certas dificuldades — disse Jack. — Uma delas é o transtorno obsessivo-compulsivo. Você entende alguma coisa de barcos? — Susan demorou um instante para perceber que ele estava se dirigindo a ela.

— Não muito — respondeu. A verdade era que toda aquela história de ter sido sequestrada e mantida refém em um barco alguns meses antes a deixara meio sem paciência para barcos em geral.

— É uma chalupa — disse Jack. — Bonita, não é?

— Claro — disse Susan.

— O Jeremy tinha 13 anos quando a irmã foi assassinada — contou Jack. — Ele desenvolveu um interesse em acompanhar o caso. — Jack fez uma pausa. Uma gaivota desceu sobre o cais e grasnou. — Em algum ponto, ele começou a ficar confuso — continuou Jack. — Começou a ver a Beleza Mortal de forma romântica. Fez desenhos de como ele imaginava que seria a Beleza Mortal, grandes asas pretas, chifres, sempre uma figura masculina. Os terapeutas disseram que ele se sentia atraído pela força do assassino. Quando a Gretchen foi capturada, o Jeremy estava apaixonado.

— Ele era um garoto frágil — disse Archie com delicadeza.

Jack ainda fitava o barco.

— Ele sempre admirou você.

A gaivota alçou voo. O barco balançou.

— Você sabe onde ele está? — perguntou Archie.

Jack Reynolds comprimiu os lábios com ar decidido.

— Eu posso encontrá-lo — respondeu.

Archie deu um passo na direção de Jack.

— Encontra ele — disse. — Afasta o seu filho disso. Mas antes eu quero saber onde ele está, e com quem está envolvido.

Jack sorriu, mas seus olhos emitiram um lampejo mais obscuro.

— Posso fazer mais alguma coisa por você, Archie?

— Pode. Preciso de uma arma — disse Archie. — E um celular pré-pago.

34

A gaivota havia ido embora.

Fazia dez minutos que Archie fora com Jack Reynolds para dentro do *château* em estilo Tudor, deixando Susan no cais com o advogado.

O advogado limpou a garganta.

— Então, você foi criada no Oregon? — perguntou.

Susan estava lhe dando um gelo. Ele claramente não estava percebendo.

— O seu cliente tem armas e celulares pré-pagos de sobra dando sopa por aí?

O advogado usava um terno cinza caro e camisa preta, aberta no colarinho. Susan admirava suas roupas e, ainda assim, não gostava dele.

O advogado enfiou as mãos nos bolsos e fitou o lago.

— Ele gosta de estar preparado — disse.

Certo. Susan estreitou os olhos.

— O que o seu cliente faz exatamente? — perguntou.

O advogado sorriu por reflexo.

— Ele é do ramo imobiliário.

— Ahã — disse Susan. Tirou os cigarros da bolsa, acendeu um e deu uma tragada. Normalmente, teria pedido licença. — Ele e Archie são amigos?

O advogado deteve-se e pareceu pensar na resposta.

— Archie sempre foi generoso no que se refere a manter a família a par do caso. Eles se conhecem há muito tempo.

— Há quanto tempo você trabalha pra ele?

— Ele foi meu primeiro cliente. Assim que saí da faculdade de Direito.

— Deixa eu adivinhar — disse ela. — Lewis e Clark? — Todos os advogados da cidade haviam cursado a Lewis e Clark. Às vezes Susan achava que devia ser um requisito do exame da Ordem.

— Avante, Pioneiros — disse ele.

— Eles deviam ter escolhido o Seaman — disse ela.

— Como?

— Deviam ter escolhido o Seaman como mascote. Em homenagem ao terra-nova de Lewis. O cão estava lá com eles, indicando a Trilha do Oregon.[6]

— O Archie está encrencado?

Susan girou os olhos.

— Comparado com...

Ele pegou a carteira, puxou um cartão profissional de aparência cara e colocou-o na mão dela.

— Pode me ligar sempre que quiser — disse. — Eu *sou* advogado. — O canto de sua boca se contorceu. — E sou discreto.

Susan não entendeu bem, mas não gostou. Ficou olhando para os seus sapatos.

— É bonito aqui.

— Como um retrato. — Ele tomou-lhe o cigarro da mão, deu uma tragada e o devolveu.

Susan olhou para o cigarro.

— Obrigado — disse ele. — Eu estou parando. Mas fumo um de vez em quando.

Outra gaivota pousou no cais e bicou iscas antigas que tostavam sob o sol.

— Qual era o nome da filha dele? — perguntou Susan.

O advogado gesticulou em direção ao barco. Na parte de trás, acima do leme, havia um nome feminino pintado em letras cursivas douradas e negras.

— Isabel — disse ele. — Ela era minha irmã. — Ele tomou-lhe o cigarro da mão novamente e deu outra tragada. — Jack Reynolds é meu pai. Jeremy é meu irmão mais novo. — Ele fumou o resto do cigarro, atirou-o sobre o cais e o esmagou com o pé. — Uma porra de uma família grande e feliz.

6 Meriwether Lewis e William Clark lideraram a primeira grande expedição exploratória do continente norte-americano. Seaman era o cão terra-nova de Lewis. (N. da T.)

35

— A gente não está mais se falando? — perguntou Archie.

Eles seguiam rumo ao sul na Rodovia 43, o shopping alpino de Lake Oswego à esquerda, voltando para Portland. Susan não respondeu. Um DJ de uma estação de rock alternativo resmungava sobre cirurgia a laser para corrigir miopia.

Archie deu de ombros. Levava no colo a arma e o celular que conseguira com Jack Reynolds. Esvaziou a câmara da arma, pôs as balas na bolsinha de moedas e a arma e o celular no porta-luvas de Susan.

— O que você tá fazendo? — perguntou Susan.

— É pro caso de alguém nos parar — disse ele.

— Não, quis dizer num sentido mais amplo — disse Susan. — Que porra que você tá fazendo?

— Tentando tirar um garoto perdido de uma situação ruim.

Susan agitou uma das mãos na direção do porta-luvas.

— Você pegou uma arma. Uma arma fria.

— Foi — respondeu Archie.

— Quem é aquele cara?

Archie sorriu.

— Ele é do ramo imobiliário.

Susan sentiu o maxilar se contrair. Um dia ainda pegaria Archie Sheridan pelos ombros e o sacudiria até a verdade sair. Até lá, a manipulação teria de ser mais sutil.

— O advogado é uma gracinha — disse.

Ela viu Archie lançar-lhe um olhar enviesado.

— Nem pensa nisso — disse ele.

— Por quê?

— O Leo — disse Archie devagar — trabalha para o Jack.

— Fazendo o quê? — perguntou Susan. — Contratos imobiliários?

Archie puxou a orelha.

— Jack é responsável pela importação da maior parte da heroína que entra pela

Costa Oeste.

— Você não precisa curtir com a minha cara — disse Susan.

— Estou falando sério. — Ele estendeu a mão em direção ao rádio. — Você se importa se eu mudar de estação?

Ela deu-lhe um tapinha na mão.

— Eu gosto dessa música.

Archie suspirou e recostou-se.

Eles estavam passando por First Addition, no trecho da 43 que se estendia ao longo do rio, ligando Lake Oswego e John's Landing.

— Ele é traficante? — perguntou Susan.

— É *o* traficante — respondeu Archie. — O retângulo no alto do organograma.

Susan fez a pergunta óbvia.

— Por que você não prende ele?

À esquerda, para além dos cedros antigos e das montanhas de hera inglesa, ficavam algumas das casas mais elegantes de Portland e, atrás delas, encosta acima, o bucólico campus da Lewis e Clark. A verdade era que Susan tentara entrar lá, mas não conseguira.

— A filha dele foi assassinada — disse Archie.

— E com isso ele ganha um passe livre de saída da prisão?

— Ele é esperto — disse Archie. — Não tá lá no centro botando pedra na mão de viciado em crack. Fica na dele, bem isolado.

Susan olhou para Archie. Ele estava perdendo a cabeça.

— O que foi? — perguntou Archie.

— Você acabou de conseguir uma arma com um bandido — disse Susan, a voz subindo de tom. — Tá tentando ajudar o filho doido dele, que pode ou não estar envolvido na extração do baço de um coitado de um hippie. — Além disso, havia outros corpos e, pelo amor de Deus, uma *cabeça*. — E talvez em mais coisas.

Archie ficou em silêncio por um instante.

— Ele estava lá — disse baixinho.

Susan o olhou de relance. Ele virara-se para a janela, contemplando o rio.

— O Jeremy — disse Archie. — A gente achou ele no carro. A Gretchen levou os dois. Achamos o Jeremy no banco do passageiro. A garota estava no banco de trás. Ele tinha 13 anos.

Outro segredo. Eles haviam tido uma testemunha. Alguém que vira a Beleza Mortal. Alguém capaz de identificá-la muito antes de tomarem conhecimento de que a assassina era uma mulher. E haviam escondido a verdade.

— Por que ela não matou o garoto?

— Por que ela não me matou? — perguntou Archie. — Por que ela faz qualquer das coisas que ela faz?

O significado de tudo aquilo estava ficando claro para Susan. Archie não era o único. Gretchen também deixara outra pessoa viva.

— As pessoas acham que você foi a única das vítimas dela que sobreviveu.

— A gente escondeu o garoto dos jornais — disse Archie. — Os psiquiatras disseram que ele estava em estado de fuga. Não lembrava nada que tinha acontecido.

— Ela nunca confessou esse crime? — perguntou Susan.

— Não — disse Archie. — Foi um dos arquivos que eu não consegui fechar.

Ele olhou de relance para o relógio digital do carro. Era quase hora de almoço.

— Você não tem uma matéria pendente? — perguntou ele.

36

Susan deixou Archie na casa de dois andares de Henry, esperou até ele acenar para os policiais no carro diante da casa e entrar, e então fez contato com Ian. Ele estava almoçando em sua escrivaninha — coisa que só fazia quando estavam atolados — e ela ouviu os ruídos molhados de sua mastigação. Aquilo fez seu estômago roncar.

— Cadê a matéria sobre a ala psiquiátrica? — perguntou ele.

Ian tinha outros dois repórteres cobrindo o assassinato de Courtenay Taggart. Não precisava que ela entrevistasse os vizinhos do servente ou visitasse de surpresa a família de Taggart.

Susan procurou um saco de batatas fritas sob o assento.

— Eu resolvi continuar insistindo na questão dos fãs. O Derek publicou a matéria sobre o Fintan English? — disse Susan, abrindo o pacote e enfiando uma batata na boca. Marca Kettle, sabor sal e vinagre. O carro estava cheio delas. Eram distribuídas junto com os sanduíches na padaria onde almoçava, mas ela sempre se sentia saciada antes de chegar às batatas. Havia pacotes sob seu assento, no banco de trás, no porta-malas. Se seu carro algum dia enguiçasse e ela ficasse presa no meio do mato, teria o que comer por dias, mas sentiria muita sede. — Isso é importante, Ian — disse Susan. — Gretchen Lowell pode não ter nada a ver com isso. Foram os fãs dela. É por isso que eles estão atirando corpos nos locais em que ela já cometeu crimes.

Ian fez uma pequena pausa.

— A manchete de hoje diz BELEZA MORTAL ATACA NOVAMENTE — disse. — Essa é a nossa posição até tomarmos conhecimento de alguma coisa diferente.

Susan esbravejou, então cuspiu um punhado de batatas.

— Você tá me dizendo pra não investigar a questão do fã-clube?

Ian baixou a voz.

— Estou te dizendo pra fazer seu trabalho e me entregar 75cm de matéria sobre o assassinato na ala psiquiátrica até o fim do dia. — Ela o ouviu levantar-se e fechar

a porta do escritório. — A Gretchen vende jornal. As nossas vendas em banca dobraram desde semana passada.

— Psicopatas imitadores vendem jornal também — disse Susan. — Se formos nós a publicar a primeira matéria, vamos espalhar o nome do jornal por todo o mundo. Isso é bom pra venda de anúncios, certo?

— Psicopatas imitadores vendem jornal — admitiu Ian. — Por uns dias. Daí pra frente ninguém mais dá bola. Psicopatas imitadores não têm as pernas da Gretchen Lowell. Eu preciso de mais uns dias com números iguais aos que estamos tendo. O emprego de todos nós está em jogo, Suzy. — Susan encolheu-se diante do "Suzy". — Mas se eu puder mostrar esses números, posso salvar alguns de nós — disse Ian. — Estou falando de demissão em massa. A administração tem uma lista. E tanto você quanto eu estamos nela.

Ele desligou na cara dela.

Susan olhou para o telefone por um instante e o atirou dentro da bolsa.

Então queriam que ela fizesse trabalho de peão para uma matéria sobre a qual eles podiam estar errados, em vez de investigar a questão que talvez revelasse a verdade. Enquanto isso, Archie Sheridan tinha uma arma e ia fazer alguma coisa. Ela não sabia o quê. Mas ele ia fazer alguma coisa. Ia ajudar aquele garoto.

Susan saltou do carro, voltou à casa de Henry e bateu na porta.

Archie atendeu, segurando um telefone, como se estivesse prestes a fazer uma chamada. Susan percebeu, sem dar muita atenção a isso, que não se tratava do aparelho que Jack Reynolds lhe dera.

Ela estendeu o saco de batatas fritas Kettle.

— Quer uma batata? — perguntou.

Archie enfiou o telefone no bolso.

— Você voltou pra me perguntar isso?

— Eu quero ajudar — disse Susan. — Não sei o que isso significa, mas não é o endereço certo. Quer dizer, aquela casa não devia estar lá.

Archie pareceu confuso.

— North Fargo, três-nove-sete — disse Susan. — A casa onde eu achei o corpo. Fiz uma pesquisa no Google Earth e esse endereço não existe.

Archie olhou de relance para o carro patrulha atrás dela.

— Entra no carro e me pega dobrando o quarteirão. Vou sair pelos fundos.

Susan ergueu seu laptop.

— Ou nós podemos simplesmente entrar on-line. — Ela revirou os olhos e entrou na casa, passando por ele. — Você é muito ultrapassado.

37

Susan sentou-se no sofá e colocou o laptop sobre a mesinha de centro de Henry. A mesa era uma imensa peça de madeira, que havia sido lixada, laqueada e assentada sobre pernas. Em cima, havia edições das revistas *American Rider, Popular Woodworking* e *Harper's* e uma garrafa vazia da cerveja Arrogant Bastard Ale. Havia pôsteres do Alasca na parede, fotos emolduradas de um biplano, um pesqueiro e Henry Sobol, parecendo trinta anos mais moço, posando com um grupo ao lado de Jimmy Carter.

Susan abriu o laptop e procurou por redes sem fio, ficando um pouco nervosa apenas quando Archie se sentou bem próximo a ela. A única rede que surgiu chamava-se "guerreirodaestreladonorte". Tinha de ser Henry. Mas a listagem de rede exibia um cadeado ao lado.

— A rede dele é protegida por senha — disse ela.

— Tenta Lynyrd Skynyrd — disse Archie.

Susan olhou de relance para Archie.

— Sério? — perguntou, digitando mesmo assim: acesso negado. — Não — disse ela.

Susan tentou outras palavras: Alasca. Harley. Carpinteiro.

Nada.

— Tenta "Claire" — disse Archie.

— Ah — disse Susan. — Que romântico.

Ela digitou.

Acesso negado.

— Merda — disse. — Parece sempre tão fácil adivinhar senhas nos filmes. Quer ir pra biblioteca?

— Eu tenho uma ideia — disse Archie. Recostou-se no sofá, pegou o telefone fixo sobre a mesinha lateral e discou um número. Susan ouviu Henry dizer alô no outro lado da linha.

— Qual é a senha da sua rede sem fio? — perguntou Archie.

Henry resmungou alguma coisa.

— Obrigado — disse Archie. — A gente se vê de noite. — Ele desligou o telefone. — Lynyrd Skynyrd 1 — informou a Susan.

— Ele acrescentou o 1 — disse Susan. — Pra ficar mais difícil de adivinhar.

— Ele é muito esperto — disse Archie.

— Mas não tão esperto quanto nós — disse Susan.

Ela digitou a senha de Henry, conectou-se e abriu o Google Earth.

— Qual é o seu plano? — perguntou Archie.

— A casa é número trezentos e alguma coisa. Eu posso digitar todas as combinações de trezentos e verificar as imagens até a gente achar. Ou posso ampliar as imagens do bairro, procurar pelo telhado, clicar nele e conseguir toda a informação de que a gente precisa. Ali. North Fargo, 333. Dá pra ver até a numeração — disse Susan, apontando para a tela, onde os números na varanda exibiam claramente 333. — Alguém trocou a numeração da casa por uma nova. Mudou para 397. Por quê?

— Porque o número era importante.

— Mais uma vez — disse Susan —, vou perguntar por quê.

— Porque não é um endereço — disse Archie. — É uma data. Março de 1997. Nós só encontramos uma vítima naquele mês. Isabel Reynolds.

— Ela tinha cabelos castanhos — disse Susan. — Como o irmão Leo.

— É.

— Acho que eu vi a foto em um dos sites de fãs que pesquisei. — Ela pensou por um instante, tentando recordar a imagem.

Em seguida digitou: www.iheartgretchenlowell.com.

— Você tá brincando, né? — disse Archie, vendo o URL.

A página inicial surgiu, com uma foto de Gretchen e o botão "Click to enter".

— Espere — disse Susan.

Ela clicou na foto e entrou no menu. Os itens incluíam Ficção de Fãs, Poesia, Galeria, Produtos, Sala de Bate-Papo e Archie Sheridan.

Ela tentou clicar em Galeria, mas Archie segurou seu braço.

— Clica no meu nome — pediu.

Ela apontou o cursor para o nome de Archie e clicou. Apareceram fotografias, imagens da família dele. Da casa em que haviam morado em Hillsboro. Havia fotos do dia do casamento de Archie, das formaturas na faculdade e na academia, fotografias dele nas cenas de crime, dando entrevistas coletivas. Uma biografia. Um histórico de seu envolvimento com a força-tarefa. Havia até uma subpágina com ficção de fãs.

— O que é isso? — perguntou Archie, apontando para o link "ficção de fãs".

Susan tinha a esperança de que ele não perguntasse.

— As pessoas escrevem histórias sobre o que acham que aconteceu entre você e Gretchen — disse ela. — Quando ela te torturou.

Archie coçou a nuca.

— Quantos desses sites existem?

— Eu achei mais de quatrocentos — disse Susan. — Aqui, era isso que eu queria que você visse. — Ela clicou em Galeria, e desceu até encontrar a foto. Estava identificada como "Reynolds, Isabel".

A foto havia sido batida na cena. Isabel estava deitada de lado, encolhida no banco de trás, os braços amarrados à sua frente, a boca amordaçada. A cabeça estava inclinada para trás, e um corte negro marcava o local em que a garganta havia sido cortada. Ela havia sangrado sobre o assento por baixo da cabeça, e o sangue havia secado e grudado o emaranhado de cabelos castanhos ao vinil. Seus olhos estavam entreabertos; as pálpebras, inchadas. A pele acinzentada achava-se coberta de veias. Ela parecia uma imagem esculpida em mármore italiano.

Fazia alguns dias que estava morta. E Jeremy Reynolds testemunhara aquilo. Como era possível superar uma coisa assim?

— Vai para a sala de bate-papo — disse Archie.

Susan olhou para ele. Agora ele parecia empenhado; inclinara-se para a frente, cotovelos nos joelhos. Ela entrou na sala de bate-papo. Havia dezenas de mensagens, a maior parte acompanhada de ícones que, de alguma forma, relacionavam-se a Gretchen. A foto dela. O desenho de um coração. Um bisturi.

— Quando o Earth Liberation Front era ativo de verdade — disse Archie —, os membros se comunicavam através de salas de bate-papo. Assim não precisavam usar e-mail. Eles simplesmente entravam em um site combinado. E usavam a sala de bate-papo pra marcar reuniões. — Ele espichou-se sobre ela e começou a rolar as mensagens. — Aqui — disse, debruçando-se e tocando a tela.

Susan leu a mensagem em voz alta:

— Produzir. Meia-noite. Hoje. — Ela olhou para ele. — Produzir o quê?

— *Produção* — disse Archie. — Como a produção de frutas e vegetais. Como o Mercado de Produtos Agrícolas. Nós encontramos uma das vítimas da Gretchen no porão de um armazém lá. É um bom lugar pra reunião de uma Fraternidade da Beleza Mortal. Quer ir até lá?

— Porra, claro que sim — respondeu Susan.

38

Susan passou o resto do dia trabalhando. Chegou até mesmo a bater na porta dos vizinhos do servente. *Ele parecia tão simpático.* E visitou de surpresa a família de Courtenay Taggart. *Era uma moça encantadora*. Naquela noite, Susan comeu uma lasanha vegetariana com a mãe, esperou até onze e meia e voltou para buscar Archie.

Archie a encontrou do outro lado do quarteirão, no local onde haviam combinado. Ela não sabia se ele escapulira pelos fundos enquanto Henry dormia e não perguntou.

Não havia trânsito àquela hora da noite, e eles chegaram ao Mercado de Produtos Agrícolas em 15 minutos. Susan estacionou sob a ponte da rua Morrison. O emaranhado de rodovias acima tornava aquela parte da cidade particularmente hostil. Geralmente havia mais ruído de carros, mas era tarde e apenas caminhões ocasionais passavam rugindo sobre suas cabeças. Archie esvaziou os bolsos, guardando dois celulares no porta-luvas do carro, puxou a camisa para fora das calças, enfiou no cós às suas costas a arma que Jack Reynolds lhe dera e ajeitou a camisa por cima. Susan inventariou seus sprays. O Mercado era escuro à noite, e as ruas largas e plataformas de carga o faziam parecer especialmente vazio.

— Por aqui — disse Archie. Susan seguiu-o rua abaixo e eles dobraram a esquina rumo a um imenso e velho armazém. A parte industrial da cidade, na zona sudoeste, era repleta deles. Mas aquele, com cinco andares, era particularmente ameaçador.

Archie pulou sobre a plataforma de carga e dirigiu-se a uma porta de incêndio sem identificação.

— Eu vim a um show aqui uma vez na época do colégio — disse Susan enquanto Archie fechava a porta de incêndio atrás deles. — Tinha uma boate censura livre lá em cima.

— Fascinante — disse Archie.

O depósito já não armazenava produtos agrícolas. Em troca, parecia lotado de mobília asiática que cheirava a lustra-móveis de óleo de laranja e tatame. Algumas lâmpadas fluorescentes piscavam no alto, iluminando grandes pilhas de armários

ornamentados lustrosos, luminárias chinesas, baús, estátuas de Buda, suporte de plantas. Susan não avistou câmeras de segurança. Se eles fossem ladrões de futons, nada os deteria.

— Por aqui — disse Archie. Atravessou outra porta e deu um tapa em um interruptor de luz. Uma série de lâmpadas fluorescentes compactas e expostas se acendeu no corredor. O assoalho de madeira estava empenado, causando em Susan um quê de vertigem à medida que seguia Archie ao longo do corredor. As paredes estavam cobertas de imagens coloridas e assinaturas rabiscadas com spray.

— Os grafites são no mínimo interessantes — disse Archie.

Susan observou as paredes com mais atenção. Ao lado de algumas das imagens, havia inconfundíveis adesivos redondos vermelhos.

— É arte — disse Susan.

Archie não respondeu.

— Sério — insistiu Susan. — Está vendo os pontos vermelhos? É uma galeria.

— É um corredor úmido — disse Archie.

— É uma galeria pequena — disse Susan. — Baixo custo. Muitos desses antigos armazéns servem à cena de arte alternativa.

Ela pensou ter ouvido Archie suspirar.

— Essa cidade realmente precisa começar a implantar as normas de segurança contra incêndios — disse ele.

— Você sabe o que causa a maioria dos incêndios domésticos? — perguntou Susan. — Cozinhar. É por isso que eu não cozinho.

— Aqui — disse Archie, abrindo outra porta e acionando outro interruptor.

A porta revelou uma escada ampla que conduzia a um recinto de concreto e outra porta. Outro porão assustador. Claro.

— Você sabe o que eu ia gostar de ver? — perguntou Susan. — Mais crimes que acontecessem em espaços arejados, acima da superfície.

Archie começou a descer as escadas. Havia uma só lâmpada fluorescente ao pé dos degraus, o que fazia com que a cena parecesse saída de um filme de terror japonês.

— O que faz você pensar que esse tal de Jeremy esteja aqui? — perguntou Susan.
— Talvez ele tenha vindo a uma reunião mais cedo. — Susan teve a súbita visão de um grupo de cultistas sanguinários sentados em círculo, bebendo café ruim e contando histórias de sua infância. Como no A.A., só que com mais sangue e gargalhadas. Dava para participar da reunião dos assassinos de crianças pela manhã e do grupo de apoio aos fetichistas de homicídio sexual ao meio-dia.

— Não acho que funcione desse jeito — disse Archie.

— A gente não deveria ter um plano? — perguntou Susan. — Tipo, qual é o nosso álibi? — Eles não podiam simplesmente entrar no lugar sem um. — Nós somos admiradores de serial killers procurando a reunião do Fã-clube de Gretchen Lowell? Somos um lindo casal que ficou sem gasolina e entrou aqui à procura de hospedagem? — Susan olhou para Archie, em seguida para si mesma. — Deixa pra lá. Ninguém ia acreditar que nós somos um casal. — Ela considerou mais opções. — Já sei! Vamos ser inspetores prediais.

A porta na base das escadas se abriu e uma garota apareceu. Susan e Archie congelaram. A lâmpada fluorescente tornava a pele da garota brilhante e indistinta, como estática de televisão. Ela usava meia arrastão preta, short jeans, camiseta preta, um espartilho preto de aparência gótica por cima da camiseta e botas de cadarço, salto alto e bico fino que pareciam resgatadas dos destroços do *Titanic*. Para completar a indumentária, usava um par de óculos antiquados no alto da cabeça.

Ela havia fugido de casa, pensou Susan. Estava se escondendo. Provavelmente estava mais assustada ao vê-los do que eles ao vê-la. O disfarce de inspetores prediais de repente pareceu bem fraco. Susan desejou estar com sua prancheta.

Archie estava quatro degraus à frente. Susan não conseguia ver o rosto dele. Desejou que ele dissesse alguma coisa. Ele nada disse.

— Oi — cumprimentou Susan. — Eu e meu marido ficamos sem gasolina.

A garota nem olhou para ela. Estava olhando para Archie. Suas bochechas coraram. A ponta de seus pés deslocou-se ligeiramente para dentro, ou talvez fosse só a impressão causada pelas botas. E então ela proferiu duas palavras com voz aguda — "Archie Sheridan" — seguidas de um pequeno grito. Como um gatinho tendo um pesadelo.

Susan conhecera Jack White certa vez e reagira de forma bastante semelhante.

— Sou eu — disse Archie.

A garota tinha um piercing em cada sobrancelha, ergueu a mão e girou um deles.

— Você veio — disse ela. — Quer dizer, uau.

Archie desceu mais um degrau, movendo-se devagar, como alguém que se aproximasse de um animal ferido.

— Estou procurando Jeremy — disse ele.

A garota balançou a cabeça em sinal de concordância, mas Susan não sabia ao certo se ela estava respondendo ao que Archie dissera ou se estava só tremendo de emoção.

— Você conhece o Jeremy? — perguntou Susan.

As sobrancelhas furadas se contraíram, e ela lançou a Susan um olhar preocupado.

— Eu não tenho certeza se você tem permissão pra trazer convidados — disse ela, dirigindo-se a Archie.

Aquela era a história da vida de Susan. Não conseguia um convite de acompanhante nem mesmo para uma seita que cultuava serial killers.

Archie deu outro passo em direção à garota, repleto de confiança tranquilizadora.

— Tenho certeza de que está tudo bem — garantiu.

As bochechas se aprofundaram, adquirindo outro matiz.

— É, deve estar — disse a garota. Ela deu de ombros, e Susan percebeu o quanto seus ombros eram magros. Quantos anos tinha? Dezesseis? — Por aqui — disse a menina. Abriu a porta com um floreio tímido, que a fez parecer ainda mais jovem. — Tão todos esperando.

Archie desceu os últimos três degraus e ficou cara a cara com a menina. Ela era pequena e parecia encolher ainda mais na presença dele. Com o espartilho apertado, as botas oscilantes e os óculos de metal, mais parecia um inseto minúsculo e estranho. Susan desceu pesadamente as escadas atrás deles, os braços cruzados.

— Eles tão esperando — tornou a dizer a garota.

— Jeremy está esperando? — perguntou Archie.

— A gente adora o Jeremy — disse a garota. Ela sorriu e seus olhos brilharam de súbito. — Assim como a gente adora *você*, Archie. — Susan teria rido se a coisa toda não fosse completamente horripilante. Ela esperava algum sinal da parte de Archie, uma piscadela ou uma cotovelada, alguma coisa que lhe assegurasse que estavam juntos naquilo, mas nada obteve. Agarrou com mais força a bolsa repleta de sprays.

A garota fungou alto e limpou o nariz com o antebraço.

— Você não faz ideia — disse. — Somos seus maiores fãs. — Então, com um gesto de desculpas na direção da mancha sobre o chão de concreto, ela cruzou a porta na base dos degraus e entrou no corredor parcamente iluminado do porão. — Cuidado com o sangue — disse, franzindo o nariz. — Está meio escorregadio.

— Sangue? — perguntou Susan.

A garota riu.

— Tô brincando — disse ela. — Meu Deus.

39

Archie ajustou seu passo ao de Susan, de forma a ficarem lado a lado, alguns passos atrás da garota. Ele sabia para onde estavam indo. Estivera naquele porão dezenas de vezes. Descera aquelas escadas, percorrera aquele corredor e penetrara na antiga sala da caldeira.

Sete anos antes, Gretchen matara um homem ali. Archie examinara a cena do crime. Fizera um inventário de cada lesão no cadáver. Vira o sujeito aberto ao meio sobre a mesa do legista. Sete anos antes, Archie notificara a mulher e o filho do homem morto. Fora até a casa, tocara a campainha no meio da noite e dera a notícia de que o marido e pai havia morrido.

Na ocasião, o andar principal do armazém abrigava mobília de escritório usada. Escrivaninhas de metal, fichários, pilhas de divisórias de aço e centenas de cadeiras de escritório azul-claras e cor de ameixa, arrumadas em filas de cem metros de comprimento.

Não havia nenhuma galeria improvisada. Os andares superiores estavam vazios, as janelas, cobertas por tábuas.

— Ainda tem ratos aqui embaixo? — Archie perguntou à garota.

Susan ficou dura.

A garota deu de ombros.

— Aparecem de vez em quando — disse.

Um gotejar insistente vindo de algum cano ecoava no concreto. Mas o ar lá embaixo estava fresco e agradável. O teto era baixo, embora parecesse ainda mais baixo do que era, e Archie pegou-se curvando automaticamente o corpo enquanto caminhavam.

A arma estava enfiada em seu cós, sob a camisa, perto da lombar. Ele normalmente a usava em um coldre de ombro, mas o seu estava dentro de uma caixa em um depósito. Naquele instante, sentia a arma às suas costas, como se a mão de alguém o pressionasse, empurrando-o para o interior do porão. Seria difícil pegá-la com rapidez, mas ela estava lá se precisassem e em local onde amadores talvez não

se dessem conta. Era isso ou prendê-la com fita adesiva atrás do pescoço — ele ainda não conseguia entender muito bem como as pessoas conseguiam fazer isso em programas policiais de tevê. Além do mais, ele não tinha nenhuma fita adesiva.

— Vocês estão muito calados — disse a garota.

— Nós estamos concentrados em ser levados ao nosso destino cruel — respondeu Susan.

Eles chegaram à porta da SALA DA CALDEIRA. Era fácil reconhecer. Uma enorme placa amarela pendurada na porta exibia a indicação, sala da caldeira, em letras grandes pretas. A porta era de aço cinza. A garota bateu duas vezes, depois uma, e mais duas.

— Sério? — disse Susan, girando os olhos para Archie. — Uma batida secreta?

— Eles chegaram — gritou a garota. — O detetive Sheridan e uma amiga.

— Susan Ward — gritou Susan.

A porta se abriu.

Susan virou-se para Archie.

— Eu me pergunto quantas pessoas morrem em porões todos os anos — disse Susan.

A sala da caldeira era escura. Archie e sua equipe haviam instalado luzes de alta voltagem quando estiveram no local, iluminando cada teia de aranha e cada mancha de sangue. Sem todas aquelas lâmpadas de alta potência definindo os cantos e as rachaduras, o lugar parecia maior, amorfo, com os ângulos recurvados. A luz do corredor se projetava para dentro, um retângulo amarelo deformado no chão. O ar era cheio de poeira. A água corria pelos canos acima.

A pessoa que abriu a porta tornou a mover-se rumo às sombras, na direção da gigantesca caldeira desativada. Dera cinco passos. Archie havia contado, detectando o suave arrastar dos tênis no cimento. A caldeira era do tamanho do primeiro carro de Archie. Archie distinguiu a silhueta de três pessoas ao lado dela.

Um feixe de luz de lanterna atingiu-o no rosto. Ele virou a cabeça e apertou os olhos, então se forçou a olhar direto para a frente, na direção da luz. Susan estava ao seu lado, e ele estendeu a mão e tocou-lhe o pulso com a ponta dos dedos, para que ela permanecesse perto dele. Sentia a arma escondida perto de sua lombar.

Archie chegara a pensar que Gretchen havia deixado os corpos no parque e na mansão para chamar sua atenção, mas aquelas pessoas haviam feito isso para chamar a atenção dela. Queriam impressioná-la. Queriam se aproximar dela. Queriam usá-lo. Para chegar até ela.

— Eu estou aqui — disse Archie em direção à luz. — E agora?

A luz foi desviada para baixo, e um homem se adiantou. Archie piscou por

alguns instantes, cego pela súbita escuridão, para afastar os pontos escuros da vista. O sujeito estava na casa dos 20 ou 30, e exibia uma barba sem corte macia e alargadores do tamanho de tampas de garrafa nos lóbulos das orelhas. Poderia estar empacotando comestíveis em uma loja de produtos naturais.

Ele sorriu para Archie, exibindo uma boca cheia de dentes que haviam sido afiados.

— A gente não tinha certeza de que você vinha — disse.

Os dedos de Susan dobraram-se em torno da mão de Archie.

— Já faz tempo desde que eu estive aqui — disse Archie.

Os dentes eram uma coisa boa. Os dentes significavam que eles seriam capazes de descobrir quem era o sujeito. Policiais adoravam modificações no corpo. Tatuagens? Meio mundo as tinha. Era impossível chutar uma bola na Universidade do Oregon sem acertar uma garota com uma borboleta no tornozelo. Mas alguém que limasse os dentes até transformá-los em presas de tubarão tornava-se especial. Não era fácil esquecer.

Archie sorriu.

O Menino Tubarão hesitou.

— O que foi? — perguntou.

— Não é você quem manda aqui, é? — perguntou Archie.

Susan apertou-lhe a mão. Ele olhou de relance para ela, e ela balançou a cabeça na direção da caldeira, onde uma das silhuetas tinha dado um passo à frente.

— O resto do fã-clube? — perguntou Archie.

— Nós somos mais uma coletividade — respondeu o Menino Tubarão.

A garota riu.

Archie apertou os olhos na direção da silhueta que havia se aproximado: era homem, alto, porém Archie não conseguiu distinguir mais que isso.

— Jeremy? — perguntou.

A silhueta não se moveu.

— Acho que não é o Jeremy — Susan disse baixinho.

Archie não gostou do rumo que aquilo estava tomando. Virou-se para a garota.

— A mancha de sangue ainda existe? — perguntou.

O Menino Tubarão apontou a lanterna para o chão perto da parede oposta.

— Ali — disse.

Archie fingiu não enxergá-la.

— Acende a luz — pediu. — O astral está ótimo. Bem tipo *A Hora do Pesadelo*. Mas se vocês acenderem a luz, eu posso mostrar o que aconteceu.

Archie continuou concentrado no Menino Tubarão, vendo seu olhar se dirigir ao

homem perto da caldeira, pedindo permissão. O homem deve ter concordado com a cabeça porque o Menino Tubarão disse:

— OK.

Alguém acendeu as luzes. Nada requintado. Três lâmpadas comuns. Ninguém se dera o trabalho de instalar lâmpadas fluorescentes compactas ali embaixo. Talvez estivessem esperando que aquelas queimassem primeiro.

Archie tornou a virar-se para a caldeira. O homem continuava ali. Usava calças pretas, camiseta cinza e uma meia de náilon sobre a cabeça. Parecia relaxado. Trazia as mãos enfiadas nos bolsos. Atrás dele havia dois jovens na casa dos 20. Sem máscaras.

— Aí está você — disse Archie.

— Começa a falar — disse o sujeito de máscara.

Archie voltou a atenção para a mancha de sangue. Susan soltou a mão dele.

— Vai em frente — sussurrou, e Archie afastou-se dela.

Fazia sete anos, mas ainda estava lá, como ele lembrava: uma mancha do tamanho de um tapete de banheiro, à distância de um corpo da parede. Alguém varrera amorosamente o pó de cima dela.

Sete anos. Mas era difícil fazer o sangue sair do concreto. Era preciso dar duro. Limpar com jato de areia. Usar fogo. Esfregar. Raspar. Lixar. Escovar. Jogar produtos químicos. Não havia razão para desperdiçar tanto esforço na sala de uma caldeira antiga. Quem a veria?

Ele hesitou um segundo. Susan não precisava ouvir o que ia dizer. Olhou para ela.

— Vai em frente — sussurrou ela novamente.

— Ela prendeu o sujeito a uma cadeira — disse Archie. Ele correu os olhos pelo aposento. Não estava olhando para as pessoas. Estava procurando a cadeira. Havia desaparecido. Alguém tivera ao menos a decência de se livrar daquilo. — Uma cadeira de escritório. De um armazém lá em cima. Era azul-clara. — Ele não sabia por quê, mas aquele detalhe sempre o impressionara, o tecido azul-claro da cadeira, antiquado mesmo na época, como um objeto saído da sala de espera de um dentista. — Ela usou um rolo inteiro de fita adesiva. — Foram 55 metros. Um dos peritos havia medido. Eles haviam demorado quarenta minutos para soltá-lo, antes de poder enviá-lo ao necrotério. — Mumificou o sujeito dos tornozelos até o pescoço. — Ele olhou de relance para Susan. Seu rosto era uma máscara de objetividade jornalística. Boa menina, pensou Archie. E então se censurou mentalmente por ser condescendente.

Ele ergueu a mão e tocou o peito, sentindo as grossas cicatrizes sob o tecido da

camisa.

— Ela dilacerou o peito dele. Sempre fazia isso. Mas dessa vez as incisões foram excepcionalmente apaixonadas. — Ele lançou ao Menino Tubarão um sorriso ferino. — A fita adesiva evitou que ele sangrasse. — A garota aproximara-se do Menino Tubarão e estava mexendo no piercing da sobrancelha de novo. — A fita adesiva é boa pra isso — disse ele. — Entre outras coisas. — O Menino Tubarão estava sorrindo, mas era um sorriso afetado, outra espécie de máscara.

O homem mascarado estava totalmente imóvel.

Archie precisava pegar mais pesado. Muito mais pesado.

— Então ela abriu o queixo do cara — continuou Archie. — Cerca de 2,5cm abaixo do lábio inferior, uma abertura de 5cm de largura. — Ele caminhou na direção da garota. Era ela. Se conseguisse afetar algum deles, seria ela. Ele ergueu a mão e correu o polegar ao longo de seu lábio inferior. Ela continuou totalmente imóvel, mas não recuou. Manteve a posição. Archie pressionou-lhe o queixo com o polegar. — E a Gretchen puxou a língua dele através da incisão. — Ele deixou que aquela imagem amadurecesse. — E então enterrou agulhas na parte da língua que estava exposta. — Ele deslocou a mão sobre o rosto da garota e tocou de leve um dos piercings cravados em suas sobrancelhas. — Agulhas ocas de 5cm — disse. — Três delas. Deixou duas das agulhas enterradas, para que ele não pudesse recolher a língua pelo buraco. E então removeu a terceira.

A garota virou a cabeça. Não muito, mas o suficiente para afastar a mão de Archie. Ele olhou para a própria mão, suspensa no ar, então cerrou o punho e o deixou cair ao lado do corpo. Ela era só uma criança.

Archie virou-se para o Menino Tubarão e os demais.

— Existe uma veia importante na língua que aparentemente sangra um bocado — disse. Então fez uma pausa. O rosto de Susan continuava impenetrável, mas ela cruzara firmemente os braços sobre o peito. Uma lama preta gotejava de uma conexão enferrujada em um cano de esgoto acima.

— Ele levou 16 horas pra morrer. Perdeu quase 5 litros de sangue. Mas no fim, morreu de asfixia. A língua inchou e ele sufocou com ela. — Archie tornou a olhar para a garota. Tio Archie. Assustando-os abertamente. — Ainda se divertindo? — perguntou.

A garota deu outro passo para trás. A pele de seus braços estava arrepiada, mas talvez fosse apenas o frio do porão.

— Nós encontramos ele quatro dias depois — continuou Archie. — Sentado aqui, no escuro, preso à cadeira, a língua parecendo uma berinjela inchada, com baba e sangue por todo lado. É estranho ver a língua de alguém saindo pelo orifício

errado daquele jeito, os lábios azulados, a boca aberta acima dela.

— E os olhos? — perguntou o mascarado. Archie pensou ter detectado um sorriso por trás da máscara, mas as feições do sujeito estavam tão achatadas pelo náilon que não teve certeza.

Os detalhes a respeito dos olhos não haviam sido divulgados.

— Ela enfiou uma agulha em cada uma das pupilas — disse Archie.

— Meu Deus — disse Susan baixinho.

— Essa é a nossa recompensa por aqueles que estão em pecado — disse o mascarado.

Um dos jovens atrás dele abriu um sorriso forçado.

Archie baixou seu tom de voz. Estava na hora de levar a coisa a sério.

— Acabou isso aqui — disse ele. — O que quer que isso seja. Voltem pra casa, pros pais de vocês — disse à garota. — Pra algum centro de reabilitação — acrescentou na direção do Menino Tubarão. — Estou cagando pra onde vocês vão. A Gretchen Lowell é uma psicopata. Ela não é uma espécie de anti-heroína. Isso é vida real. — Archie dirigiu-se a todos eles. — Esse homem, o nome dele era Can Giang. Veio do Vietnã pra cá com a mulher. Eles tinham uma loja de conveniência no centro da cidade. Depois que ele morreu, o filho adolescente largou a escola pra manter o lugar funcionando. Era um ser humano.

A garota puxou a franja branca de seus shorts jeans.

— Foi ele quem quis — disse.

— Cala a boca — cortou o homem mascarado.

— O Fintan queria que a gente fizesse aquilo — disse a menina. — Ele implorou. A gente não sabia que ele ia morrer.

— Cala a boca, Pearl — tornou a dizer o mascarado.

A menina estava hesitante. Archie conseguira tocá-la. Havia funcionado.

— Cadê o Jeremy? — Archie perguntou à garota.

— Jeremy faz parte da nossa família — disse o Menino Tubarão.

— Jeremy é a única pessoa além de você que sobreviveu a Gretchen Lowell — disse o mascarado, caminhando na direção de Archie. — Jeremy é especial. — Ele deu um tapinha no meio do peito de Archie. — Como você.

— Jeremy era uma criança — disse Archie. — Ele não se lembra.

— Lembra sim — disse o homem mascarado. Ele gesticulou na direção do Menino Tubarão. — Mostra pra ele.

O Menino Tubarão ergueu a camisa e exibiu os dentes em um sorriso medonho. Archie sentiu um calafrio percorrer-lhe as costas. Gretchen não possuía um *modus operandi*. Fazia qualquer maluquice que lhe desse na veneta. Mas, em algum

momento, aquilo geralmente envolvia entalhar o tronco da pessoa. Archie viera a conhecer as marcas e escoriações no peito de suas vítimas como um curador conheceria uma coleção de pinturas. As incisões eram precisas. Os desenhos, diferentes para cada vítima.

Ele lembrou-se dos ferimentos em Isabel Reynolds. Dezesseis cortes verticais amontoados sobre o lado esquerdo da caixa torácica, um reticulado formado por pequenos cortes em sua barriga e, sob a clavícula esquerda, entalhado com bisturi, um coração delicadamente desenhado. Ainda mais original, Gretchen esculpira um padrão de triângulos no lado direito da caixa torácica da garota, coisa que não fizera em nenhuma das outras vítimas.

O peito do Menino Tubarão trazia as mesmas marcas.

— Jeremy fez pra mim — disse ele. — Que tal?

O calafrio transformou-se em um arrepio gelado. As fotos do necrotério eram confidenciais. Se Jeremy tivesse entalhado aquelas marcas no peito do Menino Tubarão, significava que ele se lembrava. Sabia o que havia acontecido. Era uma testemunha. Com seu depoimento, eles talvez conseguissem encerrar o caso. Archie limpou a garganta.

— Preciso conversar com ele — disse.

O mascarado posicionou seu rosto de náilon bem diante do de Archie. Archie distinguiu os cabelos castanhos curtos por baixo da meia.

— Está começando a nos levar a sério? — perguntou o mascarado.

Archie ouvira falar de escarificação, de cortes, mas aquilo? Tornou a baixar a camisa do Menino Tubarão.

— Você acha que ela ia se divertir com isso? — perguntou Archie. — Que ela ia interpretar como uma espécie de elogio insano?

— Eu sei por que ela está aqui — disse o mascarado, apontando o dedo na direção de Susan. — Ela quer uma reportagem. Mas por que você está aqui? — Ele virou-se para Susan, dirigindo-se a ela pela primeira vez. — Você também não gostaria de saber?

— O que eu gostaria de saber é por que você é o único que está usando máscara — disse Susan.

Houve um pequeno ajuste na postura do sujeito mascarado, como um boxeador inspirando antes de desfechar um golpe. Archie, ainda próximo à mancha de sangue, estava longe demais. Deu um passo na direção de Susan e tentou desviar a atenção do sujeito.

— Eu vim atrás do Jeremy — disse.

Mas as coisas já haviam começado a acontecer.

O Menino Tubarão deu um passo para trás de Susan e a agarrou, imobilizando os braços dela ao lado do corpo. A boca de Susan se abriu, mais de surpresa do que de medo, e ela lutou para pegar alguma coisa em sua bolsa, mas o Menino Tubarão arrancou-lhe a bolsa do braço e a atirou do outro lado do recinto.

Archie viu aquilo acontecer, viu o homem mascarado erguer um objeto penetrante e prateado até o rosto de Susan: uma agulha. O Menino Tubarão apertou mais forte. Susan lutou, mas o mascarado pressionou a agulha contra a carne macia e rosada de sua face e ela congelou.

O rosto indistinto do sujeito mascarado voltara-se para Archie.

— Acho que você veio por outra razão — disse.

Ninguém se moveu. A agulha quase tocava o rosto de Susan; estava tão perto que, se Susan recuasse, teria a pele perfurada. Os olhos de Susan se arregalaram.

— Os principais vasos da artéria lingual passam pela língua — continuou o mascarado. — É aquela veia importante a que você se referiu. Já comeu queijo Manchego? É essa a sensação da pessoa que tem a língua atravessada por uma agulha. É como passar a faca pelo queijo Manchego. A cartilagem estala, esfarela, é como perfurar a casca de uma abobrinha assada.

— Deixa eu adivinhar — disse Susan. — Você é do ramo alimentício?

O Menino Tubarão pôs a mão na testa de Susan e puxou-lhe a cabeça para trás, pressionando a parte posterior da cabeça dela contra seu ombro.

Ela ainda não sabia o que estava acontecendo, mas Archie sim. E não podia impedir.

— Vai ficar tudo bem — disse ele.

O mascarado enfiou uma das extremidades da agulha na face de Susan. A fina haste penetrou facilmente, como um percevejo em um aglomerado de cortiça. A pele se elevou no outro lado por um instante, e então a ponta da agulha a perfurou, pouco abaixo do olho. Aconteceu em um instante. Susan mal teve tempo de gritar. E então havia terminado. A agulha de 5 centímetros atravessara-lhe a face.

A arma pressionava insistentemente as costas de Archie. Ele podia recuperá-la, mas ela estava embaixo de sua camisa, e ele precisaria tatear para alcançá-la. Demoraria alguns segundos. Eles a machucariam mais no pânico desses poucos segundos, ou se Archie nada fizesse?

Os olhos de Susan estavam frenéticos de raiva e incredulidade. Ela lutou para erguer as mãos, mas o Menino Tubarão a agarrava com força.

— Caralho, meu Deus! — gritou Susan. — Você furou a porra do meu rosto! — Ela fitou Archie, os olhos implorando para que ele fizesse alguma coisa. Ela sabia que ele estava armado. Dava para entender que ela se perguntasse por que diabos ele

não usava a arma.

— A carne — disse o mascarado, exibindo outra agulha — parece mais com uma uva congelada. — Ele deslocou a agulha até pouco abaixo do lábio inferior de Susan. — Foi mais ou menos aqui que a Gretchen cortou o seu nobre imigrante?

Susan parou de lutar e fechou os olhos com força. Um minúsculo filete de sangue produziu uma trilha através de seu queixo e seu pescoço, e escorreu por baixo da gola de sua camisa branca.

Archie reuniu toda a sua calma e concentrou-se em Susan.

— Susan — disse ele. — Olha pra mim.

Ele meio que esperava que ela o ignorasse. Ele a levara até lá, a envolvera naquilo. Sem reforços. Sem distintivo. E um lunático mascarado simplesmente enfiara uma agulha no rosto dela. Confiança provavelmente não estava em alta na pauta emocional de Susan naquele momento.

Mas ela abriu os olhos.

Archie tentou irradiar confiança, projetar coragem através do olhar.

— Vai ficar tudo bem — disse.

Ela fez que sim com a cabeça. Foi um movimento mínimo. Archie talvez o tivesse imaginado.

Sem afastar os olhos de Susan, ele perguntou ao mascarado:

— O que você quer?

Archie precisava tirar Susan daquela situação.

— Quero que você me faça um favor — disse o mascarado.

— Não vou ajudar você a se movimentar — disse Archie.

— Quero que você me corte.

As palavras pairaram no ar como poeira. Todos aguardavam. Archie podia ouvir a respiração de Susan.

O Menino Tubarão começou a vasculhar um dos bolsos, e eles ouviram o estalido de um estojo sendo aberto. Archie recusou-se a afastar os olhos de Susan. Recusou-se a desviar o olhar. Podia fazer ao menos isso por ela. Podia mantê-la calma.

Susan viu o que o Menino Tubarão tinha nas mãos uma fração de segundo antes de Archie. Archie viu o medo registrado em seus olhos. Mas já sabia o que era. Soube pela palavra “cortar”. Portanto, quando o Menino Tubarão ergueu a lâmina de aço temperado na direção da garganta de Susan, Archie não demonstrou reação absolutamente nenhuma.

Determinação.

A respiração de Susan agora vinha em espasmos curtos. Archie temeu que ela

viesse a ficar sem ar. Precisava que ela estivesse com os pensamentos claros.

Estendeu a mão esquerda, segurou a mão direita dela e a apertou. A mão estava fria ao toque. Ele sentiu a pulsação dela através da palma.

Mas ela olhou para ele. E apertou a mão dele em resposta.

Archie tinha um plano.

Ele estendeu a mão direita para pegar o bisturi. O Menino Tubarão o depositou sobre a palma da mão de Archie. Era maior do que o bisturi que Gretchen usara para entalhar o peito de Archie, mas não tão bonito. Esse era descartável, de plástico e aço. O de Gretchen era top de linha.

Archie dobrou a mão em torno do punho de plástico.

— Onde? — perguntou ao mascarado.

Ele sentiu o cheiro azedo do hálito do sujeito; ouviu os dentes do Menino Tubarão se chocarem; sentiu a pulsação de Susan latejar de encontro aos seus dedos.

Se alguém tivesse entrado, teria achado que os quatro estavam tendo uma discussão amigável — o mascarado espremido ao lado de Susan, o Menino Tubarão atrás e Archie diante dela, apertando-lhe a mão.

— Levanta a minha camisa — disse o mascarado.

Archie apertou com firmeza a mão de Susan e então a soltou.

Deu um passo à frente. Estava tão perto de Susan agora, que seu ombro direito tocava-lhe o ombro esquerdo nu, pouco acima de onde o braço do Menino Tubarão a envolvia. Podia sentir o peito dela subir e descer, roçando-lhe a camisa. Archie puxou de dentro das calças a camiseta do homem mascarado e a ergueu. Esperou um instante para baixar os olhos. Sabia o que ia ver.

O peito do sujeito era uma massa de tecido cicatrizado.

As cicatrizes estavam em melhor estado que as do Menino Tubarão. Havia dezenas delas. Haviam sido feitas ao longo do tempo; as mais antigas pareciam ter pelo menos um ano. As mais recentes ainda estavam vermelhas e esfoladas.

— Eu mesmo fiz — disse o mascarado. — Quero que você faça melhor. Quero que fiquem parecidas com as suas.

— Estou vendo que você se depilou — disse Archie.

Susan começou a sorrir, mas contraiu-se quando a agulha se mexeu em seu rosto.

O mascarado baixou o queixo na direção do bisturi na mão de Archie.

— Vai em frente — disse. — Corta.

Archie ergueu o bisturi e o balançou.

— Solta ela — disse.

Ninguém se moveu.

Archie ajustou a preensão sobre o bisturi.

— Essa é a preensão palmar — explicou, segurando o cabo com o segundo, terceiro e quarto dedos, a base do polegar ao longo da lateral do cabo, contendo-o, o indicador estendido ao longo da parte superior traseira da lâmina. Serrou um objeto imaginário no ar. Ele olhou para o bisturi. Mesmo sob a luz fraca, o instrumento brilhava. A visão da lâmina fazia seu estômago se contrair, mas ele não os deixaria perceber isso. — Essa forma de segurar é melhor para as incisões iniciais e os cortes maiores — disse.

Ele reajustou a preensão, dessa vez segurando o bisturi com a ponta do primeiro e segundo dedos e a ponta do polegar, fazendo com que o punho de plástico assentasse na curva entre o dedo indicador e o polegar. Escreveu palavras imaginárias no ar.

— É a preensão do lápis — explicou Archie. — É preciso ter cuidado com essa posição para não deixar que o cabo fique muito longe ao longo do indicador. Ninguém quer ter cãibra na mão. — Archie olhou para a lâmina e franziu o cenho. — É melhor com lâminas menores.

"Gretchen preferia a palmar — prosseguiu Archie. — A maioria dos profissionais da área médica prefere. — Ele debruçou-se para perto do homem mascarado. Tão perto que viu a cor de seus olhos através do náilon: azuis. — Solta ela — disse Archie. — E eu faço o que você quiser."

O mascarado afastou a segunda agulha do queixo de Susan e, com a mesma mão, agarrou a extremidade da agulha, perfurando-lhe o rosto. Com um movimento suave do cotovelo, arrancou-a do rosto dela.

— Porra — gritou ela. Dessa vez o Menino Tubarão permitiu que Susan levasse as mãos ao rosto, e ela cobriu ambas as faces ensanguentadas.

— Sai daqui — disse baixinho o mascarado.

Ela lançou a cabeça para trás com raiva.

— Não — disse.

Archie abaixou o bisturi e inclinou-se na direção de Susan. Beijou a mão que lhe cobria uma das faces.

— Confia em mim — sussurrou.

Ela lançou um olhar furioso a todos eles, então deu um passo em direção à sua bolsa, que ainda estava no chão, perto da parede.

— Não — disse o mascarado. — Deixa a bolsa.

Ela olhou para Archie inquisitivamente e ele fez que sim com um movimento de cabeça, então ela virou-se e correu, a mão ainda cobrindo o rosto.

O mascarado balançou a cabeça na direção de Archie.

— Me deixa ver as suas — pediu.

Archie sorriu.

— Claro — disse.

Ele ergueu a mão esquerda e começou a desabotoar a camisa. A garota apareceu ao lado do ombro do mascarado, e em seguida dois outros sujeitos que se achavam perto da caldeira reuniram-se a ela. O Menino Tubarão lambeu os beiços. Todos desejavam ver pessoalmente o trabalho de Gretchen.

Quando Archie havia desabotoado e aberto a camisa, estendeu a mão e tornou a erguer a camisa do homem mascarado. Comparou as lesões.

— Não são muito diferentes — disse.

O mascarado já não olhava mais para o rosto de Archie. Concentrara-se totalmente em seu peito. Com as mãos trêmulas, percorreu a topografia das cicatrizes de Archie com a ponta dos dedos.

Quando o fez, Archie deslocou a mão direita para a cintura, deixou cair o bisturi e puxou a arma da parte de trás de suas calças.

O bisturi produziu um ruído metálico ao atingir o chão de concreto, e o mascarado, o Menino Tubarão, a garota e os outros dois sujeitos baixaram automaticamente os olhos. Quando tornaram a erguê-los, Archie trazia a arma apontada para o esterno do Menino Mascarado.

— Estou prendendo vocês por agressão com arma letal — disse. — No mínimo. — Ele fez uma pausa. — Obrigado. Todos vocês me fizeram sentir bastante equilibrado.

Archie viu o lampejo de luz antes de a descarga elétrica atingir seu corpo. A onda de dor fulminou todas as suas sensações. Ele tomara um choque de um Taser certa vez em treinamento na academia. Não ajudou. Não era algo com que alguém se acostumasse. Todos os seus músculos se contraíram e ele desabou sobre o chão, incapaz de se mover. A informação chegava aos poucos. Ele havia perdido a arma. Fora a garota. Ela o havia acertado por trás, abaixo da caixa torácica. Ela o acertou de novo, no mesmo local. Ele se encolheu no chão, subjugado pela descarga pulsante, todas as células de seu corpo vibrando. A garota. Ela era uma criança. Como Jeremy.

De que idade? Dezesseis?

Ela o acertou mais uma vez. Seu corpo sacudiu-se involuntariamente, fazendo com que uma pequena tempestade de poeira se erguesse do chão de cimento. A lâmpada amarela no teto diminuiu de tamanho, como se estivesse se afastando.

O Taser fora batizado a partir das iniciais do nome de um antigo livro infantil de aventuras: *Tom Swift and His Eletric Rifle*.[7] Eles haviam acrescentado o *a*. Era o tipo de cultura inútil que Susan gostaria de saber.

Archie sentiu-se mal por nunca ter contado a ela.

7 Tom Swift e seu Rifle Elétrico. (N. da T.)

40

— Quanto tempo nós temos? — pergunta Gretchen.

Archie tira o casaco e o deposita nas costas da cadeira.

— Uma hora — responde ele.

Estão no consultório de Gretchen, que fica na casa dela. Está nublado lá fora. A chuva cai, fria e contínua, de encontro à janela atrás da escrivaninha de Gretchen. Pela janela, Archie vê as ameixeiras no canto do quintal dos fundos, as folhas violeta tremendo sob o aguaceiro.

Gretchen caminha até a janela e fecha as cortinas de veludo.

— Tanto tempo? — pergunta, voltando para perto dele.

São dez da manhã, e Archie está acordado há seis horas, grande parte desse tempo de pé sob a chuva. Deixou os sapatos enlameados na porta da frente e agora veste suas meias marrons molhadas.

Ela para a um passo dele e inclina a cabeça contra seu peito, como se estivesse tentando ouvir-lhe as batidas do coração. O perfume dos cabelos dela desacelera tudo. Quando está com ela, ele quase consegue esquecer a morte que o cerca. É uma das justificativas para ir até lá. Ela o mantém são. Ele consegue trabalhar melhor. Relativismo moral.

Archie ergue a pasta ao seu lado.

— Eu disse ao Henry que vinha fazer uma consulta — diz. Atira a pasta sobre a escrivaninha.

Ela ergue a cabeça e estende a mão para tocar-lhe os cabelos molhados.

— O que aconteceu com você? — pergunta.

— Vim da cena de um crime — responde ele. Era o terceiro corpo em quatro semanas.

Os olhos dela suavizam-se e se enchem de ternura.

— Sinto muito — diz. — Odeio que você precise ver isso. — Beija-o no rosto, então o pega pela mão e conduz a uma cadeira. Ele senta e Gretchen afunda no chão a sua frente. Toma um dos pés dele nas mãos e retira a meia molhada.

Passa o dedo ao longo do topo do pé descalço dele, indo até a ponta do dedão.

— Você tem pés bonitos — diz ela.

Ele sabe que ela está mentindo — seus pés são brancos e calejados, com joanetes do tamanho de bolas de gude.

— Anne acha que você está certa — diz ele. — Sobre a possibilidade de o assassino ser uma mulher. — Mesmo em um momento como aquele, sua mente volta ao trabalho. — Se for mulher, Anne acha que ela talvez tenha ajuda. Ela diz que serial killers dominantes às vezes arrumam parceiros com personalidades menos fortes.

— Não são parceiros — diz Gretchen, descalçando a outra meia. — Eu estudei a respeito. — Ela larga a meia no chão. — Eles são mais como aprendizes.

Archie dá de ombros.

— O Henry acha que isso é besteira — diz. — Contraria tudo que a gente sabe a respeito de serial killers. Eles costumam ser caras brancos, gorduchos, de 40 anos, com problemas com a mãe e vans estofadas.

— Talvez esses sejam só os que são pegos — diz Gretchen, trepando no colo de Archie. Ela se acomoda em cima dele quando subitamente olha para baixo e sorri. — Você chegou já em ponto de bala — diz, arqueando uma sobrancelha provocante.

— Isso é a minha arma — diz Archie.

— A sua arma — diz Gretchen, estendendo a mão para o lado direito do corpo dele e dando um tapinha no coldre de couro em seu cinto — está aqui.

Ela desprende o coldre, retira-o da cintura dele e o deposita sobre a mesinha ao lado da cadeira.

Em seguida enfia a mão no bolso das calças dele e puxa o celular, as chaves e o pequeno bloco de notas de campo, depositando-os todos ao lado da arma.

Depois de deslizar a mão para dentro do outro bolso, ela exibe um par de luvas de látex.

— São para manusear as provas — explica Archie.

— A-hã — faz ela. Atira as luvas sobre a mesinha com o resto, desafivela o cinto, o faz deslizar para fora das passadeiras, segura-o no alto e o deixa cair no chão.

O cinto havia sido presente de Debbie.

O que ele estava fazendo ali?

Archie segura de leve o rosto de Gretchen nas mãos. Sua voz está repleta de desespero.

— A gente precisa conversar — diz. — Não dá pra eu continuar com isso.

Ela afasta-lhe os joelhos e relaxa entre eles, voltando ao chão a sua frente. Ele não

a detém. Eles já fizeram aquilo antes. Mas ainda tem efeito sobre ele, que não consegue acreditar na sua sorte, de ser desejado por uma mulher como ela.

Ela desabotoa-lhe as calças, desce o zíper, e seu rosto desaparece em um emaranhado de cabelos louros à medida que ela abaixa a cabeça de encontro ao colo dele.

A chuva para. Archie inclina a cabeça para trás e fecha os olhos.

41

Alguém havia apagado as luzes. Quando fugira para o corredor, Susan se deparara com uma parede de escuridão. Ela nunca experimentara um negrume como aquele. Ficou paralisada por um segundo, sem saber o que fazer. Correu para a esquerda, passando a mão ao longo da parede de concreto. A parede estava fria ao toque e cheia de buracos, onde pedaços de concreto haviam desmoronado ao longo dos anos. Ela concentrou-se naquilo. Evitava que se deixasse envolver pela escuridão.

Em meio a todo aquele pretume, os ruídos a agoniavam. Pancadas nos canos. Água borbulhando. O som de suas botas no concreto. Ela ouvia as batidas de seu coração e sentia seu rosto latejar. Nunca respirara tão alto em toda a sua vida. Todos os sons eram alguém surgindo atrás dela, alguém pronto para pousar a mão sobre seu ombro, puxar sua cabeça e cortar sua garganta.

Ela ouviu uma vozinha dentro da cabeça. A voz era bastante parecida com a de Archie.

Continua andando.

Não entra em pânico.

Sai. Pede ajuda.

O telefone ficara em sua bolsa na sala da caldeira, junto com seus sprays. Mas Archie havia guardado seus celulares no porta-luvas.

Susan fechou os olhos e concentrou-se em sua mão, deslocando-a sobre a parede. A tela escura de suas pálpebras lhe oferecia algum conforto. Era a *sua* escuridão. Sob *seu* controle. Ela forçou-se a clarear os sentidos, ignorar os ruídos do prédio, as batidas de seu coração e lembrar apenas o caminho que eles haviam feito para chegar até lá — o caminho que, se percorrido no sentido contrário, iria tirá-la dali.

Tateou alguns canos pelos quais se lembrava de ter passado. Ela estava perto. Então sua mão roçou em alguma coisa. Ela parou e passou ambas as mãos pela parede. E encontrou — uma maçaneta de alavanca. A escada. Ela virou a maçaneta, empurrou a porta com o ombro, atravessou-a e fechou a porta atrás de si.

A escuridão ali era de outra natureza. Susan conseguia distinguir a forma de seu

corpo, o ângulo das escadas e, no topo das escadas, outra porta. Essa não estava hermeticamente fechada e, a intervalos, faixas de luz brilhante, límpida e maravilhosa brilhavam através de seu perímetro. Havia luzes acesas. Havia luzes no corredor no andar de cima.

Ela subiu correndo as escadas, entrando no espaço iluminado por lâmpadas fluorescentes e cheio de mesinhas de centro, armários e biombos de gueixa laqueados. Não parou. Continuou a correr. Porta afora, rumo à noite e ao meio da rua completamente silenciosa, até o carro.

Foi só então que percebeu que estava sem as chaves.

Ela estava trancada do lado de fora. E não pôde deixar de pensar que o destino a estava punindo por ter comprado aquele maldito chaveiro da Beleza Mortal.

Descansou a cabeça sobre a lataria do Saab e lutou contra as lágrimas.

Ele está contando com você.

Ela uma vez havia feito uma matéria sobre um ladrão de carros. Ele havia roubado duzentos carros até os 16 anos. Ela ergueu-se e começou a andar ao redor do carro, procurando por alguma coisa que a ajudasse a entrar.

Para arrombar um carro são necessários um calço de porta de borracha, um cabide de arame e um elástico. É preciso desentortar o cabide e dobrá-lo, formando um ângulo de 90º a cerca de 1,5cm de uma das extremidades. Depois, enrolar o elástico ao redor da extremidade. Prender o calço de porta no espaço onde a porta se une ao corpo do carro, para ter espaço para deslizar o arame para dentro. Quando o calço de porta não funciona, é preciso enfiar um calço de plástico menor primeiro, e então o calço de porta. Em seguida inserir o arame e usar a ponta de borracha para alcançar a trava na parte interna da porta.

Aprendia-se muito fazendo matérias especiais para o jornal.

A maior parte desse conhecimento não servia para nada.

Susan pegou um pedaço quebrado do meio-fio e o arremessou pela janela do passageiro de seu carro.

A janela se estilhaçou, espalhando cacos de vidro de automóvel pelo interior do carro. Susan enfiou a mão para dentro, abriu o porta-luvas e pegou o telefone que Jack Reynolds tinha dado a Archie.

Ligou para o serviço de emergência.

E ligou para Henry.

Dessa vez, não ligou para o jornal.

42

Susan afundou no banco do motorista de seu carro e esperou, como Henry lhe havia dito que fizesse. Havia removido a maior parte do vidro que caíra no assento, e sacudido alguns cacos extraviados da frente de sua camisa. Estava escuro sob a ponte. Susan desejou ter estacionado perto de um poste de luz. O carro balançava quando os caminhões passavam sobre sua cabeça. Ela sentiu-se quase grata pelo lamento das sirenes se aproximando. Pelo jeito, quando alguém liga para a emergência no meio da noite, eles ficam ansiosos e agem como personagens de *Hill Street Blues*.

Susan ergueu a cabeça para dar uma espiada. Os policiais se aproximavam do armazém como compradores da Sexta-Feira Negra no Wal-Mart.[8] Entravam por todas as portas.

Ela afundou no assento de novo até seu rosto estar perto da alavanca de mudança. Havia um antigo guardanapo da Burgerville no chão do seu carro fazia duas semanas; Susan pegou-o e o pôs de encontro à face. Cheirava a ketchup.

Mais sirenes estavam chegando. O espelho retrovisor refletia as luzes vermelhas, brancas e azuis, enchendo o carro de cores que iam e vinham.

— Vai pro seu carro e fica lá até eu chegar — pedira Henry. — Promete.

Susan brincou com a maçaneta.

Mas nenhum daqueles policiais sabia onde estava Archie. Ela sim.

E aí? Ela corre até lá e explica a coisa toda? Tentou imaginar a situação. Terminava com ela e Archie presos por invasão. E se Archie tivesse cortado o cara? Como eles iriam explicar isso?

Merda.

Ela olhou de relance para o telefone em suas mãos. Havia chamado a polícia de um telefone que Archie conseguira com um traficante.

Talvez não tivesse sido a atitude mais inteligente.

Ela estendeu a mão na direção do porta-luvas e procurou o outro telefone que vira Archie guardar ali.

O alerta de mensagens estava piscando. Por que Archie precisava de dois telefones? Talvez aquele não fosse dele. Talvez ele o estivesse guardando para alguém. Ela vivia roubando o telefone das pessoas por acidente. Devia haver uns três ou quatro telefones rolando pelo seu banco traseiro. Devia haver telefones de disco até. A última faxina no carro havia sido há tanto tempo que não seria de se espantar.

Ela apertou a tecla de resposta e a mensagem de texto apareceu.

"COMO ESTÁ SE SENTINDO, QUERIDO?"

A garganta de Susan se apertou.

Ela mal conseguiu firmar o dedo para percorrer o histórico de mensagens.

Havia centenas de mensagens de texto. Todas do mesmo número. Todas com a mesma mensagem.

"COMO ESTÁ SE SENTINDO, QUERIDO?"
"COMO ESTÁ SE SENTINDO, QUERIDO?"
"COMO ESTÁ SE SENTINDO, QUERIDO?"

Querido. Era assim que Gretchen chamava Archie.

Ela estava tentando fazer contato com ele.

Susan examinou o histórico de chamadas. Constava um telefonema para o número que enviara as mensagens de texto. Ele havia telefonado para ela.

Houve uma batida na janela do carro, e Susan quase deixou cair o telefone. Ela ergueu os olhos e viu Henry.

Enfiou o telefone no bolso.

— Eu esperei no carro — disse Susan.

— Mostra onde ele está — pediu Henry.

Susan saltou do carro e bateu a porta atrás de si. Henry já estava cinco passos a sua frente, e ela teve de correr para alcançá-lo enquanto se dirigiam ao armazém. As ruas no Mercado eram largas e cheias de marcas de antigos trilhos de trem. Outra radiopatrulha se aproximou e parou, derrapando.

— Quando você chama a emergência, eles mandam mesmo um exército — disse Susan.

— Eu pedi reforços — disse Henry. — Sem querer te decepcionar, mas a operadora que recebeu a ligação não achou muito confiável a informação sobre um perfurador maluco mascarado.

Ela havia escolhido mal as palavras. Mas ela estava em pânico na hora.

— Ah.

Claire apareceu correndo devagar.

— Eles revistaram o porão — disse. — Não acharam ninguém. Mas acharam isso. — Ela ergueu um saco plástico contendo uma arma. — E isso. — Ela ergueu a bolsa vermelha de Susan.

Susan pegou a bolsa.

Henry lançou um olhar desconfiado em sua direção.

— Você já viu essa arma antes? — perguntou.

Era a arma que Archie conseguira com Jack Reynolds. Susan tinha certeza.

— Eu não entendo muito de armas — disse. Virou-se na direção de Claire. — Como assim, eles não encontraram ninguém?

— Eles encontraram a arma no local aonde você disse que deveriam ir; a antiga sala da caldeira — disse Claire. — Mas não tinha ninguém lá. Eles continuam revistando o porão. Depois vamos vasculhar andar por andar. Nós isolamos o prédio. Se ainda tiver alguém lá dentro, não vai sair.

— Você viu alguém sair? — Henry perguntou a Susan.

— Eu estava escondida no carro — disse ela. Sentiu-se furiosa consigo mesma. Devia ter ficado de olho no prédio. Henry lhe pedira para esperar no carro, não para se encolher de medo dentro do carro. Os fãs psicopatas de Gretchen sabiam que ela pediria ajuda. Claro que haviam fugido.

— Susan — disse Henry, segurando-a pelos ombros —, isso é importante. — Ela podia vê-lo tentando formular as palavras certas. — Ele foi com eles? — perguntou por fim. — Ou foi levado por eles?

A pergunta era justa. Archie tinha um histórico de sair por aí com lunáticos. Mas ele a havia tirado de lá. Sabia que eles eram perigosos.

— Eu não sei — respondeu Susan. Já não sabia mais do que Archie era capaz.

— De qualquer forma, estou deixando o Archie fora disso por enquanto — disse Henry.

— Ele pode ter ido com eles — disse Susan. — Se eles tiverem dito que o levariam até o Jeremy.

— Jeremy? — perguntou Henry.

— Jeremy Reynolds — disse Susan.

Henry inspirou fundo e trocou um olhar com Claire.

— Jeremy Reynolds está envolvido nisso?

— O Archie viu a foto dele no apartamento do Fintan English — disse Susan.

Henry estava balançando a cabeça.

— Ele foi ver Jack Reynolds — disse.

Susan deu de ombros com ar evasivo.

— As impressões do Archie estão nessa arma? — perguntou Henry.

Susan olhou para os pés e fez que sim com a cabeça.

Se Henry fosse um personagem de história em quadrinhos, teria vapor saindo das orelhas.

Claire baixou a voz.

— Vai lá pro seu lugar feliz — disse a Henry.

Ele pôs as mãos nos quadris e ergueu os olhos para o céu noturno.

Susan concluiu que mais valia contar tudo.

— As pessoas da seita — disse. — Eles contaram que o Jeremy se lembra do que aconteceu. Com a Gretchen, quero dizer.

Henry virou rapidamente a cabeça na direção dela.

— Isso é papo-furado.

— O Archie não achou — disse Susan. — Um dos caras tinha cicatrizes no peito. Marcas de cortes. Um coração. E um padrão estranho de triângulos. Ele disse que o Jeremy tinha feito aquilo.

— Como ele podia saber sobre os triângulos? — perguntou Henry a ninguém em particular.

Um policial ruivo usando um distintivo com o nome WHATLEY surgiu junto ao ombro de Henry.

— Desculpe, detetive — disse. — Que crime nós estamos investigando aqui?

Henry inclinou a cabeça na direção de Susan.

— Agressão — respondeu.

Whatley olhou lentamente para Susan. Ela havia deixado o guardanapo da lanchonete no carro. Ergueu a mão e tocou o rosto. O ferimento já não estava sequer sangrando. Ela se sentiu mal. Como se fosse um fiasco.

— Você deve ser importante — disse Whatley, coçando o queixo. — Isso é demais pra acionar uma investigação de agressão.

Susan lançou-lhe um sorriso cintilante.

— É mesmo reconfortante saber que nossa força policial age tão prontamente — disse ela.

— Pode voltar pro trabalho — disse Claire.

— Sem problema — disse Whatley, e virou-se e voltou para dentro do armazém.

Henry debruçou-se sobre Susan. Ele não se barbeara, e a calva e o queixo exibiam a mesma penugem vespertina.

— Em todos os lugares que eu fui hoje — disse —, encontrei você, em perigo até a ponta desse seu cabelo roxo.

— Eles queriam que eu e o Archie nos envolvêssemos — disse Susan. — Eles orquestraram isso.

Henry ergueu as mãos, frustrado.

— A Gretchen está por aí, matando gente. Neste exato momento, não estou nem aí para Fintan English ou Jeremy Reynolds. E você também não devia estar.

— E se uma coisa estiver relacionada à outra? — perguntou Susan.

— Você está com sangue no queixo — disse ele.

Susan limpou o local com o dedo, olhou para ele e enfiou o dedo na boca. O sabor era picante e adocicado.

— Ketchup — disse ela.

8 A Sexta-Feira Negra é a sexta seguinte ao Dia de Ação de Graças, que dá início à temporada de compras de Natal nos Estados Unidos. (N. da T.)

43

Archie acordou flutuando. Via o chão poucos centímetros abaixo, paralelo ao seu corpo. Seu pescoço estava rígido, a cabeça doía, e suas costas e pernas pareciam pegar fogo. Os braços estavam estendidos, as pontas dos dedos, pouco acima do chão. Ele as ergueu. O esforço fez sua cabeça flutuar. O chão se moveu. Só que não era o chão que estava se movendo — era ele. Ele estava balançando. O movimento despedaçou-lhe o corpo, e uma dor feroz, da carne se abrindo, invadiu-o um segundo antes que ele apagasse de novo.

Quando acordou novamente, a dor tornara-se uma queimação indistinta. Ele continuava suspenso sobre o chão. Ergueu lentamente um dos braços e estendeu a mão até a omoplata. A pele sobre sua escápula estava tensionada como um tambor, esticada 8 ou 10 centímetros para o alto, como uma tenda. Archie deslocou a mão até o topo da pele estendida e encontrou um objeto metálico e curvo perfurando-lhe a pele. Um gancho. Tentou se virar ou virar a cabeça para ver se podia arrancá-lo, mas não conseguia se mover sem sentir mais dores violentas.

O homem mascarado aproximou seu rosto do de Archie. Ele estava agachado ao seu lado, vestindo um roupão cinza amarfanhado, o náilon ainda repuxado sobre o rosto. Quem sabe por quanto tempo estaria ali. Archie mal tinha consciência do aposento ao seu redor. A iluminação era fraca. O chão, de concreto. Ele havia sido transportado. Archie ergueu a cabeça para olhar ao redor, mas não viu mais ninguém, apenas um amplo cômodo vazio. Canos passavam no alto, e acessórios enferrujados para equipamentos extintos estavam presos ao teto.

— Não faz essa cara de enterro — disse o mascarado.

— O que você fez comigo? — perguntou Archie.

— Suspensão corporal — disse o mascarado. Ele se levantou e caminhou devagar em volta de Archie, curvando-se para tocar os locais em que os ganchos perfuravam-lhe a carne. — Seis ganchos nas costas, dois em cada perna. — Ele deu um pequeno empurrão em Archie, que balançou e teve de controlar a ânsia de vômito. — O truque é distribuir o peso igualmente — continuou o mascarado. — Ou a pele se

rasga.

Archie sentia-o checando o cordame. O corpo queimava a cada toque.

— Os ganchos estão presos a cordas de náilon — disse o mascarado. Ele tornou a posicionar-se diante de Archie. Archie enxergava seus pés descalços. — As cordas, ligadas a um sistema de roldanas, que eu controlo. — Archie foi erguido mais alguns centímetros do chão. A dor da gravidade lutando contra os ganchos por seu corpo era assombrosa. Mais forte que qualquer coisa. — Eu precisei tirar a sua roupa — disse o mascarado. — Por causa dos ganchos. Sinto muito.

O rosto de Archie contraiu-se em meio à dor.

— Você está começando a me encher a paciência — disse ele.

O mascarado estendeu a mão, pousou-a no ombro de Archie e o firmou.

— Expire — disse delicadamente. — Se você relaxar, acho que vai gostar.

— Isso não estava no manual da Gretchen — disse Archie.

— Eu estou improvisando.

— Eu quero ver o Jeremy — pediu Archie.

O mascarado tornou a se agachar perto da cabeça de Archie.

— Ele entende você — disse, as feições esmagadas pelo náilon concordando com ar pensativo. — Acho que ele talvez possa ajudar, se você deixar.

— Eu estava pensando no oposto — disse Archie.

Ele brincou com algumas das cordas sobre a cabeça de Archie.

— Vocês têm muito em comum.

— Eu quero ver ele — disse Archie, que sempre gostara de Jeremy. Ele era um menino estranho, calado. Havia sido sequestrado por Gretchen Lowell. É provável que tenha testemunhado a tortura e o assassinato da irmã. Archie sempre acreditara nas declarações de Jeremy de que não se lembrava do que havia acontecido por ter esperanças de que Jeremy não lembrasse, pois lembrar uma coisa daquelas, lembrar Gretchen, era estar completamente fodido. — Tire a máscara e deixe eu te ver, Jeremy.

Jeremy retirou a meia de náilon e largou-a sobre o chão de concreto.

— Você está muito fodido, moleque — disse Archie.

44

Susan tomou um gole de café morno em uma caneca Ziggy lascada e clicou em outra pasta de fotos de fichas criminais no computador.

— Alguma coisa? — perguntou Claire.

— Vocês têm alguma foto só dos dentes deles? — perguntou Susan.

— Acredita em mim: se esse cara estiver no sistema os dentes vão aparecer como característica identificadora.

Os escritórios da Força-Tarefa Beleza Mortal ficavam em um antigo banco que a cidade cedera quando Archie Sheridan encerrara sua licença médica para perseguir o Estrangulador das Escolas. Da última vez que Susan fora até lá, Gretchen havia fugido da prisão, levando Archie com ela.

Eram duas da manhã mas não parecia, tal era o grau de atividade. Estava todo mundo lá, todos os detetives da força-tarefa, até a recepcionista. Mapas internacionais cobriam as paredes, com tachinhas marcando cada avistamento, cada crime que pudesse estar relacionado a Gretchen.

A força-tarefa no *Herald* talvez tivesse se entediado e aborrecido nos últimos meses, mas a verdadeira Força-Tarefa Beleza Mortal estava trabalhando com afinco.

Havia três fotos presas no alto dos mapas. Todas as três pareciam ser fotos de fichas criminais — uma delas, de uma jovem, duas, de homens de meia-idade.

— Quem são? — perguntou Susan.

— Nossas vítimas — respondeu Claire. — Todos os três eram desabrigados. O da esquerda se chamava Abe Farley. — Ela levantou-se e caminhou até as fotos. Farley possuía uma longa barba grisalha e rosto envelhecido e cansado. — Tinha 56 anos — disse. — Foi visto pela última vez em dezembro de 2004. Era dele a cabeça que apareceu na mansão Pittock. — Ela tocou a foto do meio. O sujeito possuía cabelos claros na altura dos ombros e rosto longo e nobre. — Jackson Beathe — disse ela. — Foi visto pela última vez em março de 2005. É até bonito, né? — Claire deu um passo à direita. — A mulher que estava com ele no banco do Rose Garden se chamava Braids Williams. — Magra e de pele morena, ela sorria na foto.

— Desapareceu em 2006. A causa da morte é indeterminada, mas parece que os dois no banco foram esfaqueados.

Susan olhou para os três rostos, vidas reduzidas a fotografias.

— Como vocês identificaram eles?

— Os desaparecimentos tinham sido informados — disse Claire. — Através da família. De amigos. De assistentes sociais. Nós tínhamos os arquivos dentários. — Ela virou-se para encarar as fotos, ergueu a mão e tocou delicadamente o rosto de Braids Williams. — Alguém os apunhalou, removeu os olhos, enterrou os corpos por alguns anos e aí desenterrou. Os olhos foram conservados em um frasco com formaldeído. — Ela abaixou a mão e virou-se de novo na direção de Susan. — Os olhos da Braids Williams foram colocados no Fintan English. Os outros foram jogados no banheiro da parada na estrada.

Henry estava na porta da sala. Havia enrolado as mangas da camisa e trazia uma pilha de papéis nas mãos.

— A Gretchen não matou esses sem-teto. Não foi nem de longe tão terrível — disse.

— Então não foi a Gretchen — disse Susan.

— Ainda não estou pronto pra descartar nenhuma possibilidade — disse Henry.

— Agora estamos vasculhando os registros do computador do Hay, o servente, pra ver se ele entrava em sites relacionados a Gretchen — disse Claire. — Pode ser que ele esteja envolvido com esse grupo.

O rosto de Susan doía. Os paramédicos haviam irrigado e coberto com um curativo o orifício em seu rosto, mas ninguém lhe oferecera analgésicos. Ela ergueu a mão e tocou cuidadosamente a gaze branca.

— Tenta www.iheartgretchenlowell.com — disse Susan. — É o site que os malucos do armazém estavam usando.

Claire suspirou.

— Bom — disse. — Obrigada. — Virou-se na direção de Henry. — Vou levar isso pro Martin — anunciou, olhando de relance mais uma vez para Susan. — Se cuida — disse e saiu da sala.

Henry espalhou os papéis sobre a mesa, diante de Susan.

— Essas são fotos de pessoas que fugiram de casa no ano passado — disse.

Susan a reconheceu instantaneamente. Pôs a mão sobre uma das fotos.

— É ela.

— Tem certeza? — perguntou Henry.

Susan examinou a foto com mais cuidado. O nome sobre a fotografia era Margaux Clinton.

— Eles chamavam ela de "Pearl" — disse Susan.

Henry girou a foto e a examinou.

— Talvez seja um codinome — disse. — Ela é de Eugene. Vou mandar alguém até lá pra conversar com a mãe. E vou transmitir um anúncio pra tentar encontrá-la.

— Quantos anos ela tem? — perguntou Susan.

Henry olhou de relance para o relatório.

— Dezesseis.

Houve uma batida na porta e um policial uniformizado entrou, seguido por Leo Reynolds. Leo vestia um terno de corte magnífico, sem gravata, camisa branca amassada aberta no colarinho, e seus cabelos escuros ainda estavam molhados do banho. Quatro da manhã, e ele havia encontrado tempo para pôr abotoaduras.

O lábio superior de Henry enrijeceu, e ele olhou de Susan para Leo e de volta para Susan.

— O que é isso? — perguntou Henry, por entre os dentes cerrados.

— Eu liguei pra ele — disse Susan. — Ele é o meu advogado.

Henry ergueu uma das sobrancelhas na direção de Susan. Ele era ainda melhor nos olhares de reprovação do que a mãe dela.

Susan encolheu-se um pouco na cadeira.

— Cadê o seu irmãozinho maluco? — Henry perguntou a Leo.

— Não sei — respondeu Leo. — Quero que ele fique fora disso. Acredite, se eu soubesse onde ele está, contaria.

Henry deu um passo em direção a Leo.

— Nós precisamos conversar com o Jeremy — disse. — Ele sabe quem são essas pessoas. — Esperou um instante. — Também preciso conversar com seu pai.

Leo falou com voz gentil e sensata, porém firme.

— Meu pai está empenhando a considerável organização comunitária dele no sentido de localizar Jeremy neste exato momento — disse. — Talvez seja melhor adiar uma entrevista.

— O Archie confia no Jack — disse Susan com voz estridente. Ela não tinha certeza de que aquilo fosse verdade. Mas precisava de Jack e de Leo Reynolds no momento. E Archie também precisava deles.

Henry esfregou o rosto com a mão pesada. Quando a abaixou, a pele estava vermelha. Pousou ambas as palmas sobre a mesa e debruçou-se na direção de Susan.

— O Archie se sente mal pelo Jack porque a Gretchen dilacerou e matou a filha dele — disse. — O Archie funciona na base da culpa. — Seus olhos azuis eram implacáveis e estavam injetados de veias vermelhas. — Se você ainda não entendeu isso, então ainda não entendeu nada.

— Nós vamos encontrar essa gente — disse Leo. — Todos eles.

Ele disse aquilo com uma confiança tão espontânea que Susan quase acreditou nele.

Leo enfiou a mão no bolso de seu terno, retirou um pedaço de papel impecavelmente dobrado e o estendeu a Henry.

— É um hotel no centro — disse. — O Jeremy estava hospedado lá até três dias atrás. Paguei a conta até hoje à noite. Se você quiser dar uma olhada no quarto, tem até meio-dia de amanhã, antes que os objetos pessoais dele sejam recolhidos.

Henry pegou o pedaço de papel e o examinou. Piscou algumas vezes.

— OK — disse.

Susan ergueu os olhos para os três rostos na parede.

— Você não acha de fato que o Archie iria embora com essas pessoas, acha? — perguntou.

— Você não sabe pelo que ele passou — disse Henry.

Ela não sabia. Mas Jeremy Reynolds, sim.

— Você pode perder tempo tentando conseguir um mandado, ou eu, como a pessoa que pagou a conta, poderia deixar você entrar no quarto de hotel do Jeremy.

— Qual é a pegadinha? — perguntou Henry.

Leo sorriu.

— Companhia — disse ele.

45

O Hotel Joyce era uma espelunca miserável no centro de Portland, perto do antigo "Beco da Vaselina", assim chamado devido aos diversos bares gay. Tinha quatro andares, com uma fachada suja de ladrilhos marfim e toldo verde-floresta envelhecido.

Henry, Claire, Leo e Susan atravessaram as portas de vidro com esquadrias metálicas do hotel. Um cartaz tabelava o preço dos quartos entre 25 e 35 dólares por noite. Um homem desdentado atrás do balcão da recepção bocejou quando os quatro passaram por ele.

— Quarto 426 — informou Leo.

Eles percorreram o saguão escuro e subiram as escadas revestidas de carpete marrom. As paredes já haviam sido brancas, mas agora exibiam um matiz bege. Os corrimãos e os balaústres haviam sido pintados de verde-floresta.

O quarto 426 ficava no quarto andar, descendo o corredor a partir da escada. Um adesivo na porta dizia CRIANÇAS PRECISAM DE AMBOS OS PAIS! Leo inseriu a chave, empurrou a porta e todos entraram. Havia uma cama de casal, uma mesinha de cabeceira, uma cômoda e uma tevê Zenith antiga, com o nome do hotel arranhado na lateral, caso alguém tivesse a ideia de roubá-la.

— Bom — disse Claire, calçando um par de luvas de látex. — Vamos dar uma olhada.

— Vocês não tocam em nada — rosnou Henry a Susan e Leo enquanto calçava seu próprio par de luvas.

Susan perambulou pelo quarto. A cama estava feita, e duas toalhas brancas, tantas vezes alvejadas que pareciam prestes a rachar se alguém as tocasse, estavam dobradas e arrumadas sobre a coberta, assim como uma xícara de plástico ainda na embalagem transparente e duas barras de sabonete do tamanho de caixas de fósforo.

— Ele é organizado — disse Susan. Ninguém respondeu. Henry estava vasculhando a cômoda. Claire, a mesinha de cabeceira. Leo estava olhando pela janela, que parecia ter sido reforçada com tela de arame.

Susan caminhou até o armário e o abriu. Não havia nada pendurado. Apenas três cabides de plástico — um vermelho, um branco e um azul. E dezenas e mais dezenas de fotografias de Gretchen Lowell.

— Pessoal — chamou Susan.

Henry veio por trás dela.

Ela reconheceu o autor da colagem. As bordas perfeitamente recortadas. Fora a mesma pessoa que havia feito a colagem na parede de Gretchen na casa de Fintan English.

— Eu disse pra vocês que ele era obsessivo-compulsivo — disse Leo da janela.

— Você não estava brincando — disse Henry.

— Olha só isso — disse Claire.

Susan e Henry giraram. Claire estava de pé diante da mesinha de cabeceira, lendo um bloco espiral azul maltratado.

— Me diz que isso é um diário — pediu Henry.

Claire arregalou os olhos e balançou a cabeça.

— Não sei o que é isso — disse. Virou uma página. — Desabafos. Cartas a Gretchen. E tem isso. — Ela mostrou uma página com parágrafos escritos a lápis e o desenho infantil de um rosto de mulher. — É uma reprodução de uma página do site Match.com. Uma mulher ali pelos 30 e tantos. Loura. Psiquiatra.

— O servente — disse Susan. — George Hay. Os amigos disseram que ele tinha começado a namorar alguém.

— Talvez ele nunca tenha se encontrado com ela — disse Claire devagar.

— A Gretchen também não matou a Courtenay — disse Susan. — O Jeremy criou uma identidade e usou pra induzir Hay a cometer o assassinato. — Ela estava zonza. Tudo parecia muito claro. — O Jeremy era o mascarado.

Henry virou-se lentamente para Leo.

— Quão maluco é o seu irmão? — perguntou.

Leo continuou na janela protegida pela tela de arame, sem olhar para trás.

— Muito — respondeu.

46

Susan estava sentada no carro diante do Hotel Joyce e tamborilava com os dedos sobre o volante revestido de pele de carneiro. Precisava encontrar Jeremy, e precisava encontrá-lo rápido, antes que ele fizesse alguma coisa horrível a Archie.

Olhou de relance para sua bolsa sobre o assento do passageiro. Dentro dela estava o telefone que Gretchen usara para enviar mensagens a Archie. Ela estendeu a mão e a abriu para ver os celulares que havia guardado ali. O que Archie conseguira com Jack Reynolds. E o que recebera, de alguma forma, de Gretchen Lowell. O número do qual as mensagens haviam sido enviadas estava armazenado no histórico de chamadas. O que significava que Susan tinha um jeito de contatar Gretchen.

Susan enfiou a mão na bolsa, apanhou o telefone e olhou para a tela. Havia 24 chamadas perdidas e 15 novas mensagens de texto.

"ONDE VOCÊ ESTÁ, QUERIDO?"
"ONDE VOCÊ ESTÁ, QUERIDO?"
"ONDE VOCÊ ESTÁ, QUERIDO?"

Gretchen também estava procurando por Archie. O que queria dizer que não estava envolvida naquilo. Aqueles lunáticos haviam matado cinco pessoas. Ela tocou as teclas do telefone com a ponta dos dedos. Era uma ideia absurda.

Mas Archie já havia ligado para Gretchen. Estava bem ali, registrado no histórico. Eles já estavam se comunicando.

Susan não sabia exatamente qual era o relacionamento de Archie com Gretchen — em todo caso, não sabia a extensão desse relacionamento. Gretchen era uma psicopata. Uma assassina. E era claramente má. Mas *salvara* a vida de Archie. Duas vezes.

Talvez repetisse a dose.

Susan digitou uma mensagem.

"ARCHIE ESTÁ EM APUROS."

E apertou *enviar*.

Susan olhou para o telefone em suas mãos enquanto a ampulheta girava e então desaparecia. Tinha a incômoda sensação de que acabara de fazer exatamente o que

Gretchen gostaria.

Do outro lado da rua, ela viu Leo Reynolds entrar em um Volvo prateado. Agarrou sua bolsa, saltou do carro, correu até sua janela e bateu.

Ele ergueu os olhos, assustado, e baixou o vidro da janela.

— Você não está indo pra casa, está? — perguntou Susan.

— Ele é meu irmão — disse Leo. — É minha responsabilidade.

— Quero ir com você — disse Susan. Henry e Claire haviam chamado os peritos para examinar o quarto de Jeremy. Susan estava por conta própria. Mas não sabia por onde começar.

Leo hesitou.

— O Archie é meu amigo — disse Susan. — Salvou minha vida. Isso faz dele responsabilidade minha.

Susan percebeu que ele a estava analisando, o rosto azulado do brilho das luzes do painel.

— OK — disse ele. Apertou um botão em sua porta, e ela ouviu o carro destrancar. Ela correu para trás do carro até o lado do carona e entrou.

— Pra onde nós vamos? — perguntou.

— Está na hora de contar com a gentileza de elementos menores — disse Leo.

Susan olhou para ele sem entender.

Ele deu de ombros.

— Tenho amigos em lugares vergonhosos.

Certamente que tem, pensou Susan.

47

— Essa é a "posição Super-Homem" — explicou Jeremy. — É a que menos dói. E eu achei que combinava. Archie Sheridan, o policial super-herói.

Se aquela era a menos dolorosa, Archie ficou grato de não ter sido apresentado a nenhuma das outras alternativas. Sua cabeça doía muito, provavelmente por causa de tantos choques. Mas seus músculos, que também estavam trêmulos da dose massiva de corrente elétrica, haviam ao menos relaxado um pouco. Ele não conseguia erguer a cabeça o suficiente para enxergar muita coisa no quarto e se resignou a ficar ali pendurado, olhando para o chão. E tentou fazer Jeremy continuar falando.

— Todas as suspensões têm nomes — continuou Jeremy. — Você pode ficar suspenso na horizontal, virado para cima, com ganchos no peito e nas pernas. Se chama "Coma". Igual àquele filme. Lembra da cena em que eles encontram todas as pessoas penduradas no teto? Ou então pode se pendurar pelas omoplatas, e vai ficar suspenso na vertical. Essa posição se chama "Suicídio" porque se fizer direito, vai parecer que você se enforcou.

Ele desamarrou o roupão e o deixou pender aberto. Estava nu por baixo, a virilha na altura dos olhos de Archie. Havia raspado a região pubiana, e os testículos estavam enfiados em um anel de metal, esticados uns bons 25 centímetros. O plexo solar de Archie doía só de olhar.

Jeremy deixou o roupão cair no chão e pôs a mão sob os testículos, erguendo-os para que Archie os visse.

— Começou na minha primeira noite em casa — explicou. — Eu queria sentir a dor. Então amarrei meus colhões na perna da cama e me inclinei pra trás. Depois, vi algumas imagens na internet, e comecei a fazer experiências com estiramento. Cordas, depois um pedaço de madeira e por fim anéis de metal. — Ele indicou o anel que envolvia seus testículos no momento. — Uso esse o tempo todo — disse.

— Não foi culpa sua — disse Archie. — Sobreviver. Você não podia ter feito nada pra salvar sua irmã.

— É importante aquecer antes de cada sessão — disse Jeremy. — Relaxar. — Ele pegou um tubo de vaselina no chão, espremeu um pouco com os dedos e começou a esfregá-la em seus testículos e ao longo do pênis. Archie desviou o olhar.

— Estou mostrando isso porque acho que vai te ajudar a entender — explicou Jeremy. — Por favor, presta atenção em mim.

Archie ergueu a cabeça de novo. Jeremy estava semiduro. Havia um cano de aparência resistente no alto, do qual pendiam duas cordas. Jeremy subiu em um banquinho de plástico, prendeu o anel ao redor de seus testículos em um gancho na extremidade de uma das cordas, tomou a outra corda nas mãos para controlar o peso e deu um impulso para trás, ficando pendurado pelos órgãos genitais. Seus testículos se estiraram 20 centímetros, e Jeremy inclinou-se lentamente para trás, soltando a corda de segurança. Ficou pendurado ali, suspenso pela virilha, o rosto vermelho, as costas arqueadas, fazendo com que sua cabeça e seus pés ficassem no mesmo nível.

— Existem maneiras mais fáceis de se punir, Jeremy.

Após alguns minutos, Jeremy ergueu a mão, segurou a corda na qual estava pendurado e usou-a para se sentar o suficiente para agarrar a corda de segurança. Seus pés tornaram a oscilar na direção do banquinho, ele desenganchou os testículos, caiu no chão, curvou-se de lado e começou a se masturbar. Já não parecia mais ter consciência da presença de Archie, não parecia se importar que ele estivesse ali. Não estava se exibindo para Archie, tampouco estava sendo exatamente discreto.

Quando gozou, seu corpo estremeceu e o jato da ejaculação foi lançado vários centímetros à frente, antes de pousar, uma pasta leitosa, sobre o chão de concreto.

O garoto estava mais fodido do que Archie pensava.

Jeremy riu.

— Você devia experimentar — disse. Deitou de costas e secou as mãos nas coxas nuas. — Duvido que já tenha sentido algo parecido.

Gretchen fizera um estrago em Archie. Mas se superara com Jeremy Reynolds.

— Quando você começou a lembrar? — perguntou Archie.

Jeremy fitou o teto.

— Quando ela capturou você — respondeu. Agitou uma das mãos no ar. — Toda a imprensa. Isso trouxe de volta as lembranças. Flashes a princípio. Mas eles foram se completando.

— Deve ter sido horrível — disse Archie.

Jeremy virou a cabeça e olhou para Archie.

— Você entende, não é?

Ele entendia. Estava ao menos em uma posição sem igual para poder fazê-lo. Mas

por outro lado, pensou Archie, ninguém o via se pendurando pelos testículos.

— Ela matou a sua irmã — disse Archie. — Você precisa de ajuda. Existem pessoas que podem ajudar. Eu fui ajudado.

Jeremy ficou de pé e colocou de novo o roupão sobre os ombros.

— Você pode me ajudar — disse. — E eu posso te ajudar. Porque a gente sabe, não sabe? — Ele aproximou os lábios do ouvido de Archie. — A gente conhece ela. A gente conhece a dor e o prazer. O universo inteiro é só um jardim de torturas, imenso e implacável. Com sangue por todo lado.

— Tudo bem — disse Archie.

Jeremy deu um pequeno empurrão em Archie, que balançou para a frente e para trás.

— Como você tá se sentindo? — perguntou.

— Como uma marionete — respondeu Archie.

Jeremy estendeu as mãos para o alto e puxou o cordame, suspendendo Archie.

Archie se enrijeceu, cerrando os punhos diante da dor, até ela se estabilizar.

— Expira — disse Jeremy.

E foi o que Archie fez.

Jeremy aproximou a boca do ouvido de Archie novamente.

— Sabe no que eu fico pensando? — perguntou. — Quando eu tô pendurado ali e meus colhões parecem que vão explodir?

Archie teve a sensação de que aquela era uma pergunta retórica.

— Eu fico pensando em você fodendo a Gretchen — disse Jeremy. — Fico pensando nela te machucando, te obrigando a fazer coisas, e então penso em você por cima dela, fazendo com força, virando ela do avesso, e quando você goza, é tão quente e tão duro que parece um punho dentro dela.

Os olhos de Jeremy estavam fechados. Era tudo fantasia. Não era possível que ele soubesse que Archie e Gretchen tinham tido um caso.

— Ficar assim de cabeça pra baixo não faz o sangue correr pra cabeça? — perguntou Archie, mudando de assunto.

— Você se acostuma — disse Jeremy.

48

Leo Reynolds parou seu Volvo no estacionamento de uma boate chamada George's Dancin' Bare, bem em frente a uma estátua de 9,5m de altura, em gesso pintado, de Paul Bunyan,[9] no bairro de Kenton, na zona norte de Portland.

A estátua fora erguida em 1959 para receber os visitantes da Exposição do Centenário do Oregon e da Feira Internacional do Comércio. Ele vestia calça cintada e dobrada na bainha, botas pretas de quase 2m de altura, camisa xadrez preta e vermelha, e apoiava-se sobre um gigantesco machado.

O sol começava a se elevar e o céu vermelho-amarelado fazia com que a fachada bege simples do Dancin' Bare parecesse especialmente abandonada. Paul Bunyan olhava-os com ar malicioso do outro lado da rua.

Archie estava com Jeremy, e ela estava indo a uma boate de striptease.

Susan olhou para seu celular com ceticismo. Eram cinco da manhã. Boate alguma ficava aberta até tão tarde.

— É uma festa particular — explicou Leo, saltando do carro e encaminhando-se à entrada da boate.

Susan o seguiu. Um letreiro em plástico preto e laranja anunciava muito claramente que a boate estava fechada. Susan estava prestes a dizer alguma coisa do tipo "Viu? Eu te disse", quando Leo pegou seu BlackBerry e teclou um número.

— Sou eu — anunciou. — Aqui fora.

A porta se abriu quase de imediato e um homem colocou metade do corpo para fora, com a mão na maçaneta pelo lado de dentro. Era enorme, tinha barba e vestia camisa quadriculada de flanela. Susan deu meia-volta e olhou de novo para Paul Bunyan, e de volta para o sujeito.

— Fazem muito isso comigo — disse o homem, dirigindo-se a Susan. Sorriu, revelando um dente de ouro na frente, e pousou a mão pesada sobre o ombro de Leo. — Como é que vai, Leo? — perguntou, abriu a porta e gesticulou para que entrassem.

A porta abria-se para uma passagem estreita, revestida de painéis de madeira.

Pôsteres promovendo a noite dos iniciantes e ofertas para conhecer essa ou aquela garota mais "de perto" cobriam as paredes. Paul Bunyan ficou para trás, acomodando-se perto da porta e voltando a ler um exemplar de biblioteca de *O Céu que nos Protege.*

Como todas as boates de strip a que Susan já fora, aquela cheirava a suor, cigarro e cerveja. O carpete marrom estava caindo aos pedaços. As paredes haviam sido manchadas por décadas de fumaça de cigarro. Havia apenas alguns clientes — dois sujeitos de meia-idade vestindo casacos de moletom no bar e mais dois no pequeno palco, onde dançava uma mulher de calcinha preta rendada. A mulher tinha seios volumosos e imensos mamilos cor de vinho. Seus mamilos eram maiores que o seio inteiro de Susan. Eles arremetiam e oscilavam à medida que ela se movia. Susan sentia-se fascinada. Estava tocando *Milkshake* aos berros. Um *subwoofer* quebrado fazia os graves vibrarem. Ninguém dava a impressão de estar muito feliz. Para uma festa particular, não parecia uma ocasião muito festiva.

Leo não parou. Tomou-a pela mão e conduziu-a, para além do bar e de várias mesas, a outra parte da boate. Havia um imenso palco, com uma trave de metal e uma mulher totalmente nua. Vários homens fumavam sentados na beirada do palco. Uma garçonete de shorts curtos e camiseta amarela apoiava-se na parede.

Ela sorriu quando avistou Leo.

Pouco depois do imenso palco, havia um terceiro palco, perto do fundo do bar. Este possuía uma armação ao redor de todo o seu perímetro, mas apenas um cliente, um negro de 20 e poucos anos, parecendo um integrante de gangue de rua, estava sentado com uma pilha de notas e uma cerveja a sua frente.

A dançarina no palco estava totalmente nua. Seus seios eram de um tamanho mais normal, o corpo, delgado e firme, e a depilação, absolutamente completa. O cabelo no topo da cabeça era tão louro, comprido, exuberante e suavemente cacheado que Susan achou que fosse peruca. Havia uma trave de metal no meio do palco, e a dançarina saltava, encaixando-se nela de pernas abertas a um metro do chão, e girava, as costas arqueadas, um dos joelhos dobrados, os dedos dos pés pintados e apontados, o cabelo flutuando atrás, os seios em posição de sentido. Ah, silicone, pensou Susan.

— Tira o olho — disse Leo.

Susan corou.

— Eu gostei do cabelo dela — disse.

Leo levou Susan até o palco. Ela tentou endireitar a postura a fim de parecer mais alta, e arqueou as costas, para que seus seios 42 sobressaíssem um pouco. Quando chegaram, Leo largou-lhe a mão e deu um tapinha no ombro do

marginalzinho.

Ele olhou de relance para Leo e arregalou os olhos turvos.

— E aí, cara — disse. — O que é que manda?

Olhando melhor, Susan viu que não era marginalzinho coisa nenhuma. Estava mais para garoto de faculdade fazendo pose. Calças largas. Agasalho esportivo. Suéter dos Blazers. Mas o seu jeito não era de favelado. Aquele garoto não tinha crescido em Detroit, Compton, nem mesmo na zona norte de Portland. Aquele garoto devia ter jogado basquete na Lake Oswego High. Susan apostaria tudo nisso.

A dançarina saltou e deu outro giro na trave. Tinha uma estrela tatuada no alto do púbis. Estava tão próxima que Susan teve de dar um passo atrás para evitar ser atingida no rosto pelo cabelo dela a cada saracoteada.

— Posso dar uma palavrinha com você? — perguntou Leo.

O negro franziu o cenho e então deu de ombros.

— Claro, primo — respondeu. Ergueu-se, ajeitou as calças, lembrou-se da cerveja, virou-se e pegou-a.

A dançarina foi ao chão de pernas abertas diante deles e agitou os cabelos. Ela era bonita. Susan tinha esperanças de que fosse feia. Seria mais justo se ela fosse toda gostosa, mas tivesse um rosto esburacado, inexpressivo.

— Oi, Leo — disse a dançarina.

— Oi, Star — disse Leo.

Susan examinou Star à procura de imperfeições. Ela tinha um pouquinho, bem pouquinho, de celulite logo abaixo da bunda. Era o máximo que ela iria achar.

Susan e o arremedo de marginalzinho seguiram Leo até uma mesa entre os dois palcos e se sentaram. Susan acendeu um cigarro, deu uma tragada e o depositou no cinzeiro de plástico preto com logotipo do Camel no centro da mesa.

— Essa é a Susan — disse Leo ao negro. A música estava alta e ele precisou gritar para se fazer ouvir, mas, de alguma forma, dava a impressão de não estar sequer erguendo a voz. — Ela é repórter do *Herald.* — Virou-se na direção de Susan. — Você pode chamá-lo de "Primo" — disse Leo.

— Vocês são primos? — perguntou Susan.

— Eu sou adotado — disse o negro.

Leo pegou o cigarro no cinzeiro e deu uma tragada.

— Isso é confidencial. — Ele olhou para Susan. — Certo, Susan?

Ela fez que sim com um aceno de cabeça. Não fazia ideia do que ele tramava.

— Bem por baixo do pano — disse ela. — Fonte anônima. Totalmente.

O "Primo" olhou para eles como se estivessem ambos loucos. Tomou um gole de cerveja e colocou o copo na mesa.

— Estou procurando um pessoal — continuou Leo. — O Jeremy tá envolvido em alguma coisa. Eu quero achar ele e o pessoal que tá com ele. Isso vai sair no jornal amanhã. A polícia vai divulgar a foto dele, a da garota e retratos falados dos outros.

O Primo piscou na direção de Leo.

— Você quer que eu ajude a polícia a encontrar o seu irmão?

— Susan — pediu Leo —, descreve os amigos do Jeremy pro meu colega aqui.

Susan vasculhou a bolsa e pegou seu bloco de anotações.

— Vou pôr no papel pra você — disse ela, e descreveu o sujeito de dentes pontiagudos, o perfurador mascarado, os dois caras grandes, anotando à medida que falava. Então arrancou a folha do bloco espiral e entregou-a a Primo.

— Parece familiar?

O Primo pegou a folha de papel e a examinou.

— Esse pessoal cheira?

Leo deu outra tragada no cigarro de Susan.

— Acho que eles circulam nesse meio, sim.

Susan pousou a ponta da caneta na página em branco do bloco e se inclinou para a frente.

— Você é traficante? — perguntou ao Primo.

Ele recuou um centímetro.

— Você disse "bem por baixo do pano", "fontes anônimas".

Susan deu de ombros e fechou o bloco.

— Fiquei curiosa.

O Primo virou seu último gole de cerveja e acenou na direção da garçonete, que continuava apoiada contra a parede.

— Sou intermediário — disse.

— Você vende o quê? — perguntou Susan.

Leo suspirou e abandonou a cabeça nas mãos.

O Primo sorriu.

— Cocaína — disse, encolhendo os ombros. — Pedra, não pó. Eu passava pó, mas aí fica todo mundo te ligando quando o bar fecha e você não consegue dormir. — Ergueu o dedo no ar para dar ênfase. — A galera do crack tá na cama às onze.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco Adidas, tirou um pequeno saco plástico e jogou o pó branco sobre a mesa.

— Quer um pouco? — perguntou.

Susan tentou mostrar indiferença.

— Não — respondeu.

O Primo estava ocupado, separando para si uma grossa carreira.

— Leo? — perguntou, sem erguer os olhos.

— Não — disse Leo.

— Você é que manda, Primo — disse. Ele tinha um canudo de plástico verde, cortado no tamanho aproximado de um dedo mínimo. Cheirou a carreira e jogou a cabeça para trás um instante, tapando o nariz.

Quando baixou de novo a cabeça, seus olhos estavam úmidos e ele exibia um largo sorriso. Agitou o canudo na direção de Susan.

— Tem certeza?

— Que se foda — disse Susan. Não cheirava desde a faculdade. Estava cansada. Não iria para a cama tão cedo.

Arrancou o canudo da mão dele, e ele riu e separou uma carreira.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou Leo.

Susan debruçou-se sobre a mesa, tapou uma das narinas e inalou. Sentiu a queimação, fechou os olhos e franziu o rosto. Sua cavidade nasal parecia em chamas, como se ela tivesse cheirado Clorox. O fundo de sua garganta se encheu de um muco nojento e amargo. Ela demorou um instante para identificar o gosto — gasolina. Forçou-se a engolir algumas vezes e apertou as narinas, mantendo-as fechadas.

— Uau — disse.

— É bem pura — disse Leo baixinho.

Quando ela abriu os olhos, o Primo ainda se balançava para a frente e para trás na cadeira. Ela sentiu uma onda de energia. A queimação parou. O gosto ruim na boca diminuiu. Seu rosto e seus braços começaram a formigar.

Era melhor do que ela lembrava da época de faculdade.

— Crack é assim? — perguntou Susan.

— Você acha que eu já usei crack? — perguntou ele. — Porra, garota. Não chega nem perto dessa porra. Você chega perto disso e a sua vida tá acabada.

Leo apagou o cigarro de Susan no cinzeiro Camel.

— Acha esse povo — disse ao Primo. — É importante pro meu velho. Bota a boca no mundo. Quero que saibam que a gente tá procurando eles. — Virou-se para Susan. — Vambora — disse. — Antes que você acabe fazendo todo mundo ir preso.

Eles se levantaram, e Susan seguiu-o rumo à porta.

— Você tem amigos interessantes — disse ela.

— Meu trabalho pede muito entrosamento com a comunidade — disse Leo.

Eles deram mais alguns passos.

— Com a Star também? — perguntou Susan.

Os olhos de Leo se desviaram, e ele fez um movimento ambíguo com a mão.

— A gente trepou umas duas vezes — disse.

Susan sentiu a decepção embrulhar-lhe o estômago. O que era imbecilidade da parte dela. E daí que ele tivesse trepado com uma stripper gostosa e siliconada? Susan tinha mais com o que se preocupar além de outra paixonite fora de hora. Precisava concentrar-se em encontrar Archie.

Eles passaram pela porta do camarim das dançarinas. Uma placa verde de sinalização de rua na porta dizia BECO DAS STRIPPERS.

A mente de Susan movia-se um quilômetro por minuto.

Leo Reynolds mal sabia que ela existia. Não sexualmente. Seu cabelo era roxo; e seu corpo, igual ao de um garoto de dez anos. Ele trepara com strippers e era, ao que tudo indicava, uma espécie de advogado do tráfico. Sua irmã fora assassinada. Seu irmão era parte da sanha assassina de um fã-clube pervertido de Gretchen Lowell. E seu pai era um chefe do tráfico.

Leo levara a polícia ao quarto do irmão. Ele estivera lá. Tomara conhecimento da colagem, do bloco de notas. Agora todo mundo iria saber. O rosto de Jeremy, sua história, sua família estariam em todos os noticiários. Não seria bom para os negócios.

Havia alguma coisa errada.

Eles passaram pelo Paul-Bunyan-porteiro e saíram rumo à luz das primeiras horas da manhã. O céu inteiro brilhava em tons tangerina, banhando de luz brilhante a estátua de Paul Bunyan, do outro lado da rua, o que o tornava ainda mais parecido com o assassino do machado.

Eram quase seis horas. Fazia mais de cinco que Archie estava desaparecido.

Enquanto caminhavam em direção ao carro, Leo lhe estendeu um lenço branco perfeitamente dobrado.

— Seu nariz está escorrendo — disse.

Susan fungou e enxugou o nariz com o lenço e o devolveu. Ele ergueu uma sobrancelha diante do lenço sujo, mas dobrou-o e tornou a guardá-lo no bolso.

Quando chegaram ao carro, ele abriu a porta para ela entrar.

— Seu pai sabe que você está ajudando a polícia? — perguntou Susan.

Ele fechou a porta, circundou o carro por trás e se sentou no banco do motorista. Olhou para ela.

— Sabe — respondeu.

— Você faz alguma coisa sem a aprovação do seu pai? — perguntou Susan.

Leo deu partida no carro.

— Ele não aprovaria você.

9 Lenhador mitológico gigante, possuidor de habilidades incomuns. (N. da T.)

49

O efeito da coca passara e Susan precisou de muita força de vontade para parecer razoavelmente alerta. Ian passara a fazer as reuniões editoriais em seu escritório, em vez da sala de reuniões, de forma que podia se sentar atrás da escrivaninha e fazer com que todos olhassem para ele, intimidados pela sua autoridade. Havia só duas cadeiras extras no escritório de Ian, e seis repórteres compareceram à reunião, o que significava que quatro estavam de pé ou sentados no chão.

Susan costumava chegar cedo para pegar uma das cadeiras. Mas fora direto para o jornal depois que Leo a deixara no carro, e só havia sobrado espaço no chão.

— Então — dizia Ian —, aparentemente o que a gente tem aqui é um culto a uma serial killer. Todas essas pessoas são de interesse para os assassinatos recentes que nós estávamos atribuindo à Beleza Mortal. Duas foram identificadas. — Ian possuía um quadro branco que trouxera da sala de reuniões e colocara atrás de sua escrivaninha, para anotar ideias para as reportagens e então as descartar com uma cruz ou circulá-las, e onde havia pregado fotografias de Jeremy e Pearl.

— Jeremy Reynolds. De Lake Oswego. O pai dele é mandachuva do ramo imobiliário e do capital de risco. Margaux Clinton. Dezesseis anos. De Eugene, fugiu de casa. — Ele manteve a caneta suspensa no ar. — Quem são? Como foram ficar do jeito que estão? Também temos três vítimas. — As fotos das vítimas não se achavam no quadro. — Vamos incluí-las numa matéria sobre a vitimização dos sem-teto. Brigas de rua, violência contra transeuntes etc.

"E, obviamente, acho que chegou a hora de analisar a nossa fixação cultural na Gretchen Lowell."

Susan correu os olhos pela sala. Era perfeita, pelos padrões de um escritório de jornal. Uma bandeira do New York Yankees na parede. Um pôster do filme *Ausência de Malícia.* Um exemplar emoldurado do *Herald* do dia do nascimento de Ian (1963 — meu Deus, que velho!). E duas pilhas de jornais que batiam na cintura. Em um quadro de avisos na parede, ao lado do anúncio de cinco anos atrás

da sua conquista de um Pulitzer, Ian afixara uma citação que rabiscara em um pedaço de papel fino. "Milhões viram a maçã cair, mas Newton perguntou por quê." — Bernard Baruch. Ao lado dela, havia uma charge da *New Yorker*, de um suposto Archie Sheridan sentado em um bar. O garçom está lhe entregando uma bebida e dizendo: "Gretchen Lowell quer te pagar uma cerveja."

— Eu sei a resposta — disse Susan.

Ian, que discursava sobre o papel do anti-herói na sociedade, parou de falar e baixou os olhos na direção dela, irritado.

— Eu sei a resposta — Susan tornou a dizer.

— Perdão? — disse Ian.

— Fomos nós que fizemos isso — disse Susan. — Fomos nós. — As paredes no *Herald* eram finas como papel, e qualquer coisa mais alta que um sussurro era ouvida por todo mundo. Ela não estava nem aí. — Nós enaltecemos a Gretchen Lowell — disse Susan. — Nós transformamos ela em celebridade.

Ian ficou completamente imóvel, a caneta ainda no ar. Ele sempre ficava completamente imóvel quando estava irritado. Susan não estava nem aí. Tinha um buraco na bochecha, Archie estava desaparecido, ela se encontrava no meio de uma reunião idiota de jornal e, de qualquer forma, todos eles seriam despedidos.

— Tem gente lá fora que acha que ela é uma heroína — disse ela. Olhou em torno, na direção de todos. Os que estavam sentados no chão, os que se apoiavam na parede, desajeitados. Derek estava sentado em uma das cadeiras. Derek quase nunca conseguia uma cadeira. Susan ficou imaginando quão cedo ele tivera que chegar para ter conseguido. E por quê? Ninguém queria estar ali. Aquilo era uma piada.

Susan descruzou as pernas e se levantou.

— Eles têm sites sobre ela — disse. — Atualizam a página dela na Wikipedia. Escrevem ficção sobre ela. O áudio do telefonema que ela deu quando se entregou, alguém fez um remix e criou um clipe, que tá no YouTube. Existem camisetas com o rosto dela e "Eu 'coração' a Beleza Mortal" escrito. — Ela enfiou o pé em uma bota e calçou a outra. — E não só camisetas. Macacões de bebê. A *Esquire* colocou a Gretchen na edição "Mulheres que Amamos" no ano passado. Eu digitei o nome dela no eBay e descobri que alguém tava vendendo um jogo de bisturis que supostamente foram usados para cortar alguma vítima. Os lances alcançaram 900 dólares.

Ali estava ela, nariz escorrendo, curativo no rosto. Estava mais que demitida. Estava demitida e meia. Estava na lista negra. Mas não conseguia parar. Aquilo tudo simplesmente foi saindo.

— Nós é que jogamos tudo isso lá fora — disse ela, agitando uma das mãos. — Uma matéria atrás da outra. A mesma merda sempre. Qualquer coisa pra ter uma desculpa pra publicar a foto dela porque todo mundo sabe que a foto dela aumenta em 25 por cento a circulação em bancas. Se não tinha notícia, a gente procurava um motivo pra falar dela. "Como fazer uma fantasia de Halloween da Gretchen Lowell." — Ela forçou uma risada e enxugou o nariz com o pulso. — Essa eu que escrevi.

Ian fechou a caneta e colocou-a sobre a escrivaninha. Fez isso com um pouco mais de força que o necessário, e a caneta rolou pela escrivaninha, caindo sobre o carpete. Ninguém se mexeu para pegá-la. Ninguém se mexeu um milímetro.

— Nosso negócio é vender anúncios — disse Ian. — Se a gente vende mais jornal, pode cobrar mais caro pelos anúncios. A Gretchen Lowell vende jornal. O *Baltimore Sun*, o *Chicago Tribune*, o *Los Angeles Times*, todos foram estripados. Você quer que o *Herald* seja vendido? Ou prefere escrever uma reportagem que um monte de gente vá ler, pra que o departamento de publicidade possa ir até a Starbucks e convencer eles a publicar anúncios de um quarto de página na nossa midiazinha moribunda? Porque você tanto pode vender anúncios de Frappuccino como vender Frappuccino. E aí, você quer ser repórter de jornal ou funcionária da Starbucks?

— Eu quero ser jornalista — disse Susan. Aquilo soou absurdo já no instante em que ela disse. Alguém encostado na parede riu.

— Então escreve uma matéria sobre por que você recebeu tratamento pra um ferimento por perfuração no Mercado hoje às duas da manhã. E aí pode escrever 190cm sobre a nossa obsessão cultural pela Gretchen Lowell. Tudo isso aí que você disse, pode colocar no texto.

— Cento e noventa centímetros? — perguntou Susan.

— Você acha que consegue preencher esse espaço? — perguntou Ian.

— Com certeza — respondeu Susan.

— Então vai, sai daqui — disse Ian.

Ela olhou para Ian. Talvez ele não fosse um completo idiota no final das contas.

Um dos outros repórteres ergueu a mão.

— Posso ir? — perguntou.

— Nem pensar — disse Ian.

Susan saiu da sala e fechou a porta antes que Ian mudasse de ideia.

50

Henry não conhecia ninguém que traçasse um perfil criminal melhor do que Anne Boyd. Ela fora a terceira que o FBI mandara para trabalhar na Força-Tarefa Beleza Mortal e passara meses seguidos em Portland, longe do marido e dos dois filhos. Henry ligou para ela de uma mesa no Taco Del Mar, no bulevar Martin Luther King Jr. A banca de tacos ficava em um antigo posto de gasolina. Tudo em Portland ficava em um antigo-alguma-coisa. Os escritórios da força-tarefa ficavam em um antigo banco. Era possível comprar um hambúrguer e ver um filme em uma antiga escola primária. Até mesmo a antiga fábrica de cerveja Henry Weinhard's no centro da cidade dera lugar a vários condomínios ecológicos. Tudo era readaptado. Os habitantes de Portland adoravam reciclar.

Eram onze da manhã. Duas da tarde em Virginia.

Henry ligou para Anne.

Ela atendeu de imediato.

— Henry — disse ela. — Ela foi presa?

— Não — respondeu Henry. — Não.

Dava para ouvir a barulheira de cozinha e de meninos adolescentes ao fundo.

— Bom — disse ela —, você não tá ligando pra me pedir dicas de moda.

— O que você lembra sobre o Jeremy Reynolds? — perguntou Henry.

— Espera um minuto — disse Anne. Henry ouviu uma porta se fechar e a linha ficar silenciosa. — Você não quer me contar o que está acontecendo? — perguntou ela.

— O Archie saiu do hospital — disse Henry.

— Ele pode fazer isso, Henry — disse Anne. — Ele estava lá por vontade própria.

Uma mulher saiu da loja com um *burrito*, procurou um lugar para sentar do lado de fora e decidiu-se por um bem longe de Henry.

— Tem um grupo de, sei lá... — Ele pousou a testa na mão. Estava quente, ele estava sem casaco e sentia o suor acumulando-se sob seu coldre de ombro. — É uma

espécie de fã-clube da Gretchen Lowell. — Que merda, como o mundo estava ficando estranho. — Eles entraram em contato com um merda que estava doido pra ter o baço removido.

— Distúrbio de Identidade da Integridade Corporal — disse Anne com um assovio. — Nunca ouvi falar de ênfase em um só órgão.

Henry fez um gesto de indiferença com a mão.

— Não importa. Eles fizeram contato pela internet. Os caras retiraram o baço pra ele. Só que ele morreu. Porque, sabe como é, esses porras não são médicos. — A mulher com o *burrito* fingia ler um exemplar do *Portland Mercury*, mas olhava de canto de olho para ele o tempo todo. — A Susan Ward achou o corpo, graças a uma pista anônima. O Archie descobriu quem era o garoto, graças a uma pista anônima.

— É uma confluência interessante de pistas anônimas — disse Anne baixinho.

— Eu ia dizer isso — concordou Henry —, mas sem tanta pompa.

— Continua — pediu Anne.

— Acaba que o garoto morto era amigo do Jeremy Reynolds.

— O irmão da Isabel Reynolds.

Henry assentiu com um movimento de cabeça, embora Anne não pudesse vê-lo.

— Aparentemente, ele faz parte do fã-clube. Ontem o Archie saiu do hospital, foi ver o Jack, pediu a ele pra encontrar o Jeremy e conseguiu uma arma. De noite, ele e Susan Ward foram a uma reunião do clube, ou qualquer porra dessas.

— Eles estavam esperando os dois — disse Anne.

— Claro que estavam, — Henry deu um soco na mesa. — Deram pistas anônimas aos dois pra que fossem até lá. A Susan teve o rosto perfurado.

— O rosto perfurado? — perguntou Anne.

— Com uma agulha de piercing — disse Henry. A mulher do *burrito* largara o *Mercury* e agora o encarava abertamente. — O líder do grupo, que estava usando, presta atenção, uma *meia de náilon na cabeça*, queria que o Archie cortasse ele. Pelo menos dois desses babacas entalharam o próprio tronco, ao estilo Gretchen. O Archie concordou se eles deixassem a Susan ir embora. Ela fugiu, acha que ouviu o Archie gritar, mas pode ter sido qualquer outra pessoa. Me ligou. Mas quando nós chegamos lá, todo mundo tinha sumido, inclusive o Archie. A arma tinha ficado no chão.

— E você acha que o Archie foi com eles, por vontade própria?

— Não sei — respondeu Henry. — Achei que ele estivesse se recuperando. Mas é um fã-clube da Gretchen Lowell. Ele é meio que sócio vitalício honorário. E se quisesse tirar o Jeremy Reynolds disso, ia fazer o que fosse preciso. Você conhece o Archie.

— Ele sempre me pareceu muito protetor com o Jeremy — disse Anne.

— O garoto viu a irmã ser assassinada. Imagino que tenha lá os traumas dele. — A mulher do *burrito* entrou na loja. Quando passou por Henry, ele apontou o dedo na direção dela, como se fosse um revólver. — Portanto agora a gente tem motivo pra acreditar que essas pessoas estão envolvidas nas mortes recentes que aconteceram por aqui. Que sejam assassinos imitadores.

Anne fez uma pausa.

— Vou te dizer uma coisa completamente antiprofissional — disse.

— Estou sentado na beirada da cadeira — disse Henry.

— O Jeremy Reynolds é perigoso — disse Anne.

— Não diga... — disse Henry.

Anne lançou um suspiro profundo.

— Ele sofreu uma fuga dissociativa. Sobreviveu a um trauma divisor de águas na vida dele. Com certeza ele está traumatizado, motivo pelo qual eu nunca tirei conclusões mais sombrias em nenhum dos meus relatórios.

Henry não era psiquiatra, mas vira violência o suficiente para saber que ela fazia um estrago nas pessoas.

— Ele tinha acabado de ver a irmã ser assassinada — disse.

— A capacidade de empatia dele desapareceu — disse Anne. E hesitou. — E essa não é a minha opinião profissional. Minha opinião como psicóloga está nos relatórios: fuga dissociativa. Minha opinião como mãe? O Jeremy Reynolds é perigoso.

— A Susan disse que a memória dele voltou — disse Henry. Contou a Anne o que Susan dissera sobre as gravações no peito aparentemente combinarem com as marcas no tronco de Isabel.

— Num garoto como o Jeremy — disse Anne —, sem o apoio adequado, isso pode enlouquecer. Ele procuraria estruturas alternativas de apoio. Como a internet, o fã-clube. E procuraria pessoas com quem conseguisse conversar.

Henry concluiu seu pensamento.

— Como o Archie. A única pessoa que entende, — Archie havia deixado o hospital e ido para o porão à procura de Jeremy. Alguém certamente sabia do vínculo que havia entre ele e Jeremy. Alguém tinha que ter calculado que Archie, sabendo de tudo por que Jeremy havia passado, faria quase qualquer coisa para salvá-lo.

— A Susan acha que o Jeremy era o homem mascarado — disse Henry.

— Bem, dãáã — disse Anne.

51

Algum tempo depois, Archie descobriu que a dor dos ganchos tornara-se uma espécie de ruído de fundo físico. Relaxou o corpo, deixando os braços penderem, as pontas dos dedos quase roçando o chão, e pôs-se a respirar lenta e vagarosamente. A ausência de peso o desorientava, e ele estava ficando enjoado e cada vez mais tonto. Sua mente flutuava. Quando tentava focalizar o chão, sua visão turvava-se.

A pressão arterial estava caindo.

Nesse ritmo, ele não permaneceria consciente por muito mais tempo.

— Agora posso te deixar descer — disse Jeremy.

Archie ergueu a cabeça. O aposento girou.

— Acho que isso seria uma ideia excelente — disse.

Jeremy puxou um mecanismo que Archie não conseguia enxergar e depois de um solavanco doloroso, Archie, felizmente, foi baixado até o concreto. Ficou deitado de bruços; os braços sob o tronco, o rosto no chão. O concreto estava frio. Jeremy ergueu-lhe a cabeça e levou uma garrafa *squeeze* aos seus lábios.

— É água com açúcar — disse. — Para elevar a glicose.

Archie afastou os lábios, Jeremy enfiou o bico da garrafa em sua boca e a espremeu. A água açucarada estava à temperatura ambiente e era doce, como Coca-Cola sem gás, mas Archie sugou-a febrilmente, sua mente clareando à medida que o líquido descia-lhe pela garganta. Quando Jeremy afastou a garrafa, Archie conseguiu se sentar, os joelhos nus puxados em direção ao peito.

— Tira os ganchos — pediu.

Jeremy ajoelhou-se atrás dele.

— Vou tirar bem rápido — disse Jeremy. — Quanto mais rápido, menor a dor.

Archie o sentiu trabalhar, sentiu a pressão enquanto Jeremy mantinha um lenço colado à sua pele para estancar o sangue, mas não sentiu dor nenhuma. Só percebeu que todos os ganchos haviam sido removidos devido ao som que produziram quando Jeremy os deixou cair em uma embalagem vazia de iogurte.

— Vou fazer uma massagem para retirar o ar da pele — disse Jeremy. — Para ajudar a prevenir infecção. Vai doer um pouco. — Jeremy pressionou o entorno das perfurações com movimentos circulares. Era mais desconfortável do que doloroso, como ter flocos de arroz estourando sob a pele. O ar produzia sons semelhantes a arrotos à medida que deixava a carne e um sangue morno jorrava dos ferimentos, respingando e escorrendo pelas costas de Archie. Archie pousou a testa nos joelhos e abraçou as pernas.

Em seguida, sentiu Jeremy esfregar alguma coisa fria em suas costas.

— Solução antibacteriana — disse Jeremy. Limpou o sangue e continuou a massagear as costas de Archie, subindo ao longo da coluna vertebral e esfregando seu pescoço e seus ombros, correndo-lhe os dedos ao longo da parte posterior do crânio, através dos cabelos.

— A Gretchen tocou em você assim? — perguntou Jeremy baixinho.

— Tocou — respondeu Archie. — As marcas que você fez no cara dos dentes afiados, você lembra da Gretchen fazendo isso com a Isabel?

— Eu vi ela fazer.

— Você quer me contar o que aconteceu, Jeremy?

— Quero — disse Jeremy. — Mas antes quero pegar o bisturi.

52

Henry adoraria poder passar anos sem ver de novo a ala psiquiátrica do Providence. Não gostava do cheiro. Não gostava das câmeras de segurança, nem das portas trancadas. Não gostava das enfermeiras. E não gostava que seu melhor amigo tivesse passado dois meses ali.

— É bom que isso valha a pena — Henry disse a Claire. Eles estavam no corredor com Sarah Rosenberg, a psicóloga de Archie. Observavam a sala de atividades, onde um psiquiatra do departamento estava sentado diante de Frank, antigo companheiro de quarto de Archie. O psiquiatra estava entrevistando todos os doentes sobre a morte de Courtenay Taggart. O hospital só admitia que um especialista em malucos encostasse nos seus.

Henry achava aquilo tudo uma bobagem.

— O Frank não tem irmã — disse Rosenberg.

Henry assimilou as palavras.

— Merda — disse.

— O psiquiatra viu no arquivo dele — disse Rosenberg, observando Frank através do vidro. — Ninguém nunca lembrou de checar.

Claire mantinha os braços cruzados. Henry percebia a preocupação comprimindo-lhe os cantos da boca. Ambos sabiam o que aquilo significava.

— É ela — disse Claire.

Henry virou-se para Rosenberg.

— Me leva lá pra dentro — pediu.

— Ele não vai aceitar — disse Rosenberg. — Está incontrolável.

Henry olhou para Frank através do vidro. Frank estava curvado sobre a mesa, o avental de paciente grande demais, meias compridas brancas abaixadas até os tornozelos. Parecia fraco e vulnerável. Exatamente o tipo de homem do qual Gretchen tirava proveito.

— Me deixa conversar com ele — pediu Henry.

Rosenberg olhou para ele um instante e assentiu com um movimento de cabeça.

— Vou te levar lá dentro — disse. E hesitou. — Ele é paciente nosso — disse. — Se você gerar algum tipo de trauma para ele, eu perco meu emprego aqui.

— Eu não vou usar óleo fervendo — disse Henry.

— Seja gentil — pediu Claire.

— Eu sou sempre gentil — disse Henry, entrando na sala com Rosenberg.

Frank ergueu imediatamente os olhos e acenou.

— Oi, Henry — cumprimentou.

Henry abriu um sorriso amplo e dissimulado.

— E aí, parceiro — disse Henry. Puxou uma cadeira e sentou-se ao lado de Frank. Rosenberg acomodou-se na cadeira ao lado do outro terapeuta. Ótimo. Seriam Henry e Frank contra os médicos. Isso geraria uma aliança. O velho Henry gente boa e seu parceiro Frank contra o lobo mau da comunidade médica.

O psiquiatra do departamento — um sujeito de meia-idade, de camisa polo e short amassado — mexeu-se inquieto na cadeira de plástico.

— Senti sua falta hoje — Henry disse a Frank. — Senti falta do meu amigo Frank.

— O Archie foi embora — disse Frank.

— É — disse Henry. — Mas pô, eu ainda posso te visitar, certo? Ainda posso visitar o meu amigo Frank.

Frank abriu um sorriso tímido.

— Pode.

— Mas você deve ter um monte de visitas, não tem, Frank? — perguntou Henry. — A sua irmã, aposto que vem bastante.

Frank hesitou.

— Não? — perguntou Henry.

Frank desviou os olhos.

— Ela é ocupada — respondeu.

Henry entrelaçou as mãos no colo e sorriu.

— Você tem irmã, Frank?

Frank franziu a testa e golpeou o ar com a mão.

— Para de me perguntar isso — disse.

Henry viu Rosenberg botar a palma de uma das mãos sobre a mesa.

— Quem mais te perguntou isso? — disse Henry.

— Ele — disse Frank, apontando para o psiquiatra de camisa polo. — E o Archie.

Henry tentou manter a voz serena, a atitude neutra.

— Quando que o Archie perguntou isso?

— Depois que eu peguei o celular dele — respondeu Frank, balançando a cabeça com ar triste. — Eu não ia pegar. Mas é que eu ouvi. — Ele cobriu as orelhas. — Bzz. Bzz. — Deixou as mãos caírem ao lado do corpo. — Aí eu achei na cômoda dele. Ele ficou puto. Me obrigou a devolver. E me perguntou: "Você por acaso tem irmã, Frank?" — Ele afundou na cadeira, os ombros arqueados. — Ele ficou puto — tornou a dizer.

— Você conversou com alguém nesse telefone? — perguntou Henry.

— Não — respondeu Frank. — Eu ia ligar pra minha irmã, mas não lembrei o número. — Ele mordeu o lábio. — Ela deve estar puta também. Parou de ligar.

— Qual é o nome da sua irmã, Frank?

Frank virou para o outro lado, curvando-se ainda mais sobre a cadeira.

— Não quero mais conversar com você — disse.

— Quando foi a última vez que ela ligou? — perguntou Henry.

Frank tornou a cobrir as orelhas.

— Bzz. Bzz. Bzz.

Rosenberg se levantou.

— Vamos parar por aqui.

53

O *Herald* tinha três elevadores. Um sempre estava parado. Naquele dia, o do canto direito estava quebrado, portanto Susan estava parada diante dos outros dois.

A noite em claro e cinco horas diante do computador a haviam deixado com os olhos irritados e exausta, mesmo com o cochilo de uma hora que tirara no refeitório. Apesar disso, seus 190cm haviam entrado na edição. Era o melhor trabalho jornalístico que ela já produzira. Só queria que Quentin Parker tivesse podido ver.

Com a matéria pronta, ela iria para casa tirar uma soneca. Leo Reynolds não estava retornando suas ligações, o que significava que os seus amigos no submundo não tinham descoberto nada ou descobriram alguma coisa que ele decidira não contar para ela.

Algumas horas de sono, e ela tentaria falar com ele novamente.

O elevador estava demorando demais, e Susan apoiou a cabeça contra a parede e descansou os olhos.

Acordou com um sobressalto quando as portas do elevador se abriram. Ela piscou, ainda grogue. Lá, dentro do elevador, estava Henry Sobol.

Ele segurou a porta do elevador para ela e gesticulou para que entrasse.

— A gente precisa conversar — disse. — Qual andar?

Susan passou a bolsa — com o celular de Archie dentro — para o outro ombro. Não houvera uma única chamada desde que ela enviara sua mensagem de texto.

— Térreo — disse ela.

Henry pressionou o *T*.

Assim que as portas começaram a se fechar, Derek Rogers se enfiou dentro do elevador com eles.

— Você é o Dick, certo? — perguntou Henry.

— Derek — corrigiu Derek.

— Mais de 17 mil pessoas por ano nesse país ficam seriamente feridas em incidentes envolvendo elevadores e escadas rolantes — disse Susan.

Henry não parecia nem de longe satisfeito. A boca estava repuxada e não havia linhas de riso ao redor de seus olhos. À luz do elevador, Susan conseguia ver as minúsculas veias ao longo do seu maxilar.

— Terminamos de entrevistar os internos da ala psiquiátrica hoje de tarde — disse ele.

— Pacientes — corrigiu Susan.

Ele a ignorou.

— Você chegou a conhecer o colega de quarto do Archie? — perguntou Henry. — O nome dele é Frank. Depressivo. Um pouco lerdo. Recebe vários telefonemas da irmã, fala constantemente dela. Acontece que ele não tem irmã.

Não fez muito sentido para Susan. Mas ela estava tão cansada que não tinha certeza se dois mais dois faria sentido àquela altura.

— Então ele mentiu sobre a existência da irmã — disse ela.

Henry apertou o botão de emergência do elevador. O elevador rangeu até parar.

Susan olhou para as luzes acima das portas indicando os andares. Tanto o segundo quanto o terceiro estavam iluminados. Eles estavam presos entre os dois andares. Ela subitamente sentiu-se mais acordada.

— Você não pode fazer isso — disse Derek, elevando a voz. — Esse é o único elevador funcionando. E se houver um incêndio?

Irritado, Henry deu um passo na direção de Derek.

— Se houver um incêndio, é pra descer de escada.

Derek recuou.

— Tá bom — disse.

A mente de Susan estava clareando.

Henry se encostou na parede do elevador, ao lado de Derek.

— Vou te dizer o que eu acho — disse a Derek, dando-lhe um tapinha no braço. — Acho que a Gretchen fingiu ser irmã do Frank. Acho que ela estava de olho no Archie por intermédio do Frank. O Frank não vai admitir nunca. Jura sobre a Bíblia que tem uma irmã que ama ele muito. Mas ele mencionou um telefone. Um celular. O Frank teria tirado o celular da gaveta da cômoda do Archie, e o Archie ficou puto. O que você acha, Susan?

Susan já estava sentindo falta de ar.

— Você sabe de alguma coisa sobre um celular? — perguntou Henry.

— Não — respondeu Susan.

— Vou te dizer o que eu acho — prosseguiu Henry. — Eu acho que a Gretchen está na cidade. Sei lá, talvez nunca tenha saído. Então esse fã-clube, culto, a merda que seja, da Beleza Mortal, talvez seja responsável por grande parte desse caos que

anda havendo por aí. Mas eu não estou conseguindo achar nenhuma prova de que o nosso servente homicida tenha usado alguma página de encontros na internet. A gente varreu o computador da casa dele e também os que ele usava no trabalho. Investigamos até o computador da biblioteca do bairro dele, o que eu posso te garantir que não é nada fácil. Nada. O Jeremy Reynolds não induziu o servente a matar a Courtenay Taggart. Foi a Gretchen Lowell quem fez isso. Acho que ela usou o servente pra passar um telefone pro Archie. E acho que ela fez ele matar uma paciente na ala porque sabia que isso tiraria o Archie de lá. E se eu descobrir que você sabe alguma coisa a respeito desse telefone, eu vou cair de pau em cima de você.

— Acho que eu encontrei a Pearl Clinton — anunciou Derek. — Recebi uma ligação de uma mulher que é gerente de uma loja em Hawthorne: Da Terra à Lua. Ela disse que a Pearl trabalhava pra ela. Vou me encontrar com ela lá. Pode vir dar uma olhada. Se quiser.

Ninguém disse nada por um instante.

Por fim, Susan quebrou o silêncio.

— A Pearl poderia nos levar até o Archie — disse ela a Henry.

Henry apertou o botão de emergência com o punho fechado; o elevador estremeceu por poucos segundos e começou a se mover.

54

A Da Terra à Lua ficava na Hawthorne Blvd, entre uma cafeteria e uma loja de produtos importados. Susan conhecia o lugar. Estava lá havia cerca de um ano, substituindo uma loja gótica, que substituíra uma loja para maconheiros.

Para qualquer subcultura, Portland tinha uma loja.

— Aqui — disse Susan.

Henry estacionou em uma área de carga e descarga bem em frente à loja. Às vezes Susan queria ser policial. Ou, ao menos, ter um carro com placa da polícia.

— Que tipo de loja é essa? — perguntou Henry.

— *Steampunk*.

— *Steampunk*?

— É uma subcultura — disse Susan. — Meio vitoriana. Meio ficção científica. O mundo imaginado por Júlio Verne.

Henry olhou para ela com ar inexpressivo.

— Já leu *A Liga Extraordinária*?

— É sobre beisebol? — perguntou Henry.

— Esquece — disse Susan. — A Pearl estava usando espartilho e óculos de aviador. Esse lugar vende esse tipo de coisa. Faz sentido que ela trabalhasse aqui.

Eles saltaram do carro e entraram na loja.

Parecia uma caixa de joias. As paredes eram verde serpente-marinha, o assoalho de madeira, preto, o balcão do caixa, revestido de veludo vermelho, e as luminárias pareciam antigas peças de relógio, feitas de bronze. Canos de bronze pendiam do teto em correntes, decorados com vestidos, espartilhos, anáguas, anquinhas, ternos com colete, casacos, polainas, uniformes militares antigos. Velhas prateleiras de madeira escura exibiam relógios de bolso estranhos, sombrinhas fora de moda, óculos de aviador e pistolas de raios.

A mulher atrás do balcão revestido de veludo vermelho usava uma bata eduardiana sob um espartilho de couro preto. Ao redor do pescoço, trazia uma lente de aumento e, em um relicário de vidro, o que parecia ser um dente humano. Usava

um cinto com uma pistola de raios do Flash Gordon em cada coldre.

— Eu sou do *Herald* — disse Susan. — O Derek Rogers me mandou vir aqui.

— Bom pra você — respondeu ela.

— Você ligou pra ele hoje cedo — disse Susan. — A gente tá procurando a Margaux Clinton. Ela diz que se chama Pearl. Dezesseis anos. Mede cerca de 1,65 m. Magra. Cabelo castanho curto. Usa óculos de aviador, que nem aqueles — disse ela, apontando para a prateleira. — Você disse pro Derek Rogers que ela trabalhava aqui.

— Não conheço ninguém chamado Derek Rogers — disse a mulher. — E eu não leio o *Herald*.

— Você não telefonou pro *Herald* hoje?

— Não. Mas a Pearl trabalhava aqui. Foi demitida por furto há mais ou menos um mês. — A mulher olhou de relance para Henry e de volta para Susan. — Ela fugiu de casa? — perguntou.

— Ela está sendo procurada por estar ligada a vários assassinatos — disse Henry.

A mulher lançou a Henry um olhar de desaprovação.

— Ele é o pai? — perguntou a Susan.

— Eu sou da polícia — disse Henry.

— Ela está metida com gente ruim — explicou Susan, tirando da carteira um cartão e depositando-o sobre o balcão. — Eu sou jornalista — disse. Como se aquilo pudesse ajudar a neutralizar a questão da polícia.

— Se ela fugiu — disse a mulher —, provavelmente teve motivo.

Henry correu os olhos pela loja.

— Talvez os pais dela quisessem que ela se vestisse feito gente normal — disse.

A mulher o examinou de cima a baixo. Ele estava de jeans preto e uma camiseta preta desbotada manchada de suor. Ela não pareceu aprovar muito.

— As pessoas olham pra você e fecham a cara — disse. Fez uma pose em estilo *Vogue* e agitou os cílios. — Elas olham pra mim e sorriem.

Henry parou diante dela, exibindo toda sua altura e o peito amplo como um barril.

— Olha pra mim — disse. — Eu tô cagando se você sorri ou não. Eu tô cagando se você usa óculos de aviador feito uma idiota. O que me interessa é achar a Pearl Clinton. — Sua cabeça raspada estava coberta de gotas de suor. — E vou te dar dez segundos pra dizer onde ela está.

55

O cruzamento da Avenida 38 com Hawthorne era disputado no mercado imobiliário da mendicância e, segundo a gerente da Da Terra à Lua, Pearl vivia ali, pedindo dinheiro aos fregueses das lojas da Hawthorne.

— Meu Deus, cuidado — disse Susan, quando Henry quase atingiu um ciclista com a lateral do carro.

Henry murmurou alguma coisa e olhou estupefato pelo para-brisa.

— Ali — disse ele.

Pearl estava virando a esquina da 38 naquele exato momento.

— Espera aí — disse Henry. Parou o carro cantando pneus e subindo parcialmente no meio-fio, abriu a porta, e saiu numa correria desesperada atrás dela.

Susan firmou-se no painel, saltou e disparou atrás de Henry.

Quando o alcançou, Henry já havia agarrado Pearl pelo braço.

— Eu quero um advogado — disse Pearl.

Henry segurou o braço da garota com mais força. Os músculos expostos do braço dele próprio incharam.

— Se eu te levo pra delegacia e ligo prum advogado — disse ele —, isso significa ligar pros seus pais e pro Serviço de Proteção à Criança. Continua querendo um advogado?

Uma pequena multidão se juntara. Sempre havia muito movimento de pedestres na Hawthorne. Alguns outros garotos de rua haviam surgido, gente com sacolas de compras, alguns ciclistas que haviam parado e estavam ainda de capacete, todos observando. Alguns estavam gravando vídeos no celular.

— Cidadã comum aqui — gritou Pearl —, sendo ameaçada pelos tiras.

— Henry — disse Susan.

Henry soltou o braço de Pearl. Ela esfregou o local em que ele a havia segurado e cruzou os braços com ar de desafio.

— Isso não é brincadeira — advertiu Henry. — Me fala onde o Archie Sheridan está.

— Eu não fiz nada de errado — disse Pearl, alto o bastante para os curiosos ouvirem.

Henry piscou, incrédulo.

— Nada de errado? Você é do fã-clube de uma serial killer.

Pearl deu de ombros.

— E daí? Eu gostava de Wicca no colégio. Isso não quer dizer nada.

— Cadê o Jeremy Reynolds? — perguntou Henry em tom intimidador.

Pearl só o fuzilou com os olhos.

— Deixa eu falar com ela — pediu Susan.

Henry apontou um dedo para o nariz de Pearl.

— Tem um lar adotivo só esperando por você — disse.

— Vai se fuder — respondeu Pearl.

Henry ficou vermelho, e Susan se meteu entre ele e Pearl.

— Há quanto tempo você é do... — ela procurou a palavra — grupo da Beleza Mortal?

Pearl girou os olhos e suspirou.

— Eu conheci o Jeremy na feira agrícola de Eugene. Ele me convidou. Parecia divertido. O pessoal se reúne no meio da noite em algum lugar de meter medo e uns ficam tentando assustar os outros.

— Eles fazem cicatrizes no próprio corpo pra parecerem vítimas de assassinato — disse Henry por trás de Susan.

— Eu não sabia disso até ontem de noite — disse Pearl.

— Fala de ontem de noite — disse Susan.

Pearl enfiou o bico de um de seus sapatos pontudos na calçada.

— Olha, ontem de noite a coisa passou do ponto. Eu não sabia que os caras iam fazer aquela merda com a agulha. — Sua voz baixou de tom. — Achei que eles só queriam te assustar.

— O Jeremy não é como você achava que era — disse Susan baixinho. — Não é?

Garotas adolescentes não entravam em clubes por serem divertidos. Elas entravam por causa dos garotos.

Pearl assentiu com um aceno de cabeça e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Depois que você saiu, o Sheridan puxou uma arma — disse ela. — Ele queria saber onde o Jeremy estava. O que foi estranho, sabe, porque o Jeremy estava bem ali. — Ela limpou o nariz. — E então ele levou choques. Muitos. Deve ter desmaiado.

— E depois? — perguntou Henry.

— Não sei — disse Pearl, fungando. — Eu saí correndo. Fugi correndo do prédio, subi a Grand e peguei o ônibus 14 até a Hawthorne.

Henry se virou e entrelaçou as mãos atrás da cabeça.

— Aqueles assassinatos — disse Susan. — Os corpos no Rose Garden. A cabeça na mansão Pittock. Gretchen Lowell não matou aquelas pessoas. Foi o Jeremy.

Pearl franziu os lábios e a testa e baixou a cabeça.

— Eu achei que ele gostasse de mim — disse.

Susan deu-lhe um tapinha no braço.

— Eu sei, meu amor. — Ela deixou Pearl meditar sobre sua infeliz vida amorosa por um instante, se inclinou e, em sua melhor voz de irmã mais velha, perguntou: — Ele alguma vez te levou a algum lugar?

56

Jeremy cobrira com gaze as feridas de Archie e dera-lhe uma toalha sobre a qual se sentar. Archie estava nu, de pernas cruzadas, diante de Jeremy, que também estava nu, sentado na mesma posição. No chão entre eles, havia um estojo aberto, contendo um bisturi.

— Alguma chance de que eu possa vestir minha roupa de novo? — perguntou Archie.

— Preciso ver você — disse Jeremy.

Pegou o bisturi, segurou-o da maneira que Archie havia mostrado no porão, estilo "faca de jantar", estendeu a outra mão e passou os dedos pela cicatriz em forma de coração no peito de Archie.

O peito de Jeremy fora brutalizado. Parte do tecido cicatrizado parecia bastante antiga, pálida e esticada, como se ele viesse se cortando assim havia anos. Pequenos cortes subiam-lhe pelas costelas, tracejavam-lhe o abdome, e uma fina cicatriz corria ao longo da linha da costela inferior no lado direito, onde se localizaria a incisão de uma esplenectomia. Não era grossa o bastante para ser mais que uma laceração superficial. Jeremy cortara-se para dar a impressão de que removera o baço. Para parecer com Archie.

E de cima a baixo em seus braços e no interior das coxas, havia o mesmo padrão triangular encontrado em Isabel, gravado repetidas vezes. Algumas das cicatrizes mal eram perceptíveis, outras eram recentes. Ele vinha se automutilando havia bastante tempo.

Os dedos de Jeremy afastaram-se do coração de Archie e percorreram a cicatriz de 13cm que passava por seu diafragma.

— O que foi isso? — perguntou Jeremy.

Era a única cicatriz que não fora obra de Gretchen, uma linha saliente e funcional, diferente das outras cicatrizes, como se fosse a caligrafia de outra pessoa.

— Eu estava com sangramento interno quando me levaram pro hospital — disse Archie. — Eles precisaram abrir de novo e arrumar o estrago que ela fez quando

tirou meu baço. — Era a cicatriz à qual Archie menos se sentia ligado, pois, ao contrário das deixadas por Gretchen, ele não se lembrava de quando a ganhara.

— Fintan teria feito aquilo de qualquer jeito — disse Jeremy. — Teria feito ele mesmo.

Archie olhou de relance para o bisturi na mão de Jeremy. Precisava protelar.

— Você conheceu Fintan English num acampamento — disse.

O rosto de Jeremy estava abatido, os olhos, distantes.

— A gente se conheceu no colégio. Fintan era tão fodido quanto eu — disse ele, deslocando a mão livre até o braço e friccionando distraidamente as cicatrizes triangulares como se fossem a origem de uma antiga coceira. Ainda segurava o bisturi com a outra mão, o pulso pousado sobre o joelho. — Ele queria extrair o baço — disse Jeremy. — Só falava nisso. Ninguém o levava a sério. A não ser eu. Eu li alguns livros. E pesquisei na internet. Imprimi as instruções.

Archie pensou no baço de cabra deixado no banheiro da parada de beira de estrada.

— Você treinou com cabras.

— O baço delas é mais ou menos do mesmo tamanho — disse Jeremy. — Li isso na internet também.

— Como as cabras se saíram? — perguntou Archie.

— Morreram todas — respondeu Jeremy. Inclinou-se para a frente, tão próximo de Archie que ele podia sentir sua respiração. Jeremy aproximou a boca do ouvido de Archie. — Eu queria saber qual era a sensação de ser ela — disse. — Ser Gretchen Lowell. — Os lábios roçaram o ouvido de Archie. — E eu gostei. Gostei de cortar o Fintan. De enfiar a mão dentro do corpo. Gostei do cheiro. — Jeremy fez uma pausa. — Me fez lembrar da Isabel.

Archie esforçou-se para não reagir. Jeremy o estava testando.

Jeremy recuou e olhou para Archie por um longo momento.

— Você pode ir embora — disse.

Archie assentiu com um movimento de cabeça.

— Eu sei.

— Mas você ainda está aqui — disse Jeremy.

— Porque eu estou interessado em você, Jeremy.

Jeremy baixou os olhos na direção do bisturi.

— Você era gentil comigo quando eu era criança — disse. — Meu pai e meu irmão... eu só fazia com que eles se lembrassem do que tinha acontecido com a Isabel. Eu percebia quando eles olhavam pra mim.

O lábio superior de Jeremy começou a tremer, e Archie enxergou o menino que

havia conhecido tanto tempo antes no jovem sentado à sua frente. Perdido, dilacerado, furioso. Os olhos de Jeremy estreitaram-se, repletos de acusação.

— Eu queria que você me levasse embora — disse ele. Os cantos de sua boca afundaram e seus lábios começaram a tremer enquanto lutava contra as lágrimas. — Você sabe o que eles fazem. — Sua voz se ergueu. — Eles são criminosos. — Seu rosto estava tão cheio de dor que Archie ficou de coração partido. — Por que você não me levou embora?

Archie nunca pensara naquilo. Concentrara-se de tal maneira em capturar a Beleza Mortal, em esclarecer o assassinato de Isabel, em proteger Jeremy de Gretchen e da imprensa, que nunca realmente pensara em protegê-lo do pai.

— Sinto muito — disse Archie. Foi tudo em que conseguiu pensar para dizer.

Jeremy começou a chorar. Chorou feito criança, o corpo balançando, o nariz escorrendo, o rosto rosado e feio. Gretchen havia feito um estrago em Archie, mas havia destruído Jeremy Reynolds.

Jeremy ofegou várias vezes, sentou-se completamente imóvel por um instante, ergueu com calma o bisturi e pressionou-o contra o peito, abaixo do mamilo esquerdo.

— Não — disse Archie. — Por favor. — Viu quando Jeremy arrastou a lâmina sobre a cicatriz em forma de coração que havia ali, na tentativa de igualá-la à cicatriz no peito do próprio Archie. Mas Jeremy estava pressionando com força demais, e a pele se dividiu e afastou, o sangue escorrendo do corte fundo.

Archie envolveu o pulso de Jeremy com a mão.

— Foi fundo demais, Jeremy — disse. Jeremy tremia, o rosto exaltado, o bisturi ainda deslizando através da carne e do músculo. Archie precisava tirar o bisturi da mão dele. — Por que você não deixa que eu me corte pra ficar parecido com você? — perguntou Archie.

Jeremy parou e ergueu os olhos. Era a primeira vez que Archie via alguma coisa nítida e sólida em seu olhar. Não era tarde demais.

Archie estendeu a mão, a palma voltada para cima.

— Me dá o bisturi — pediu.

Jeremy afastou o bisturi da própria carne e o examinou, piscando. Limpou a lâmina ensanguentada em um dos cantos da toalha sobre a qual estava sentado e entregou o bisturi a Archie.

E esperou.

— OK — disse Archie.

Jeremy estava próximo. Archie teve a sensação de haver ganhado sua confiança. De ter passado em seus testes. Agora podia fazer aquilo. Archie sobrevivera a dez

dias de tortura nas mãos de Gretchen Lowell. O que eram mais algumas cicatrizes?

Olhou para os braços e as coxas de Jeremy, para as cicatrizes triangulares, as cicatrizes que Gretchen havia produzido em Isabel e em nenhuma de suas outras vítimas.

Baixou a lâmina na direção da parte interna da coxa, pouco acima do joelho esquerdo, e puxou o bisturi sobre a pele. Foi fácil. A lâmina era afiada e ele não sentiu dor. Uma linha ensanguentada de 3cm formou-se instantaneamente.

— Ela tinha uma meia com um tijolo dentro e acertou a Isabel na cabeça — disse Jeremy.

Archie ergueu os olhos.

Jeremy realmente lembrava.

E embora soubesse que deveria estar pensando apenas na mente frágil de Jeremy, em encerrar o caso, em reunir mais provas contra Gretchen, tudo em que conseguiu pensar foi: eu não estou sozinho.

E ficou satisfeito. Era o que queria, não era? Queria que Jeremy lembrasse, pois suas lembranças significariam que mais alguém sabia. Mais alguém que havia sobrevivido. Mais alguém tão ferido quanto Archie.

Ele não queria se sentir sozinho.

Nenhum dos dois queria.

Jeremy estava olhando para além dele. O coração semiesculpido em seu peito continuava a sangrar e Jeremy devia estar com sangue na mão, pois tinha o rosto e o braço manchados.

— Ela balançou com força — disse ele. — E o tijolo acertou a Isabel bem aqui. — Ele tocou o couro cabeludo, atrás da orelha esquerda. Archie lembrou-se dos relatórios da autópsia de Isabel. Aquilo era compatível com o local de uma pequena fratura que o legista encontrara no crânio da menina. — E aí a Gretchen amarrou ela.

Jeremy parou e olhou para Archie, pestanejando ante o pequeno corte que Archie produzira na perna.

Archie ergueu de novo o bisturi e desenhou outra linha de sangue na coxa. Trabalhou devagar dessa vez. Precisava ter cuidado. Se o contato não fosse o mais leve possível, o bisturi cortaria fundo demais.

Jeremy prosseguiu.

— A Isabel estava no banco de trás. Eu estava no banco do carona. Ela não me amarrou. A gente não conversou. Ela nos levou para a floresta. — Sua voz agora soava inexpressiva, dissociada, como a de alguém contando os detalhes de um sonho. Archie limpou o sangue do bisturi na toalha.

— Devia ser uma estrada de lenhadores — disse Jeremy. — Ela precisou saltar para abrir um daqueles portões do Serviço Florestal. Nós viajamos por muito tempo. Ela não disse uma palavra. Isabel acordou e ficou chorando no banco de trás. Eu ouvia, mas estava assustado demais para virar ou dizer alguma coisa.

Archie pressionou a lâmina contra a carne novamente. Havia quatro crianças listadas como vítimas presumidas da Beleza Mortal, todas submetidas a tortura e encontradas com o coração, a assinatura de Gretchen, entalhado no peito. Archie nunca conseguira fazer com que Gretchen confessasse nenhum dos casos. Ela os sacudia diante do nariz dele, mas fora do seu alcance. Seu trunfo final.

— Nós paramos ao lado da estrada — disse Jeremy. — E a Gretchen foi para o banco de trás com a minha irmã.

Archie pressionou a lâmina com mais força. Desejava senti-la. Merecia senti-la. Gretchen balançara as crianças como troféus. Mas Archie nunca desejara que ela confessasse, pois teria de ouvir a confissão, ouvir o que ela lhes havia feito, e relacionar aquilo a todas as noites em que pensava nela, com o pau na mão. Ele queria *sentir.*

— Ela cortou a Isabel com uma lâmina X-Acto — disse Jeremy. — A Gretchen tinha um pacote de lâminas e, quando uma ficava cega, ela substituía por outra. A Isabel chorou. Parecia muito assustada. A Gretchen cortou um dos seios dela. Disse que as amazonas costumavam cortar um dos seios pra ficar mais fácil disparar o arco. Quando desprendeu a carne do músculo, ela atirou o seio pela janela e disse "Agora ela é uma amazona".

Archie sentiu alguma coisa. Mas não foi dor — foi asco. E pela primeira vez em anos, aquele sentimento não se voltava para dentro. Ele detestava Gretchen. Queria que Jeremy continuasse. Queria ouvir cada detalhe sangrento. Porque cada horror que ela cometera só o fazia odiá-la mais. A raiva percorreu suas veias como endorfina.

— Não sei quanto tempo durou — disse Jeremy. — Horas. Depois de algum tempo, os olhos da Isabel ficaram vidrados e ela ficou muito pálida e fraca. A Gretchen gastou outra lâmina e cortou a garganta dela. Ela me mostrou como fazer. Disse que era uma coisa que todos deviam saber. Saíram bolhas de sangue pequenas do pescoço da Isabel. Depois que ela morreu, a Gretchen entalhou o coração. Foi só então que descobri quem ela era. A Beleza Mortal. Eu tinha visto algumas notícias no jornal. Nós ficamos sentados lá por muito tempo. Ficou escuro. Eu comecei a chorar, e a Gretchen me abraçou e acariciou meu cabelo. Ela não disse nada depois disso. Pensei que estivesse com raiva de mim. Nós ficamos sentados no carro o dia e a noite seguinte inteira. Eu saí pra mijar. Voltei. Ela também saiu algumas vezes. No

segundo dia eu disse que estava com fome, ela deu partida no carro e voltou para a cidade. Estacionou, saltou do carro e foi embora. Eu não sabia se ela ia voltar. Não sabia se devia ir atrás dela. Esperei. Logo depois peguei no sono de novo.

Archie tornou a colocar o bisturi ensanguentado na caixa.

Jeremy permaneceu sentado, balançando a cabeça.

— Por que ela não me matou?

— Não sei — disse Archie.

— Ela cuidou de mim.

— Ela te torturou, tanto quanto torturou sua irmã — disse Archie baixinho. — Só que você teve que viver com isso. Não houve motivo. — Ele estava falando consigo mesmo tanto quanto com Jeremy. — Ela não se importava com você. Você não deve nada a ela.

Jeremy começou a chorar.

— Me desculpa — arfou. — Eu matei aquelas pessoas. Matei um homem que encontrei dormindo num parque e uma menina pra quem eu dei carona. Convenci outro homem a entrar no meu carro, oferecendo a ele um emprego. Matei todos eles e conservei os olhos. Porque os olhos deles me lembravam os da Isabel. Olhos mortos, como os dela.

— Você colocou os olhos nas cenas de crime da Gretchen.

— Eu queria que ela me notasse.

Archie olhou para Jeremy, consumido, devastado — o lixo que Gretchen havia atirado no meio-fio — e prometeu a si mesmo que faria qualquer coisa por ele.

— Você está com problemas — disse Archie. — Tem gente morta. Você feriu uma jornalista. — Archie poderia ter continuado, mas Jeremy não parecia disposto a discutir a acusação de exercer a medicina sem diploma.

— Me ajuda — implorou Jeremy.

— Seu pai vai conseguir um bom advogado criminalista — disse Archie. Eles dois estavam estragados. Cara a cara, os troncos devastados expostos, Archie se sentia diante de um espelho. — Você vai ficar bem. Vai receber ajuda. Nós vamos ficar bem.

As luzes piscaram.

Archie ergueu os olhos. Havia alguma coisa errada.

O teto parecia curvar-se na direção dele, e Archie balançou a cabeça e olhou para Jeremy para ver se ele também havia percebido. Mas Jeremy não estava olhando para o teto. Estava olhando para Archie, com um sorriso terno no rosto.

— É melhor a gente sair daqui — disse Archie. Sentia-se quente, a cabeça anuviada. Talvez sua pressão sanguínea ainda não tivesse voltado ao normal. Tentou

se levantar, mas seu estômago revirou, como se o chão tivesse subido e baixado, ou como se eles tivessem sido atingidos por uma onda em um barco. Archie caiu de joelhos.

Olhou para Jeremy para ver se ele havia sentido dessa vez, mas Jeremy não se movera. Continuava lá sentado, como um monge, observando. Então Archie viu os olhos de Jeremy desviarem-se na direção da garrafa de água com açúcar.

— Que foi que você fez? — perguntou Archie. Um formigamento quente torturava-lhe a coluna e os braços, e ele tentou se levantar de novo, mas suas pernas não respondiam.

Tudo aquilo era repugnantemente familiar.

Archie tentou erguer um braço morto, alcançar Jeremy, mas seu campo de visão estava se fechando e sua cabeça flutuava. Tombou para a frente, nos braços de Jeremy. Ouviu um ruidoso estalo e levou um momento para perceber que era o som de sua própria mandíbula colidindo com o ombro magro de Jeremy. O rosto de Archie deslizou alguns centímetros e parou, comprimido contra o peito sem pelos e devastado por cicatrizes de Jeremy. Archie sentiu o gosto do sangue que escorria do ferimento de Jeremy misturado a sua própria saliva; ouvia o coração de Jeremy bater, enquanto sua própria pulsação diminuía estranhamente. Foi necessária toda a sua energia para que dissesse uma única palavra. Proferiu-a com voz áspera, quase inaudível:

— Fentobomina.

— É — disse Jeremy, que segurava Archie, embalando-o. Archie não conseguia sentir, já não sentia mais nada, mas conseguia perceber o movimento através da cor e da luz em seu minúsculo campo de visão. — Foi isso que a Gretchen usou pra te drogar quando te levou prisioneiro — disse Jeremy. — Eu li em *A Última Vítima.* — Ele escapuliu do peso de Archie e girou gentilmente seu corpo, deitando-o de costas no chão. — O efeito vai passar na próxima meia hora — disse Jeremy. Parecia genuinamente arrependido. O que nem de perto compensava o fato de largá-lo nu sobre o chão de concreto.

— Não vai embora — disse Archie, mas o que saiu foi "naavaaiiimba".

Jeremy afastou-se, na direção da escuridão.

— Eu não quero ir pra cadeia — Archie ouviu-o dizer no escuro. — Eles não vão me deixar levar meus brinquedos.

Archie tentou falar de novo. Mas a língua estava imensa, grossa demais, a boca seca, e Jeremy havia desaparecido na escuridão.

Era só uma frase. Duas palavras. Mas ele não conseguiu formá-las na boca.

Me vira.

Gretchen Lowell fora enfermeira. Sabia usar fentobomina. Jeremy provavelmente a encomendara pela internet. Ele era um garoto. Estava assustado. Não sabia.

Não sabia que não devia deixar Archie de costas. Que Archie não conseguiria se mover. Que não conseguiria eliminar a saliva que se acumulava em sua garganta.

As luzes piscavam enquanto Archie ouvia os sons metálicos de sua respiração difícil. Ele tentou expandir os pulmões lentamente, absorver o máximo de oxigênio possível. Mas seu corpo o estava traindo. A pulsação se acelerou. Ele se concentrou nisso, em contar os batimentos, tentando permanecer vivo por mais vinte batimentos, mais dez. Seus pulmões doíam. Os chiados transformaram-se em um feio zumbido. Todas as células de seu corpo desejavam uma imensa lufada de ar, e ele nada podia fazer a não ser permanecer ali deitado, afogando-se no próprio cuspe.

Um agradável redemoinho negro o envolveu quando os pulmões entregaram seu último estoque de oxigênio.

Archie brigou por ele. Obstinara-se no sentido de que o corpo respirasse, permanecesse vivo apenas por mais alguns instantes. Ele lutou, estendeu-se, enfureceu-se e forçou os pulmões a puxarem um fino fio de ar.

Ao fazê-lo, um par de mãos pressionou seu corpo e o fez rolar para o lado.

57

Susan agarrou com força a bolsa no colo. O spray de gás lacrimogêneo, para maior eficácia, deve ser mantido na vertical e disparado em curtas rajadas de meio segundo no rosto do agressor. Os olhos e o nariz são alvos especialmente bons. O alcance é de três a três metros e meio (mais ou menos, depende da pressão do frasco e das condições do vento). Borrife e saia. Borrife de novo. Se a pessoa continua andando, diminui a probabilidade de vir a ser vítima do seu próprio ataque químico. Usado corretamente, o gás causa dilatação capilar imediata, cegueira temporária e inflamação instantânea dos tecidos das vias respiratórias. E também arde pra caralho.

Henry lançou um olhar para ela.

— Você fica no carro — disse.

Merda, pensou Susan, agarrando um pouco mais forte a bolsa cheia de sprays de autodefesa.

— Tudo bem — disse ela.

A toca de Jeremy ficava no Distrito Industrial Noroeste de Portland. Anos antes, aquilo era um pântano. Até que alguém tivera a excelente ideia de instalar ali uma grande estação de trem, e depois o pessoal da Exposição Lewis e Clark de 1905 viu a terra e achou que seria perfeita para a feira, apesar da água estagnada na altura da cintura. A feira foi um grande sucesso, e gente de toda parte veio a Portland ver as barracas e continuou ali pela cerveja barata e pelos robustos lenhadores. As estruturas do terreno da feira apodreceram. Os lenhadores voltaram para as florestas, e a área se estruturou ao redor de uma atividade industrial leve que fabricava pedaços de várias coisas, mas nenhum item completo.

— É aqui — disse Pearl do banco de trás. Henry estacionou na frente do prédio, que era azul, de apenas um andar, sem janelas. Os vestígios da placa pintada à mão do negócio que um dia funcionara ali ainda estavam pendurados sobre o antigo escritório.

Pearl apontou para um carro velho estacionado na rua.

— É o carro do Jeremy — disse.

Henry apertou os lábios, pegou o receptor de rádio no painel e pediu reforços.

Calafrios percorreram os braços de Susan. Ao longo de toda a extensão da plataforma de carga e descarga do prédio, havia pôsteres do próximo episódio de *As Serial Killers Mais Sensuais dos EUA*, em que Gretchen Lowell iria aparecer.

Henry desligou o rádio e olhou para Susan.

— Me deixa entrar primeiro. Fica no carro de porta trancada. Não mexe em nada — disse. E então, como se previsse o protesto de Susan, lançou um olhar de relance para trás, na direção de Pearl. — Você tem que ficar com a garota.

Susan segurou a bolsa com mais força e olhou para o prédio. O rosto de Gretchen nos pôsteres, o machado na antiga placa. Se Archie estivesse lá dentro, estaria precisando de ajuda. Não havia tempo para discutir.

Ela mordeu o lábio e concordou com um movimento de cabeça.

Henry puxou a arma do coldre, lançou-lhe um último olhar carrancudo e saltou do carro.

Susan não tirava os olhos de Henry à medida que ele avançava parcialmente agachado na direção do prédio, a arma apontada para o chão à sua frente.

A porta da plataforma de carga estava alguns centímetros aberta e ela viu Henry bater, gritar alguma coisa e então, com um último olhar de relance para o carro, entrar.

Elas estavam sozinhas. Um arrepio de medo percorreu lentamente os braços de Susan. Ela enfiou a mão na bolsa, retirou uma das latas de gás lacrimogêneo e empurrou a bolsa para o chão à sua frente.

Susan olhou de relance pelo retrovisor do carro, procurando as luzes azuis e vermelhas brilhantes. As sirenes surgiriam a qualquer minuto. Provavelmente dezenas de carros da polícia estavam se dirigindo àquele cruzamento.

Henry seguraria as pontas. Dava para contar com Henry para esse tipo de coisa — segurar pontas. Jeremy não tinha a menor chance. Ela quase sorriu. Gostaria de vê-lo tentar perfurar Henry.

— Jeremy tem uma arma — disse Pearl do banco traseiro.

Susan virou instantaneamente a cabeça.

— O quê?

Pearl estava sentada com os braços cruzados, curvada para trás, os óculos no alto da cabeça como um par de óculos escuros.

— Acabei de pensar nisso — disse. — Ele me mostrou uma vez. Disse que tinha conseguido a arma com o pai.

Susan levou a mão à boca e afundou no assento, incerta quanto ao que fazer.

Henry havia entrado. Ela baixava a janela e gritava? Saltava do carro? Ligava para o celular dele? Descobria como usar a porra do rádio?

Virou-se e olhou pelo para-brisa traseiro. Onde estava o reforço?

Então ela ouviu.

Se estivesse passando, não saberia que aquilo havia sido um tiro. Foi um estampido abafado — o tipo de coisa que poderia ser facilmente explicada pelo escapamento de um carro ou uma bombinha.

Mas não havia sido nenhuma das duas coisas.

Alguma pessoa dentro do prédio fora baleada ou tentara disparar em alguém.

— Merda — disse ela.

— Isso foi uma arma? — perguntou Pearl, de repente aparentando a idade que tinha.

Susan precisava entrar.

Agora não tinha escolha. Henry podia estar ferido, caído lá dentro, sangrando. Ela agarrou a bolsa no chão e lançou-a para trás, na direção de Pearl.

— Fica no carro. Quando o reforço chegar, conta o que está acontecendo. Tem gás lacrimogêneo na bolsa se você precisar. Não mexe em mais nada na minha bolsa.

Pearl parecia pálida.

— OK — disse.

Susan começou a caminhar em direção à porta da plataforma de carga. Caminhava rápido, a lata em uma das mãos, o polegar no bocal, inteiramente concentrada na porta. Em chegar até a porta. Entrar. Em não levar um tiro.

Quatro pessoas são mortas a cada hora por armas nos EUA. Aquilo a fez sentir-se melhor. Quais as probabilidades de que uma delas fosse Henry? Ou Archie? Afinal, *quatro pessoas*. Aquele era um país grande. Mais de 300 milhões de habitantes. Havia pessoas atirando umas nas outras naquele exato instante em cidades muito maiores — amantes rejeitados, colegiais enlouquecidos, assaltantes de banco, dava até para escolher.

Ela alcançou a porta. Estava ainda semiaberta, mas era escuro lá dentro e ela não conseguiu enxergar nada.

— Henry? — resmungou. — Você está bem?

Ninguém respondeu.

Ela ergueu a lata de spray e entrou. Estava ficando especialista em entrar em lugares imundos e escuros, e parou um instante, pouco depois da porta, para permitir que seus olhos se adaptassem. Algumas janelas quebradas deixavam entrar feixes de luz e, assim que suas pupilas dilataram, Susan conseguiu distinguir até bastante coisa. Pedaços de estrados de madeira apodrecida espalhavam-se pelo chão.

O que quer que fosse fabricado ali era, em algum momento, armazenado em caixas naquele recinto, depois levado até os caminhões e despachado para clientes que já haviam morrido fazia tempo.

Ela ficou completamente imóvel e prestou atenção. Todos os pelos de seu corpo se eriçaram.

Alguém tossiu. Era Archie. Susan não sabia como podia ter tanta certeza. Mas não tinha a menor dúvida. Era a tosse de Archie. Estava convencida disso.

Susan procurou a origem do ruído e identificou uma porta aberta na parede oposta. Correu para lá sem nem tentar desviar das peças de madeira estilhaçada no caminho.

Do lado de fora, o lamento de uma sirene ficava cada vez mais próximo, e logo parecia haver milhares delas de uma vez.

Mas, a essa altura, Susan já atravessara o recinto.

O aposento seguinte era maior, o antigo local de produção. Uma única lâmpada pendia de um fio extensor no centro. Archie estava nu, apoiado nas mãos e nos joelhos, tentando ficar de pé. Ele ergueu os olhos e a avistou, e ela correu em sua direção.

Ao se aproximar, viu as ataduras em suas costas, o branco já ensopado de sangue. Ele tentou se levantar de novo, pondo as mãos nos joelhos para se apoiar, e conseguiu ficar de pé, ainda que instável. As pernas estavam feridas e sangravam. Ele estava totalmente nu. Mas não foi isso que chocou Susan. O que a chocou foram as cicatrizes. Susan lera as fichas dos casos, os recortes de jornal — lera até *A Última Vítima*. Sabia o que Gretchen havia feito com ele. Sabia da esplenectomia no porão. Sabia que Gretchen havia enfiado pregos em seu peito, quebrado suas costelas, brincado de médico com ele usando uma faca e um bisturi X-Acto. Sabia que Gretchen havia entalhado um coração em seu peito.

Mas ela nunca vira o resultado. O tronco de Archie fora brutalizado e tornara-se um emaranhado de tecido cicatrizado; o fino pelo castanho crescia em áreas isoladas ao redor da pele lisa branca e nova. Não havia um centímetro quadrado do peito dele que não tivesse sido marcado por ela. A maior cicatriz, a que o dividia na altura do diafragma, era um cordão nodoso e rosado, semelhante ao cordão umbilical. Mas foi sobre a cicatriz em forma de coração abaixo da omoplata esquerda que seus olhos recaíram, e ela precisou forçar-se a não encarar. A cicatriz já tinha dois anos, mas ainda parecia esfolada, como se ele tivesse passado meses futucando o local.

Ela se aproximou, ergueu-lhe um dos braços, colocando-o ao redor do próprio ombro, e passou o braço em torno da cintura dele, ainda agarrando com força a lata. Ele se contraiu quando ela o tocou, e ela viu o forte hematoma roxo em seu flanco,

onde ele provavelmente tomara o choque do Taser, e baixou mais a mão, acomodando-a sobre o quadril dele. Ele oscilou e seu peso se deslocou, e tudo que ela pôde fazer foi mantê-lo de pé. Mas os olhos dele estavam nítidos e focados.

— Eu ouvi um tiro — disse ele.

— O Henry entrou primeiro — disse Susan.

— Eu não vi ele — disse Archie. Balançou a cabeça, como se estivesse tentando entender a situação. — Minhas pernas ainda não estão funcionando. — Ele olhou para Susan. — Você consegue nos tirar daqui?

Um megafone da polícia estalou lá fora e Susan ouviu alguém gritando ordens, mas não conseguiu entender o que a pessoa dizia.

Concentrou-se na porta. Archie mal conseguia andar, e ela precisava de todo o seu empenho para conduzi-lo, passo a passo, em direção à saída.

— Eles vão entrar? — perguntou.

— Eles precisam fechar o perímetro — disse Archie. — Determinar se há reféns. Só vão entrar se ouvirem outro tiro.

À esquerda dos dois, exatamente na ponta do círculo de luz, havia uma imensa bigorna repleta de marcas. Fora a única ferramenta de produção deixada no local, como se tivessem esvaziado o prédio e decidido que era pesada demais para ser removida.

— O que era esse lugar? — perguntou Susan.

— Eles fabricavam machados — respondeu Archie.

Ela viu o brilho antes de ver a arma em si. A cabeça de aço estava alaranjada de ferrugem e o cabo de madeira desbotara, adquirindo um tom cinza-claro. Jeremy deslocava-se rápido, segurando o machado no alto. Vinha na direção deles, um borrão. Susan pensou que Jeremy tivesse gritado, mas o grito soou tão alto em sua cabeça que devia ter saído dela mesma.

Ela desprendeu o braço da cintura de Archie, ergueu a lata de spray, apertou os olhos e pressionou o pulverizador.

Borrife. Saia.

Ela não conseguiu se mover. Tentou, mas estava presa ao chão, preparando-se para o golpe do machado. Ainda conseguia ouvir o grito.

Lizzie Borden pegou um machado.
E deu quarenta machadadas na mãe.
E quando viu o que havia feito.
Deu quarenta e uma no pai.

Lizzie Borden assassinara a madrasta, não a mãe. E foram só dezenove golpes.

Archie a atirou no chão. Como fez aquilo, já que mal conseguia andar, ela não sabia dizer. Talvez tivesse só desistido de tentar ficar de pé e a levara consigo na queda.

Ela abriu os olhos justo quando o machado atingiu o concreto ao lado de sua cabeça. O chão tremeu e faíscas explodiram da lâmina.

O machado ergueu-se de novo e ela cobriu a cabeça com as mãos.

E então houve outro tiro — muito, muito mais perto — e, em seguida, o baque de um corpo batendo no concreto junto com o ruído metálico da cabeça do machado.

Susan fez um rápido inventário mental de seus membros. Não sentia nenhuma dor lancinante. A cabeça ainda parecia continuar presa ao pescoço.

Ela abriu os olhos e ergueu a cabeça. Estava ofegante. Archie estava em cima dela, protegendo-a do golpe do machado. Ele girou o corpo e se sentou.

Henry vinha na direção deles, a arma ainda apontada para Jeremy, que agora jazia de bruços no chão.

Policiais entravam correndo vindo de todas as direções — o que era impressionante, pois, até onde sabia Susan, havia só duas portas. Eles empunhavam suas armas e pareciam estar todos gritando, só que a cabeça de Susan estava girando tão rápido que ela ainda não conseguia captar nada do que diziam.

— Está tudo bem — gritou Henry para ninguém em particular. Abaixou a arma e ergueu os braços. — Nós estamos bem. — Ele baixou os olhos na direção de Susan. — Eu disse pra você me esperar.

Ao menos dessa vez, Susan não teve resposta.

— Ela não faz isso — respondeu Archie. Ele rastejou até o local onde Jeremy jazia de bruços no chão. — Ela não espera.

— O Jeremy está morto? — perguntou Susan.

— Esse não é o Jeremy — disse Archie.

Claire precipitou-se por entre quatro policiais de ar ansioso que estavam de pé, as armas ainda engatilhadas, na orla do feixe de luz. Parou ante a visão à sua frente e então disse alguma coisa aos patrulheiros que os fez baixar as armas.

Em seguida, aproximou-se do corpo.

Susan também rastejou para perto, mantendo-se ao lado de Archie, para dar uma olhada melhor no sujeito que quase a retalhara. A cabeça estava virada para o lado, os olhos abertos e inexpressivos, os lábios separados, revelando um conjunto de dentes bastante afiados. A bala o acertara na nuca. Ele definitivamente estava morto.

Archie olhou de relance para Henry.

— O Jeremy foi embora — disse. — Cerca de meia hora atrás. Não sei quando o

Menino Tubarão chegou.

Susan viu o rosto de Henry hesitar. Ele baixou os olhos para o homem que acabara de matar e limpou a garganta.

— Esse não é o Jeremy?

— Ele estava brandindo um machado — disse Claire. — Foi motivo de força maior.

Henry pareceu perdido por um instante, então voltou subitamente à ação.

— O suspeito ainda está foragido — gritou para todos que haviam se agrupado. — O carro dele ainda está na frente do prédio. Deve estar a pé. Dispersem. Ele tem meia hora de vantagem sobre nós.

Alguém apertou um interruptor, e cinquenta lâmpadas fluorescentes gradeadas ganharam vida, iluminando a tudo e a todos. Os olhos de Susan ardiam. Archie ergueu uma das mãos para limpar uma mancha de sangue na testa.

— Você se importaria de me ajudar a encontrar minhas calças? — perguntou.

58

O escritório de Archie na força-tarefa estava exatamente como ele o deixara dois meses antes. A escrivaninha de cerejeira envernizada, sobra do gerente de banco que ocupara o local antes dele, estava repleta de pastas. Uma leve camada de pó cobria o teclado de seu computador. O escritório era pequeno, com espaço suficiente apenas para a escrivaninha, uma estante de livros atrás dela e duas cadeiras com estofo barato na frente. As venezianas estavam fechadas sobre a janelinha que dava para a rua. Henry, que comandava o lugar desde que ele saíra, havia trancado o escritório e liderado a perseguição a Gretchen de sua própria escrivaninha, na sala principal.

Archie reclinou-se na cadeira e lembrou-se no ato dos ferimentos em suas costas. Encolheu-se e relaxou de novo, devagar. Estava enfaixado e vestido de novo; havia lavado o rosto, dado seu depoimento e permitido que os paramédicos cuidassem de suas feridas.

Ainda havia uma foto de Debbie e das crianças ao lado da luminária sobre a escrivaninha. Archie passou o dedo ao longo do topo da moldura para retirar o pó — na foto, Debbie estava de boca aberta, dizendo alguma coisa, um braço ao redor de cada criança. Ele se deu conta, com tristeza, de que não iria lhe contar como fora o seu dia. Ela não precisava saber. Nunca veria as novas cicatrizes.

Olhando para a foto, Archie percebeu pela primeira vez que havia um banco de piquenique ao fundo. Pegou a foto e apertou os olhos para enxergar melhor. *Eles haviam passado pela parada de beira de estrada a caminho de Timberline Lodge*. Ele riu com ar sombrio ao reconhecê-la. O retrato de sua família sorridente, única prova das únicas férias que haviam tirado naquele ano, havia sido batido na parada de beira de estrada onde Jeremy Reynolds viria a despejar sua carnificina.

Perfeito, merda.

Archie puxou a gaveta superior esquerda da escrivaninha. Enfiou a mão lá dentro e tateou em busca do frasco de Vicodin que guardava ali, mas ele havia desaparecido.

O escritório estava *quase* exatamente como o deixara.

Henry surgiu no vão da porta. Passara as últimas duas horas na sala de reuniões com o pessoal de Assuntos Internos e parecia cansado. Archie tornou a fechar a gaveta.

— Você sabe que o Frank não tem irmã — disse Henry.

— Eu tinha uma leve suspeita — disse Archie.

— Uma mulher ligou pro *Herald*, dizendo ser a dona de uma loja na Hawthorne — disse Henry. — Disse que a Pearl trabalhou pra ela. Mas quando Susan e eu fomos até lá, a dona disse que não tinha telefonado. Mas nos levou à Pearl, que foi como te encontramos.

Archie recostou-se na cadeira.

— Você está achando que a Gretchen é meu anjo da guarda agora?

Henry pousou as palmas das mãos sobre a mesa e, por um segundo, Archie teve a impressão de que ele fosse arrastá-la pelo chão.

— Você está com algum telefone dado por dela? — perguntou.

Archie olhou-o direto nos olhos.

— Não — respondeu.

Ele não estava mentindo. Até onde sabia, o celular continuava no carro de Susan.

Henry deu um passo atrás e sentou-se em uma das cadeiras de braço.

— A Claire disse que você recusou assistência médica.

— Eu me recusei a ir até o hospital — disse Archie. — Deixei que me tratassem lá no local. Não se preocupa. Tenho uma consulta com a Rosenberg de manhã. E uma programação do N.A. na minha bolsa.

Henry entrelaçou as mãos no colo e contemplou-as.

— O que ele fez com você? — perguntou com voz rouca.

Archie ficara tentado a omitir alguns detalhes. Quando recuperara os movimentos o bastante para erguer a cabeça, o equipamento de suspensão havia desaparecido. Não tinha certeza de querer que soubessem o que havia acontecido entre ele e Jeremy. Mas estava cansado de guardar segredos.

— Dei um depoimento pra Claire — disse Archie. — Vai em frente e lê. Mas não vou prestar queixa.

Henry ergueu a cabeça e olhou de relance para o teto, como se buscasse orientação.

— O que é que há entre você e os psicopatas?

— O Jeremy confessou — disse Archie. — Assumiu a responsabilidade pela parada na estrada, pelo Fintan English e pelos outros três. Está metido em quatro assassinatos; todos menos o da Courtenay. Você não precisa de mim. — Archie

inclinou-se para a frente e entrelaçou as mãos sobre a mesa. — Ele lembra do assassinato da irmã. Me contou tudo.

— Você acreditou nele? — perguntou Henry.

— Ele tinha conhecimento dos triângulos, das contusões — respondeu Archie. — Ele lembra. Viu Gretchen matar a irmã. Passou quase dois dias naquele carro. — Archie queria que Henry percebesse o que aquilo significava, que soubesse que tudo havia mudado. — Ela transformou ele no que ele é.

— Você passou por coisa pior e conseguiu não arrancar os olhos de ninguém.

Archie balançou a cabeça.

— Eu não passei por coisa pior — contrapôs. Jeremy assistira a Gretchen torturar a irmã. Archie sobrevivera à própria tortura. Mas Jeremy era inocente. Archie atraíra aquilo sobre si mesmo. — É só um tipo diferente de mal.

— Não — disse Henry. — Você não é igual a ele.

Jeremy cometera assassinato. Archie só matara seu casamento, sua identidade, seu emprego. Tudo sem disparar um tiro.

Mal conseguia imaginar qual seria a sensação de realmente tirar a vida de alguém, o que levaria uma pessoa a cruzar essa linha divisória.

Ele sequer podia imaginar. Mas Henry sim.

— Você tá bem? — perguntou Archie.

Um fraco sorriso percorreu os lábios de Henry.

— É uma mudança. Você me perguntando isso.

O Menino Tubarão se virara na direção de Henry quando este entrou, e Henry o atingira e perseguira.

— Ele ia matar todos nós — disse Archie.

Henry fitou o espaço por um instante, então franziu a testa.

— Estou fazendo serviço burocrático até liberação oficial — anunciou. — Mas é uma formalidade. — Ele coçou a nuca. — Ele foi identificado. Se chamava Troy Lipton. Tinha 27 anos. Trabalhava como cozinheiro num albergue em Sherwood. Tem ficha em Idaho. Por assalto. E agressão. — Henry tossiu e levantou-se. — Você devia voltar pra casa — disse, balançando a mão na direção de Archie. — Devia descansar um pouco.

Archie contemplou suas roupas amassadas, a camisa manchada de sangue.

— Um banho me cairia bem mesmo.

— Vou mandar alguém com você — disse Henry. — A Gretchen ainda está por aí, e agora o Jeremy.

— Combinado.

Henry deu um passo e parou no vão da porta, as costas voltadas para Archie, a

cabeça baixa.

— Eu já tinha matado antes — disse.

59

Archie estava sob o chuveiro de Henry, os olhos fechados, deixando a água quente escorrer pelas costas. As ataduras haviam se soltado com a água e giravam ao redor do ralo da banheira. Archie aumentou a água quente. Permaneceu assim por mais alguns minutos, até que sua pele começou a arder e o vapor tornou-se tão denso que ele mal conseguia respirar, então abriu os olhos e deu um passo para fora do jato do chuveiro. Abriu as cortinas de plástico alguns centímetros, para deixar entrar um pouco de ar fresco, e examinou seus ferimentos. O Taser produzira um hematoma de aparência cruel em seu flanco. Tinha o tamanho de uma mão, era definido e sensível ao toque, com dois círculos vermelho-escuros, como marcas de dente, no local em que a corrente elétrica penetrara em seu corpo.

Suas costas e pernas ainda doíam devido aos ganchos, mas ele já não sangrava. Ergueu um dos pés e pousou-o na borda da banheira para examinar o triângulo que fizera na coxa. A pele cortada não necessitara de pontos. Ele esfregou a mão em uma barra de sabonete na saboneteira da banheira e passou os dedos sobre os cortes na pele. Triângulos. Isabel fora a única vítima em quem Gretchen gravara aquela forma. Estranho ter sido ela a atrair a atenção de Jeremy. E o fato de tê-la gravado tantas vezes em seu próprio corpo. Ele não vira os ferimentos nas outras vítimas. Não teria meios de saber que aquilo era especial.

Archie removeu a diminuta casca de um dos cortes e este começou a sangrar, o sangue mesclando-se à água e fazendo com que um filete rosa-claro lhe descesse pela coxa e pela parte posterior do joelho.

Triângulos.

Ele afundou na banheira e permaneceu ali sentado. O banheiro estava cheio de vapor. O espelho, embaçado. Archie estendeu a mão e fechou a água. O ferimento na perna não era muito profundo, mas começara a latejar.

Archie levantou-se, saiu da banheira, secou-se e enrolou a toalha ao redor da cintura. Então removeu a condensação sobre o espelho para poder enxergar. O reflexo inexpressivo provocou-lhe um sobressalto. Ele pôs a mão sobre a borda do

espelho e esperou um instante, em seguida abriu o armário de remédios e vasculhou as prateleiras. Não viu o que queria. Procurou embaixo da pia. Nada de comprimido ali. Perguntou-se se Henry de fato não tinha nenhum analgésico ou se simplesmente os escondera.

Archie estava passando pela sala a caminho da cozinha de Henry para dar uma busca nos armários quando ouviu a voz dela.

— Fico feliz que você esteja bem — disse Gretchen.

Ele virou-se e a viu, sentada na cadeira de Henry. Ela segurava um dos gatos de Henry no colo — um gato cinza tigrado, que Henry salvara na cena de um crime. Seu cabelo estava vermelho e puxado para trás. Ela usava um vestido preto de algodão, sem mangas, e suas pernas nuas estavam cruzadas. Ela parecia bronzeada. Ele a vira mentalmente tantas vezes, que levou um minuto para se dar conta de que era de fato ela.

Desejou poder pegar aquela parte de si mesmo — a parte que se lembrava dela, que estava ligada a ela, a parte que a desejava —, cortá-la e enterrá-la.

Archie riu.

— Eu queria ter te matado — disse.

O gato esfregou a cabeça na mão dela e ronronou.

— Eu imagino.

— Não teve motivo — disse Archie. — Tenho procurado o motivo para você ter me mantido vivo. Alguma humanidade em você. Mas não teve motivo.

Gretchen franziu a testa com ar pensativo.

— Talvez tenha sido amor.

Archie sorriu. Gesticulou com o dedo, pedindo-lhe que se aproximasse.

— Quero te mostrar uma coisa — disse.

Ela não hesitou. Empurrou o gato de seu colo para o chão, levantou-se e caminhou até ele. Estava usando salto alto, e seus quadris oscilavam à medida que avançava. Quando ela estava a poucos passos de distância, ele deixou cair a toalha.

— Não estou de pau duro — disse.

Ele seguiu os olhos dela até seu pênis flácido e teve uma grata surpresa.

— Você sabe quanto tempo faz que eu estive no mesmo cômodo que você sem ficar de pau duro? — perguntou. — Meu Deus. Eu não podia nem ver uma foto sua, pensar no seu nome, sem que essa porra subisse. — Ele tocou o membro, movendo-o um pouco para provar que não estava rígido. — Eu conseguiria encher uma banheira com o esperma que derramei em sua homenagem.

Gretchen estendeu o braço, pôs a mão em sua nuca e puxou os lábios dele em direção aos seus. Ele permitiu que ela o fizesse. Mas manteve os braços ao lado do

corpo. Ela o beijou, enfiando a língua na boca dele. E o que ele sentiu foi: nada.

Ele riu novamente.

Ela se afastou, deu um passo para trás e ajeitou o cabelo.

— A terapia está surtindo efeito — disse ela. — Você tem sido um bom paciente. Estou muito satisfeita.

— Para de telefonar pro Frank — disse Archie. — Você fez o cara acreditar que é irmã dele mesmo.

Ela sorriu e arqueou uma das sobrancelhas modeladas.

— Talvez eu seja.

Henry e Claire estavam no escritório da força-tarefa e não deveriam sair tão cedo.

— Como você sabia que eu estava aqui? — perguntou Archie. Henry guardava uma arma extra dentro de uma caixa no armário. Archie precisaria ir até lá, abrir a caixa e carregar a arma.

Gretchen apoiou os cotovelos no aparador de Henry.

— Para onde mais você iria? Vancouver? — Ela correu os olhos pelo corpo dele, e ele se deu conta de que continuava nu. — Acho que a Debbie cansou do seu olhar vagabundo. — Ela passou a ponta do dedo ao longo do topo do aparador e olhou para ele. — Estou percebendo a influência da Claire — disse. — Isso aqui está muito mais limpo. — Gretchen estava mexendo com ele. Nunca havia estado na casa de Henry.

Archie pegou a toalha e prendeu-a ao redor da cintura.

— Por que você está aqui? — perguntou.

Ela abriu aquele seu sorriso de estrela de cinema.

— Vim salvar você.

Ele tinha esperanças de que não fosse verdade.

— Você telefonou para o *Herald* com a pista a respeito da Pearl.

— Como vai Jeremy Reynolds? — perguntou Gretchen. — Estou vendo que ele te apresentou à suspensão corporal.

— Ele é criação sua — disse Archie.

— Estou pensando em processar esse cara por violação de marca registrada. Eu não gosto de ser copiada.

— Mas fez o George arrancar os olhos da Courtenay Taggart.

— Eu estava copiando Jeremy me copiando. Isso não é violação de direitos autorais. É tomar uma amostra.

Henry teria a arma carregada. Ele não tinha filhos. Não precisava se preocupar com isso. Em uma caixa no armário, a arma estaria carregada.

Gretchen olhou de relance para o corredor.

— Onde está? — perguntou. — A arma que você está pensando em usar. Lá? Você jamais chegaria a tempo. — Ela deu um passo à frente, postou-se diante dele, tomou-lhe uma das mãos nas suas e levou-a até o próprio pescoço. — Você poderia usar as mãos — disse. Manteve a mão dele ali por um instante, e ele sentiu os batimentos de sua pulsação. Então ela baixou a mão dele e beijou a palma.

— Você é tão confiante que eu não vou fazer isso — disse Archie.

Ela sorriu e deu-lhe as costas.

— Você está perto, querido. Não se preocupe. Vai chegar lá. Mas antes quer me perguntar sobre Isabel Reynolds. O que está te incomodando? Os triângulos? — Ela tocou a toalha na altura da coxa dele, onde ele havia se cortado por causa de Jeremy.

— OK — disse ele. — Vou entrar na brincadeira. Você matou Isabel Reynolds?

Gretchen levou o dedo ao queixo com ar pensativo e pareceu considerar a pergunta. Então balançou a cabeça.

— Não — respondeu. — Eu não mato crianças.

— Vai se fuder — disse ele.

— Olha só — disse Gretchen. — É disso que você precisa. Raiva. A ala psiquiátrica te abrandou um pouco, não foi? Nós precisamos recuperar isso.

— Você acha que eu não vou te matar? Meu sonho é acabar com você.

Ela se afastou do aparador.

— Está na gaveta — disse ela. — Vai em frente. Guardei a arma aqui pra você.

Archie foi até a gaveta e a abriu. Ali, sobre uma pilha de guardanapos de Natal, estava a arma de Henry.

Archie pegou-a e a apontou para Gretchen.

Ela sorriu.

— Você matou Isabel Reynolds? — perguntou Archie.

Gretchen olhou-o nos olhos.

— Eu não mato crianças — respondeu.

Ela estava mentindo. Havia outras três crianças na lista das vítimas da Beleza Mortal além de Isabel Reynolds. Todas torturadas e abandonadas com um coração entalhado no peito.

— Eu vi os corpos — disse Archie.

— Eu tive um aprendiz — disse Gretchen, balançando a mão em um gesto de desdém. — O nome dele é Ryan Motley. Não consegui controlá-lo. Quando saiu de minha órbita, passou a fazer tudo por conta própria.

Archie não acreditava nela. Às vezes se perguntava se tudo que saía de sua boca não era mentira.

— Você está dizendo que ele matou Isabel? — perguntou Archie.

— Não — disse Gretchen. — Ele não matou Isabel Reynolds.

— Quem matou? — perguntou Archie. E ao fazer a pergunta, suas entranhas se contraíram, pois de alguma forma, lá no fundo, já sabia.

— Eu sempre achei que foi o irmão — disse Gretchen.

Ela tivera acesso aos arquivos confidenciais quando se infiltrara no caso como psiquiatra. Poderia ter lido tudo que eles tinham a respeito de Jeremy, até mesmo os relatórios psiquiátricos.

— Ele matou a irmã — continuou ela —, gravou um coração nela e culpou a Beleza Mortal. Eu geralmente não me importo em receber crédito pelo trabalho de outras pessoas. Mas Jeremy Reynolds era um merdinha psicopata que matou a irmã e saiu limpo.

Archie lutou contra esse pensamento. Balançou a cabeça.

— Não — disse. — Não. — Ela estava tentando irritá-lo. Estava manipulando-o. Estava tentando lhe tirar Jeremy.

— Por que agora? — perguntou Archie. — Você nos deixou pensar que matou aquelas crianças. Por que negar agora? Você espera que eu acredite que exista alguma linha moral que você não tenha cruzado? Que você tem regras?

— Você sabe que eu estou dizendo a verdade. Porque se eu matasse crianças, você sabe, lá no fundo, que eu teria matado as suas.

Archie apertou o gatilho. E nada aconteceu. A câmara estava vazia.

— Isso foi divertido, não foi? — perguntou Gretchen.

Archie explodiu. Arremessou-se sobre ela, prendeu o punho em seu cabelo e a empurrou contra a parede. Ela riu, e aquilo lhe avivou a fúria. Ele usou o corpo como alavanca contra o dela, imobilizando-a. Então colocou a mão livre sobre sua garganta e apertou. Ela não lutou. Ficou só olhando para ele. Seu rosto ficou vermelho e ela arfou involuntariamente. A saliva se acumulou nos cantos de sua boca. Seus olhos se arregalaram.

Ele sentia-lhe o cheiro, o doce fedor da mescla do suor dos dois. O vestido dela estava rasgado no ombro, por tê-la agarrado. Seu cabelo estava despenteado.

Ela já não parecia tão bonita.

O peito de Archie cresceu e ela arqueou as costas, pressionando os seios de encontro ao corpo dele. Ele a ergueu do chão, fazendo-a deslizar contra a parede, até que os dois estivessem cara a cara. Os lábios dela se separaram, as mãos se ergueram e envolveram os pulsos dele. Ele reconheceu aquelas mãos.

Não fora Jeremy que o salvara do sufocamento, fora Gretchen. As mãos dela. Ela estivera lá. Havia girado seu corpo. Protegera-o. Jeremy abandonara Archie à própria sorte.

Archie odiou-a por aquilo e apertou ainda mais, sentindo o corpo dela se entregar, afundar em direção ao dele, a vida se esvaindo.

E aquilo o fez ficar de pau duro.

A sensação de desejo naquele momento foi tão desorientadora que Archie quase vomitou.

Deixou Gretchen cair no chão e afastou-se dela aos tropeções, ajeitando a toalha ao redor da cintura.

Ela levou uma das mãos ao pescoço e tossiu, e o vermelho esvaiu-se de seu rosto. Havia júbilo em seus olhos azuis quando ela o fitou. Ela limpou a boca com as costas da mão e riu.

— Não se preocupe — disse, pousando o olhar satisfeito sobre a virilha dele. — Acontece com todo mundo.

Ela alisou o cabelo e se levantou. Deu um passo, tropeçou, endireitou o corpo, foi até o sofá e pegou sua bolsa. Em seguida caminhou até ele e pressionou alguma coisa sob suas costelas.

O corpo de Archie foi lançado para longe e ele desabou no chão. Ele sufocou o riso enquanto seus músculos se sacudiam com força. Ela o atingira com um maldito Taser.

— Agora eu vou indo — disse ela. Atirou uma bolsa preta em sua direção. — Isso é pra vocês. Alguns presentes especiais, além de um *pen drive* em cima da mesa com tudo que eu sei sobre Ryan Motley. Pode ser que vocês queiram fazer alguma coisa a respeito dele. — Ela deu alguns passos em direção à porta e tornou a se virar. — Você achou que tinha um amiguinho, não foi, querido?

Ela se ajoelhou ao lado dele, seu perfume e seu calor preenchendo-lhe os sentidos novamente.

— Tem aqui uma coisa pra você se lembrar dele — disse, enfiando um objeto molhado e escorregadio na mão contraída de Archie.

Ele continuou a se sacudir e contorcer à medida que ela passava a unha por seu braço, por seu ombro e descia pela coluna vertebral até o cóccix, e então não conseguiu sentir mais nada.

A porta dos fundos se abriu e fechou.

Archie se virou e deitou de costas, e o gato deslizou até ele e começou a lamber seu rosto. Archie levou vários minutos para obrigar seus músculos a relaxarem o bastante para abrir a mão, revelando o presente de despedida de Gretchen — duas esferas brancas da cor de leite estragado, entremeadas de vasos vermelhos e escorregadias de sangue.

Ele instintivamente puxou a mão, e os globos oculares de Jeremy rolaram de sua

palma para o chão.

O gato inclinou a cabeça.

Archie esforçou-se para ficar de pé e recuou olhando para a própria mão, manchada pelo sangue de Jeremy. Virou-se, foi até a janela da frente, afastou a cortina e procurou o carro de patrulha que Henry pusera diante da casa. O carro estava lá. A luz do teto estava acesa; e o policial, no interior da viatura. Vivo.

Archie apoiou a cabeça contra o vidro, prendeu a respiração, tropeçou até o banheiro e manteve a mão sob a torneira da pia, com a água mais quente que conseguiu suportar.

Teria Jeremy matado Isabel?

Ou seria só mais uma das mentiras de Gretchen?

Ele precisava saber. Archie estava calmo agora; seu ritmo cardíaco havia se estabilizado. Seu flanco já ostentava duas marcas de mordidas, vermelhas e idênticas, onde os projéteis do Taser haviam estabelecido contato com a pele. Logo surgiria um hematoma roxo, correspondente ao do lado oposto.

Archie fechou a água e secou as mãos. Então, movendo-se lenta e dolorosamente, vestiu roupas limpas. Quando terminou, havia parado de tremer.

Voltou à sala. Um dos olhos havia desaparecido. Assim como o gato. Archie pegou as chaves do carro de Claire sobre o aparador, apanhou a arma descarregada no chão e fez uma ligação do telefone fixo de Henry.

— Sou eu — disse Archie. — Preciso ver você.

Archie ouviu a batida de música eletrônica ao fundo.

— Você sabe onde eu estou — disse Leo Reynolds.

Archie desligou e pegou o fone de novo. Dessa vez ligou para Henry. Levou o receptor até o quarto de Henry e abriu o armário.

— O Jeremy está morto — disse Archie quando Henry atendeu.

— Onde você está? — perguntou Henry.

Archie vasculhou a prateleira, procurando a caixa onde a arma devia estar.

— Na sua casa. A Gretchen esteve aqui. Você vai encontrar os olhos do Jeremy no chão da sua sala de estar. — Ele fez uma pausa, lembrando do gato. — Ou debaixo do sofá. — Ele viu uma caixa e despejou o conteúdo no chão. Fotografias. — Onde você guarda as balas da sua arma? — perguntou.

— Fique aí — disse Henry. — Eu tô a caminho.

Archie passou à cômoda de Henry e começou a abrir gavetas. Precisava sair dali antes que Henry mandasse o policial que estava diante da casa entrar.

— Merda, Henry. Onde é que estão as porras das balas?

— Na mesinha de cabeceira — respondeu Henry baixinho. — Na gaveta de

cima.

— Obrigado — disse Archie. Desligou o telefone, jogou-o sobre a cama, foi até a mesinha de cabeceira de Henry e abriu a gaveta. As balas estavam dentro de uma caixa ao lado de um par de óculos de leitura. Archie carregou a arma e pegou um punhado de balas extras. Precisava de um lugar para guardá-las. Voltou ao banheiro, abriu a maleta que trouxera do hospital e pegou a lata de comprimidos onde costumava guardar analgésicos. Sentira falta dela.

Ele abriu a caixa de comprimidos, deixou as balas caírem no interior e saiu pela porta dos fundos.

Nunca mais deixaria Gretchen pegá-lo desarmado.

60

O segurança na George's Dancin' Bare tinha o nariz enfiado em um livro. Atrás dele, pregado na parede, havia um panfleto anunciando uma competição de strippers sósias de Gretchen Lowell.

— Quero falar com o Leo — disse Archie.

— Sala 3 — disse o segurança sem erguer os olhos.

A boate estava mais concorrida do que Archie se lembrava, e mais barulhenta. Ele tentou endireitar o corpo, para não se inclinar para o lado em que a contusão do Taser de Gretchen ainda queimava. A fumaça de cigarro deixava o ar abafado. Portland ia proibir o fumo nos bares no Ano-Novo, e todos pareciam estar tentando sugar o máximo de nicotina possível enquanto podiam.

Archie movia-se como um corcunda, mas ninguém percebeu. Havia uma dezena de homens ao redor do primeiro palco, onde uma mulher seminua ocupava-se em despir o que restava do traje de enfermeira. Atrás do palco havia placa com o letreiro característico da boate, um urso dançarino, acima do desenho de uma mulher nua, reclinada, as pernas estendidas à frente. Ao lado dessa placa havia outra, com os dizeres GAROTAS, BEM DE PERTO, com uma seta apontando para a direita.

Archie seguiu a seta e desceu um corredor com quatro portas, todas estofadas com um falso couro marrom em padrão losangular, mantido no lugar por tachas de latão. Archie dirigiu-se à porta sinalizada pelo número "3" e bateu.

— Sou eu — disse. Archie não sabia ao certo se conseguiria ouvir Leo por sobre os alto-falantes principais do clube.

Tentou a porta.

Não estava trancada.

Ele abriu uma fresta e olhou para dentro.

A sala era espelhada. Paredes espelhadas, teto espelhado. Se tivessem descoberto um jeito de espelhar o chão, teriam feito. Um sofá de vinil escarlate contornava o aposento.

Leo ergueu os olhos e gesticulou para Archie entrar. Estava recostado no sofá

vermelho, joelhos afastados, braços pousados nas coxas, calça social cinza, camisa branca aberta até a metade do peito. Havia um copo de alguma coisa escura no sofá ao seu lado.

Uma stripper loura, com bom tônus muscular e uma estrela tatuada, dançava ao redor de uma trave no meio do aposento.

A stripper ergueu os olhos quando Archie entrou. Trazia uma das longas pernas enroscadas na trave e a outra sobre um escarpim com salto *stiletto* no chão, e estava debruçada para trás, os seios erguidos, o que fazia com que seus cabelos se acumulassem no chão em um amontoado brilhante e louro.

— Oi — disse ela.

— Essa é a Star — disse Leo.

— Oi, Star — disse Archie.

Também havia música ali dentro. Archie não sabia de que tipo. Alguma coisa eletrônica e melancólica.

Archie sentou-se ao lado de Leo no sofá. Foi um alívio sentar.

— Há muito tempo nós não fazemos isso — disse Leo.

Leo tinha 21 anos quando Archie o conheceu depois do assassinato da irmã, já aparentando mais idade do que de fato tinha, e já filho de seu pai. Tinha todos os melhores atributos de Jack: a aparência, a confiança física, a inteligência. Estava sendo preparado para assumir os negócios da família, mas queria pular fora.

Então Archie o apresentou a Raul Sanchez, seu contato no FBI. Archie não previra que os agentes federais o convenceriam a fazer exatamente o que seu pai queria que fizesse. No fim das contas, havia sido melhor para Jack que para Leo. Leo desconhecia o motivo pelo qual fora autorizado a seguir em frente com os negócios. Tinha acesso a operações de tráfico no mundo inteiro. E desde que o FBI e a DEA tivessem conhecimento das entradas e saídas das operações de Jack Reynolds, estariam satisfeitos.

As pessoas iriam mesmo obter heroína em algum lugar.

Fora essa uma das razões pelas quais Archie mantivera um contato tão estreito com a família Reynolds. Leo tinha acesso a todos os tipos de contatos criminosos que Archie acessara mais de uma vez quando era líder da Força-Tarefa Beleza Mortal.

Star enganchou um joelho na trave e girou. A sala era pequena e Archie sentiu seu cheiro, o do suor de seu corpo e do gel em seus cabelos.

Leo levou a bebida aos lábios e deu um gole.

— Sinto pelo meu irmão — disse. Seus olhos estavam injetados, as pupilas dilatadas.

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntou Archie.

— Algumas horas — respondeu ele.

Muito provavelmente, a tarde inteira.

— Você está bêbado — disse Archie.

— Estou.

A stripper resvalou para a frente e para trás diante deles, passando os dedos sobre o topo dos seios.

— Ela é linda, não é? — perguntou Leo.

— Ela está em ótimas condições físicas — respondeu Archie.

Leo riu.

— Você não gosta dela?

— Ela parece com a Gretchen — respondeu Archie.

Leo deu uma palmada no joelho de Archie.

— Às vezes uma loura é só uma loura.

Archie tentou analisar Leo.

— Você sabia? — perguntou.

— Dá um minuto, Star — pediu Leo. A stripper parou de deslizar, pegou um roupão de seda amontoado no chão, vestiu-o e saiu sem uma palavra.

Leo franziu a testa.

— Os triângulos me incomodavam — disse. Deu outro gole na bebida, conservando-a na boca por um instante. — O Jeremy sempre teve ciúme da Isabel. Achava que o Jack gostava mais dela. Quando o Jack deu ao barco o nome dela, o Jeremy perdeu a cabeça; tentou destruir tudo, rasgou as velas, cortou os cordames. — Leo aqueceu a bebida na mão. — Sempre quis saber se era esse o significado dos triângulos entalhados na Isabel: barcos.

Talvez Jeremy tivesse se convencido de que Gretchen havia realmente matado a irmã. Ou talvez tivesse apenas mentido o tempo inteiro.

— Quando você teve certeza? — perguntou Archie.

— Ele tinha fascínio por olhos quando criança. Costumava arrancar os olhos das bonecas da Isabel e carregá-los para todo lado nos bolsos. — Leo olhou para dentro do copo. — Os olhos. Foi quando eu tive certeza.

— A Gretchen veio me ver hoje à noite — disse Archie.

Leo ergueu os olhos do copo.

— O Jeremy está morto. Ela matou seu irmão. Ela me trouxe os olhos dele.

Leo permaneceu em silêncio por longo tempo. Então sorveu o conteúdo do copo de um só gole e pousou-o sobre o sofá.

— Só os olhos? — perguntou.

— Meu Deus — disse Archie. — Ele ainda está vivo.

61

A mãe de Susan estava dando uma aula de ioga no Arlington Club, e Susan tentava descobrir como assistir a *Project Runway* no laptop quando ergueu os olhos e viu Archie Sheridan de pé na porta da frente. Ela vestia calça de moletom preta, uma camisa surrada da Universidade do Oregon com a qual costumava dormir e botas forradas com pele de carneiro. Não era a roupa que imaginava estar usando quando visualizava Archie Sheridan dando as caras em sua porta da frente à noite.

Ela fechou o laptop e foi até a porta.

Havia retirado o curativo, mas os dois ferimentos em seu rosto haviam inflamado e inchado, e um olho roxo estava se formando. Ao abrir a porta, ela viu seu reflexo no vidro e se assustou.

A luz da varanda estava acesa e insetos batiam contra a luminária. Agosto era o único mês do ano em Portland em que Susan sentia-se à vontade para sair sem casaco à noite.

— O que está havendo? — perguntou Susan. Ela acendera um incenso. Patchouli. E uma nuvem de patchouli deslocou-se ao seu redor até a varanda. Ela esperava que Archie não percebesse.

— Eu preciso do telefone — disse Archie.

Ela sabia a que telefone ele estava se referindo. Mas ficou surpresa com ele por achar que ainda estava com ela, e não no porta-luvas, despercebido.

A única maneira de Archie saber que ela o havia encontrado era se soubesse que Susan o havia usado para tentar contatar Gretchen. E a única maneira de ele saber que ela tentara contatar Gretchen era ter estado em contato com Gretchen desde então.

— Claro — disse ela.

Ela o deixou na varanda, foi até a sala de jantar, pegou a bolsa vermelha que havia pendurado nas costas de uma cadeira e voltou à porta da frente. Tirou o telefone e o passou para ele.

Archie o pegou, e por um momento seus dedos se tocaram. Archie repassou as mensagens. E piscou, incapaz de acreditar.

— Você mandou uma mensagem para ela? — perguntou.

Susan deu de ombros e desviou os olhos.

— Você estava em situação difícil. — Ela tentou compensá-lo. — Eu carreguei o aparelho — disse. — Tenho o mesmo carregador.

Archie terminou de examinar as mensagens.

— Não tem nada aqui — disse. Teclou um número e afastou-se alguns passos na varanda, o telefone colado ao ouvido. Então seus ombros cederam e ele se virou para encará-la. — O número de onde ela estava ligando foi desconectado. Não há como encontrá-la.

— O que aconteceu? — perguntou Susan.

Archie se firmou no umbral da porta.

— A Gretchen pegou o Jeremy.

Susan vira as feridas dele. Só podia estar com dor. Provavelmente estava delirando.

— Quer entrar e sentar? — perguntou Susan.

— Não dá tempo — respondeu Archie, balançando a cabeça. — Gretchen não matou Isabel Reynolds — acrescentou. — Foi o Jeremy.

Susan levou automaticamente a mão ao rosto. Teve um lampejo de Isabel torturada por dois dias antes de morrer. Não podia ser verdade. Que tipo de menino de 13 anos seria capaz de fazer aquilo?

— Como você sabe? — perguntou ela.

Archie pressionou a testa contra a ombreira da porta.

— Ela vai matar o Jeremy, se é que ele já não está morto — disse. Ergueu a cabeça e bateu-a contra a madeira. — Ele me pregou uma peça. Disse que lembrava de tudo, que a Gretchen tinha matado a Isabel na floresta. Mas a Isabel foi amordaçada. Aonde quer que o Jeremy tenha levado a irmã, não foi à floresta. — Ele bateu de novo com a testa na madeira, como se estivesse tentando soltar um pensamento. — Se eles estivessem na floresta, ele não precisaria da mordaça. Mas teve que levar a Isabel para algum lugar particular, onde podia esconder o carro. Onde as pessoas talvez ouvissem se ela não estivesse amordaçada.

E de repente Susan teve o estalo.

— O Derek me contou que aquela casa na Fargo está vazia há 15 anos — disse. — O Rose Garden. A mansão Pittock. O velho armazém no Mercado. Todos cenas de crime da Beleza Mortal.

Archie ergueu a cabeça e olhou para ela.

Susan prosseguiu.

— Tem ainda os alicerces de uma garagem. Talvez 12 anos atrás a garagem ainda estivesse ali.

— Ele estacionou o carro na antiga garagem e torturou a irmã até a morte por dois dias — disse Archie devagar. — Três-nove-sete — Fechou os olhos. — Março de 1997. Ele praticamente soletrou pra nós.

— Você acha que a Gretchen tá lá agora? — perguntou Susan. — Com Jeremy? — Ela agitou uma das mãos. — Então chama uma equipe da Swat. Liga pra todo mundo. Joga uma bomba na porra do quarteirão inteiro.

Archie só olhou para ela.

— Ah, meu Deus — disse ela. — Você vai sozinho, não vai?

Ele virou-se e começou a descer os degraus, uma das mãos estendida ao lado do corpo, a outra no corrimão.

Susan estava cheia de pavor — pavor de Gretchen, pavor de nunca mais ver Archie de novo.

Agarrou a bolsa pendurada do lado de dentro da porta e correu atrás dele.

— Eu vou com você — disse. — Eu já estive lá dentro. Conheço a casa. — Segurou-o pelo cotovelo, permitindo-lhe que se apoiasse nela. — Não vou te deixar encarar a Gretchen sozinho.

62

Gretchen já está lá, vestindo o macacão azul dos presidiários e algemada à mesa, quando Archie entra na sala de interrogatório feita de blocos de concreto na Penitenciária Estadual do Oregon.

Um mês em coma induzido, um mês de fisioterapia, e ele ainda não consegue atravessar a sala com o corpo ereto.

Gretchen sorri quando o vê, e o oxigênio abandona a sala como se ela o tivesse engolido.

Archie não consegue olhar para ela. Desvia os olhos — para o falso espelho atrás do qual Henry aguarda — mas vê apenas os dois refletidos.

A grossa porta de metal se fecha e tranca atrás de Archie. É uma trava eletrônica, controlada por um conjunto de alarmes perto da porta e uma placa principal na sala de observação adjacente. Há dois guardas armados lá fora, no corredor. Mas dentro daquela sala, são só eles dois. Foram essas as condições dela.

— Senti sua falta, querido — diz ela.

O cheiro do aposento lembra a Archie o porão onde ela o aprisionou, concreto e solventes de limpeza.

— Do que exatamente você sente falta? — pergunta ele, a voz ainda rouca do veneno que ela lhe deu. — Do cheiro do meu sangue?

Ela entrelaça as mãos sobre a mesa.

— Eu feri seus sentimentos — diz ela.

Archie olha para ela, aturdido. Não faz ideia de como reagir.

— Você me fez tomar desentupidor de ralos e arrancou meu baço — diz ele.

O olhar de preocupação no rosto dela parece perturbadoramente genuíno.

— Como as feridas estão cicatrizando? — pergunta ela.

Ela continuava linda. Mesmo naquele ambiente, no uniforme grosseiro da prisão, sem maquiagem, seu corpo ainda reage a ela. Ele se odeia por isso.

— Você está drogado — diz ela.

— Estou sob efeito de analgésicos — diz ele. Ela dera-lhe comprimidos no

porão, recompensando-o com eles quando ele sufocou com o desentupidor de ralos, deixando-os cair em sua garganta quando ele já não conseguia se sentar para engoli-los.

Ele já não os toma por causa da dor.

Ela ergue as mãos algemadas e gesticula na direção da cadeira à sua frente na mesa.

— Você quer sentar?

As costelas quebradas dele ainda estão se recuperando, o que dificulta sentar. O algodão da camisa irrita as cicatrizes esfoladas. A cicatriz em forma de coração em seu peito por vezes ainda sangra.

— Acho que vou ficar em pé — diz ele.

Ela concorda com um movimento de cabeça, em sinal de entendimento.

— É claro — diz.

Está quente ali dentro, e Archie puxa o colarinho da camisa. Ele está ali pelas vítimas. Foi o que disse a si mesmo, a Henry, a Debbie. Ninguém esperava que ele cedesse às exigências loucas dela de se encontrar com ele. Ela quase o matara. Mas ele se arrastou até lá para auxiliar o projeto de identificação, pelas vítimas.

As vítimas.

Não era toda a verdade.

Fazia dois meses que ela fora presa, e ele cansara-se de esperar pelo próximo passo. Ela não havia mencionado a ninguém o relacionamento deles. Ele está preparado para negar. Pode explicar o tempo que passaram juntos dentro do contexto do caso. Mas o fato de ficar refletindo sobre o porquê de ela ter permanecido calada o está matando.

— O que você quer de mim? — pergunta ele.

— Você leu o acordo com a promotoria — diz ela. — Eu vou confessar. Vou contar tudo, todas as pessoas que matei. Você pode encerrar todos os casos.

— Simples assim.

— Você vai fazer por merecer — diz ela, e Archie sente o peso da promessa dessa declaração pairando na sala.

— Por que você fez isso? — pergunta ele. Ele não está se referindo aos assassinatos. Está se referindo ao relacionamento.

— Por diversão — diz ela. Ele não sabe ao certo que pergunta ela está respondendo.

Ele se apoia na porta, se sentindo fraco.

— Senta — ela torna a pedir. — Por favor.

Dessa vez ele obedece, caminhando até a mesa e deixando-se cair dolorosamente

sobre a cadeira.

— Não fique triste — diz ela. — Você me prendeu. Você é um herói. Conseguiu exatamente o que queria.

Um herói. Ele foi manipulado desde o começo. Disponibilidade para o amor. Ele se pergunta se isso é sequer um sentimento genuíno.

— Diz um caso que você queira encerrar, um caso importante pra você.

Archie inclina a cabeça para trás e olha para o teto. Seu couro cabeludo formiga devido ao Vicodin. Ele só quer ir para casa. Implorar perdão. *Está tudo bem*, ela havia dito quando ele estava morrendo em seus braços. E ele acreditara nela. Ergue a cabeça e olha para o espelho. Alguma coisa boa ainda pode vir de tudo aquilo.

— Isabel Reynolds — declara ele.

Há uma mudança no rosto de Gretchen — um pequeno erguer das sobrancelhas, uma minúscula ruga entre elas. Sua boca se aperta de forma quase imperceptível.

— Ela é especial — diz Gretchen. — Ela vai ser um prêmio. Vou falar a respeito dela, querido. Quando você estiver pronto.

Archie endireita o corpo. O rosto de Gretchen volta a exibir uma máscara amigável. Mas, por um segundo, ele viu através dela.

Ela o manipulara, brincara com ele, torturara, mas, nesse processo, permitira-lhe enxergá-la. Ele a conhece — ao menos, uma pequena parte dela. E talvez seja o bastante para trabalhar a seu favor.

— Matthew Fowler — diz Archie.

Gretchen sorri.

— Vocês chamaram aquilo de haste de vidro — explica ela. — Era um agitador de coquetel. — Ela ergue a mão e gira um dedo no ar. — Enfiei o agitador de coquetel na uretra do Matthew Fowler. — Seu olhar se perde a meia distância, e ela exibe um ligeiro sorriso no rosto, como se revivesse uma terna lembrança. — Demorou quase meia hora. Eu tive que ser muito delicada, muito precisa. Quando estava completamente inserido, segurei a ponta e quebrei. — Ela cerra o punho. — Eu continuei apertando. Eu sentia os estalos dentro dele na mão. — Ela relaxa a mão e seu sorriso se alarga. — De repente, um sangue cheio de cacos de vidro bem miúdos começou a escorrer da ponta do pau dele.

Archie enfia a mão dentro do bolso, pega sua nova caixa de comprimidos, despeja alguns Vicodins na palma da mão e os engole.

Ela ergue os olhos.

— Posso continuar? — pergunta.

— Eu estou aqui — responde ele.

63

A casa em North Fargo estava às escuras. Havia dois postes de luz no quarteirão, um em cada esquina. A casa abandonada estava no meio do quarteirão, com dois lotes vazios de cada lado e uma nova placa de VENDE-SE no quintal. Uma diligente firma de outdoors instalara um painel permanente no terreno mais à esquerda, próximo à saída para a via expressa. A fotografia de uma mulher correndo fora aplicada sobre o painel. EXERCÍCIO PODE SALVAR SUA VIDA, dizia o slogan embaixo.

— Mil e duzentas pessoas morrem todo mês fazendo caminhadas — disse Susan.

Archie segurava a arma de Henry no colo. O perímetro da casa estava isolado com a fita da polícia amarrada a estacas de madeira. A porta da frente também estaria lacrada com fita. Mas Archie não conseguiu enxergá-la. Estava escuro demais.

— Como você entrou antes? — perguntou.

— Por uma janela quebrada do porão — respondeu Susan.

Archie ergueu uma sobrancelha na direção dela.

— Não fui eu que quebrei — disse ela.

— Me mostra.

Eles saltaram do carro. O Saab de Susan era o único estacionado no quarteirão. Archie manteve a arma ao lado do corpo, mas desengatou a trava de segurança. Ela estava lá dentro. Ele podia sentir a presença dela.

Susan ajudou-o a subir os degraus de concreto cobertos de musgo e conduziu-o através do terreno malcuidado que contornava a lateral da casa. Enquanto a acompanhava, Archie conseguiu manter-se um passo à frente, um dos braços estendidos diante dela, como se aquela pequena tentativa de proteção fizesse alguma diferença.

Eles alcançaram a janela. Havia sido coberta com uma nova placa de compensado. Archie afundou até os joelhos na lama macia à sua frente.

A placa de madeira estava bem aparafusada, não havia meios de removê-la. Provavelmente, todas as janelas haviam sido reforçadas. A porta da frente

certamente estaria trancada a cadeado.

— Aqui — disse Susan. Ela se ajoelhou ao lado dele, vasculhou a bolsa e exibiu uma ferramenta de bolso. Abriu-a com um rápido movimento do pulso, puxou a chave de fenda e pôs-se a retirar os parafusos que mantinham a placa no lugar.

Ele observou admirado à medida que ela rapidamente girava os parafusos, erguia a placa de compensado e a afastava para o lado.

O rosto de Susan foi subitamente inundado de cor, os cabelos parecendo labaredas púrpura. Havia uma luz acesa no porão. Archie empurrou Susan para a esquerda da janela, fora das vistas de um possível observador, e pôs a placa de madeira no lugar.

— Ela está aqui — sussurrou Susan no escuro.

Archie estendeu a mão e selou seus lábios com o dedo.

Esperou um instante para permitir que seu batimento cardíaco desacelerasse. Então tornou a deslocar a placa de madeira para o lado e espiou pela janela. Viu vidro quebrado no chão do porão abaixo. A luz não vinha do aposento principal. Havia outro cômodo. Afastado das escadas do porão. A sala do boiler.

Archie enfiou a arma nas calças, colocou as mãos de cada lado da janela e desceu.

O vidro estalou sob seus pés. Ele olhou para trás na direção de Susan, cujo rosto preocupado estava enquadrado pela janela, e gesticulou para que permanecesse ali. Sacou a arma e deslocou-se em direção à luz.

A porta do recinto onde ficava o antigo boiler estava aberta e a luz lá dentro fluía em um retângulo distorcido sobre o chão de concreto. O cômodo era grande; talvez um quarto da metragem do porão. O boiler desaparecera havia tempos, sendo substituído por uma fornalha coberta de pó. Havia instalações para uma lavadora, uma secadora e um aquecedor de água. Um varal estendia-se em um dos cantos, com prendedores de roupa de madeira formando uma ordenada fileira ao longo do fio.

Nu, suspenso por seus próprios ganchos no meio do aposento, lá estava Jeremy. Os ganchos perfuravam-lhe o peito, o tronco e as pernas, mantendo-o na horizontal, o rosto voltado para cima, à altura de uma mesa do chão, como um espécime prestes a ser dissecado. Os pulsos estavam presos com fita adesiva às suas costas.

“Posição do coma”, Jeremy a chamara.

A carne ficava repuxada no local de cada gancho, estranhos triângulos de pele distendida, que pareciam prestes a render-se à força da gravidade a qualquer momento. A cabeça de Jeremy inclinara-se para trás, o pescoço pálido arqueado, o pomo de adão projetado. A única órbita ocular que Archie conseguiu enxergar foi um buraco sangrento. Uma mordaça de borracha preta cerrava a boca de Jeremy,

mas agora, no silêncio do porão, Archie ouvia seus gemidos patéticos.

Gretchen estava atrás de Jeremy, de frente para Archie, cotovelos afastados, sobrancelhas contraídas, bisturi na mão. Gotas de sangue salpicavam-lhe os braços nus. Ela andara ocupada. O peito de Jeremy estava em carne viva das feridas. O torso exibia listras de sangue que escorriam por sua caixa torácica e pingavam no chão de concreto.

Archie enfiou a arma às suas costas e deu um passo para alcançar o vão da porta.

Ela enterrou o bisturi no peito de Jeremy e puxou-o em direção a si mesma enquanto Jeremy sufocava com a mordaça. A preensão palmar. Durante todos aqueles anos, Archie e sua força-tarefa a haviam perseguido, sempre cinco passos atrás. Ele estivera em tantas cenas de crimes, vira tantos corpos, analisara tantas autópsias e tentara situar-se no instante do terror de sua vítima. Aí tivera a experiência em primeira mão.

— Olá, querido — disse ela, dirigindo-se a Archie. Ela não ergueu os olhos. Simplesmente soube que ele estava ali. — Veio me ver trabalhar?

— Eu já vi você em ação — disse Archie. — Está lembrada? — Ele ouviu o fraco som de vidro estalando quando os pés de Susan alcançaram o chão do porão.

— Isso é diferente — disse ela, sorrindo. — Vem. Vem dar uma olhada de perto.

Archie queria manter a atenção de Gretchen voltada para si, para que ela não percebesse a presença de Susan, então caminhou em sua direção. Jeremy, ao ouvir Archie, ergueu a cabeça e esforçou-se, o que fez seu corpo balançar, mas Gretchen estendeu a mão e firmou o cordame. O sangue escorria das órbitas oculares de Jeremy como lágrimas.

Archie posicionou-se diante de Gretchen, com Jeremy suspenso entre os dois. O lugar fedia a urina. Uma poça escura manchava o concreto embaixo de Jeremy. Ele havia se molhado. Gretchen inclinou-se de novo, voltando a trabalhar, enterrando o bisturi na carne de Jeremy. O tronco de Jeremy estava retalhado. Os ferimentos variavam de profundidade. Alguns eram meras fendas vermelhas; outros se achavam escancarados, expondo a gordura; de alguns, o sangue jorrava.

— Você era especial — Gretchen disse a Archie. — Você recebeu tratamento especial. — Ela olhou com desdém para a pele brutalizada de Jeremy. — Isso quase não dá prazer nenhum. — Ela afastou uma mecha de cabelo vermelho da testa com a parte posterior do pulso. — Mas nem sempre o trabalho é divertido, não é? Por isso se chama trabalho.

Archie percebeu o que ela estava fazendo. Estava removendo o tecido cicatrizado das feridas que Jeremy se autoinfligira, as insígnias que não conquistara.

— Você acha que Jack Reynolds ia permitir que isso fosse a julgamento? —

perguntou ela, ainda concentrada no bisturi. — Ele teria mandado matar o Jeremy. Na rua. Na cadeia. Ele teria dado um jeito. Porque se Jeremy fosse a julgamento por múltiplos assassinatos, isso levaria a certas discussões sobre os interesses comerciais de Jack Reynolds. — Ela ergueu o bisturi e o arrastou ao longo do coração que Jeremy gravara em si mesmo. — Jeremy está morto de um jeito ou de outro. Você sabe disso.

— Vai em frente — disse Archie. — Acaba com ele. Eu não vim aqui pra salvar o Jeremy. Vim aqui por sua causa.

Jeremy começou a chorar, a mordaça de borracha oscilando, escorregadia de saliva.

Gretchen avaliou a virilha de Archie.

— Você vai tentar me estrangular de novo?

Ele poderia atirar nela. Mas ela tinha na mão um bisturi e acabaria com Jeremy se pudesse. E Susan estava atrás dele, em algum lugar. Não desejava correr o risco de a bala ricochetear em uma das paredes de concreto. Ainda não.

Archie passou a mão pelos cabelos cobertos de suor e sangue de Jeremy.

— Ele me contou que fica fantasiando que nós somos amantes — disse Archie. — Ele gosta de me imaginar machucando você.

— Bem, ele *é* psicopata — disse Gretchen. Ela cortou a cicatriz em forma de coração, arrancou um pedaço de tecido com os dedos e o deixou cair no chão a seus pés.

Archie se agachou, para que seu rosto nivelasse com o de Jeremy. A sensação de sentar foi boa.

— Na verdade, sua intuição é boa, Jeremy — disse Archie. Jeremy virou a cabeça para encarar Archie, uma bola negra fazendo as vezes de boca, crateras ensanguentadas no lugar dos olhos. — Nós tivemos um caso — contou Archie. — Antes de eu saber quem ela era. — Era um alívio contar para alguém, revelar aquilo de fato. — Duas semanas. Foi o tempo que levou. Ela apareceu com seu falso diploma de psiquiatra e se ofereceu pra nos ajudar com o caso. — Archie balançou a cabeça devagar, os lábios contraídos em um sorriso melancólico. — Depois de 15 anos de casamento fiel e eu resisti apenas duas semanas antes de cair ofegante nos braços de Gretchen Lowell.

— Eu sou a melhor trepada que você já teve, querido — disse Gretchen docemente.

— Isso é incontestável — respondeu Archie. Ele perguntou-se onde estaria Susan e se ela estaria ouvindo.

Jeremy apertava a mordaça com os dentes e impelia a cabeça na direção de

Archie, implorando ajuda. Será que Isabel havia implorado ajuda da mesma forma? Será que havia implorado clemência ao irmão?

— Em todo caso — prosseguiu Archie —, um mês depois do começo da relação, ela me envenena, me leva pra um porão como esse e me tortura. — Ele imaginou Susan, atrás dele, nas sombras, escutando. — Eu mereci. Eu tinha traído minha família. E mesmo depois de ter saído do hospital e com ela na cadeia, eu só pensava nela. — Archie inclinou-se para a frente, a boca a centímetros do ouvido de Jeremy. — Era eu sozinho na cama, pensando no quanto queria trepar com a Gretchen novamente. — Ele olhou de relance para Gretchen. — Eu ficava me perguntando por que ela tinha feito aquilo. Por que *naquele momento*? Qual era o plano dela para mim?

Gretchen não se movia, o bisturi parado na mão.

Ele riu. Parecia um louco. Talvez estivesse louco.

Archie tornou a aproximar os lábios do ouvido de Jeremy.

— O negócio é o seguinte — disse Archie em um sussurro teatral. — Acho que ela não tinha plano nenhum. — Ele ergueu os olhos na direção de Gretchen. — Acho que ela se infiltrou na investigação pra se divertir. E o nosso romance simplesmente aconteceu. Por muito tempo eu achei que ela tivesse me torturado por eu ser comandante da força-tarefa, pra mostrar ao mundo que ela era toda-poderosa. Mas acho que não foi por isso. Acho que ela me torturou porque nós estávamos tendo um caso, e ela achou que eu fosse terminar.

A boca de Gretchen se alterou. Era uma mudança que ninguém mais no mundo perceberia. Mas esse era o dom dele. Ninguém a conhecia como ele.

Archie ficou de pé.

— Estou certo, querida?

Gretchen cravou o bisturi no peito de Jeremy, cortou e removeu o restante da cicatriz em forma de coração.

— Eu não faço nada sem um plano — disse ela, e largou a tira ensanguentada de carne no chão.

— Você quer saber o que é engraçado? — perguntou Archie. Não havia nenhuma alegria em sua voz. — Eu não ia me separar de você. — Ele interrompeu-se e olhou para ela, olhou de verdade para ela, tentando enxergá-la como a enxergava antes de saber quem ela era. — Eu ia me separar da Debbie.

Jeremy deixou escapar outro gemido baixo. A arma na cintura de Archie pressionava-lhe as costas. Ele não conseguia ouvir Susan. Tinha esperanças de que ela tivesse tornado a sair do porão.

— Por que você veio até aqui? — perguntou Gretchen.

— Pra te matar — respondeu Archie.

— Com que intensidade você quer isso?

— Com muita intensidade — respondeu Archie.

Gretchen afundou o bisturi na dobra da virilha de Jeremy. Jeremy uivou de encontro à mordaça, e Gretchen agarrou a mão direita de Archie e enfiou-lhe os dedos no interior da ferida quente, posicionando o polegar e o indicador de Archie ao redor da artéria femoral palpitante de Jeremy.

— A artéria femoral é a segunda maior artéria no corpo — disse ela. — Se você tirar o dedo do garrote, ele vai sangrar até a morte em um minuto.

Um sangue vermelho-vivo esguichava por entre os dedos de Archie a cada batida do coração de Jeremy. Todos os policiais obrigatoriamente recebiam noções de medicina de emergência. A manobra de Heimlich. Ressuscitação cardiopulmonar. Como tratar uma pessoa em choque. Mas o que mais chamava a atenção dos policiais era o tratamento de um ferimento em campo, porque se algum dia um deles fosse baleado, aquilo poderia lhes salvar a vida. Archie não podia abandonar Jeremy. Se afastasse a mão, Jeremy morreria. Archie pressionou sua mão esquerda sobre a direita para obter pressão suficiente para diminuir o fluxo sanguíneo.

Gretchen recuou.

— Você pode salvar o Jeremy — disse. — Ele vai sobreviver. Você pode levá-lo a julgamento. — Ela contornou o corpo de Jeremy até ficar ao lado de Archie e pousou o bisturi no chão aos pés dele. — Ou pode vir atrás de mim.

A pulsação do sangue contra os dedos de Archie se intensificou quando a frequência cardíaca de Jeremy acelerou. Metade da mão de Archie estava dentro do corpo de Jeremy. Ele sentia-lhe o calor e a vida.

Archie pensou em Isabel Reynolds, nos três sem-teto que Jeremy havia matado, em Fintan English, que morrera naquela mesma casa. Olhou para Gretchen. E para o bisturi no chão entre os dois. Então soltou a artéria de Jeremy e ergueu as mãos.

Jeremy produziu um ruído.

— Não.

Archie deu dois passos na direção de Gretchen e pegou o bisturi com a mão ensanguentada. Gretchen ficou rígida e deu um passo para trás, de encontro à parede. Em um instante ele estava em cima dela, seus corpos a poucos centímetros de distância, as mãos dele espalmadas contra a parede ao lado da cabeça dela.

Ele ouvia Jeremy lutando contra as cordas de náilon, dando gritos estrangulados.

O bisturi em sua mão era leve, bonito, do modelo que ela usara para mutilá-lo.

— O que fez você pensar que eu sou contra a pena de morte? — perguntou Archie.

Ele a apunhalou sob a caixa torácica, à esquerda.

O bisturi entrou até o cabo, e Archie o manteve ali, seu punho pressionado contra o abdome arfante de Gretchen. Ele baixou os olhos para o espaço entre os dois e viu sangue. Tentou ignorar os gemidos de Jeremy.

— Olha pra mim — disse ele.

Ela ergueu os olhos azuis perfeitos na direção dele. Ele queria ver surpresa. Queria fazer alguma coisa, tomar alguma atitude que ela não tivesse previsto ou orquestrado.

Os lábios dela se abriram. Ela tentou falar.

Jeremy produziu um último som estrangulado e então silenciou.

— Gira o bisturi — disse ela.

Archie girou o bisturi, ela abriu a boca e gritou, seu rosto corando. Então ela envolveu o rosto de Archie com as mãos. Estavam molhadas do sangue de Jeremy. Archie sentiu o cheiro.

— Os homens são tão simples — disse Gretchen. Suas mãos estavam quentes e seu toque era suave. — Com Jeremy, fui só um pouco mais juvenil. Eu queria ver se conseguia pegar uma criança e transformá-la em um monstro. Então trouxe ele e a irmã pra essa casa e matei a menina na frente dele. — Ela sorriu de alegria.

Archie não conseguia pensar direito. Ela estava mentindo de novo. Jeremy era um psicopata. Havia nascido assim. Tinha matado a irmã. Continuaria matando. Ele aumentou a pressão ao redor do bisturi.

— Não — disse.

As mãos dela tremiam de encontro ao rosto dele à medida que ele afundava mais a lâmina, e ele sentiu o calor do sangue dela espalhar-se entre os dois.

— Foi uma experiência — disse ela, baixando lentamente as mãos para o pescoço dele e descendo até o peito. — Eu queria ver se conseguia criar alguma coisa perversa. Qualquer um pode se tornar um assassino, dado o conjunto certo de circunstâncias.

Ela olhou de relance para Jeremy.

— Acho que eu estava certa.

Ah, meu Deus, pensou Archie. *Não. Por favor.*

Gretchen deu um leve empurrão no peito de Archie, ele deu um passo para trás, e o bisturi, a mão dele ainda apertada ao redor do cabo, deslizou para fora do corpo dela.

— Jeremy não matou a irmã — disse ela. — Nem nenhum dos outros. Era só um pobre rapaz que eu manipulei. Eu dei a ideia de o clubinho dele fazer a esplenectomia. Eu suspendi você pelos ganchos. Eu estava lá o tempo todo. Jeremy

era inocente. — O sorriso dela se abriu enquanto se deleitava com a vitória. — E você deixou ele morrer.

Archie abriu a mão e soltou o bisturi. O instrumento quicou ruidosamente no concreto e, quando Gretchen baixou os olhos na direção do som, Archie levou a mão às costas e sacou a arma. Quando ela ergueu os olhos, o cano pressionava-lhe a testa. A mão de Archie tremia e ele precisou pressionar a arma com força para firmá-la. Nunca desejara tanto alguma coisa quanto desejava abrir um buraco na cabeça de Gretchen Lowell.

— Você estava certa — disse ele. — Eu ia te deixar. Naquela noite em que eu fui até a tua casa. Eu ia terminar e contar tudo pra Debbie.

Ele deslocou o cano da arma para o rosto dela, para o espaço entre os olhos, ao longo da ponte do nariz, e pressionou-o de encontro aos lábios fechados.

— Abre a boca — disse ele. — Abre a boca.

Ele viu a pulsação em sua garganta quando ela separou os lábios e o deixou enfiar o cano da arma na boca.

Se puxasse o gatilho, ele lhe abriria um buraco na nuca.

Quem o iria culpar?

E então ele se tornaria um assassino. Igual a ela.

Ele não ia permitir que ela vencesse.

Extraiu lentamente a arma da boca de Gretchen e tornou a apontá-la para sua testa. E naquela fração de segundo, sentiu algo pouco familiar. O seu antigo eu.

— Você está presa — disse ele.

Archie vislumbrou o menor dos movimentos à sua esquerda antes de sentir o cano da arma sobre seu ouvido.

— Eu não vim sozinha — disse Gretchen.

E então Archie captou. Uma onda de almíscar. Patchouli.

— Nem eu — disse ele.

— Se você se mexer — Archie ouviu Susan dizer —, vou apunhalar o seu pescoço. — Ela deu um passo à frente e penetrou em sua visão periférica. Ela puxara a faca de sua ferramenta de bolso e pressionava-a contra o pescoço de Frank.

— Oi, Frank — disse Archie. O queixo de Frank despencara, seus olhos não pestanejavam, e seu rosto flácido estava vermelho e suado. Archie já o vira assim. Normalmente acabava com Frank arremessando uma cadeira.

— Oi, Archie — disse Frank.

— Ela não é sua irmã — disse Archie. — Você sabe disso, certo?

— Atira nele — ordenou Gretchen sem rodeios.

Susan retificou a posição, erguendo mais a faca contra o pescoço de Frank.

— Nem pensa nisso — disse ela.

— Você ainda está zangado comigo? — Frank perguntou a Archie.

— Não — disse Archie. — Eu não estou zangado.

— Atira na cabeça dele — disse Gretchen novamente.

— É — disse Frank. — OK.

Archie retesou-se, esperando pelo tiro, e então ouviu. Ele nunca havia sido baleado. Tivera pregos cravados nas costelas com um martelo. Fora forçado a beber desentupidor de ralo. Havia sido cortado, retalhado e apunhalado. Mas baleado? Não.

Não doía. Era o que diziam. Pessoas tomavam tiros e passavam-se vários minutos antes que sequer percebessem. Havia quem descrevesse o disparo como uma sensação de calor. Outros diziam que a dor era excruciante.

Provavelmente alguém que levasse um tiro na cabeça não sentiria. Provavelmente só morreria.

E ele não estava morto.

Frank sim.

Os atiradores de elite da Swat atravessavam o vão da porta da sala do boiler aos pares, todos de preto, suas lâmpadas frontais brilhando. Talvez tivessem entrado pela janela do porão. O tiro que Archie ouvira não se destinara a ele — fora o projétil de um atirador de elite destinado a Frank. Archie ouviu passos pesados e apressados do reforço entrando no andar de cima.

Tudo parecia envolto em névoa.

Archie não se moveu, não diminuiu a pressão da arma contra a cabeça de Gretchen até que cinco outras armas estivessem apontadas para ela.

— Senhor? — chamou um dos oficiais da Swat.

Archie debruçou-se sobre Gretchen.

— Está tudo acabado entre nós — sussurrou em seu ouvido. E baixou a arma.

64

Archie avistou Vênus da varanda da casa na Fargo. Era a luz mais brilhante no céu noturno. Vênus, a deusa romana do amor e da beleza. A papa-moscas. Tão frequentemente representada de cabelo vermelho.

— Talvez nós nunca saibamos o que realmente aconteceu com Isabel — disse Henry. — Ou com os outros.

Jeremy estava morto. O Menino Tubarão estava morto. Pearl estava voltando para a casa dos pais. Os outros dois brutamontes da sala da caldeira talvez nunca fossem encontrados.

— Eu sei — disse Archie.

Henry havia chegado atrás da equipe da Swat, desarmado, já que estava, oficialmente, em serviço burocrático. Isso colocara Claire no comando, e ela expulsara ambos para a varanda, onde Henry colhera o depoimento de Archie.

Vans da imprensa apinhavam a rua, as antenas parabólicas lutando pelo melhor sinal. Os lotes vazios de ambos os lados da casa estavam repletos de correspondentes da tevê transmitindo ao vivo. As luzes de suas câmeras pareciam estrelas.

Gretchen se fora, amarrada a uma maca e carregada por quatro paramédicos ansiosos e seis policiais. Os policiais tiveram de abrir caminho através da multidão da mídia, que caiu em cima de Gretchen como *paparazzi* sobre uma estrela de cinema.

— Gretchen pode ter provas — refletiu Archie. — De um jeito ou de outro.

— Não — disse Henry, balançando a cabeça. — Você não vai reorganizar o projeto de identificação das vítimas. Não vale a pena. Não há informação que ela possa dar que valha o fato de você precisar se encontrar com ela de novo.

Archie enfiou a mão no bolso em busca do *pen drive* que Gretchen lhe entregara na casa de Henry e o exibiu.

— Ela me deu isso — disse Archie, examinando o dispositivo. — Informações sobre um cara chamado Ryan Motley. — Ele não sabia se deveria acreditar nela, se aquele sujeito sequer existia, ou se era apenas outro jogo. — Ela disse que o treinou,

que ele é assassino de crianças.

Archie estendeu o *pen drive* na direção de Henry.

— Diabos — disse Henry, pegando o *drive*.

Archie deu-lhe um tapinha no ombro e se levantou. Ambos sabiam que Gretchen ainda não havia terminado com eles, mas, ao menos por enquanto, Archie havia terminado com ela.

Na verdade, ele só queria ver uma pessoa naquele momento.

Archie encontrou Susan apoiada na lateral da casa, fumando um cigarro. A luz que chegava da janela da antiga sala de estar iluminava-lhe o rosto.

A equipe da Swat dera as caras bem a tempo. E só havia um jeito de eles terem chegado tão rápido.

— Você ligou para o Henry — disse ele.

— Você estava em dificuldade — disse ela.

Archie apoiou-se na lateral da casa ao lado dela. Gretchen estava sob custódia. Eles estavam em segurança. Ele estava vivo.

— Obrigado — disse ele.

Susan deu uma tragada no cigarro.

— Quatrocentos e quarenta mil — disse.

— O quê? — perguntou ele.

— É o número de mortes relacionadas ao tabaco nos EUA a cada ano. — Ela olhou para o cigarro. — Eu vou parar.

Ela não fez nenhum movimento para apagar o cigarro.

Um helicóptero da imprensa pairou sobre suas cabeças para conseguir uma tomada da casa, e eles permaneceram em silêncio até que ele se erguesse e afastasse rumo ao leste.

— Você ia largar sua mulher por causa dela, não ia? — perguntou Susan.

— Com certeza — disse Archie.

Ele ainda não sabia o que ela ouvira lá embaixo no porão. O que sabia a respeito do que ele fizera.

— O Taser foi batizado em homenagem a um livro de Tom Swift — disse Archie. — *Tom Swift and His Electric Rifle.* Eles acrescentaram o *a*.

Susan prendeu um cacho de cabelo roxo extraviado atrás da orelha.

— E você está me contando isso por quê?

— Porque eu quero te contar coisas — disse Archie.

Ela concordou com um movimento de cabeça e pareceu avaliar a possibilidade.

— Você sabe qual é a fala mais encontrada em filmes? — perguntou. — "Vamos sair daqui." — Ela sorriu no escuro. — É sério — disse. — Preste atenção. Está em

todos os filmes. Não importa que tipo de filme seja. Você vai ficar surpreso.

As perfurações em seu rosto haviam inchado e sua pálpebra exibia uma tonalidade roxa brilhante.

— Você está de olho roxo — disse Archie.

Susan deu uma tragada no cigarro e soprou a fumaça no rosto dele.

— Você tem buracos de gancho nas costas — disse ela.

Eles ouviram uma buzina alta e prolongada, e Archie virou-se e viu um ônibus de turismo tentando forçar passagem em meio aos inúmeros veículos de emergência para se aproximar da casa. Um anúncio cobria o ônibus inteiro. Archie não conseguiu distinguir tudo, mas à luz dos faróis e das luzes de emergência intermitentes, avistou o rosto de Gretchen na lateral do ônibus, e no capô, abaixo do para-brisa, um bisturi.

— Que diabos é aquilo? — perguntou Archie.

— Aquilo — disse Susan — é o Tour da meia-noite dos Corpos da Beleza Mortal. Trinta e cinco pratas. Vinte paradas em cenas de crimes. Bebidas incluídas. — Sua boca ergueu-se em uma expressão irônica. — Essa noite o dinheiro valeu a pena.

O ônibus subiu no meio-fio do outro lado da rua, e as pessoas começaram a se afastar e se espalhar pela rua. Gente comum, gente que havia lido *A Última Vítima*, visto o artigo na *Vanity Fair* e queria um pouco de diversão. A multidão começou a gritar e agitar o punho cerrado no ar.

— Soltem Gretchen — exigiam eles.

Archie recuou em direção às sombras.

— Você está com fome? — perguntou Susan. — Eu tenho batata frita no carro.

Archie não conseguiu lembrar a última vez que havia comido. Estendeu o braço e Susan o aceitou.

— Vamos sair daqui — disse ele.

Agradecimentos

Um agradecimento especial a Karissa Cain, por sua ajuda inestimável e por me suportar. Minha editora, Kelley Ragland, é superinteligente. Tenho muita sorte de estar na St. Martin's Press e todos lá merecem presentes elegantes e vinhos excelentes, especialmente Andrew Martin, George Witte, Sally Richardson, Matthew Shear, Hector DeJean, Tara Cibelli, Nancy Trypuc, Matthew Baldacci e Matt Martz.

Diversos amigos meus perderam seu tempo lendo este livro em andamento. Entre eles estão incluídos Lidia Yuknavitch, Andy Mingo, Chuck Palahniuk, Monica Drake, Mary Wysong, Diana Jordan, Erin Leonard, Jim Frost, Suzy Vitello, Cheryl Strayed e meu marido, Marc Mohan. Todos eles tornaram este livro melhor.

Eu não teria chegado a lugar nenhum sem Joy Harris e Adam Reed da Joy Harris Literary Agency. Também quero agradecer aos homens e às mulheres do Departamento de Correções de Multnomah, porque eu disse a eles que faria isso e porque essas pessoas não recebem agradecimentos suficientes. Obrigada ao meu grupo de leitura — ou melhor, o grupo de leitura de Tracey Massey — por me permitir comparecer apenas quando meus próprios livros estão em pauta. Caroline Schiller e Claus-Martin Carlsberg, vocês dois ainda têm a melhor ficção. Usei muito fatos mórbidos divertidos que encontrei em *Final Exits: The Illustrated Encyclopedia of How We Die*, de Michael Largo, e o recomendo muito aos paranoicos ou meramente curiosos.

E, por fim, quero agradecer a Nancy Eris Hebert, uma leitora e comissária de bordo que se certificou de que meu nome chegasse ao céu, e que morreu antes que eu conseguisse agradecer.